

FRANCISCO ALBERTO SKORUPA

**VIAGEM ÀS LETRAS DO FUTURO:
EXTRATOS DE BORDO DA FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA: 1947-1975**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, Curso de Pós – Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Burmester

**CURITIBA
2001**

Não devemos limitar-nos a erguer o véu do desconhecido; só depois de um trabalho tenaz, de recuos e desvios, começamos a captar o verdadeiro sentido das coisas e compreender as novas e imensas perspectivas que se abrem para nós. Não evitem nunca o que à primeira vista parece inútil e inexplicável.

Ivan Efremov

AGRADECIMENTOS

Esta jornada à imaginação contou com uma valorosa tripulação.

Sou infinitamente grato aos meus pais, Susana e João, por existir, pelo exemplo, o apoio e pelo amor. Às minhas duas irmãs, Ana Lúcia e Márcia, que nos conflitos fraternos muito me ensinaram.

À minha orientadora, Ana Maria Burmester, por ter acreditado e incentivado esta expedição. A Marilene Weinhardt e a Carlos Lima, pelas importantes sugestões.

Agradeço ao Vidal, por ter vindo de outra realidade quântica dar suas dicas luminosas.

Aos amigos tão necessários e valiosos: Marília e Alain, Jair, Bete e Cláudio, Marcos, Carminha, pelos encontros fortuitos e despreziosos, conversas e piadas que sem mesmo eu saber como, certamente contribuíram. Aos amigos distantes e imprescindíveis, Alberto "Zulu" e Wander Caires "Magalhães", por nossos diálogos revolucionários.

Sou também grato ao "seu" Gumercindo, pelo filé mignon de minhas fontes. A Sílvia Alexandre pelo acesso à obra de Jeronymo Monteiro. A André Carneiro, pela entrevista esclarecedora, e ao Clube de Leitores de Ficção Científica de São Paulo, pela recepção e pelas informações complementares.

Às estrelas, por serem tão instigantes e despertarem, desde cedo, minha curiosidade pelos mistérios do cosmos.

Agradeço aos que fazem ficção científica e ao glorioso Colorado, cada qual em sua vez, por me afastarem das agruras deste mundo mau quando se faz necessário.

Finalmente, sou grato ao amor, compreensão e carinho da minha Vivi, que acompanhou integralmente e é co-autora deste trabalho.

Agradeço também, ao *Grande Pai Asteróide*, por um dia nos olhar com condescendência e – como é dado saber aos iniciados, vir em algum tempo ao nosso encontro nos trazer a redenção e um fim pirotécnico.

SUMÁRIO

RESUMO	v
INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I O SER E O ESTAR FICÇÃO CIENTÍFICA	20
1. GENEALOGIAS DA FICÇÃO CIENTÍFICA.....	20
2. FICÇÃO CIENTÍFICA: RETRATO CONTEMPORÂNEO DO MUNDO MODERNO.....	34
3. A FICÇÃO CIENTÍFICA NO BRASIL.....	44
CAPÍTULO II MITOLOGIAS DO DISCURSO CIENTÍFICO NA FICÇÃO CIENTÍFICA	58
1. VEROSSIMILHANÇA: UM EMPRÉSTIMO AO DISCURSO CIENTÍFICO.....	58
2. SUPORTE MÍTICO DA FICÇÃO CIENTÍFICA E DO DISCURSO CIENTÍFICO.....	85
2.1 Mito da Teoria Científica.....	88
2.2 Mito do Cientista.....	95
2.3 Mito da Instituição Científica.....	104
2.4 Mito da Máquina.....	111
2.5 Mito dos Discos Voadores.....	120
CAPÍTULO III PROFECIAS E ANTECIPAÇÕES: IMAGENS DA FICÇÃO CIENTÍFICA – FRAGMENTOS DE UTOPIA E DISTOPIA	133
1. MÁQUINAS E MÁQUINAS, MÁQUINAS PARA TUDO.....	146
2. MUNDOS RELUZENTES, POLIDOS E SILENCIOSOS.....	158
3. ÁTOMOS EM POLVOROSA: A BOMBA, RADIOATIVIDADE E OS SUBTERRÂNEOS.....	168
4. ENGENHARIA E ARQUITETURA, O FUTURO SOBRE AS RUÍNAS DO PASSADO.....	179
5. SAUDÁVEL FUTURO DA MEDICINA.....	193
6. DESEQUILÍBRIO ECOLÓGICO... NATUREZA EM REBELDIA.....	201
7. CONTATOS IMEDIATOS OU <i>QUEM SOMOS ELES?</i>	208
8. NAS FÍMBRIAS DA CIÊNCIA: ESPAÇO E TEMPO, MENTE E ESPÍRITO.....	217
9. IMAGENS ABRANGENTES DO FUTURO: O MUNDO E O BRASIL TRANSFORMADOS.....	228
CONCLUSÃO	241
FONTES	247
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	251

RESUMO

Pensar a modernidade pode envolver diversas possibilidades e caminhos. A preocupação com um de seus aspectos mais importantes, o desenvolvimento científico-tecnológico, pode ganhar novo relevo com a investigação sobre as expectativas e imaginações, dirigidas a esse tema, contidas na literatura de ficção científica. Partindo da literatura, seu maior veículo de manifestação no Brasil, é possível revelar alguns fragmentos da percepção nacional sobre a presença e o papel da ciência e da tecnologia no país e no mundo. Constatando uma similaridade entre o discurso científico e o discurso ficcional dessa literatura, no âmbito da enunciação da verdade, a análise do discurso permite elucidar o mimetismo da ficção científica em relação à ciência, no que diz respeito à lógica de seu método investigativo, construindo uma possível verdade ou verossimilhança. Nesse sentido, tanto a institucionalização de caracteres do discurso científico, como a reprodução literária constroem e reforçam mitos específicos e concomitantes na ciência e nessa literatura em particular. Esses mitos, pautados no reconhecimento e na aceitação tácita do mundo social, reforçam a crença na "verdade" científica e em uma ilusória capacidade de antecipação ou de profetização contidas na ficção científica. Essas hipotéticas profecias ou antecipações são visões fragmentadas da imaginação frente às potencialidades de realização da ciência e da tecnologia, reunidas neste trabalho como um possível projeto ou advertência coletivos, pois, na medida em que versam sobre o futuro, podem ser interpretados como imagens utópicas ou distópicas, baseadas na capacidade de transformação da ciência e da tecnologia.

INTRODUÇÃO

Conhecer o espaço e desvendar seus mistérios, visitar as estrelas e contatar seus possíveis moradores é, há tempos, uma ambição da imaginação humana. Este sonho, no entanto, não portou a mesma índole no transcorrer do tempo em que a humanidade fixou seu olhar sobre as estrelas. Mentis distintas, conduzidas por crenças e conhecimentos diversos, lançaram sobre os mistérios dos astros interpretações variadas, que permitiram desenvolver, junto a esse sonho de conhecimento, a preocupação de como obtê-lo. Entre especulações filosóficas ou literárias e experimentações práticas se acrescentaram novos conhecimentos, que fizeram atizar ainda mais o sonho. Abriram-se portas que não davam em salas fechadas, mas se fazia levar a outros corredores repletos de novas saídas, ou entradas. Por falta de pernas, nada podemos contra o vôo da imaginação, portadora da chave-mestra. As imagens que se produzem do sonho, cuidamos serem exclusivas da imaginação, por vezes esquecendo que estas asas não fazem trilha nova, antes guiam os pés no caminho para algum lugar. A imaginação, como um relacionar entre o que se faz e o que se sonha, é um compromisso de orientação que se faz por meio de imagens. Imagens capazes de moldar o real, conduzir ações práticas e, por fim, realimentar o sonho com novas referências, novos conhecimentos e novas imagens.

Participar desse sonho é possível de muitos modos e a FC¹ revela-se um veículo propício, pois é um campo de imaginação que lida diretamente não somente com o espaço físico extraplanetário, mas com todo o espaço que diga respeito à humanidade e tudo o que torne o homem um ser especial, posto que distinto do homem socialmente dado e da natureza circundante. É um campo de imaginação que versa sobre a descoberta e os meios de a realizar. Uma descoberta que se refere e diz respeito à humanidade e que por ela é obtido. Esses propósitos, todavia, não deixam de ser realizações assombrosas por serem humanas. Elas o são exatamente por isso. Não são mágicas, não são divinas. São humanas, portanto, próximas à realização prática, obtidas por seu único esforço, oriundas de suas próprias mãos, mediante o estudo da natureza, a pesquisa de seus fenômenos e o experimento de suas qualidades, o que torna o sonho mais caro ao sonhador. Sonho que comporta pesadelos, o seu oposto, fruto do medo da não realização, medo dos desvios, dos equívocos. No campo de imaginação da FC constam robôs, máquinas, medicinas, armas, comunicações, transportes, contatos alienígenas e sociedades humanas de algum modo diferentes das que conhecemos.

¹ De agora em diante apenas FC.

No universo do pensamento humano, sobretudo nos dois últimos séculos, as pessoas consumiram e consomem esses sonhos e pesadelos oriundos da FC, particularmente no cinema e na televisão, veículos de maior alcance e influência. Saber o porquê de tanto interesse, que por exemplo, faz da FC tema das maiores bilheterias do cinema norte-americano, é uma questão importante. Carl Sagan argumenta que a humanidade viveu errante, 99,9% de sua história, vasculhando as paisagens desconhecidas da Terra, e que, se enraizar talvez não tenha sido uma boa escolha, pois *“apesar de todas as vantagens materiais, a vida sedentária nos deixou irritáveis, insatisfeitos. Mesmo depois de quatrocentas gerações em vilas e cidades, não esquecemos. A estrada aberta ainda nos chama suavemente”*.²

O sedentarismo nos conduziu a um desenvolvimento, possivelmente terminado em um beco sem saída cultural, fermentando uma tensão produzida por uma contrariedade artificial ao ancestral modo livre do viver. A familiaridade da paisagem pode ter desestimulado nossos sentidos, traído o ímpeto à curiosidade e acomodado o espírito humano na mesquinha da posse e em uma ligação artificialmente construída entre o homem e a terra. Teria a vida sedentária subornado com a idéia de perda a coragem do nômade? A nostalgia de um modo de vida perdida e esquecida, entretanto, encontra na ação da descoberta de novos espaços e novas realidades, e na viabilização técnica em percorrê-los uma esperança em recuperar o hábito errante. Os progressos científicos e tecnológicos mantiveram a estrada do nomadismo aberta e a FC possibilita que as jornadas sejam imaginariamente reavivadas. A curiosidade sobre o que está além do horizonte impele a imaginação para o novo. Na era tecnológica os limites humanos foram enormemente ampliados, juntamente com sua curiosidade e imaginação.

A indústria cultural disseminou o sonho da descoberta e estabeleceu códigos de identificação que permitiram a todos compreendê-lo e participar dele³. São exibidos constantemente homenzinhos verdes, cabeçudos, discos voadores, cientistas malucos, computadores inteligentes, robôs megalomaniacos e capitães famosos de naves consagradas. Todos são emblemas de uma época veloz, de rapidez de informações, da agilidade dos transportes, da competição econômico-social acirrada, da idealização da produtividade máxima. O mundo do século XX privilegiou a volatilidade do capital e a produção eficiente possibilitada pela conquista material da ciência: a tecnologia. Desde que ela engendrou as máquinas a vapor da Revolução Industrial, o homem tem testemunhado uma progressão geométrica dos avanços técnicos. Avanços esses representados nas

² SAGAN, Carl. Pálido ponto azul: uma visão do futuro da humanidade no espaço. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 14.

³ Ver PANOFSKY, Erwin. Estilo e meio no filme. In: LIMA, Luiz Costa. (Org.). Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 1990. pp. 319-40.

imagens da FC, não somente no cinema e na televisão, mas de forma importante, na literatura e nos quadrinhos, particularmente no Brasil, onde as imagens da FC predominam no meio literário e quase inexistem no audiovisual.

Para a História, a FC constitui um instrumento que possibilita investigar, a partir de determinados prismas, alguns aspectos relevantes para o século XX. Esses prismas são as realizações técnicas e conceituais, que de diversos modos transformaram e moldaram o último século, e continuam atuantes. Embora constantemente referencie-se ao futuro, a FC está indissociavelmente ligada ao seu momento de produção e, no âmbito de seu discurso, discute as realizações oriundas da ciência e da tecnologia do tempo em que foram concebidas. Assim, por se tratar de uma produção imaginária temporalmente datada, sua investigação é essencialmente uma interpretação sobre imagens e idéias referentes à ciência e suas derivações respectivas a esse tempo.

A destruição e o morticínio em escala industrial das duas guerras mundiais, a bomba atômica, a corrida espacial e a chegada do homem à Lua, o controle de epidemias pela medicina, as realizações da velocidade tecnológica, a agressão ao meio-ambiente, a comunicação global, o superpovoamento planetário, a construção do “*Homo urbanus*” e a visualização da possibilidade de uma cidadania mundial, entre outros feitos, exemplificam as implicações culturais da ciência. Alguns feitos, sobretudo os economicamente lucrativos, consumaram-se, outros se apresentaram como projetos, se mantendo como sonhos ou pairando ameaçadoramente como pesadelos, outros ainda, simplesmente se esvaeceram. Esse processo, como entende Franklin L. Baumer, tem algumas de suas raízes na transformação do entendimento e da funcionalidade da ciência e da tecnologia ocorridos no século XIX, tendo se projetado e influído consistentemente no século XX.⁴

A participação da ciência e da tecnologia na construção do que foram os dois últimos séculos, particularmente no Ocidente e nas nações ocidentalizadas, ocorreu em uma relação interdependente de transformação do entendimento dos indivíduos sobre sua realidade e os mecanismos que nela atuam, entre esses a ciência e a tecnologia. Paulatinamente modificaram-se os pensamentos, os valores e o modo de existir. Ocorreu uma valoração, uma construção de necessidades e dependências ante as atividades científico-tecnológicas, bem como do tempo destinado à especialização técnica e ao aprendizado para elas dirigidas. A ciência adquiriu proeminência, sobretudo seus ramos eficientes em oferecer respostas práticas e materiais. Dessa ascensão a FC participou, ao contribuir, imaginariamente, para instrumentalizar as percepções culturais do fenômeno de

⁴ BAUMER, Franklin. O pensamento europeu moderno. Vol. II. Séculos XIX e XX. Lisboa: Edições 70, s/d.

intrusão da ciência e da técnica na vida coletiva e individual, permitindo a leitura e a aceitação dessa associação testemunhada e, muitas vezes, não compreendida.

Das possibilidades existentes para observar as transformações operadas pela ciência e pela tecnologia na atividade humana, a análise do instrumental ofertado pela FC para contribuir com a percepção e a compreensão dessa transformação concentra aqui um objetivo primordial. Assim, pretende-se constituir uma lente instrumental da FC de determinada época, pela qual os eventos científicos e tecnológicos que a influenciaram poderiam ser lidos. Trata-se, portanto, de verificar percepções das potencialidades da ciência e da tecnologia a partir dos códigos existentes na FC, sempre tendo em consideração que essa lente não é, nem homogênea, nem mono focal e tão pouco, polida. Por outro lado, tais percepções são fragmentárias e constituem imaginário de um *vir a ser* próximo ou distante, mas sempre comprometido com o contemporâneo.

Para captar imagens da FC que propicie uma visão da imaginação sobre ciência e tecnologia no Brasil deve-se recorrer a outros veículos que não o cinema e a televisão. A produção cinematográfica e televisiva brasileira é incomparavelmente menor que a europeia e asiática, e infinitesimal perto da norte-americana. No cinema e na televisão brasileiros a FC é comumente um acidente e não um objetivo. A presença dessa temática é notadamente marcada pela associação com o cômico e o infantil, não havendo muitos exemplos de filmes e produções de TV intencionalmente produzidos com temas de FC.⁵ No Brasil o veículo impresso, particularmente o livro, portanto, é o principal meio de expressão do gênero.⁶ As primeiras manifestações locais, no entanto, demonstram uma tendência à eventualidade

⁵ Desde a década de 1950 há a presença de elementos da FC em produções cinematográficas nacionais. Os casos de: NEM SANSÃO NEM DALILA. Carlos Manga. BRA: Atlântida, 1954, e O HOMEM DO SPUTNIK. Carlos Manga. BRA: Atlântida, 1959, são exemplos disso. No primeiro filme há uma viagem no tempo e no segundo referências à corrida espacial entre EUA e URSS durante a Guerra Fria, utilizados para apoiar as situações cômicas. Nos anos 1970 alguns dos filmes dos Trapalhões empregavam aspectos da FC, particularmente: O TRAPALHÃO NO PLANALTO DOS MACACOS, 1977 e OS TRAPALHÕES NA GUERRA DOS PLANETAS, 1978, referindo-se respectivamente aos filmes: O PLANETA DOS MACACOS, 1967 e GUERRA NAS ESTRELAS, 1977. Uma rara exceção é o filme ABRIGO NUCLEAR. Roberto Pires. BRA: ?, 1981. Há cinco anos, um filme de animação computadorizada – o primeiro totalmente feito em computador– foi lançado constituindo uma produção genuinamente de FC voltada para o público infantil: “CASSIOPÉIA. Clóvis Vieira. BRA: ?, 1996”. Sobre esses filmes ver: RAMOS, Fernão; MIRANDA, Luiz Felipe (org.). Enciclopédia do cinema brasileiro. São Paulo: Editora SENAC, 2000. Na televisão houve na década de 1960 um seriado de FC, feito pela TV Tupi, que se perdeu em um incêndio. Nos anos 1970 a série cômica dominical *Super Bronco* referia-se a um alienígena trapalhão. Nos anos 1980 o especial infantil *Plunct-Plact-Zum* tematizou uma viagem espacial em uma nave construída pela imaginação infantil.

⁶ Neste trabalho a FC é referida como um gênero literário. A utilização do termo *gênero* bordejia a conceituação empregada nas teorias literárias dos gêneros. A mais importante é a ‘divisão tripartida’ que estabelece como gêneros o *lírico*, o *épico* e o *dramático*, na qual a FC seria classificada como uma forma narrativa, embora a forma narrativa possa ser considerada ela mesma um gênero literário. De fato, a discussão em torno dos gêneros é extensa, dividindo-se basicamente entre os que defendem a divisão tripartida e os adeptos da maleabilidade das variáveis que caracterizariam um gênero. Diante da flexibilidade e da complexidade que o termo apresenta, aqui será usado apenas como meio de delimitar a forma narrativa de FC, sendo uma utilização vulgar consciente do rigor que o termo adquire em outras situações, que não esta de emprego, as mais das vezes, sinônimo e designativo para a FC. Ver: SOARES, Angélica. Gêneros literários. São Paulo: Ática, 2000.

característica desta literatura no Brasil. Comprova isso a ocorrência, na produção literária, de períodos de alternância ao longo dos anos, com maior ou quase nenhuma manifestação. Além disso, quando houve maior atividade, existiu, quase sempre, a presença de um esforço individual as coordenando e mantendo.

Paralelamente, é possível identificar as ondas criativas da produção nacional com momentos importantes da FC internacional. No século XIX, o sucesso de Jules Verne repercutiu no país influenciando a escrita de Augusto Emílio Zaluar. Ao passo que, entre o início do século XX e os anos 1930, a FC, tendo sido um produto essencialmente norte-americano, refletiu-se no Brasil com uma carência produtiva. Já nas décadas de 1940-50, a produção norte-americana viveu seu auge, exportando suas histórias para o mundo, o que marcou no Brasil um modesto momento de efervescência. Nos anos 1960 e 70 a expansão internacional da FC propiciou no Brasil o seu momento mais intenso e abundante. A partir dos anos 1980-90 o gênero tornou-se um negócio sério em muitos países e, principalmente, levado pelo cinema, consolidou sua presença sobre um largo público no mundo e no Brasil, situação que favoreceu uma produção nacional constante, ainda que modesta e mal divulgada.

Contrariamente à produção, o consumo nacional de FC, pelo público em geral, foi constante e, sem considerar números estatísticos, pode-se afirmar que esse consumo incidiu sobre o produto estrangeiro, haja vista a presença em qualquer época de traduções aqui vendidas. Filmes, séries de televisão, livros, quadrinhos, jogos de computador, toda uma série de produtos importados que superam com larga vantagem a oferta dos produtos nacionais, ao contrário, por exemplo, do que ocorre na indústria fonográfica. É uma situação que fomenta a marginalidade da FC brasileira, contornada, freqüentemente, com iniciativas individuais e de grupos de fãs.

Na gênese da FC brasileira, um nome importante foi o de Jeronymo Monteiro. Desde muito cedo se interessou pelo assunto e já em 1947 publicou seu primeiro livro, *Três meses no século oitenta e um*. Trabalhando em vários jornais e revistas, promoveu e divulgou a FC.⁷ Mais tarde “foi diretor de redação do Magazine de FC, da editora Globo, versão brasileira da *Fantasy & Science Fiction norte-americana que, por iniciativa sua, sempre apresentava um autor brasileiro de FC, a cada número*”.⁸ Em 1965, ocorreu a I Convenção Brasileira de FC, realizada em São Paulo, ocasião em que ele criou a Associação Brasileira

⁷ O *Cruzeiro*, *Diário de São Paulo*, *Fon Fon e Cigarra*, *Correio Paulistano*, *Diário da Noite*, *Folha de S. Paulo*, *A Tribuna de Santos*, *Última Hora* e *Jornal de Notícias*. Ver: ALEXANDRE, Sílvio. Jeronymo Monteiro: pai da FC brasileira? [2000?]. Não publicado.

⁸ Id.

de FC (ABFC), promovendo almoços e encontros dos quais participavam vários autores e interessados. Contudo, a associação acabou com sua morte em 1970.⁹

Durante os anos 1960 foi importante a figura de Gumercindo Rocha Dórea, que ousou criar uma editora, a GRD, especializada em FC, tendo publicado duas séries paralelas, uma voltada para autores estrangeiros e outra para brasileiros. Nesse período, junto à GRD, a Edart e a Editora do Globo proporcionaram o momento mais auspicioso da produção nacional. Desde então, a GRD tem se mantido ativa e o “seu” Gumercindo se esforça para tornar públicos novos talentos brasileiros.

No ano de 1969 aconteceu, no Rio de Janeiro, o Festival Internacional de Cinema. Nesse festival outra iniciativa individual foi marcante. Através de contatos ministeriais José Sanz conseguiu uma verba para organizar, paralelamente ao evento, o Simpósio Internacional de FC. Segundo André Carneiro, que o presidiu, esse foi o simpósio de maior repercussão internacional que já houve no mundo, em razão da importância dos participantes.¹⁰ O simpósio que parecia coroar um desenvolvimento crescente da FC no Brasil, todavia, tornou-se um belo marco tumular de outro período de efervescência da produção nacional.

A década de 1970, em comparação aos anos anteriores, apresenta uma redução significativa na publicação de autores brasileiros ainda que, no exterior, tenha havido uma atividade acentuada na literatura e no cinema. No início dos anos 1980, contudo, começou a surgir, a partir de clubes de ciência, sobretudo de astronomia, grupos de interesse no gênero, desejosos de se manifestarem. Ao mesmo tempo, fãs de seriados televisivos como *Jornada nas estrelas*, de longas metragens como *Guerra nas estrelas* e de livros *best-sellers* como *Duna* uniram-se para cultivar seus interesses e para eles mesmos ensaiarem suas próprias histórias.

Em dezembro de 1985 foi fundado, em São Paulo, o Clube de Leitores de FC (CLFC) com o propósito de cultivar e estimular o interesse pelo gênero e o surgimento de talentos brasileiros. Esses clubes marcaram uma nova fase da produção nacional, sintonizada com acontecimentos no exterior. A atividade dos clubes de FC proliferou, atualmente existindo reuniões regulares em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Porto Alegre e, em consequência disso, nos últimos quinze anos muitos novos autores conseguiram ser publicados no Brasil, e mesmo no exterior. Fato que não interferiu na característica marginalidade do produto nacional, ostensivamente ignorado pela imprensa e pelos distribuidores, afastando um considerável público consumidor de FC dos autores

⁹ CAUSO, Roberto. Alguns fragmentos da história da FCB. In: Informativo mensal do Clube de Leitores de FC, São Paulo, jan. 2001, p. 2.

¹⁰ CARNEIRO, André. Entrevista concedida a Francisco Alberto Skorupa. Curitiba, 22 dez. 2000.

nacionais por, simplesmente, desconhecê-los. Na impossibilidade de estabelecer uma relação durável com seu público, a FC brasileira fica à mercê das instabilidades no mercado editorial, o que, em fins da década de 1990, conforme o escritor Roberto Causo, ocasionou outro período de fraca manifestação devido à redução no número de editoras interessadas em investir no gênero.

Não obstante o empecilho, a revolução tecnológica tem contribuído para oferecer oportunidades de manifestação do produto brasileiro. Computadores pessoais, fotocopiadoras e internet possibilitam a aparecimento de revistas, quadrinhos, animações¹¹ e uma mais eficiente comunicação entre fãs e autores da FC nacional. Tornou-se mais barato e fácil produzir no Brasil, evidentemente, à margem do grande mercado editorial e livreiro, sem falar no cinematográfico e televisivo.

O CLFC de São Paulo reúne além de leitores, todos os adeptos das diversas outras manifestações de FC, constituindo um centro permanente e aglutinador dos interessados. Contudo, a despeito de ser uma das mais importantes entidades do gênero no Brasil,¹² o clube sofre com a característica marginalidade do produto nacional. Evidência disso são os clubes de seriados e filmes estrangeiros como *Arquivo X* e *Matrix*, sucesso de público congregando cada um, milhares de filiados. O CLFC de São Paulo tem algo como quinhentos filiados. Saber da existência desses grupos e sua atividade requer atenção, disposição e trabalho.

No decurso desta pesquisa, bem tarde tomei conhecimento do clube e somente a 26 de maio de 2001 fui conhecê-lo. No mesmo dia, encontrei-me com Gumercindo Rocha Dórea, que para lá me levou. A reunião do CLFC ocorre, todo último sábado do mês, no Clube dos Engenheiros da RFFSA, numa sala cedida por um funcionário da empresa que gosta de FC. Para chegar ao local passamos por uma velha cancela e por um vigia despreocupado na sua guarita. Os prédios corroídos e manchados, acinzentados pela ação do tempo. Seguimos entre um longo pavilhão mal cuidado de dois pisos e o pátio de manobra de trens e vagões recolhidos, em manutenção ou apodrecidos. Uns metros mais bordejando o pavilhão e chegamos a uma pequena porta, cuja única dissonância em relação ao resto do edifício é um discreto toldo azul semicircular. Três lances de escada depois e virando à direita entramos em um anfiteatro quase novo que dispunha de recursos

¹¹ O filme *Cassiopeia* foi totalmente realizado em computador num ambiente praticamente caseiro.

¹² Em 1991 o clube foi aceito como primeiro clube amador membro da *Science Fiction Writers of América* (a mais importante entidade literária da FC norte-americana). Possui uma revista trimestral denominada *Somminum*, na qual a produção nacional encontra espaço para manifestação e é um espaço para se debater a FC no Brasil e no mundo. Através dela alguns autores foram projetados, publicados e premiados no Brasil e no exterior. Há ainda um informativo mensal e contato pela internet, <http://www.members.tripod.com/~CLFC>, ou pelo e-mail, akepple@attglobal.net.

modernos, contrastando com o exterior. Um número inferior a dez membros estava presente para ouvir uma palestra sobre o escritor H. P. Lovecraft.¹³

Um sentimento marcante, apreendido posteriormente une as circunstâncias dessa visita ao CLFC. O encontro em local público, a caminhada entre a multidão, um lugar deserto e semi-abandonado e um número reduzido de participantes sugeria uma atmosfera de clandestinidade e de marginalidade, um retrato talvez fidedigno da FC produzida no Brasil. A situação de quase proscritos, pois não contam com o suporte de uma indústria lucrativa como a norte-americana, todavia existentes e atuantes em um ambiente de certo modo hostil, proporciona maior relevo aos acontecimentos editoriais dos anos 1960.

Ainda que ínfima a fatia brasileira do consumo de FC, a importância dessa forma de imaginação não deve ser menosprezada, tanto hoje como naquela época. Sonhar com as estrelas, considerando-as um lugar a ser visitado concretamente, ou de um modo geral com um futuro a ser modificado com o auxílio da ciência e da tecnologia é algo historicamente recente e possui espaço privilegiado no pensamento humano moderno. Entre as procedências desse imaginar, é inegável que a norte-americana é a mais influente e consumida em todo o mundo e no Brasil, o que, de forma alguma, torna menos importante o modo brasileiro de o fazer.

Neste ponto, contudo, é fundamental investigar se de fato há uma diferença. Pois, se podemos pressupor que culturas diferentes possuam modos distintos de construir suas realidades a partir de eventos similares, não se deve esquecer um dos aspectos cruciais da modernidade. A tendência à uniformidade dos discursos na indústria cultural, presente na dinâmica da globalização capitalista. Ao questionar se a FC brasileira é autêntica, distinta, ou quiçá antagônica, não se pode perder de vista que, como genuíno produto cultural de massa, originou-se num processo de internacionalização de seu consumo, ainda que contenha raízes mais fortes em alguns países específicos. A investigação, portanto, parte da hipótese de que a FC tem um rol de códigos universal, com possível tratamento autêntico conforme o meio cultural em que se produz.

A busca de possíveis respostas a essas e a outras perguntas deve, no caso brasileiro, dar maior atenção à fonte literária, o principal veículo de divulgação do produto nacional. Por outro lado, atentar para o momento editorial em que a FC se dotou de contornos mais sólidos, com uma produção que chegou a demonstrar-se como literatura autônoma e orgulhosa, proporciona vislumbrar o discurso de sua maturidade, discurso mais seguro e claro sobre sua própria natureza.

¹³ Lovecraft foi um dos mais importantes nomes da FC e do horror norte-americano e mundial, nas décadas de 1920-30.

Obviamente que se pode encontrar textos que testemunhem as características da FC e das possíveis particularidades do produto nacional em outros períodos, porém muito pode se perder quando são considerados textos produzidos isoladamente e fora de uma comunidade literária do gênero consciente de si mesma, sobretudo porque a existência de um grupo proporciona uma base comum de códigos literários que permitam a leitura de uma produção nacional. Assim sendo, a pesquisa foi efetuada sobre romances e contos do período que se estende de 1947 a 1975, abrangendo o início e o fim¹⁴ do momento mais fértil dessa literatura. A maior parte do material, no entanto, foi produzido entre 1959 e 1966, o intervalo particularmente próspero da época.

Uma vez que procuramos uma comunidade que se manifeste e se reconheça como de FC, a coleta das fontes do trabalho se restringiu às publicações intituladas como de FC, excluindo textos que, não obstante sejam de FC, não se apresentem como tais. Os textos são: *Três meses no século 81* (Jerônimo Monteiro, romance, Livraria do Globo, 1947); *Degrau para as estrelas* (Rubens Teixeira Scavone, romance, Livraria Martins, 1960); *Éles herdarão a Terra* (Dinah Silveira de Queiroz, conto, GRD, 1960); *Antologia brasileira de FC* (vários autores, conto, GRD, 1961); *O diálogo dos mundos* (Rubens Teixeira Scavone, conto, GRD, 1961); *Fuga para parte alguma* (Jerônimo Monteiro, romance, GRD, 1961); *Histórias do acontecerá* (vários autores, conto, GRD, 1962); *Mil sombras da nova Lua* (Nilson Martello, conto, Edart, 1963); *Testemunha do tempo* (Guido Wilmar Sassi, conto, GRD, 1963); *Os visitantes do espaço* (Jerônimo Monteiro, romance, Edart, 1963); *O 3º planeta* (Levy Menezes, conto, GRD, 1965); *O homem que viu o disco voador* (Rubens Teixeira Scavone, romance, Clube do livro, 1966); *Antologia cósmica* (vários autores, conto, Francisco Alves, 1981 – constando um conto de Fausto Cunha originalmente publicado em 1968); *Comba Malina* (Dinah Silveira de Queiroz, conto, Laudes, 1969); *As noites marcianas* (Fausto Cunha, conto, Elos, 1969 – primeira edição, GRD, 1960); *Tangentes da realidade* (Jerônimo Monteiro, conto, 4 artes, 1969); *Magazine de FC nº 4 e nº 9* (vários autores, conto, Livraria do Globo, 1970); *Antologia de FC* (vários autores, conto, Livraria do Globo, 1972); *Somos parte nas estrelas* (Raul Feteira, romance, Record, 1972); *Sete moradas na rota sideral* (Raul Feteira, romance, Record, 1975).

Existem outros títulos originalmente publicados no período que não puderam ser localizados, contudo o material reunido corresponde a uma porcentagem razoável do existente no espaço de tempo aqui abordado. Por outro lado, foram encontrados textos caracterizáveis como FC, não incluídos por não se apresentarem enquanto tais, o que os incompatibilizam com uma noção de comunidade reconhecível e autoconsciente. Esta

¹⁴ Reitere-se que ao falar em fim apenas se está demarcando a redução no número das publicações da literatura de FC nos anos 1970.

situação, de um lado, afasta esses textos de uma relação imediata com o público de FC, diminuindo o papel deles enquanto veículos de um imaginar específico, que aqui se pretende abordar; por outro, implicaria a necessidade de uma difícil busca por toda a literatura brasileira, dos títulos que possam figurar no levantamento. Neste caso, seria necessário recorrer ao conturbado campo de definições da FC, no que se refere a esses casos de “crise de identidade” que, ora exclui e ora inclui livros e autores de seu âmbito. Podemos nos referir, para exemplificar, aos casos de Aldous Huxley e George Orwell que criaram histórias com identidade de FC sem, entretanto, anunciar que o fizeram.

Nossa opção foi evitar esta “guerra de trincheiras”, sem se eximir da tarefa de realizar um reconhecimento que proporcione um balizamento mínimo ao que consideramos o espaço do imaginar na FC. Este é o propósito do primeiro capítulo, delimitando a esfera da FC com algumas características básicas, relacionando-as historicamente à sua época, ao contrário da maioria dos trabalhos com objetivos similares, preocupados em buscar ligações distantes com autorias e literaturas de outros períodos. As considerações de Franklin L. Baumer são úteis para revelar as condições propícias, na esfera do pensamento europeu ocidental, constituídas no século XIX, para a criação da FC. Particularmente através da aceleração no ritmo de vida decorrente das conquistas da ciência, tornando íntima a relação cotidiana com os processos transitórios típicos da modernidade, tais como transformações tecnológicas, diferentes ritmos de trabalho e lazer, alterações na estrutura familiar etc. A mutação de elementos e valores disto resultante, como característica observável a partir do século XIX, é constatada como elemento da FC que a atrela a esta época, portanto, definindo-a.

Em apoio à análise de Baumer, verifica-se que a Revolução Industrial, conforme argumenta Isaac Asimov, contribui à gênese da FC ao construir uma nova percepção humana da realidade, relativa ao aumento do ritmo de vida, pela crescente velocidade que os implementos tecnológicos inserem ao universo da produção material. Para Asimov ainda, cada momento histórico proporcionou uma modalidade de literatura de imaginação correspondente aos elementos de sua realidade. Para os tempos modernos, portanto, profundamente influenciada pelas repercussões materiais da Revolução Industrial, há uma literatura de imaginação específica, a FC.¹⁵ Em contraponto à concepção de Asimov, Raul Fiker sugere que a FC, de fato influenciada pelas transformações operadas pela ciência e tecnologia, não é, contudo, uma literatura nova, e sim uma variação moderna da literatura satírica.¹⁶

¹⁵ ASIMOV, Isaac. No mundo da Ficção Científica. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

¹⁶ FIKER, Raul. Ficção Científica: ficção, ciência ou uma épica da época? Porto Alegre: L&PM, 1985.

Tendo nascido à sombra das transformações provocadas pelas conquistas da ciência e da Revolução Industrial, a FC, segundo Simone Vierende, teria sua origem relacionada a uma literatura dedicada a atender uma necessidade de compreensão do linguajar científico a partir do século XIX,¹⁷ como uma experiência de divulgação e vulgarização da ciência.

De posse das balizas que nos oriente sobre o que é a FC para este estudo, ficou como propósito agregado ao primeiro capítulo, realizar um pequeno vôo panorâmico sobre os momentos iniciais que antecederam a época que hora nos interessa. Constam as primeiras aventuras nacionais, no que ainda não era um campo definido e consciente de si, mesmo no exterior onde esta noção se construiu lentamente, incluindo algumas considerações sobre os temas desenvolvidos e o diálogo existente com a incipiente FC estrangeira.

Sucedendo a parte introdutória do estudo, estabelecemos o caminho escolhido, um entre tantos possíveis, para a análise dos textos. Partindo da relação dependente da FC com a ciência, fixamos a atenção aos usos daí decorrentes sobre o discurso científico. Na análise deste discurso, foi privilegiado seu poder em enunciar verdades, buscando observar como é possível daí extrair imagens utilizadas no discurso literário da FC. Verdades que não são apresentadas como resultado de um processo de convencimento alcançado por intermédio de uma comunicação paritária, mas impostas como produto de um conhecimento aquém das possibilidades de compreensão de um público leigo, porém, suficientemente poderosas para impor sua aceitação. Desta segunda verdade, imposta sem entendimento, supomos se apropriar a FC para formular seu discurso literário. Isto, em linhas gerais, tratando de uma indústria de massa, do contrário estaríamos sendo injustos com autores de FC que se propõe explicar conceitos científicos por intermédio de aventuras, como ocasionalmente o fazem Sir Arthur C. Clarke e Isaac Asimov.

Ao analisar o papel do discurso científico na FC, estamos, tão somente, realizando uma leitura possível da relação existente entre esta literatura e a ciência. Por outro lado, ao trabalhar com o poder do enunciado de verdade constante no discurso científico, não nos propusemos realizar uma crítica às promessas do positivismo em seu discurso de matematização e dedução lógica da realidade natural e social, que propunham atingir algo entendido como a Verdade. Isso já foi feito em outros estudos, há muito tempo, tendo sido já assimilado pela própria ciência, em seu discurso, até como garantia de sua relevância, qual seja, o relativismo com que enuncia suas descobertas, dotando seus argumentos de

¹⁷ VIERNE, Simone. Ligações tempestuosas: a ciência e a literatura. In: VIERNE, Simone et. al. A ciência e o imaginário. Brasília: Editora da UnB, 1994.

necessária e constantes contraprovas do que afirma. Obviamente, há que se considerar os indivíduos que crêem ser possível e julgam revelar a Verdade.

Não obstante se deva relativizar a realidade investigada pela ciência, pois sempre é possível encontrar facetas ocultas que a alteram, às vezes mais, às vezes menos profundamente, é um fato que os conhecimentos da ciência são incompreensíveis ao indivíduo leigo e, com a crescente especialização da ciência, mesmo aos cientistas no que concerne às minúcias teóricas. Do que resulta uma aceitação ou negação aos fatos da ciência, mais do que sua compreensão. Dito de outro modo, aceitar ou recusar uma verdade científica que se impõe antes de convencer. A hipótese do uso do discurso científico pela FC, com que trabalhamos, reside neste aspecto, a capacidade que a ciência tem em tecer interpretações sobre o mundo, freqüentemente incompreensíveis para a maioria das pessoas, mas que são aceitas e incorporadas como uma possível verdade.

O segundo capítulo aborda o conflito subjacente entre o exercício do método científico, ou método experimental, que é questionador, relativista, provisório, de certo modo humilde, pois incorpora em suas afirmações a possibilidade de seu erro; e a institucionalização da crença na verdade científica contida no discurso científico. É sobre essa ambigüidade que se pretende ler o modo pelo qual a FC extrai da ciência seu argumento literário. Em nome do valor de uma ciência que falha e que por isso é necessária, está Carl Sagan que, discriminando os defeitos, ressalta as qualidades da inquirição científica.¹⁸ Contribuindo com uma percepção de que a ciência não é toda poderosa e que há a possibilidade de limites reais à capacidade investigativa da ciência, John Horgan sugere a impossibilidade da ciência em responder a todas as perguntas que o homem faz, evidenciando o limite do método experimental, ao mesmo tempo em que valoriza o seu sucesso em proporcionar respostas às dúvidas humanas.¹⁹

Tendo clara a ambigüidade existente no discurso científico, prossegue-se com a análise propriamente dita do discurso científico nos atendo ao seu poder em formular verdades socialmente aceitas. Para tanto, é importante a análise do discurso proposta por Pierre Bourdieu, averiguando as possibilidades da ciência ser entendida como oráculo da Verdade, violando o princípio da dúvida do método experimental, ao criar um exercício de poder baseado na crença da verdade de seus enunciados.²⁰ A relação com a ciência, faz com que a FC se aproxime dessa estrutura discursiva e a incorpore, não como ferramenta

¹⁸ SAGAN, Carl. O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

¹⁹ HORGAN, John. O fim da ciência: uma discussão sobre os limites do conhecimento científico. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

²⁰ BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1998.

de enunciação de verdades, mas como dom profético em antecipar o que a ciência realizará, descobrirá e dirá como verdade. Trata-se de uma ação no âmbito do verossímil, isto é, algo que poderia ser verdadeiro, conquistada ao mimetizar a estrutura de construção argumentativa da ciência.

A verossimilhança é alcançada pela reprodução das características do discurso científico, seja mimetizando sua estruturação lógica, seja recorrendo a imagens de algum modo expressivas e comprometidas com a ciência. Nesta trajetória, deve-se considerar uma via de mão dupla, pois cabe à FC parte dos códigos de leitura da realidade científica e tecnológica, que proporcionam imagens construtoras de sentido, a um público leigo, do que é a ciência. O poder comunicativo dessas imagens pode ser avaliado à luz do entendimento de mito de Roland Barthes, que os define como imagens escolhidas e destacadas do seu contexto original e preenchidas por sentidos ideológicos diversos.²¹ O segundo capítulo, ainda, constrói uma ponte entre a capacidade de verossimilhança da FC e suas imagens elaboradas como verdadeiros mitos modernos baseados no discurso científico, tais como, os mitos da Teoria, do Cientista, da Instituição Científica, da Máquina, do Disco Voador e da Profecia Científica.

Colocando-se como uma espécie de filtro entre a conquista da ciência e o desconhecimento do seu proceder, a FC não só proporciona um modo de leitura do que é a ciência, como, através da verossimilhança, apresenta-se, às vezes involuntariamente, como o augure dos seus avanços, pois ao fundar o reino do efêmero, a modernidade ensinou aos indivíduos a angústia do devir, tarefa que a FC não se furtou e exerce pretensiosamente. A atividade de antecipar ou profetizar o futuro é uma falácia, converte raras e inteligentes análises do presente em produtos de mistificação, misturando-as a uma série de futurismos sem sentido que pululam na FC e que rendeu a bela sátira de Stanislaw Lem.²² Este exercício, de fato uma brincadeira criativa, entretanto, é um componente importante da FC, constituindo um de seus mitos mais importantes, reunindo no conjunto das fontes trabalhadas, um compêndio de profecias relevante que mereceu um capítulo exclusivo, o último.

As profecias verificadas nos textos perfazem um número reduzido de temas muito recorrente. Ainda que de autores diversos e, devido em parte ao fato da existência de uma comunidade, as profecias acabam se reencontrando nas letras dos vários escritores. Pode-se vislumbrar fragmentos de um painel que retrata um universo de crenças, temores e esperanças comum, como que um quadro de época pintado a várias mãos. Reuni-los à cata de um retrato distinguível é possível, cuidando que sua contemplação não veja mais do que

²¹ BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 1980.

²² LEM, Stanislaw. *O incrível congresso de futurologia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

há nele, tão pouco menos. É uma imagem reconstruída, mas que permite, de um modo efêmero, vislumbrar algo próximo ao que se pode denominar uma visão compartilhada que os autores tinham de sua época, de sua ciência e tecnologia e, principalmente, de suas possibilidades.

Vemos, nessas imagens, todo tipo de julgamento sobre as realizações científicas e tecnológicas de um momento dado: o da conjuntura da Guerra Fria, das preocupações ecológicas, das conquistas da medicina, das promessas de desenvolvimento do mundo e do Brasil. Quando reunidas, as imagens das profecias, ocasionalmente, prometem esboços do que se pode imaginar projetos incompletos de utopia, cada peça ilustrando uma transformação ideal possível. Para esta perspectiva Helena Mueller oferece importante contribuição, discutindo idéias de utopia, salientando a proposta de uma utopia inacabada e em constante construção.²³ Em contrapartida, o quadro de imagens também contém um painel de advertência, repleto de pessimismo. Ilustração que encontra em Isaiah Berlin considerações sobre distopia ou antiutopia, em que lembra a possibilidade de projetos utópicos tornarem-se receitas para o autoritarismo.²⁴

As profecias não são parte de discursos ideológicos, mas as imagens que produzem contém ideologias que não cabe aqui analisar, pois não interessa no momento investigar tendências político-ideológicas deste ou daquele autor. Aqui nos afastamos mais, para ver um horizonte maior, embora menos nítido, o que permite associar em uma mesma imagem geral, os fragmentos distintos entre si. Nesta composição podemos identificar e reunir os códigos de leitura que permitem aos leitores, ao modo deles, sonhar o sonho do conhecimento e dos meios de obtê-lo.

Se sonho ou pesadelo, cabe a cada autor decidir. O substrato, no entanto, em que este ocorre, algo comum às imagens, é a transformação incessante e efêmera da realidade. É algo de que não se pode escapar. Uma vertigem de velocidade, porém, não um medo à velocidade. Recordando Milan Kundera sobre a vertigem da altura, não se trata do medo em cair, mas de uma reação instintiva ao desejo de se precipitar no abismo.²⁵ Na FC há essa ânsia pela velocidade, pelo futuro, que desconhece o resultado que possa vir, mas que irresponsavelmente se deseja concretizar, sem medir conseqüências, apenas para ver resultar, pois que o agora não satisfaz, e a esperança de redenção no novo haja se transformado em vício, uma perigosa, angustiosa e, constantemente, frustrada expectativa.

²³ MUELLER, Helena Isabel. Flores aos rebeldes que falharam: Giovanni Rossi e a utopia anarquista. Curitiba: Aos quatro ventos. 1999.

²⁴ BERLIN, Isaiah. Limites da utopia: capítulos da história das idéias. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

²⁵ KUNDERA, Milan. A insustentável leveza do ser. Rio de Janeiro: Record, s/d.

CAPÍTULO I

O SER E O ESTAR FICÇÃO CIENTÍFICA

1. GENEALOGIAS DA FICÇÃO CIENTÍFICA

Ser ou não ser ficção científica é um grande problema conceitual já existente na aceitação tácita, mas não consensual, de sua denominação internacionalmente famosa. A imprecisão se concretiza em nebulosas definições do que é ou não ficção científica, do que foi e onde se originou o gênero e do estar-se ou não fazendo ficção científica. Suas balizas são imprecisas a ponto de conduzirem a uma grande incerteza sobre seu espaço de atuação, embora de uma forma geral seja, segundo alguns autores, relativamente fácil reconhecê-la.²⁶ Disso decorrem situações em que um autor acaba por produzir uma obra do gênero sem ter consciência de que o fez, ou ainda, de escrever com referências no gênero e não admiti-lo, por considerá-lo como algo depreciativo, capaz de influenciar negativamente na composição de uma sua obra “digna de respeito”. Tal receio é manifestação do desconhecimento em torno de definições da ficção científica e das suas possibilidades de realização artística. Seja encarada favorável, desfavorável e ainda indiferentemente, não há como negar que a ficção científica é uma manifestação calcada em alguma realização humana, pelo simples fato de existir.

Há uma história e explicações para o que seja ficção científica. Mas, o que exatamente se entende por ficção científica? Em vários estudos que intentaram esse objetivo, desde autores brasileiros a estrangeiros – publicados em português –, tentou-se estipular balizas a partir das quais pudessem tratar a ficção científica. E aqui é importante que fique claro o propósito de buscar essas balizas, a partir de autores de língua portuguesa e outros publicados em língua portuguesa, na medida em que é um debate que ocorre no Brasil. Evidentemente, não se está considerando que o debate gerado no país é estanque, livre de influências externas, mas que, não obstante, sejam influências que tenham ultrapassado a barreira idiomática que, de certo modo, prejudica o contato pleno com o debate ocorrido em outras paragens.

Em geral, esses estudos partem da análise semântica da união das palavras existentes em Ficção Científica, constatando a incoerência e dificuldade em unir a Ficção – produto da imaginação humana – com a Ciência – produto de sua observação e experimentação para a explicação da realidade. *“Torna-se difícil conciliar os termos ciência e ficção. Ciência é [...] conhecimento que exige [...] dados exatos, onde a especulação sem*

²⁶ TAVARES, Bráulio. O que é ficção científica. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 7-8.

base é praticamente impossível. Ficção é [...] imaginação, suas fontes reais são elásticas".²⁷ Esse primeiro conflito no nome próprio composto da ficção científica é um divisor de águas nas formas de análise impetradas pelos diversos autores, uns atendo-se e enfatizando o componente ficcional do gênero, a partir do qual centralizam a análise, e outros discutindo a participação do científico.

Como são análises que se dividem em duas vertentes, condensaremos, em linhas gerais, essas vertentes em duas denominações, no intuito de facilitar a compreensão que essas análises propõem. Com a atenção sobre ficção produziram-se análises *literárias*, cujo aspecto recai na relevância e legitimidade ou não do gênero, sua importância ou prejuízo para a literatura, valores artísticos ou pobreza criativa, bem como buscando formas literárias de onde o gênero pudesse ter surgido. Essa perspectiva prioriza o ficcional, mas não deixa de dialogar com a grande maioria de autores que focam suas análises no conteúdo científico das obras ficcionais – análises *conteudistas* – ou seja, sobre a ciência. Ambas as análises, em busca de especificar o espaço da ficção científica, constantemente estão às voltas com conflitos e concordâncias, apropriações e débitos, no intuito de fortalecer seus pontos de vista, quando, não raras vezes, terminam mesmo por enfraquecê-los. Fato que tanto pode ocorrer com aqueles que admiram e valorizam a ficção científica, como aos que a detratam e a entendem um gênero menor.

Há muitas dificuldades em estipular uma definição para a ficção científica. Alguns consideram isso impossível,²⁸ muitos fazem definições restritas, excluindo delas obras que outros incluem e, por fim, há aqueles que a fazem enorme, englobando tudo o que for possível, até mesmo o que não é ficção científica. Contudo, há traços comuns em todas essas definições que acabam por uni-las em um todo abrangente. O laço essencial que engloba diversas obras de épocas distintas é o assunto científico, de modo que, é opinião difundida entre as análises *conteudistas* que escritos com conteúdo de ciência, centrados no aspecto da ciência, são pertencentes, de algum modo, ao gênero da ficção científica. Para esses, a ciência é uma preocupação que perpassa os séculos, sendo digna de uma criação imaginária, na qual a ficção científica é um momento, entre outros, que possui essa mesma preocupação. Assim, consideram que há uma história de literaturas de imaginação que inclui, em alguns de seus aspectos criativos, um conhecimento científico, sendo que a ficção científica é mais um momento pertencente a essa história de criação imaginária. "*A ciência – ou seja lá o que for que se faça passar como tal sendo expresso no jargão 'científico' – deve*

²⁷ CARNEIRO, André. Introdução ao estudo da 'science-fiction'. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1967. p. 5-6.

²⁸ Ibid. p. 6.

estar de alguma forma presente numa narrativa deste tipo".²⁹ Os genealogistas *conteudistas* entendem que a participação de algum conhecimento científico no interior de uma narrativa ficcional é indício, se não prova, de que essa obra, seja de que época for, participa da linha de desenvolvimento que culmina na ficção científica. Chamaremos essa linha, essa sucessão de obras de temas comuns, isto é, temas científicos, de *tradição*. Grosso modo, a *tradição* é o cerne argumentativo da maioria, se não de todas, as análises *conteudistas* de ficção científica. É também de onde partem e com que discutem as análises *literárias* do gênero.

Com tão amplas fronteiras, unindo a narrativa imaginária à ciência, a ficção científica fica permeável a um sem número de possibilidades autorais que, sendo fruto da imaginação, basta um aspecto científico, ou algo entendido como tal, para possibilitar a inclusão de uma obra no rol das pertencentes ao gênero. Nesse esforço da *tradição* em enraizar solidamente o gênero na história, foram incluídos diversos autores de variados lugares e épocas, sobre os quais foi depositada a originalidade de um fazer narrativo ancestral, porém de compleição semelhante à da ficção científica. Esses autores são considerados os "grandes fundadores" ou importantes "precursores" do gênero. Assim, foram incorporados do mundo grego Plutarco, *Na superfície do disco lunar*; Homero, *Ilíada*;³⁰ Luciano de Samosata, *História verdadeira*.³¹ Do mundo moderno, Ludovico Ariosto, *Orlando furioso*; Johannes Kepler, *Somnium*; Cyrano de Bergerac, *Viagem à Lua e história cômica dos estados e impérios do Sol*; Jonathan Swift, *As viagens de Gulliver*; Voltaire, *Micromegas*; ainda, Thomas More, *Utopia*; Tomás Campanella, *A cidade do Sol*; Francis Bacon, *A nova Atlântida*,³² entre outros.

Isso ocorre porque os *conteudistas* definem, através da *tradição*, um propósito humano de entender e imaginar como seus conhecimentos interferirão no futuro ou na resolução de mistérios da natureza existentes em lugares indeterminados que podem ser próximos (um espaço geográfico continental ou planetário) ou distantes (na Lua, nas estrelas, no espaço profundo e no mundo sobrenatural e além vida).

Muitas produções literárias podem ser incluídas na *tradição* por intermédio dessas balizas, mas essas pressupõem uma mesma noção da dimensão temporal e espacial para todas as épocas. Os *conteudistas* concebem que, ao longo da história, houve *sempre* uma relação *idêntica* com o futuro e com as distâncias geográficas e "espirituais". No entanto, como veremos adiante, essas relações não podem ser aplicadas a esmo sobre períodos

²⁹ FIKER, Raul. op. cit. p. 17.

³⁰ SCHOEREDER, Gilberto. *Ficção científica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986. p. 16.

³¹ BRITO, Mário da Silva. In: SILVA, Fernando Correia da (org.). *Maravilhas da ficção científica*. São Paulo: Cultrix, 1961. p. 10.

³² FIKER, Raul. op. cit. p. 28.

diversos da história, sob pena de desrespeitar as idiosincrasias particulares a cada período, que não são compatíveis entre si.

Entretanto, os *conteudistas* estabelecem uma quebra ou pequena divisão no interior da *tradição* sem, contudo, negá-la. De um lado está toda a ancestralidade cultivada pela *tradição* que os *conteudistas* consideram como precursores; de outro, a ficção científica propriamente dita. Entre eles uma linha imaginária homogênea de parentesco. A dissensão se evidencia na maior velocidade do progresso científico contemporâneo da ficção científica em contraste com o mais lento progresso que assistiu seus “precursores”. Nesses, o retrato que fazem da ciência não é da mesma importância que na ficção científica, pois os períodos precedentes apresentam poucos avanços científicos, de difícil detecção; ao passo que, na época da ficção científica, a ciência tem grande destaque, correspondente aos avanços sucessivos em velocidade que apresenta.

A divisão *conteudista* mais (re)conhecida da ficção científica marca seu início com Jules Verne e Herber Georges Wells,³³ ambos aclamados os pais modernos do gênero, como se os dois fossem a foz moderna da *tradição*; o ápice de uma linha de desenvolvimento que vinha de longe a avolumar-se e, numa metáfora da “pororoca”, esses fossem autores estopim a desencadear uma nova fase da *tradição*, a partir da qual, com a denominação de ficção científica, ganhou proporções oceânicas. Proporções essas, bem entendidas, para os seus padrões de produção e consumo.

Novamente, porém, os *conteudistas* supõem comum entre os séculos noções particulares a uns e ininteligíveis a outros. A idéia de progresso, aparentemente tão banal e comum para esses estudos, é outra dessas noções. O progresso aparenta ser, nessas análises, uma característica inerente ao ser humano, com a diferença de que varia num crescente conforme se avança para o futuro. Desse modo os estudos *conteudistas* são unânimes em considerar que a grande velocidade do progresso é um item específico para a ficção científica, ausente entre os precursores. O progresso é um contínuo da *tradição*, mas a velocidade com que ocorre é única na ficção científica. Essas observações sobre as noções de progresso e de velocidade são importantes, embora sejam utilizadas sem critérios muito bem definidos, à base da observação e do palpite. Isso porque são noções de

³³ Jules Verne (1828-1905), escritor francês, é conhecido pelos livros de aventuras em que figuravam elementos tecnológicos recém desenvolvidos em sua época. Em parceria com o editor Jules Hetzel, publicou vários livros de sucesso em sua época e além. Entre os mais conhecidos estão: *Cinco semanas em balão* (1862); *Viagem ao centro da Terra* (1864); *Da Terra à Lua* (1865); *Vinte mil léguas submarinas* (1869); *A volta ao mundo em oitenta dias* (1872) e *Um capitão de quinze anos* (1878).

Herbert George Wells (1866-1946), escritor inglês, começou a publicar livros em que abordava hipotéticos avanços da ciência quando Jules Verne já fazia sucesso. Alguns de seus mais importantes títulos nesta linha foram: *A máquina do tempo* (1895); *A ilha do doutor Moreau* (1896); *O homem invisível* (1897) e *A guerra dos mundos* (1898). Dedicou-se também a outras temáticas literárias e escreveu a história de um filme de ficção científica chamado: *Things to come*, (traduzido para o português como *Daqui a cem anos*), dirigido por William Cameron Menzies, em 1936.

fundamental importância – não somente para a ficção científica – usadas sem contextualização e interação entre si. Progresso, futuro, velocidade, distâncias não são noções independentes, elas são intrínsecas e íntimas a um contexto histórico que lhes dá sentido e significação, e fora do qual perdem o valor comunicativo e sua conotação inteligível.

Incorporada como medida das definições, a *tradição* tornou-se o eixo de análise para os estudos sobre ficção científica, de modo que a idéia da ancestralidade, com os seus ilustres autores, da antiguidade à contemporaneidade, tornou-se um lugar comum. No entanto, é importante lembrar que a construção e defesa da *tradição* serviram ao propósito de alicerçar e dar lastro de legitimidade a um gênero novo contestado e criticado – sobretudo entre os anos 1920 e 1960 – por, principalmente, estudiosos da literatura, no momento em que a ficção científica transferia seu pólo produtor da Europa para os Estados Unidos. A transferência significou uma mudança em sua forma de produção, adquirindo escala industrial através de modelos e estruturas narrativas cristalizadas e repetidas. A nova circunstância condensou uma unidade primitiva, alvo da crítica, permitindo um ataque ao modelo norte-americano e à sua associação com todos os escritos que de variados modos direcionavam-se à produção de Verne e Wells. O instante em que o caráter industrial e maciço ganhou importância nos Estados Unidos – quando este ainda não havia se unificado sob uma denominação segura – testemunhou uma queda de braço entre os entusiastas que desejavam Verne e Wells como pais de algo que se iria tornar a ficção científica e seus adversários que não aceitavam ver associados os nomes dos dois autores ilustres à literatura popularesca estadunidense. A determinação dos primeiros provou ser maior, elegendo ambos os autores vanguarda de algo ainda sem um nome hegemônico.

Na Europa, em fins do século XIX manifestou-se a primeira consciência de algo novo. Os trabalhos de Wells e Verne foram intitulados, respectivamente, *Romance Científico* e *Antecipação*, diferença concernente à rivalidade anglo-gaulesa. Mesmo quando se solidificava o termo definitivo nascido nos Estados Unidos, as denominações européias persistiram, provavelmente como obstinada recusa e resistência em aceitar uma ligação mais íntima com o produto estadunidense. Entretanto, mesmo nos Estados Unidos vigoraram discordâncias que, durante um tempo, permitiram coexistir nomeações variadas, incluindo as pretendidas por franceses e ingleses. Das que guardavam alguma semelhança entre si, houve a *Scientfiction*, bem como *Science-Fiction*, nome que consagrou internacionalmente o gênero. As minúcias vão a tal ponto que existem mesmo nomes distintos para a literatura e o cinema. *Science-Fiction* para a primeira, *Sci-Fi* para o segundo.

No Brasil, houve a tradução das denominações estrangeiras, inicialmente os nomes europeus, depois os estadunidenses *Ciencificção* e finalmente *Ficção Científica*.

A marcação do início da ficção científica a partir de Verne e Wells foi adotada largamente, pois assim são resolvidas as características dissonantes, embora não contraditórias, no retrato da velocidade do progresso científico entre “modernos” e “precursores”, na linha da *tradição*. Destacam-se também, porque ao contrário dos “precursores”, eles escreviam sistematicamente Romances Científicos ou Antecipações, o que evidencia uma primitiva noção de tipologia literária para aquela forma de escrita que acarretava uma estranheza entre os seus contemporâneos. Finalmente ambos são marcos significativos, pois também desenvolveram como bases do gênero os principais temas subseqüentemente utilizados: jornadas extraordinárias, expedições à Lua e ao fundo do mar, guerras interplanetárias, invisibilidade, viagem no tempo, miniaturização, cientistas megalômanos etc.

A linha temática ancestral da *tradição*, percorrendo um caminho que acompanha os avanços da ciência, serve de apoio “intelectual” para que, desembocando em Verne e Wells, conceda-lhes autoridade e representatividade para se tornarem os fundadores da ficção científica. Trata-se da construção histórica posterior de uma legitimidade com fins de reconhecimento da importância, que existe, mas não baseada nos méritos de escritos anteriores. São próprios da ficção científica, não dependem de “muletas”. A *tradição* é uma tentativa de criação de um espaço para a ficção científica, com tênue separação do que a antecede, os “precursores”. O argumento de que a ficção científica vem dessa *tradição* que a enseja, satisfaz e é legítima para um bom número de estudiosos, de autores e de fãs.

Seja a partir do foco *conteudista* ou do *literário*, a idéia de uma *tradição* responde a muitas dúvidas sobre as origens e delimitações da ficção científica. No entanto, creditar a existência de um fenômeno reconhecido e diferenciado, segundo padrões de uma época, ao desenvolvimento de um germe anterior é, de certo modo, desmerecer as capacidades intrínsecas dos séculos XIX e XX em desenvolver de modo original esse fenômeno. Nesse sentido, a análise *literária* reproduz estruturalmente a *conteudista*, embora substitua o centro da análise, de conteúdo científico, para forma literária que, em suas características, conformariam os atributos de um tratamento literário, através de gerações e segundo uma linha homogênea, culminando na ficção científica.

Em grande medida a análise *literária* não desmerece a *conteudista*, admitindo que avanços técnicos e conhecimentos científicos tenham figurado em obras imaginativas de diversas épocas ao longo da história.³⁴ Todavia, contesta que seja o conteúdo científico da

³⁴ FIKER, Raul. op. cit. p. 28.

narrativa o elo importante para uma *tradição*. Desse ponto de vista, proposto por Raul Fiker, a ficção científica é tida como parte de um meio de expressão literária que ocorre através de um determinado tipo de narração que, este sim, compõe o elo de ligação que forma a *tradição* da ficção científica. Sua origem estaria na fabulação que “*apresenta um mundo radicalmente diferente daquele que conhecemos embora se reporte, de alguma forma, a ele*”.³⁵ Dentre as formas de fabulação apontadas por Fiker – alegoria, sátira, fábula, parábola –, é na sátira que se deve procurar o embrião da ficção científica. Pois, a sátira, “*para expor e criticar os aspectos visados do mundo, [...] mostra um retrato jocoso deste mundo ou uma imagem de outro com o qual o nosso é contrastado*”.³⁶

A liberdade que a sátira permite ao escritor, fazendo comparações do mundo real com um mundo fictício, consta, segundo Fiker, predominantemente nas obras “precursoras”, que ele denomina “*proto-FC*”, como as viagens a terras distantes e as utopias situadas em ilhas e continentes desconhecidos. Seguindo a *tradição* da linha satírica, essa característica encontrar-se-ia do mesmo modo, fundamentalmente, na ficção científica ou como prefere Fiker, “*FC moderna*”, em que terras e ilhas ignotas poderiam ser planetas e naves desconhecidos, bem como temporalidades bizarras, considerando as viagens no tempo. A sátira está ligada a alguma forma de didatismo, expondo idéias e veiculando mensagens, de modo que, tomada como centro da análise de ficção científica, relega o conteúdo científico a segundo plano, afinal, não é esse o objetivo do escrito, mas a descaracterização cômica deste mundo ou de partes dele. A sátira seria uma permanência de outras épocas, ocasionalmente ambientada com detalhes que se reportam à ciência e à tecnologia, por esta época valorizar a ciência. Para Fiker os avanços técnicos permitem novos cenários para o desenvolvimento da sátira e ficam em segundo plano ante a jocosidade pretendida do autor ao retratar a sua época.³⁷

O pertinente argumento de Fiker, não obstante ser relevante, apóia-se na idéia da *tradição* e a sustenta como explicação para a estruturação da ficção científica. De certa forma, considerações como essa impedem até mesmo tentativas de encontrar uma possível originalidade de uma expressão literária, tida como tributária de outras literariedades na forma e no conteúdo, paradoxalmente denominada e reconhecida, vulgarmente, como diferente. A questão que surge é: por que há a possibilidade da denominação nova de um tema sobre o qual se atribui uma ascendência conhecida e já denominada? Quais as condições que tornam reais essa diferenciação?

³⁵ Ibid. p. 27.

³⁶ Id.

³⁷ Ibid. p. 31.

Partindo da análise *literária*, Muniz Sodré tece, pela primeira vez, uma argumentação reticente em relação a qualquer *tradição* na ficção científica. Esse esforço, em parte, se explica por sua necessidade de apartar o gênero do restante da literatura, visto que Sodré o considera uma expressão literária não artística, portanto, literatura menor e uma influência negativa. Ele inicia o cerco à ficção científica, pelas análises *conteudistas* crendo haver considerável e importante diferença entre os chamados “precursores”, entendidos como narrativas imaginadas que utilizam em menor ou maior grau o “léxico cientificista”, e a ficção científica que se apropria desse léxico transformando-o em ideologia capitalista. Essa é uma diferença que instaura divisão maior do que a pretendida pelos *conteudistas* no marco Verne-Wells, entre “precursores” e ficção científica. Sodré rompe a continuidade progressiva da *tradição*, vindo do passado ao presente e culminando na ficção científica. Para ele essa é uma outra coisa, distante da produção artística, da literatura em si e de uma obra de vanguarda, como a muitos a novidade do gênero poderia sugerir.

Para Sodré a ficção científica seria o produto da apropriação ideológica da terminologia cientificista, identificando-a a uma nomenclatura industrial-capitalista a fim de legitimar a ordem capitalista, a partir da Revolução Industrial. Aliás, Sodré é bem claro quando distingue o léxico cientificista utilizado na ficção científica, portanto ideológico, com o usado por autores anteriores a Wells e Verne, inviabilizando o argumento de que aqueles seriam os “precursores” da ficção científica:

O léxico cientificista sempre foi utilizado esporadicamente por escritores, de Luciano de Samósata a Wells, passando por Edmond Rostand, Jonathan Swift, Edward Bellamy. Mas foi o léxico da Revolução Industrial que começou a impregnar mitologicamente a imaginação do homem comum – por volta dos meados do século XIX, quando começaram a ser realizadas as grandes feiras industriais, e as máquinas e os objetos da nova Era reforçavam a fé utópica no progresso sem limites.³⁸

O desmantelamento da justificação pela *tradição* só não é total devido a uma concessão importante de Sodré no que diz respeito ao uso do conteúdo científico. O emprego de léxico cientificista em narrativas imaginárias é uma atitude comum em várias épocas, por inúmeros escritores em suas obras. Faz parte do tratamento literário.

Para Sodré a particularidade da ficção científica, e isso para ele a define, é o uso ideológico do léxico cientificista. Aqui o cerco se fecha. A presença da ideologia, que pode se traduzir pelo palavreado industrial-capitalista, construído a partir da Revolução Industrial, elabora um léxico particular, apropriado ao discurso científico e de conformidade com sua pregação ideológica. Nessa situação a ficção científica afasta-se do que não é: literatura; e revela sua natureza de produto da indústria capitalista manifestando-se e encontrando

³⁸ SODRÉ, Muniz. A ficção do tempo: análise da narrativa de science fiction. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 33.

“*guarida verdadeira na indústria cultural*”.³⁹ Nesse sentido, a ficção científica constituir-se-ia num empreendimento ideológico capitalista de sedução e aceitação da estrutura industrial nos moldes capitalistas. Há nesse raciocínio uma relação implícita entre a existência de centros industriais e pólos de produção do gênero. A indústria cultural, notadamente nos Estados Unidos, seria um bom exemplo dessa estratégia capitalista do emprego ideológico da ficção científica. Conseqüentemente, a ficção científica nada mais seria do que um produto industrial, que levado por ideologia, produz mitos de progresso desse mundo industrial, transformando-o em uma segunda natureza. Isso porque o conteúdo científico da ficção científica, entende Sodré, atua na questão “verdade” e “verossimilhança”. Para ele essas noções se entrecruzam de modo que a verossimilhança adquira valores de verdade. “*O grande público confunde facilmente o verdadeiro com o verossímil, e graças a isto a linguagem comum, a da ideologia, pode apropriar-se do discurso científico*”.⁴⁰

Como produto da indústria de massa, prossegue Sodré, a literatura de ficção científica é feita com padrões e modelos estipulados em estruturas significativas fixas, facilmente atreláveis e relacionáveis com a ideologia, impedindo a existência de ambigüidades na compreensão e liberdade estética, próprias de obras verdadeiramente literárias e artísticas.⁴¹ Ao apontar para a tarefa ideológica de massa, Sodré esvazia a literariedade, evidenciando a “nulidade” artística da ficção científica. Para reforçar esse esvaziamento sepultando de vez a pretensão literária e artística da ficção científica, ele atenta para dois pontos da análise literária. Aceitando-a como uma novidade temática no século XIX, e ainda que admitindo Verne e Wells como bons escritores de léxico cientificista, não os considera vanguarda literária, por se expressarem num modelo narrativo preexistente, sem novidades de forma e estilo. Nesse sentido, considera o nascimento da ficção científica literariamente velho. Para ele o gênero é “*discursivo e mimético,[e] sua forma tinha quase um século de atraso com relação ao que a vanguarda literária fazia na época*”.⁴²

O golpe final no isolamento da ficção científica é também comprometedor para a *tradição*. Enfatizando que os vínculos da ficção científica restringem-se à indústria de massa e à ideologia capitalista, e que o caráter de verossimilhança é um artifício para convencimento e aceitação da crença no progresso ilimitado derivado das conquistas industriais capitalistas, Sodré contesta a existência do interesse por essa verossimilhança nos autores considerados “precursores” do gênero. Alega que descrições de mundos novos e desconhecidos, mundos ideais e mesmo viagens à Lua, são obras que “*têm mais um*

³⁹ Id.

⁴⁰ Ibid. p. 37.

⁴¹ Ibid. p. 32.

⁴² Ibid. p. 34.

efeito alegórico ou irônico do que persuasivo. A credibilidade do fato narrado não fica em jogo, porque não existe uma persuasão verossímil no texto. Deve-se falar, antes, de uma predicação política ou filosófica.⁴³

A pretensão de literariedade, bem como a necessidade de “precursores” legitimadores da ficção científica são considerados por Sodré atos de roubo ao discurso literário, do mesmo modo que o uso do léxico cientificista é uma assimilação abusiva do discurso científico. Ele entende que essas apropriações permitem à ficção científica, colocando-se como uma fala ideológica do discurso capitalista ou burguês, tornar-se o “*único tipo verossímil de narrativa do imaginário*”.⁴⁴ Narrativa que, utilizada pela ideologia capitalista e dominando a esfera do imaginário, pretende normatizar o comportamento humano sob a organização técnica, que culmina em uma ordem totalitária, e até mesmo em uma forma de utopia moderna que delega ao progresso, pura e simplesmente, a obtenção do estado de graça da perfeição sócio-cultural. Acaba sendo, por associação, uma normatização de caráter religioso sobre o otimismo na crença de um “*futuro pleno de possibilidades proporcionadas pelo desenvolvimento fantástico da técnica e da própria capacidade humana*”.⁴⁵

A ligação que Muniz Sodré faz entre o avanço internacional do capitalismo e o surgimento da literatura de ficção científica constitui um dos primeiros entendimentos feito em língua portuguesa que atribui à originalidade de sua época o nascimento da ficção científica, secundando, em grande medida, os argumentos que têm base em *tradições*. É uma análise que, embora partidária com intenções de demonizar como um todo a ficção científica, tem o mérito de sugerir balizas contemporâneas ao gênero, sem a necessidade de recorrer a influências e permanências de outras épocas. Pelo lado da análise *conteudista*, o poeta e escritor André Carneiro sugeriu uma abordagem que caracteriza a ficção científica como uma realização particular do mundo contemporâneo, embora sem desligar-se totalmente da preocupação em entabular uma linearidade de origens *tradicionais* para a ficção científica.

Escritor do gênero, o autor da mais completa obra sobre ficção científica feita no Brasil⁴⁶ acredita na sua importância e autonomia, porém entende que há uma essência comum entre o que é feito e definido por ficção científica e outros textos importantes, de outras épocas, que conferem ao gênero a elegância de nomes ilustres na base de seu nascimento. Carneiro pensa haver características comuns entre “precursores” e “modernos”, bem como diferenças que conferem à ficção científica autenticidade plena ou parcial em

⁴³ Ibid. p. 63. Nota de rodapé.

⁴⁴ Ibid. p. 111.

⁴⁵ Ibid. p. 98.

⁴⁶ Trata-se do já citado: Introdução ao estudo da “Science-fiction”, publicado em 1967 e atual até hoje.

relação ao que foi produzido em outros momentos. Ainda que concorde com a idéia dos “precursores”,⁴⁷ ele observa uma importante mudança em algo que é um dos fundamentos para a ficção científica: a noção do tempo. “*É recente a noção de tempo como começamos a entendê-la agora. Entre o nascimento e a morte de um homem do nosso século, as condições de vida e de conhecimento mudaram mais do que em um milhão de anos no princípio da humanidade, ou quinhentos anos, para os nossos trisavós*”.⁴⁸

Essa observação é fundamental, pois une, sob uma mesma compreensão, a velocidade do avanço científico e a mudança na percepção individual de tempo, passíveis de serem centradas e apreendidas como uma das características típicas da ficção científica. É uma alteração que abriga um sentimento novo e autêntico, ocasionalmente reproduzido na ficção científica, o que evidencia a particularidade do gênero ao responder a preocupações específicas da modernidade. Carneiro percebe e relata essa novidade nos modos de entendimento sob o aspecto do tempo, argumentando que isso está relacionado à velocidade do avanço científico. Porém, não considera que isso seja suficiente para romper com a visão de uma linha ancestral, ligando os “precursores” à ficção científica em si mesma por intermédio da *tradição*, mesmo havendo diferenças de apreensão da realidade que impeçam um entendimento equivalente entre quem tem essas novas noções – a contemporaneidade – e quem não as tem – as épocas precedentes.

O escritor e químico Isaac Asimov, cujo trabalho de análise publicado no Brasil influenciou os estudos recentes feitos por brasileiros, compreende e prioriza as características diferentes que situam a ficção científica em sua época específica. O momento da ficção científica, para Asimov, tem início com o advento da Revolução Industrial, quando o avanço científico passa a se acumular de modo vertiginoso. O sentido de velocidade que aflora, propicia uma nova compreensão da realidade circundante para aqueles que a vivem. Os avanços científicos e tecnológicos implicam em mudanças materiais na vida das pessoas, mudanças em seus modos de vida. O volume de novidades técnicas num curto espaço de tempo altera drasticamente o cotidiano individual. Isso Asimov considera, tal como Carneiro, um fator muito importante, pois, “*uma mudança não constitui fato agradável. Os homens crescem acostumados a um determinado estilo de vida. Romper com hábitos arraigados, que se consolidaram, é um processo penoso, ainda que às pessoas imparciais uma mudança possa parecer algo no sentido de melhor*”.⁴⁹ Ele considera que o início da era de mudanças materiais e técnicas abundantes, a partir da Revolução Industrial,

⁴⁷ No seu estudo o autor dedica o 2º capítulo: *Das raízes à S. F. atual*, para exemplificar o que considera os momentos e autores anteriores da ficção científica designando-os como *pré-história*, *precursores*, *predecessores* e *antecessores*. CARNEIRO, André. *Introdução ao...* op. cit. p. 27-45.

⁴⁸ *Ibid.* p. 122

⁴⁹ ASIMOV, Isaac. *No mundo...* op. cit. p. 125.

modifica hábitos, transforma costumes e imprime indelévels marcas no mundo social. São verdadeiras cicatrizes psicológicas que levam consigo um sentimento de choque, de pasmaceira diante de algo novo.

É um estigma que pode ser temido ou admirado e, de toda forma, jamais ignorado. Tal choque, de intensidade dificilmente apreensível, é o próprio processo de surgimento de uma nova noção da realidade, uma noção que compreende a sucessão das mudanças em velocidade. De forma concomitante, surgem pessoas que se põem a imaginar narrativas que tivessem por tema o resultado desse encontro entre a velocidade do progresso científico-tecnológico e o ser humano. A importância dos avanços científicos como tema presta-se anexação ao campo das narrativas imaginárias, por se constituir em elemento de maravilhamento, substrato nutritivo para o impressionamento relevante do imaginário humano. Nesse sentido, a ciência é um elemento a mais para compor descrições e imaginações na esfera do fantástico, de modo que esse tipo de literatura poderia ser identificado como o húmus da ficção científica.⁵⁰

Todavia, a literatura fantástica possui inúmeras variantes e o componente científico da ficção científica a diferencia pela natureza de seu tema, o não fantástico ou o real. Asimov considera que o gênero nasce retratando um mundo sob influência da ciência, tendo assumido o lugar de outras formas de narrativas cujos temas eram outros que não a ciência. “*Deve ter existido alguma coisa anterior, algo que não seria ficção científica, mas satisfazia às mesmas necessidades*”.⁵¹ Isso em decorrência da mudança nos sistemas de crença, não completamente, mas de modo considerável e com intensidade, no século XIX, com a Revolução Industrial. A ciência assumiu uma importância e reconhecimento jamais vistos em toda a história da humanidade, igualando-se, de certa forma, à crença religiosa. Para ele, a ascensão da ciência influenciou a imaginação humana, propiciando um espaço no qual veio a se desenvolver a ficção científica. Um espaço de fantasia, mas uma fantasia original, diferenciada.

Observe-se que, tanto na concepção independente de Asimov, como na parcialmente dependente de Carneiro, em relação à *tradição*, são mencionadas *mudanças* nas condições de vida dos homens que se pode subentender como mudanças nas suas condições materiais. Isso porque ambos falam no avanço da ciência e em progressos tecnológicos ocorridos em curtos espaços de tempo, durante a existência de uma vida, e capazes de alterá-la. A transformação da noção de tempo, como sugere Carneiro, está baseada na velocidade com que essas mudanças ocorrem por causa de progressos tecnológicos. Junto com a ciência e a tecnologia, é o tempo que se acelera. A realidade

⁵⁰ TAVARES, Bráulio. op. cit. p. 12.

⁵¹ ASIMOV, Isaac. No mundo... op. cit. p. cit. p. 118.

ganha uma sucessão de acontecimentos acompanhada pela imaginação, que empresta uma velocidade criativa correspondente à velocidade da sucessão da ciência e de seus produtos tecnológicos derivados.

O sentido de mudança acelerada expande-se para alterações no futuro, em decorrência dos avanços na área científica. Sobre isso, muito já se criou. Tal imaginação está nos primórdios da ficção científica – quando não era assim chamada –, então denominada *Antecipação*. Essa designação, originada na França para definir o trabalho encetado por Jules Verne, guarda em si a possibilidade do ato de imaginar acertadamente o avanço próximo da ciência, ou ainda, fazer o mesmo em relação aos possíveis meios de utilização para conquistas científicas que já fossem, à época, uma realidade. Contudo, o que, eventualmente, foi uma acurada visão analítica de um autor sobre sua época, baseada em elementos reais, tornou-se sinônimo do profetizar. Ora a antecipação surgiu fundada em noções de futuro, de distância, de progresso e de velocidade particulares à sua época. Entretanto, sem que se saiba como essas noções eram entendidas em outras épocas, ou mesmo existentes, considerou-se possível procurar e encontrar a atividade de antecipar em qualquer uma delas. Rubens T. Scavone concorda em assim proceder; ele vê que “*no século II antes de Cristo, Luciano de Samos já havia lançado seu herói em direção à Lua, realizando pelo espaço a mesma viagem que séculos depois seria intentada pelos personagens burgueses de Jules Verne*”.⁵² Paralelos como esse, mesmo quando não tão aparentemente semelhantes, são usados para fundamentar a *tradição*, ainda que os modos de compreensão sobre as noções que propiciam a existência do antecipar sejam diferentes.

As diversas características apontadas como sendo da ficção científica, são utilizadas sem muito critério ou cuidados, permitindo imprecisão e confusão. As diversas denominações do gênero contribuem para a existência desses problemas. Ficção científica engloba imaginação e ciência, logo, narrativas com conteúdos científicos são agregadas ao gênero; antecipação pressupõe uma relação com o futuro e o misterioso, assim, imagens do que será em lugares a se descobrir também são incorporadas. Ciência, progresso, futuro, mistério, distância, velocidade são todas noções pertencentes à ficção científica, e todas utilizadas para balizá-la. Uma mínima referência a noções dessa ordem abre a possibilidade de tornar um texto, qualquer que seja, ficção científica. São noções muito difusas e indistintas, de modo que facilitam a incorporação. Em razão disso.

Ainda não se esgotaram as pesquisas sobre quais os mais antigos precursores da ficção científica. As citações nos fazem remontar à mais longínqua antiguidade. [...] Neferkephta, escriba de Ptolomeu, que parte pelo mundo à procura do livro da sabedoria, [...] a estória do mandarim chinês que ligou à sua

⁵² SCAVONE. Rubens Teixeira. Ensaio norte-americanos. São Paulo: Edart, 1963. p. 110.

cadeira três foguetes, para atingir os 'celestes domínios', [...] uma lenda medieval israelita, de um monstro chamado Golem. [...] Nessas velhas narrativas torna-se difícil situar os precursores, pois o empirismo da ciência da época pouco se diferenciava das crenças religiosas, metafísicas ou simples superstições.⁵³

Na dúvida ante a dificuldade em classificar textos, especialmente aqueles não explicitamente declarados⁵⁴ enquanto tais, alguns optam por incluí-los e outros por afastá-los da ficção científica. Todo o problema da indeterminação é gerado pela superficialidade com que os critérios escolhidos são empregados. Ignoram-se as particularidades históricas de cada época. São desconsiderados os modos próprios de pensar e as crenças dos vários momentos históricos, bem como suas relações com a realidade e com o que se considerava a realidade. Não se levou em conta a variedade possível de entendimentos sobre as noções de ficção científica e, até mesmo, ignora-se se essas noções existiam em uma ou outra época.

Isso parece nunca ter sido alvo de interesse, ao menos consistentemente, nos estudos publicados em língua portuguesa. No entanto, o entendimento da ficção científica deve passar pela consideração das diferenças históricas, diferenças de escritura, leitura e entendimento das narrativas imaginadas. A ficção científica deve ser entendida não por suas similitudes com outras épocas e seus autores, mas pelo que ela tem e transmite de sua própria época, pelo que tem de diferente e de original.

⁵³ CARNEIRO, André. *Introdução ao...* op. cit. p. 27.

⁵⁴ Com explicitamente declarado quero dizer a afirmação de inclusão na ficção científica seja do autor, do(s) editor(es), ou do(s) analista(s) do gênero.

2. FICÇÃO CIENTÍFICA: RETRATO CONTEMPORÂNEO DO MUNDO MODERNO

Existem algumas temáticas às quais a ficção científica constantemente se referencia, tais como as ciências, os seus progressos, a velocidade, o tempo, as distâncias. Atentando para essas referências, suas relações com momentos históricos, o modo como são compreendidas e interpretadas, pode-se extrair algum balizamento didático para estipular o que é, ao que e a que tempo se dirige a ficção científica. Os referenciais do gênero – suas balizas – constantemente são mal utilizados por muitas das análises sobre ficção científica ou não são devidamente inter-relacionados, levando a imprecisões e incoerências sobre o que vem a ser ficção científica.

O entendimento da ficção científica se inicia pela compreensão das situações e do momento que a tornou possível, identificável e denominável. Para tanto um bom começo seria atentar para o tema central da ficção científica: o progresso da ciência. Os estudos sobre o gênero utilizam indiscriminadamente a noção de progresso, tomando-a a priori como noção “natural”, de forma a ser compreendida igualmente ao longo da história. Assim, a idéia do avanço científico é recebida como um contínuo acúmulo de conhecimentos destinados a um fim, qual seja, o do conhecimento amplo de toda a realidade observável. O senão é o emprego da idéia como uma compreensão que tange todas as épocas. Os estudiosos da ficção científica sabem que esta é uma literatura de imaginação sobre o progresso científico, contudo, ao olhar para o passado, observam o caminho desse progresso e deduzem que este foi uma preocupação constante aos homens de então, passível de interessá-los e fazê-los retratarem o passado em criações literárias de imaginação.

Ocorre que a noção de progresso não foi compartilhada por todos os viventes que pela Terra andaram. É uma idéia relativamente recente, que predispõe uma concepção nova frente a realidades até então estáticas geridas por deuses e determinismos mitológicos e religiosos. Foi necessária uma grande mudança do pensamento humano para que fosse percebido nas mãos humanas o poder de criar, de transformar, de modificar as coisas do mundo, sendo que, antes, esse era um privilégio unicamente concebido como pertencente às divindades. Precisou-se que fosse posto em oposição a um universo cuja “natureza” é incapaz de ser afetada pela humanidade, a capacidade desta interferir na natureza segundo a sua vontade. Houve a mudança de percepção de um mundo fechado, inalterável, criado e gerido por deuses, portanto estático, para um outro que, aceitando a intervenção humana, aceitasse um mundo aberto, passível de mudanças impetradas pelo homem, pois, “*a fé no*

progresso surge quando a sociedade, a cultura, a história são compreendidas como obra humana".⁵⁵

Entretanto, somente no Renascimento é que se esboça uma primeira noção de progresso. Trata-se de uma noção que via na arte de pintores e escultores italianos "os termos de um desenvolvimento ascendente, de uma progressão [...] sob a dimensão ética e estética da realização da pessoa na figura do artista".⁵⁶ Essa noção primitiva do progresso baseava-se no entendimento de que o homem poderia influir artisticamente no belo, em busca da perfeição estética. No intuito do aprimoramento, uma tentativa sucedia outra, em um acúmulo de conhecimentos que permitiu surgir a noção da realização avante, para melhor.

Mesmo assim, segundo Eduardo Subirats, essa noção de progresso não é a mesma que se encontra no mundo contemporâneo, pós Iluminismo, mais atento às realizações, no âmbito material, do progresso tecnológico e científico, afinal, "*não é a arte, mas a economia monetária, as ciências e a tecnologia as que sustentam o processo histórico como um desenvolvimento ascendente de ampliação, de acumulação, enfim, de progresso*".⁵⁷

O ideal de progresso científico adquiriu precedência sobre o progresso humano dos renascentistas, por ter capacidade de propiciar ganhos monetários e materiais ao desenvolvimento capitalista. Na medida de seus lucros, fomentaram o desenvolvimento técnico-científico, estabelecendo uma proveitosa parceria do ponto de vista do capital. Afinal, o avanço capitalista "*se define de acordo com uma concepção quantitativa de acumulação de dinheiro ou de dispositivos técnicos*".⁵⁸

Os estudiosos da ficção científica baseiam-se muito nos progressos da ciência quando pretendem realizar alguma análise do gênero ou definir suas origens. Um grande equívoco é supor tal compreensão de progresso anterior ao surgimento de sua noção, ou seja, antes que existissem os meios intelectuais para compreendê-lo e identificá-lo. Sobre isso, Asimov argumenta o que representa tal ausência de uma noção de progresso científico: "*Em 1637, Cyrano de Bergerac sugeriu que uns foguetes poderiam ser empregados como meio de alcançar a Lua. Mas seu herói não se utilizou deles*".⁵⁹ Ou seja, não havia um claro entendimento de que o progresso material da ciência fosse capaz de solucionar o obstáculo, pois justamente essa realidade de realizações tecnológicas baseadas na ciência não era a de Bergerac. Sua referência para trabalhar a imaginação

⁵⁵ SUBIRATS, Eduardo. Quando o princípio de realidade é ficção científica. In: Folha de S. Paulo. São Paulo, 12 mai. 1985, Caderno Folhetim, p. 5.

⁵⁶ Id.

⁵⁷ Id.

⁵⁸ Id.

⁵⁹ ASIMOV, Isaac. No mundo... op. cit. p. 220.

compartilhava o conhecimento identificável como científico a outros, como por exemplo o mágico. Desse modo, o momento histórico em que a ficção científica foi possível deve compreender o significado de progresso científico, situação que se verifica a partir do Iluminismo e, caso se deseje considerar as primeiras noções de progresso, a partir do Renascimento.

Para os iluministas, sua época foi a síntese entre o ideal de progresso humano do Renascimento e o progresso material da ciência.⁶⁰ Ambos os ideais fundiram-se em uma expectativa positiva em relação ao homem, centrando-se na ciência e em seus avanços materiais. O crescimento da importância da ciência atingiu seu auge no século XIX, quando “quase conseguiu estabelecer uma hegemonia à medida que o seu prestígio aumentava, como resultado do movimento positivista, e de novas generalizações excitantes resultantes da geologia, da biologia e mesmo da física”.⁶¹ A quase hegemonia da ciência de que fala Baumer, deveu-se a divergências com outros pensadores e correntes filosóficas e “com os homens de letras em geral. [Mas, mais importante foi] o facto de a própria ciência se estar fragmentando em ciências”.⁶²

Porém, esses embates ocorreram muito mais na alçada dos pensamentos. Na vida comum exterior ao pensamento filosófico, o progresso da ciência materializava-se de uma forma inédita e, ao menos aparentemente, exibia a ciência de forma hegemônica. A população europeia vivia e sentia nos primórdios do século XIX os efeitos da utilização dos meios tecnológicos pela Revolução Industrial. Seus efeitos sociais e nos modos culturais de vida provocaram profundas mudanças na relação do homem com o mundo. “Em geral, os Europeus do século XIX estavam conscientes, muito mais do que seus antecessores, da aceleração da vida moderna”.⁶³

As criações derivadas das máquinas a vapor ampliaram de um modo até então desconhecido as capacidades físicas e sensitivas dos homens. Eram mais rápidas e produziam mais, inserindo uma nova noção de tempo e espaço para as pessoas em contato com tais novidades. Diminuíam distâncias aproximando os lugares e criavam mais em menos tempo, exigindo correspondência humana ao que a máquina era capaz de fazer, cobrando um aumento na atividade diária do ser humano. A velocidade, característica das mais marcantes na ficção científica, tornou-se um componente obrigatório na nova ordem capitalista em afirmação. A percepção da aceleração nos modos de vida foi possível pela realidade de uma pressão nascida do progresso científico, aliado à estrutura econômica capitalista. Uma realidade de modificações e alterações nos padrões de vida, bem como nas

⁶⁰ SUBIRATS, E. op. cit. p. 5

⁶¹ BAUMER, Franklin L. op. cit. p. 15.

⁶² Id.

⁶³ Ibid. p. 16.

sensações que as mudanças causavam aos sentidos humanos e às formas culturais de medir o mundo.

Os avanços científicos, ocorridos em intervalos cada vez mais reduzidos, propiciaram ao indivíduo ordinário conceber um mundo mutante, onde os aspectos de sua realidade eram modificados sem avisos, rapidamente. Seus pontos de referência ao nascer, deixavam de existir ou ficavam estranhos, enterrados sob uma nova fábrica ou atropelados pela linha de um trem. Durante a vida, se lhe apresentavam novas referências às quais era obrigado a se adaptar. A mudança tornou-se uma constante. A paisagem estática, de poucas novidades, deixava de existir, substituída pela atividade crescente do progresso científico, concretizada pelas suas realizações tecnológicas. Gradualmente, todos os aspectos da existência foram perturbados pela onda de progresso numa maré de mutações.

A suplantação dos limites físicos do homem pela máquina, tornando-o mais rápido, mais forte, mais “alto”, mais resistente, modificou suas percepções nas dimensões tempo-espaciais. Menos tempo para fazer mais coisas, menos tempo para percorrer bastantes lugares. As distâncias ficaram menores e, portanto, o distante aproximou-se. Todas essas mudanças constituíram uma nova atmosfera para o pensamento humano, o ritmo rápido das mutações contribuiu, por antagonismo, para a construção de uma percepção do ritmo lento e da estagnação, a velocidade criou a letargia; com isso, a realidade humana transformou-se em um modo de ser, cujo âmago é a própria espera de novas mudanças. Mudar passou a ser uma “contingência” do dia a dia, passou a ser uma atividade aguardada e comum, a tal ponto que, sem novas mudanças poderia haver outro choque como o que a Revolução Industrial – materialização do progresso científico – realizou a partir do século XIX.

A Revolução Industrial corporificou, no mundo social, a realidade de um mundo administrado pelo progresso científico. Por outro lado, em meados do século XIX, as grandes exposições universais, exibindo as capacidades do avanço técnico, contribuíram para reafirmar a preeminência da ciência como estrutura de organização ou normatização da sociedade e estimular a imaginação sobre as possibilidades de realização “ainda” não alcançadas pela ciência. Sobre isso, Francisco Foot Hardman aponta como foram importantes as exposições, principalmente quanto às expectativas positivas atreladas ao que esses eventos representavam sobre o papel decisivo do progresso científico.

Os catálogos e relatórios desses eventos [as exposições universais] iluminam de forma ímpar vários aspectos do otimismo progressista que impregnava a atmosfera da sociedade burguesa em formação. [...] O que mais impressiona, contudo, é o número elevado de exibidores e, em especial, de visitantes, presentes aos milhões, indicando o forte atrativo que representavam essas festas da modernidade.⁶⁴

⁶⁴ HARDMAN, Francisco Foot. O trem fantasma: a modernidade na selva. São Paulo: Cia. das Letras, 1988. p. 49-50.

A população européia estava imersa em demonstrações dos efeitos do progresso científico, tanto concreta, como imaginariamente. A realidade das transformações sociais operadas pela entrada das máquinas no mundo do trabalho, mais o exibicionismo das criações tecnológicas destinadas a fazer parte do contexto social industrial – tais como o fenômeno dos couraçados, sofisticadas máquinas do século XIX e signos navais da potência de um país⁶⁵ – trouxeram às pessoas que viviam essa realidade um ambiente novo, que suscitou – ou antes, exigiu para adaptarem-se – noções novas.

É a partir dessas novas noções propiciadas pela velocidade do avanço tecnológico e de sua exibição, criada no século XIX, que Asimov entende o nascimento da ficção científica, como um retrato ficcional de um mundo mutagênico em sua essência. Para o escritor, o gênero só é possível com o advento da Revolução Industrial por intermédio de mudanças causadas em velocidade, ou seja, num curto espaço de tempo, capazes de atingir e “danificar” os referenciais estáticos do indivíduo no transcorrer de sua existência. De outro modo, sem essas íntimas noções de velocidade e mudança, a ficção científica dificilmente seria possível, ou seria algo diferente do que é. Houve:

um momento em que o fogo foi dominado, a agricultura desenvolveu-se, a roda foi inventada e criados o arco e a flecha. Tais invenções, entretanto, advieram a intervalos tão longos, estabeleceram-se de um modo tão lento, disseminaram-se tão demoradamente de seus pontos de origem que o ser humano individual não foi capaz de perceber qualquer mudança no decurso de sua vida.⁶⁶

No século XIX a ciência alcançou uma importância inédita na história da humanidade, dominando ou pretendendo dominar o pensamento filosófico de então e, apresentando-se ao mundo, primeiramente europeu, através de suas concretizações “palpáveis”, atestadas nos efeitos sociais da Revolução Industrial, levando “*indignação, espanto e encantamento, às criaturas saídas do moderno sistema de fábrica*”;⁶⁷ bem como “visíveis”, observadas nos couraçados e nas exposições universais da metade do século XIX em diante, onde “*as massas maravilhavam-se ante os novos espetáculos mecânicos*”.⁶⁸

Todas as esferas da realidade, da material à imaginária, tornaram-se objetos de estudo da ciência que, pretendendo auferir a maior quantidade possível de conhecimentos, inclusive sobre o passado, privilegiou como importante ciência a História, possibilitando a originalidade do século XIX em pensar o mundo em termos históricos.⁶⁹ A aceleração da vida moderna foi responsável por dar à História “*um sentido do movimento incessante da*

⁶⁵ Sobre a importância dos couraçados no século XIX ver: COSTA, Vidal A. de Azevedo. *Ecos de guerra: fragmentos de uma temporalidade moderna?*. Tese de doutoramento em andamento a ser concluída em 2002.

⁶⁶ ASIMOV, Isaac. *No mundo...* op. cit. p. 123-24.

⁶⁷ HARDMAN, Francisco Foot. op. cit. p. 24.

⁶⁸ *Ibid.* p. 52.

⁶⁹ BAUMER, Franklin. op. cit. p. 20.

vida humana, de mudança e desenvolvimento contínuo".⁷⁰ O objetivo de acumular conhecimentos tanto do mundo natural, como do passado humano, o sentido adquirido de progresso positivo contínuo, possibilitaram ao homem olhar para o seu passado e enxergar e deduzir um progresso que culminou no século XIX, entusiasmado com suas realizações tecnicamente prodigiosas em comparação com o observado anteriormente.

Concebendo a trajetória de progresso cumulativo do passado até seu presente, o homem oitocentista pôde imaginar a seqüência seguinte de progressos tomando sua época como ponto de partida. A nova visão aplicada sobre a história, com lentes de progresso científico e mudanças contínuas e velozes, substituiu uma concepção absoluta do estado das coisas por uma outra que concebia evolução em tudo – "*acreditava-se que agora o próprio Deus 'evolua' juntamente com o homem*",⁷¹ – num processo que Franklin Baumer denomina "devir", um contínuo vir a ser, mais do que nunca, comprometido com preocupações referentes ao futuro.

Mas esse é um futuro com um novo entendimento e importância. Ernst Cassirer nos lembra que o futuro é uma preocupação constante dos homens em toda sua história e mesmo antes. Ele argumenta que até animais possuem planejamento de ações a tomar que envolvem o futuro. Contudo:

o futuro avistado pelo homem estende-se por uma área muito mais ampla, e seu planejamento é muito mais consciente e cuidadoso. Mas isso ainda pertence ao domínio da prudência, não ao da sabedoria. O termo 'prudência' (*prudentia*) está etimologicamente ligado a providência (*providentia*). Significa a capacidade de prever eventos futuros e preparar-se para as necessidades futuras.⁷²

A capacidade de prever e de preparar-se para necessidades depende das capacidades mentais e materiais de cada homem dentro de sua época. A noção de futuro comporta distâncias e abriga realidades. Isso não é considerado pelos genealogistas da ficção científica quando afirmam que esta é uma escrita sobre o futuro. Afinal, prevenir-se e preparar-se são ações que se baseiam em realidades. Preparar-se para quê, em relação a quê? Se for comida diante da seca, um homem neolítico precisará se preocupar com a caça para suprir sua comunidade familiar, não lhe passará pela cabeça produzir vegetais hidropônicos em estações orbitais para alimentar dez bilhões de bocas.

O futuro está imerso nas crenças do momento histórico. Considerando que apenas após o Iluminismo a mentalidade religiosa perdeu influência, há que se considerar que o futuro esteve durante muito tempo predominantemente vinculado à religião. Cassirer

⁷⁰ Ibid. p. 21.

⁷¹ Id.

⁷² CASSIRER, Ernst. Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p. 93.

discorre sobre o futuro “profético” expresso por profetas religiosos que “*não se contentavam em prever simplesmente os eventos futuros ou se prevenir contra males futuros. [...] O futuro de que falavam não era um fato empírico, mas uma tarefa ética e religiosa*”.⁷³ Existem diferenças entre noções de futuro relativas às diferenças de credo e mentalidade entre as épocas históricas. A construção do futuro sob a ética religiosa difere dos “fatos empíricos”. Isso quer dizer, o futuro de fatos empíricos, poder-se-ia dizer, o futuro racional e científico, é uma construção concomitante ao estabelecimento da ciência como mentalidade importante, de influência considerável. Pode-se acrescentar as noções de progresso e mudança ante a velocidade desse progresso para esclarecer que o futuro empírico é uma obra humana, é a consciência de que o homem cria sobre suas invenções, progride numa trajetória de mutações, acumula conhecimentos, e é a partir dessa sua obra, que nasce uma concepção de futuro que depende dele mesmo. A preparação ante o futuro deixa de se basear, de se referenciar em uma realidade estática e absoluta, para o fazer sobre uma realidade mutante, criada pelo homem. O futuro passa a ter bastantes possibilidades de realização e variação, posto que depende da mente humana e de sua vontade, permitindo mais amplos vôos de imaginação. É sobre esse futuro e a partir do momento em que se tornou concebível, que a ficção científica cria seus mundos imaginários.

As mudanças do pensamento humano voltado para as possibilidades abertas pela ciência culminaram no século XIX – talvez com o máximo esplendor e certeza da capacidade da ciência em submeter o mundo natural à vontade do homem –, criando uma nova realidade com normas e parâmetros distintos das de quaisquer outras épocas. Conjuntamente, foi estabelecida uma relação com a imaginação igualmente nova. No entanto, essa nova relação com o progresso científico é responsável pelo acúmulo de conhecimentos e pela complicação, correspondente, na capacidade de explicá-los. Evidentemente existem as formas palpáveis e visíveis de encontrar os efeitos do progresso científico no convívio, principalmente com seus produtos tecnológicos, mas foi tornando-se cada vez mais complicado entender como eles ocorreram, funcionavam e eram possíveis. O século XIX apresentou as capacidades científicas, mas, ao mesmo tempo, instaurou uma barreira dificilmente transponível, através da especialização dos saberes:

A ciência passa a ser muito complexa; ela não mais se preocupa em explicar o mundo, conquanto se estabeleçam algumas filosofias a partir dos seus dados (o positivismo, o cientificismo...). Ela se dedica aos problemas por setores mais e mais de ponta, para usarmos uma expressão moderna, onde só os especialistas têm condições de se aventurar.⁷⁴

⁷³ Ibid. p. 94.

⁷⁴ VIERNE, Simone. op. cit. p. 80.

A onda científica do século XIX provocou espanto, receio, admiração e esperança. Sua presença assinalou mudanças e decretou uma inexorabilidade de realização. Independente das recepções que teve, a ciência consumou-se como um elemento importante na vida diária e ordinária. O aspecto recorrente de novidade dos produtos científicos exasperou os sentidos, fato que se comprova com as alterações nas dimensões e medidas do tempo e do espaço. Chamavam a atenção, fosse temerária ou entusiasmadamente para as suas realizações, porém, diante da linguagem – igualmente alterada em decorrência do progresso científico – cada vez mais complicada, houve a necessidade de que fosse criada uma transposição inteligível e compreensível para a linguagem comum. Cumprindo esse objetivo, surgiu a figura do vulgarizador de ciência, que “traduzia” os complicados dizeres científicos em formulações lingüísticas mais simples, utilizando, para isso, imagens e exemplos passíveis de serem entendidos por qualquer um, modificando as teorias numéricas e conceituais para algo que contivesse “imagens” de efeito comparativo com a realidade comum. Desse modo:

uma categoria de escritores se esforçam nesse sentido, pois a ciência fascina, e isso obviamente tanto mais porque ela parece misteriosa, e também porque ela modifica, por suas aplicações práticas, e a uma velocidade sempre crescente, as circunstâncias que envolvem o homem. Daí, sobretudo na segunda metade do século [XIX], o extraordinário prestígio das obras de vulgarização [por exemplo, Figuiet, Simonin, Zurcher e Margollé, Flammarion...]. Tratava-se de colocar o discurso científico ao alcance do profano.⁷⁵

A vulgarização foi empregada como um efeito literário para conseguir simplificar as complicações inerentes ao discurso científico. Esse trabalho foi desenvolvido, notadamente, por indivíduos entusiasmados com as realizações da ciência, na esperança de ampliar o número de “partidários” e difundir, como jesuítas entre nativos americanos, o texto “da verdade e da salvação”. A difusão da complicada “sabedoria” passava por uma catequese amenizada, muitas vezes, pela utilização da escrita literária, ou seja, escrevia-se ciência literariamente. Não demorou para o caminho ser trilhado no sentido inverso, o de textos literários científicizados.

Simone Vierne relata que Jules Verne escreveu a seu pai dizendo, “já em 1854: *‘Percebo sistemas novos’*”.⁷⁶ A idéia de Verne era levar a ciência na bagagem de uma literatura de aventuras, em que, aos poucos, o conhecimento científico era introduzido. “Os romances de Júlio Verne têm a missão de desempenhar o papel das enciclopédias e das obras de vulgarização, mas com os meios próprios da literatura”.⁷⁷ Por conseguinte, na literatura foi encontrado o meio conveniente de atrair um grande público, mormente o

⁷⁵ Ibid. p. 81

⁷⁶ Ibid. p. 87.

⁷⁷ Id.

infanto-juvenil, posto que de linguagem acessível, para o universo de aprendizado e convivência com a ciência. Verne depositava, como missão de vida, nesse objetivo de preparar para o futuro, todas as esperanças da realização do progresso científico. Entrementes, ele não apenas divulgava ciência entre suas aventuras, mas anunciava as possibilidades de realização e aplicação futuras da ciência. Foi esse o ponto de partida para a Antecipação que pretendia fazer. Isso, para Verne, não era nada mais além de projetar, com fina análise, a partir dos últimos avanços técnicos de sua época. Não há como saber quantas almas foram influenciadas e atraídas para o sonho do avanço técnico positivo, quantas vocações científicas ou simpatizantes da ciência afloraram de seus textos. Porém o certo é que, muitos outros sentiram-se impelidos a repeti-lo, ou melhor, a reproduzir o seu exemplo de “antecipar” cada novo avanço científico.

Entretanto, o “choque” causado pela ciência não teve apenas repercussões positivas. Como nos lembra Baumer, o século XIX não teve, na ciência, a confluência hegemônica do pensamento. O XIX abrigou uma multiplicidade de correntes filosóficas que o autor divide em quatro principais.⁷⁸ Suas concepções iam das mais entusiasmadas com a ciência às mais reticentes e reservadas, contrárias inclusive. Essa diversidade de pensamentos refletiu-se na literatura de imaginação. Nem todos que romancearam a ciência o fizeram compreendendo seu avanço positivamente. Wells, o outro pai da ficção científica, escrevia seu desgosto e pessimismo ante a industrialização e o desenvolvimento capitalista que testemunhava.

Isso porque sua observação recaía sobre o impacto social do avanço científico, e jamais foi sua preocupação divulgar a ciência e ser cientificamente correto – sobre isto, Verne fez intensa crítica à obra de Wells.⁷⁹ Wells apenas utilizou a noção do avanço veloz da ciência para descrever como poderiam também, progredir a exploração, a miséria social e o sofrimento humano. Com a intenção de imaginar possíveis implicações derivadas da ciência, e antes de Verne e Wells o fazerem, em 1817, Mary Shelley escreveu o romance *Frankenstein*, narrando quais as conseqüências, para o homem, quando, por intermédio da ciência, este interfere na natureza e nas “leis” naturais.

Procurando localizar os três autores nos momentos em que escreveram, dentro do século XIX, é possível encontrar correspondência com os quatro “mundos” de pensamento oitocentista, enunciados por Baumer. Shelley pertenceu ao “*mundo romântico*”, religioso e metafísico, humanizando e espiritualizando a natureza, escrevendo sobre uma intervenção “abusada” do homem na natureza, afrontando algo que desconhece e que merece mais

⁷⁸ Para o século XIX o autor estipula: O *Mundo Romântico*; o *Mundo Neo-Illuminista*; o *Mundo Evolucionário* e o *Mundo Fin-de-siècle*. BAUMER, Franklin. op. cit. p. 16-19.

⁷⁹ CARNEIRO, André. *Introdução ao...* op. cit. p. 41-42.

respeito; Verne, a partir do “*mundo neo-iluminista*”, o mais otimista, via na ciência a esperança da humanidade para controlar o mundo e obter um futuro mais brilhante, redigindo justamente sobre e para o maior aprofundamento dessa esperança na realidade humana; e por fim Wells, do “*mundo fin-de-siècle*”, cheio de dúvidas, desiludido com a ciência em geral, detectando forte elemento irracional na natureza humana, descrevendo com pessimismo o enlace do homem com a ciência.

São percepções e interpretações divergentes e variadas partindo de um mesmo evento, o avanço, em larga escala, da ciência como outra forma de explicar a realidade, bem como os efeitos acompanhantes desse evento: o progresso tecnológico, o aumento da velocidade no ritmo de vida, a nova rotina de mudanças e as novas concepções sobre o tempo, o futuro, o próprio progresso e as distâncias. É esse novo fator que “choca” as estruturas quase estáticas de outros tempos, que cria novas referências, modifica outras e abre espaço para novos pensamentos e, também, novas imaginações. Nesse ambiente conturbado, perplexo e assustado, formaram-se os elementos que propiciaram o surgimento da ficção científica.

Por certo que há similitudes entre características do novo gênero com características encontradas em outros períodos, dentro de outras formas de escrita. Contudo, não há nada que possa consubstanciar o uso de *tradições*, não há nada que esteja perpetuado inalteradamente na ficção científica. Houve mudanças e a inclusão de novos elementos que construíram algo totalmente novo e original, justamente como ocorreu com a ciência a partir do Iluminismo, triunfando no século XIX. A ficção científica deve algo à sátira, não há dúvidas; o gênero, de fato, tem bons exemplos desse uso, mas Jules Verne não fez sátira em seus textos, ele romanceou a divulgação científica como nenhuma outra época poderia fazer. Nesse objetivo, ele influenciou uma série de outros autores, muitos deles lhe atribuindo paternidade de uma “corrente” dentro da ficção científica: aquela mais preocupada com a realidade científica, mais ligada aos conceitos e à lógica da ciência.

O tema do futuro é fundamental, mas não houve, em época alguma, uma noção do tempo que permitisse conceber atravessá-lo, como fez Wells. O conteúdo científico figura como tema em diversos momentos, mas nunca incorporou a compreensão de seu progresso veloz, como foi feito no século XIX, vencendo distâncias e encurtando o espaço e o tempo. As noções da realidade mudaram e, com elas, os meios de imaginar.

3. A FICÇÃO CIENTÍFICA NO BRASIL

As diferentes formas de descrever e imaginar o veloz progresso científico do século XIX deram origem a correntes estilísticas e idiossincráticas correspondentes aos conflitos de pensamento apontados por Franklin Baumer. A heterogeneidade de considerações sobre a expansão científica reflete-se nos meios pelos quais a ficção científica retrata, imagina e dialoga com essas considerações. Contudo, essa diversidade de pensamentos chega a ser ignorada e é polarizada – no gênero – entre uma visão otimista e uma visão pessimista da ciência, que opõem escritos mais vinculados à realidade científica e ao seu desenvolvimento e os desinteressados com a veracidade científica e mais dispostos a priorizar caracteres humanos.

Esses dois pólos opostos de tratamento literário são relacionados, respectivamente, às temáticas de Verne e Wells. Isaac Asimov e L. David Allen – autores utilizados com recorrência pelos estudiosos brasileiros – são, possivelmente, os mais preocupados em demonstrar a especificidade e particularidade da ficção científica para os séculos XIX e XX. Ambos referenciam-se a essa polarização orientando suas análises de modo que as considerações antepondo ciência boa e ciência má tornam-se um importante referencial para organizar e classificar a variedade no interior da ficção científica. A noção de que Verne é um otimista enquanto Wells é um pessimista mostra-se incompleta quando observados seus textos de conteúdo contraditório ao que lhes é freqüentemente atribuído.⁸⁰ As perspectivas conflitantes acerca da ciência citadas por Baumer, não são estanques e permeiam o pensamento tanto de Verne como de Wells. Porém isso é esquecido e ambos acabam figurando como emblemas de correntes partidárias e oposicionistas da ciência nas temáticas de ficção científica.

Essa separação, primordialmente sem critérios muito bem definidos, revela parte do conflito instalado entre o racional e o irracional já a partir do Iluminismo.⁸¹ Em princípio se estabelece que os escritos de ficção científica posicionam-se de modo favorável ou desfavorável em relação à ciência, o que implica em maior ou menor, se não nenhuma, aceitação das possibilidades de realização científica. Nessa divisão é recorrente a caracterização quase imediata de uma certa aproximação à conceituação científica dos seus entusiastas revelada em suas histórias, ao passo que os oposicionistas, temerosos dos efeitos da ciência, não a tratariam coerentemente, procurando se afastar da lógica de suas

⁸⁰ Sobre o pessimismo no início da obra de Jules Verne, ver VERNE, Júlio. Paris no século XX. São Paulo: Ática, 1995 e sobre o otimismo de H. G. Wells, ver BAUMER, Franklin L. op. cit. p. 236 que cita o livro *The new machiavelli*, de 1910, como exemplo do otimismo do escritor inglês.

⁸¹ MARGNY, Jean. Relações entre a ciência e o irracional na literatura fantástica e na ficção científica anglo saxônica. In: VIERNE, Simone. et. al. op. cit. p. 119.

conceituações, ironizando-a ao exagerar as possibilidades de suas realizações ao mesmo tempo em que dariam maior atenção aos efeitos produzidos sobre o homem.

A conhecida definição de L. David Allen sobre ficção científica revela os meandros desse conflito. Ele estipula quatro áreas para o gênero, cada uma com ramificações internas. A primeira, denominada FC *Hard* (pesada), é atribuída aos escritos sobre ciências exatas, buscando acompanhar o mais possível a lógica existente nestas ciências. É o ramo conservador da ficção científica, que se considera derivativo do trabalho de Jules Verne. A segunda área, dita FC *Soft* (leve), tem nas ciências sociais ou humanas seu objeto de criação. Não prioriza aspectos tecnológicos, mas antes, as reações humanas aos possíveis avanços desse tipo ou os conflitos humanos em um mundo cujos grandes avanços técnicos são uma realidade. Considera-se H. G. Wells o ícone desse tipo de ficção científica. Em seguida, vem a Fantasia Científica que, pressupondo um mundo radicalmente diferente do conhecido pela ciência, tem uma ordenação baseada na idéia de que há uma coerência extraída do mundo natural de um outro tipo, com outras leis. Essa área exige, como a ciência, uma lógica de funcionamento da realidade capaz de ser descoberta por alguma metodologia de investigação. Por fim, há a Fantasia, de mínima ou nenhuma ligação com a ciência; sem preocupações com universos ordenados, como as outras áreas descritas, serve, antes, como um espaço limítrofe para a ficção científica.⁸²

Essa classificação pauta-se pela existência de algum laço com a racionalidade, o progresso científico e a realidade da ciência como segundo poder de crença do homem,⁸³ incorporando a divisão estabelecida pela ciência entre o que é racional e irracional. Exclui-se do gênero os escritos cujos referenciais são tidos como irracionais e que não relacionam-se, de modo algum, com a racionalidade científica, de forma que a aura de fantasia seja descartada e a ficção científica assuma ares de literatura até certo ponto racional. Foi a ciência que estipulou um campo de seu domínio denominado razão, assumindo como “verdade” o que dissesse por seu intermédio. Conseqüentemente, a tudo o que lhe escapasse do controle, para examinar e explicar, chamou irracional, portanto, mentiroso e fantástico. A ciência se opôs ao fantástico, e atrelando-se à ciência, a ficção científica também.

No conflito entre racionalidade e irracionalidade, e entre ficção científica e fantasia, pela hegemonia na organização e normatização do mundo e das pessoas, seja concreta ou imaginariamente, há, no mínimo, parcial domínio da ciência em denominar verdades. Afinal, até a *“Igreja, a princípio reticente, deixou-se finalmente convencer pelo racionalismo do meio, e hoje em dia os próprios teólogos se revelam cada vez mais céticos em relação a*

⁸² ALLEN, L. David. No mundo da ficção científica. São Paulo: Summus, 1974. p. 21-28.

⁸³ CASSIRER, Ernest. op. cit. p. 337.

fenômenos sobrenaturais".⁸⁴ Logo, a ciência pôde denominar verdades e mentiras, e a ficção científica pôde imaginar futuros e mundos verdadeiros e opor-se aos futuros e mundos mentirosos da fantasia.

Essa polarização concentra e reduz a variedade de pensamentos e considerações sobre a ciência do século XIX em posições fechadas e maniqueístas entre o que é e o que não é científico e, de um modo geral, incorpora tudo o que mencione ciência, ancorando isso no seu progresso. Desse modo, todas as correntes concentradas entre favoráveis e antagonistas da ciência, de uma forma ou de outra, serão encontradas e se desenvolverão onde houver e se pratique os avanços científicos. Há uma reciprocidade entre progresso científico-tecnológico europeu e o surgimento da ficção científica no século XIX. Depois, com o desenvolvimento técnico-econômico dos EUA após a Primeira Guerra Mundial, a ficção científica passou a acompanhar esse desenvolvimento no qual teve cunhada sua denominação definitiva e onde alcançou a maior difusão entre as populações de todo o mundo, principalmente com a incrementada indústria editorial e cinematográfica norte-americana. Ao desenvolvimento técnico-industrial da antiga União Soviética e da França seguiram-se importantes contribuições na literatura do gênero, e ao crescimento vertiginoso do Japão no pós-guerra correspondeu uma intensa produção da ficção científica no tocante aos quadrinhos e desenhos animados.

No Brasil, há relativamente uma produção substancial comparada à Argentina e bastante significativa em relação aos nossos vizinhos latinos, de um modo geral, marcada primordialmente pelos eventuais surtos de produção e publicação que aqui ocorrem, entre os quais o fenômeno dos anos 1960 que levou o Brasil a ser considerado referência para a ficção científica de língua portuguesa e latino americana.⁸⁵ A importância que assumiu a ficção científica no Brasil pode ser associada ao maior desenvolvimento técnico industrial do país, se não realmente, ao menos na imaginação. Fato que se evidencia desde o século XIX quando "*o Império do Brasil fez-se representar nas exposições universais desde os primeiros eventos*".⁸⁶ Os contatos com o fenômeno europeu das exposições, com as demonstrações dos imponentes couraçados e com os ideais de progresso científico não tiveram o mesmo vulto e significação do ocorrido na Europa, mas existiram aqui também e talvez tenha influenciado, em 1875, o trabalho de Augusto Emílio Zaluar, *O Dr. Benignus*. O texto está sintonizado com os ventos do progresso europeu, possui os elementos dos escritos de vulgarização científica e recende ao trabalho pioneiro e contemporâneo de Jules

⁸⁴ MARIGNY, Jean. op. cit. p. 120.

⁸⁵ Sobre isto ver: CASTEL-BRANCO, R. A. F. A "ficção científica" na literatura, no cinema, no rádio e na televisão e a sua projecção em Portugal e no Brasil. In: Boletim da Sociedade de Estudos de Moçambique. Lourenço Marques, jul./dez. 1967, vol. 38, ns. 15-153. p. 309-37.

⁸⁶ HARDMAN, Francisco Foot. op. cit. p. 67.

Verne. Com claras intenções didáticas, mas também com o propósito de revelar o estado de abandono do interior brasileiro, o Dr. Benignus é um representante dos entusiastas da ciência que querem disseminar a ciência em todos os lugares, ele deseja levar a ciência a conhecer o Brasil e sonha com o desenvolvimento de indústrias, infra-estruturas e colônias agrícolas em Goiás e Minas Gerais:

Por que motivo então se não há de aproveitar este torrão abençoado, atrair para ele a vida e o trabalho e criando com eles as forças das grandes energias, que originam a circulação dos capitais, os prodígios da indústria, as descobertas maravilhosas da ciência? Bastará uma vontade potente para transformar este deserto em civilização.⁸⁷

A positividade da ciência no século XIX revela-se poderosa nas mãos de Zaluar, crente de que seria o investimento na pesquisa científica a ação salvadora e modificadora da situação “bárbara” e de abandono de grande parte do país. Contudo, para seu desconsolo, ele sabe que isto não é uma realidade e que as muitas fontes de pesquisa encontram-se desprovidas de cientistas que as estudem; “há, porém, a este respeito, exceções honrosas, e a que chamaremos até heróicas”.⁸⁸ As poucas perspectivas de progresso científico não conseguem suprimir, mas abala o seu sonho da “bandeira que está destinada talvez a arvorar-se no gigantesco capitólio da metrópole do futuro!”.⁸⁹

Não sem razão, Zaluar expressa suas preocupações com o descaso dado à ciência no Brasil. A ausência de um cultivo ostensivo do pensamento científico suprimiu possíveis fontes de estímulo para que mais escritos do gênero fossem produzidos durante muitos anos. O texto fundador da ficção científica no Brasil dista de sua seguinte meio século. Além disso, o que pode explicar esta cinquentenária ausência são os conflitos europeus, notadamente a I Guerra Mundial, quando já era morto Verne e Wells interrompeu sua carreira fechado em seu pessimismo, o que eclipsou temporariamente a literatura que realizavam.

Durante este tempo a ficção científica transpôs o Atlântico e estabeleceu abundante centro produtor nos Estados Unidos, sob auspício de novo otimismo levado a termo pelo grande desenvolvimento material do país e pela distância dos efeitos destrutivos mais perversos do progresso tecnológico como o da I Guerra Mundial. As expectativas positivas quanto ao progresso da ciência, aliadas à poderosa indústria gráfica dos EUA, geraram um fenômeno mercadológico apoiado na ficção científica conhecido como *space opera*. Foi a partir dessas narrativas que o termo definitivo de ficção científica foi construído. Existiu entre os anos 1920 e 1940 e foi um acontecimento bastante particular aos Estados Unidos. Era

⁸⁷ ZALUAR, Augusto Emílio. O doutor Benignus. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. p. 341.

⁸⁸ Ibid. p. 84.

⁸⁹ Ibid. p. 121.

uma narrativa pobre que utilizava o “*drama piegas e esquemático [de] aventuras espaciais extravagantes, aventuras exóticas tratadas com ingenuidade literária e acúmulo de clichês*”.⁹⁰ Os temas galácticos com descrições de “*naves espaciais imensas e infundáveis guerras interestelares, impérios gigantescos, cobrindo muitos anos-luz, e um herói que resolve todas as questões a favor da Terra*”,⁹¹ retratavam o clima otimista de que, para a ciência, tudo era possível, sendo uma certeza ainda mais incrementada no país onde este triunfo parecia maior:

Os Estados Unidos, onde a nova ficção científica publicada em revistas alcançou um nível eminente, tinham sofrido menos que as demais nações com a Primeira Guerra Mundial e haviam levado a Revolução Industrial ao seu ponto culminante. Parecia não haver coisa alguma que os americanos não pudessem realizar nos prósperos anos 20, daí se originando os ‘contos de super ciência’.⁹²

A crítica de Muniz Sodré sobre o uso ideológico da ficção científica recai justamente sobre o *space opera*, muito mais preocupada em determinar o bem e o mal – e fazer o uso disso para entreter o público leitor – do que em empreender alguma análise ou despertar questionamentos sobre a realidade, tal como fez Wells, por exemplo. Ocorre que este foi um momento da ficção científica anterior ao do estudo de Sodré e nos anos 1960 já havia novidades no gênero, que se encarregara de afastar essa fase cujo “*termo é pejorativo mas imbuído de certa feição nostálgica*”.⁹³ Aliás, Asimov lembra com esse sentimento do tempo em que a qualidade era baixa, mas em que ele e os poucos amantes das *pulp fiction*⁹⁴ eram “*os senhores de um mundo secreto, desconhecido de todas as demais pessoas*”.⁹⁵

Durante muito tempo, até meados dos anos 1970, a crítica feita à ficção científica não distinguia o *space opera*, um fenômeno notadamente, mas não exclusivamente norte-americano, à ficção científica de um modo geral, de caráter internacional.⁹⁶ Muito se fez para aplacar essas críticas, sobretudo procurando discenir o *space opera* da *science fiction*, de modo a poder realizar uma divisão entre a má e a boa ficção científica, entre aquela repleta de clichês e a que possui criatividade e originalidade. De um modo geral, foi estipulado que, no “*‘space-opera’, geralmente o ser humano [é] sempre mais notável pelos músculos do que pela inteligência. [Ao passo que] na ‘science-fiction’ a tendência mais encontrada é a de ressaltar as fraquezas humanas*”.⁹⁷

⁹⁰ FIKER, Raul. op. cit. p. 39-40.

⁹¹ SCHOEREDER, Gilberto. op. cit. p. 23.

⁹² ASIMOV, Isaac. op. cit. p. 128.

⁹³ FIKER, Raul. op. cit. p. 39.

⁹⁴ Revistas de ficção científica impressas em papel barato, feito de polpa de madeira, que não era acetinado e tinha as margens mal aparadas. ASIMOV, Isaac. *No mundo...* op. cit. p. 147

⁹⁵ Ibid. p. 135.

⁹⁶ Uma exceção é a série alemã *Perry Rhodan (Gotterdämmerung)*, originada nos anos 1970, mas um bom exemplo do *space opera*, produzido cinquenta anos antes.

⁹⁷ CARNEIRO, André. *Introdução ao...* op. cit. p. 72.

Entretanto, a despeito da tentativa em se desfazer dessa “chaga” que para muitos macula a “verdadeira” ficção científica, foi por intermédio do *space opera* que o gênero ganhou fôlego para uma nova e maior expansão, a partir dos anos 1940, alcançando todo o globo terrestre tremendamente impulsionada pela conclusão atômica da Segunda Guerra Mundial. O período do *space opera* foi específico dos Estados Unidos, mas conquistou um largo público, principalmente jovem, que acabou por fomentar uma faixa de consumidores permanente para a ficção científica. Por outro lado, sua influência foi sentida entre adolescente tendo ficado distante dos autores “sérios”. Desse modo, o novo momento da ficção científica que percorreu todo o mundo, foi impulsionado pelos jovens leitores que começaram a escrever.

No Brasil, o fenômeno do *space opera* foi pouco sentido, provavelmente devido aos custos de editoração, apesar do baixo preço de uma revista *pulp*. Sendo uma leitura que pouco atraía os escritores mais velhos, sua influência aqui foi pequena e a ficção científica brasileira permaneceu sob o efeito de Verne e Wells. Como consequência disso, o teor dos enredos do pouco que se escreveu no Brasil sentiu mais intensamente a carga pessimista que vinha da Europa, do que o otimismo existente nos EUA. Os autores brasileiros se aventuraram na ficção científica revelando em seus textos uma forte presença do pessimismo wellsiano sem, contudo, abandonar totalmente uma recorrente expectativa positiva de que o Brasil poderia igualar o desenvolvimento que sabiam ocorrer nos Estados Unidos, como a fé no *gigante adormecido*.

Em 1925 Gastão Cruls publicou *A Amazônia misteriosa*, obra em grande parte vinculada ao mundo misterioso da selva tropical, tal como Zaluar e Jules Verne fizeram, mas influenciada, sobretudo por Wells e sua desconfiança nas consequências advindas da ciência. O darwinismo é explorado como tema para exhibir o mundo primitivo da floresta e seus habitantes, testemunhando a ação do homem que pretende evolucionar a natureza no ritmo do seu progresso. Imerso no labirinto verde, se esconde um médico alemão, espectro do *Dr. Moreau* de Wells a experimentar mutações no homem, tendo índios passíveis de serem “melhorados” como cobaias para o propósito maior das conquistas científicas, privilegiando o rejuvenescimento. O texto de Cruls não aborda a observação de Wells de que cada homem – e ele fala de seus compatriotas ingleses da cidade – é um animal instintivamente perigoso forçado pela capa da civilização a esconder que está em processo de evolução, uma evolução que não necessariamente leva ao melhor, mas ao mais adaptado.⁹⁸

⁹⁸ Ver WELLS, H. G. *A ilha do doutor Moreau*. Portugal: Europa-América, s/d. p. 118-20.

Esse é um pensamento que Baumer evoca ao *mundo evolucionário*, desanimado com a natureza inacabada de Darwin que desacredita as promessas maravilhosas do progresso científico. O descrédito wellsiano surge com a fuga desesperada dos cativos do médico alemão que, na versão tupiniquim, não acaba morto como Moreau, mas apenas isolado e esquecido na selva, sempre com a possibilidade de ressurgir. A distância do Brasil do grande progresso científico europeu acabou por manter afastados alguns dos receios que o acompanha, permanecendo as expectativas de realização da ciência. É a dúvida de morder a maçã. O cientista de Cruls persiste vivo na selva, talvez, pronto a trazer não o mal, mas talvez o desconhecido progresso para nós.

No ano seguinte Monteiro Lobato escreveu *O presidente negro ou o choque das raças*, defendendo as teses eugenistas para demonstrar porque os Estados Unidos possuíam um desenvolvimento superior ao do Brasil. Observando em uma máquina que perscruta o tempo, o personagem de Lobato observa o ano 2228, onde uma eleição norte-americana é vencida por um negro, favorecido pela divisão eleitoral dos brancos nos partidos masculino e feminino. O “choque” provocado pela ameaça da vitória dos negros, une os partidos brancos, masculino e feminino, no objetivo de exterminar “pacificamente” os negros. Além da eugenia, Lobato defende o antifeminismo e condena a velocidade, o volume de pessoas e o barulho com que o mundo moderno funciona. Diz o personagem sobre a rua moderna: “*Que angústia, que permanente inquietação! Temos que andar com cinquenta olhos arregalados, para prevenirmos trancos e atropelamentos*”.⁹⁹ E, no entanto, é paradoxal que, influenciado abertamente por Verne e também pelo desenvolvimento norte-americano, acredite que um maior progresso científico irá fazer diminuir o ritmo de vida, pois tenderia para a simplificação. Como exemplo, ele sugere que o uso futuro do telefone e do rádio permitiria às pessoas trabalhar em casa. “*O rádio-transporte tornará inútil o corre-corre atual. Em vez de ir todos os dias o empregado para o escritório e voltar pendurado num bonde que desliza sobre barulhentas rodas de aço, fará ele o serviço em casa e o radiará para o escritório. Em suma: trabalhar-se-á á distância*”.¹⁰⁰ Ciente de que histórias de ficção científica faziam sucesso nos Estados Unidos, Lobato tinha o interesse em publicar seu livro lá, pois já deveria ter conhecimento da importância do gênero para os norte-americanos. Ele “*depositava esperanças no êxito do romance e [...] antecipava o livro como um verdadeiro bestseller. [...] A decepção não tardou: naquele país seu livro foi recusado*”.¹⁰¹

Sem referenciar-se explicitamente a Verne e a Wells, Menotti del Picchia publica, em 1936, *A filha do inca* ou *A república 3000*, uma história que revela um sonho de expansão e

⁹⁹ LOBATO, Monteiro. *O presidente negro ou o choque das raças*. São Paulo: Brasiliense, 1951. p. 175.

¹⁰⁰ Ibid. p. 174.

¹⁰¹ CUNHA, Fausto. A ficção científica no Brasil. In: ALLEN, L. David. op. cit. p. 7.

progresso para o interior, demarcando e conquistando as fronteiras brasileiras nas imensidões desconhecidas das matas inexploradas. A afirmação modernista de construir um país autêntico, com características próprias, antepõe as conquistas científicas à natureza abundante do Brasil. Picchia imagina uma supercivilização incrustada no Planalto Central de Goiás, em vias de sair da Terra, pelo fato de não haver mais curiosidades científicas para serem aqui estudadas, o que lhes exige buscar novas fronteiras de conhecimento fora do planeta. Talvez Picchia tenha sido o primeiro autor de ficção científica brasileira a utilizar a idéia de um ser mecânico tal como o robô, embora não o tenha denominado assim. Ele o faz para contrastar com o humano e elabora diferenciações destacando aspectos que considera mais importantes. Todo o esplendor técnico que consegue descrever, buscando impressionar pelo tamanho e pelas capacidades sobre humanas, ele associa à simplificação, à dureza geométrica e à frieza metálica do maquinário. Os seres, não mais humanos da *República 3000*, têm seus corpos todos modificados, visando o melhor aproveitamento das suas capacidades físicas e orgânicas, ao ponto de cada indivíduo possuir hélices para locomoção aérea. A esse produto da racionalidade, Picchia atribui o sacrifício das emoções e do amor. Tal como Lobato, ele não vê com bons olhos o avanço tecnológico: “*O inferno eletromecânico da nova civilização será tanto mais terrível quanto será mais potente. E terá a força invisível e a mortal simplicidade de uma corrente de energia disciplinada*”.¹⁰²

Por outro lado, Picchia não tem a mesma fé de Lobato, de que a simplificação seja uma alternativa muito sedutora. Isto fica claro na insensibilidade e na “lógica” com que os cidadãos da *República 3000* decidem por uma execução de humanos a quem chamam monstros. O curioso e revelador é que a mesma identificação “monstro” feita pelos seres mecânicos, é utilizada pelo narrador, que encarna o lado humanista da história, para denominar os cidadãos da *República 3000*, revelando o conflito homem/máquina que permeia constantemente a ficção científica.

Érico Veríssimo, em 1939, com seu *Viagem à aurora do mundo*¹⁰³ arriscou um passeio pelo novo gênero. Não foi muito criativo, pois fez uma versão muito semelhante, mas sem os compromissos ideológicos da história de Lobato, sobre uma máquina que permite captar imagens do tempo. Fica evidente que ambos se baseiam na *Máquina do tempo* de H. G. Wells, mas, enquanto Lobato observa o futuro testemunhando eugenias vindouras, Veríssimo dirige seu olhar imaginativo ao passado, para descrever o surgimento da vida na Terra e o homem. A intenção de divulgar ciência, no estilo do trabalho de Verne, é evidente pelo modo com descreve os animais e seu habitat, sendo assim classificado pela

¹⁰² DEL PICCHIA, Menotti. *A república 3000*. Rio de Janeiro: TecnoPrint, s/d. p. 72.

¹⁰³ VERÍSSIMO, Érico. *Viagem à aurora do mundo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

editora que o denomina: romance didático. A maior parte do livro é de informações sobre eras geológicas, períodos de tempo, dinossauros e outros animais que neles viveram. Contudo, os ventos de uma nova guerra mundial chegam até o texto e o pessimismo wellsiano predomina na idéia de que o progresso tecnológico causa males e, portanto, deve ser impedido. A idéia é representada pela destruição da máquina e dos seus projetos e cálculos de construção em um incêndio ao final do livro.

O pessimismo que se generalizou pelo mundo, mesmo nos Estados Unidos após a Depressão de 1929, contribuiu para diminuir a recorrência de imagens de mega-desenvolvimentos tecnológicos através do que Asimov chamou “super-ciência”. A partir da década de 1930, a ficção científica ensaiou uma tendência que se opunha às guerras entre impérios galácticos e toda sorte de histórias de capa e espada espaciais, trabalhando com temas mais específicos e poder-se-ia dizer mais próximo aos problemas sugeridos pela realidade científica e tecnológica do momento, iniciando um afastamento em relação ao *space opera*. Essas novas histórias estavam permeadas de exageros ilógicos, mas “*tratavam de vôos cósmicos, televisão, robôs, máquinas inteligentes, bombas atômicas, superpopulação*”.¹⁰⁴ Eram temas, até certo ponto, tidos como absurdos, distantes da realidade do dia a dia, até que ocorreu a Segunda Guerra Mundial, com todos os aperfeiçoamentos na capacidade de destruição, notadamente, a bomba atômica. Isso significou “*que a ficção científica perdera sua aparência de ser um contra-senso. Tornou-se respeitável e já não poderia ser objeto de ridículo. Estava efetivamente mais avançada do que os homens julgavam quando a bomba atômica chegou pela primeira vez às manchetes dos jornais*”.¹⁰⁵

Os efeitos psicológicos da detonação nuclear, o volume de materiais, pessoas, países e continentes que estiveram envolvidos no conflito, certamente inseriram nova dimensão às percepções de julgamento das efetivas capacidades da ciência, fazendo com que as criações da ficção científica deixassem de ser amplamente ignoradas e ridicularizadas. O fim da guerra e os anos 1950, a década crítica da Guerra Fria, marcaram mudanças do gênero revigorado e produzido no Brasil. Em 1948 Orígenes Lessa escreveu *A desintegração da morte*,¹⁰⁶ sátira bem humorada sobre as conseqüências de uma hipotética supressão da morte obtida por um cientista, explorando a amplitude do caos que este fato poderia causar no aspecto religioso, econômico e social que sucederia em todo o mundo.

¹⁰⁴ ASIMOV, Isaac. *No mundo...* op. cit. p. 146.

¹⁰⁵ Ibid. p. 146-47.

¹⁰⁶ LESSA, Orígenes. *A desintegração da morte*. São Paulo: Moderna, 1981.

A ausência da morte, como grande e trágica conquista da ciência, não eliminaria a fome, a dor, o nascimento e a velhice. A partir desta circunstância, Lessa explora o problema da corrida armamentista expondo os absurdos a que pode chegar. Como ficam os produtores de armas sem mortes? Haveria alternativas para a indústria da guerra? Como, por exemplo, ao invés de matar, desestabilizar política e socialmente o adversário destruindo seus recursos, levando-o à fome e ao desabrigo. O que acarretam outras necessidades e indústrias, outras corridas competitivas como a contraceptiva, para evitar a superpopulação. O problema da imortalidade também atingiria a fé, afinal sem morte de onde a religião a sustentaria? Adaptações como profetas que anunciam a boa aventura da morte próxima e Hitler tornando-se messias dessa nova fé, são exemplos do caos da imortalidade que, por fim, conduz a outra corrida entre potências: a das pesquisas para dominar e controlar a técnica do ressuscitamento da morte e assim utilizá-la para exercer o poder de controlar o direito de morrer.

Os autores estrangeiros e brasileiros que escreveram suas impressões imaginadas a respeito do “choque” com a ciência, principalmente, entre a metade do século XIX e as três primeiras décadas do XX, o fizeram sem ter a consciência exata do nascimento da nova forma literária, até mesmo pela própria indefinição na denominação do que estava sendo feito. Romance científico, antecipação, vulgarização científica, romance didático, ciencificação e enfim ficção científica, demonstram as incertezas em afirmar o que eram tais escritos. Somente nos anos 1930 o termo atual e definitivo de Ficção Científica firmou-se como denominação aglutinante e referencial para o gênero. Até mesmo a França, berço da “antecipação”, o incorporou de modo que fosse possível falar, a partir daí, em uma *consciência de gênero*. Há, portanto, uma diferença entre os que faziam ficção científica utilizando as noções próprias do mundo científicizado e aqueles que fazem a mesma coisa cientes da existência de um gênero literário específico para esses escritos.

Assim, para Asimov, o primeiro romance de ficção científica genuíno foi *Frankenstein ou O moderno prometeu* de Mary Shelley, pois ela “foi a primeira a valer-se de uma nova descoberta da ciência, que levou mais adiante, ao seu extremo lógico”.¹⁰⁷ Isto é, foi a primeira a imaginar, sob influência dos velozes progressos científicos, o que um avanço subsequente da ciência poderia possibilitar. Nesse caso, ela baseou-se nas descobertas do anatomista italiano Luigi Galvani sobre a ação de faíscas elétricas nos músculos de uma rã morta. Essa foi uma incursão única na carreira da escritora ao campo da ficção científica, pois ainda que fosse um tema com características novas, este não estava conscientemente relacionado a uma nova forma de escrita. Jules Verne tinha maior percepção sobre a nova

¹⁰⁷ ASIMOV, Isaac. *No mundo...* op. cit. p. 221.

temática literária, embora não a designasse ou conhecesse como uma literatura particularizada. Contudo, “foi o primeiro escritor a especializar-se em ficção científica e também a ganhar a vida com isso”.¹⁰⁸ Wells igualmente foi um especialista, escrevendo vários livros que desconheciam uma designação única, ainda que houvesse uma identificação, talvez de estilo do autor, ou uma aglutinação em torno da designação: *Romances de ciência*. Isso demonstra que houve uma transição entre esses autores que, sem saber ou quiçá desconfiando, escreviam livros de imaginação, imersos no intercurso da construção e afirmação de uma nova percepção dos indivíduos em relação à vivência ordinária, ao lado da tecnologia e das inferências científicas, e aqueles outros já conscientes da nova forma literária. Verne e Wells podem ter percebido a novidade literária, mas talvez não pudessem conscientizar-se de uma unidade que somente viria a ser afirmada nos Estados Unidos, no correr da década de 1930.

Para o Brasil, essa diferença de compreensões sobre o gênero ocorreu em uma escala de tempo relativamente menor. Desde Zaluar, escrevendo em 1875, até Veríssimo em 1939, é bastante clara a interferência que sofriam de Verne e Wells, ignorando, em certa medida, o que ocorria nos Estados Unidos. É possível que Lobato tivesse consciência maior sobre a importância da ficção científica para os EUA, justamente pelo seu desejo de lá publicar seu livro. Em todo o caso, o caráter esporádico das incursões destes autores na ficção científica denota a importância menor que atribuíam à espécie de livros que escreviam. Sobre Orígenes Lessa não é tão claro de onde veio sua influência. Dificilmente Verne e Wells teriam escapado à sua leitura, mas o assunto de Lessa está mais próximo dos temas de superpopulação e guerras atômicas, explorados nos Estados Unidos a partir dos anos 1930, o que revela o provável contato dele com o *scientifiction*, nome cunhado por Hugo Gernsback em 1926, que consagrou internacionalmente a ficção científica. No entanto, tal como os outros autores nacionais, realizou uma aventura única, sem caracterizar-se como escritor do gênero.

O primeiro autor brasileiro a manifestar consciência do que escrevia, tendo publicado livros identificados com a ficção científica, foi Jeronymo Monteiro, considerado, por esse motivo, o pai da ficção científica brasileira, pois antes dele, não houve textos publicados assumidamente como sendo ficção científica.¹⁰⁹ Influenciado pelo pessimismo *wellsiano*, mas guardando sonhos otimistas sobre a ciência, havendo sensatez entre os homens, Jeronymo Monteiro foi o primeiro a escrever sistematicamente sobre o assunto no Brasil. Seu romance pioneiro, publicado em 1947, *3 meses no século 81* sinaliza no mercado

¹⁰⁸ Ibid. p. 223.

¹⁰⁹ CAUSO, Roberto de Sousa. A aventura da ficção científica no Brasil. In: *Ciência hoje*. Rio de Janeiro, out. 1998, v. 24, n.143, p. 78.

brasileiro para a onda internacional que estimulou o surgimento da ficção científica em vários países. Os textos anteriores são considerados boa literatura de antecipação, ou romance científico, mas raramente assimilados editorialmente à ficção científica. Somente a partir do trabalho de Jeronymo Monteiro, portanto, pode-se falar em ficção científica como um gênero reconhecido no Brasil. O que o justifica como o ponto inicial dessa pesquisa.

Da primeira fase – a qual poder-se-ia chamar tímida da ficção científica brasileira –, aos anos 1960, ocorreu uma significativa manifestação editorial que transformou o gênero no Brasil, atraindo diversos autores de outras áreas ficcionais a produzir ficção científica com alguma regularidade. Esse evento marcou, no Brasil, uma transposição de épocas, que ligou diretamente a produção influenciada por Verne e Wells, até o início do século XX, com uma nova tendência mundial nos cânones literários da ficção científica presente em princípios da década de 1960. O produto nacional passou, praticamente incólume, ao *space opera* e à ficção científica norte-americana dos anos 1920 a 50. A nova tendência surgiu na ficção científica de língua inglesa, denominada *new wave* ou nova onda e se espalhou rapidamente por todo o mundo ocidental/ocidentalizado. A nova onda marcou um afastamento em relação à temática centrada na ciência e nos cientistas, para dirigir a atenção sobre o indivíduo comum, afetado pela ciência.¹¹⁰ Ela “*envolve a atmosfera contestatória da contracultura dos anos 60 (mudanças mentais, drogas, religiões orientais, esquerdismo, sexo, pop art, ecologia)*”.¹¹¹ Passa a ter preocupações mais humanistas do que tecnicistas em grande parte “*como uma reação à crise que possivelmente estaria ocorrendo na ficção científica conhecida como ‘mecanicista’, num momento em que muitas de suas ‘previsões’ estavam se realizando, principalmente no que se refere à exploração espacial*”.¹¹²

Para alguns estudiosos e autores de ficção científica a nova onda estava experimentando outros meios em virtude da desilusão com a ciência e os cientistas logo após a II Guerra Mundial. Novos estilos de escrita “*ao lado de forte impregnação de sexo e violência e, principalmente, um ânimo de profundo pessimismo [onde] os feitos dos engenheiros caíram para um segundo plano, ao passo que as frustrações dos seres humanos, em nossos dias, passaram a dominar a cena*”.¹¹³ O problema para muitos “puristas” da ficção científica é que a nova onda combina novos usos estilísticos “*com a pressuposição de que não há uma ordem intrínseca no universo em que vivemos, ou pelo menos que, se houver uma ordem, esta não é acessível para ser estudada e descoberta,*

¹¹⁰ ASIMOV, Isaac. *No mundo...* op. cit. p. 150.

¹¹¹ FIKER, Raul. op. cit. p. 76.

¹¹² SCHOEREDER, Gilberto. op. cit. p. 35.

¹¹³ ASIMOV, Isaac. *No mundo...* op. cit. p. 131.

através do método científico".¹¹⁴ Contudo, ao contrário do que supõe Allen, mesmo os escritores criados na ficção científica "pura", aquela que dá "*relevo às máquinas e às ciências físicas*",¹¹⁵ sentiram-se mais livres para prosseguir nesta linha, ao mesmo tempo em que davam vazão à sua imaginação menos ortodoxa.

O que a ficção científica apresentou, com a nova onda ou nova tendência mundial, foi a sintonia em relação às incertezas que a própria ciência lançou sobre suas capacidades de obter respostas, bem como os males derivados que assolaram a humanidade na primeira metade do século XX. "*Parece que a ciência se tornou mais circunspecta nas suas afirmações. O irracional e o paranormal, considerados ainda há pouco como expressões da credulidade, da aberração mental ou da trapaça, já não são mais sistematicamente rejeitados*".¹¹⁶ O século XX viu a certeza da ciência positiva do XIX abalar-se sob os seus próprios pressupostos. A certeza de que a observação e experimentação perscrutariam toda a realidade revelando as "leis" naturais e a verdade, pondo a nu e desmascarando todo o mistério mítico-religioso não ocorreu. A realidade revelou-se mais complexa do que a certeza positivista de dominar a natureza previa. A ciência no século XX teve que reconsiderar seu pretensão amplexo sobre a totalidade da realidade observável, aceitando, de forma reticente, possibilidades de realidades pressentidas, sobrenaturais e distantes do alcance dos cinco sentidos. O próprio avanço tecnológico ensejou esses novos problemas ao ampliar a capacidade dos sentidos humanos e criar outros, de modo a trazer mais dúvidas e incertezas do que respostas e confirmações da correção sobre o caminho trilhado e indicado pela ciência do século XIX.

Os novos problemas científicos segmentaram mais ainda as especialidades da ciência e ampliaram a concepção da realidade como uma reunião de outras ainda por serem estudadas e entendidas. Daí os universos paralelos, viagens no tempo e as dimensões de realidade a pulular tanto nas hipóteses científicas, como em enredos da ficção científica. A realidade reinterpretada em realidades muito além da observação dos sentidos humanos, possibilitou maior tolerância em relação a fenômenos desconhecidos de difícil explicação, ao mesmo tempo em que aproximou a pura fantasia da ficção científica, permitindo extrapolações e associações com a magia, o místico e o sobrenatural existentes na nova tendência mundial. Criaram-se realidades incríveis, improváveis, mas não de todo inverossímeis, uma vez que a ciência anuncia realidades variadas tais como as presentes nas teorias da Relatividade, Quântica, das Super Cordas e do Caos;¹¹⁷ e aceita outras

¹¹⁴ ALLEN, L. David. op. cit. p. 29.

¹¹⁵ ASIMOV, Isaac. *No mundo...* op. cit. p. 151.

¹¹⁶ MARIGNY, Jean. op. cit. p. 120.

¹¹⁷ Sobre estas teorias ver respectivamente: GLEISER, Marcelo. *A dança do universo*: dos mitos de criação ao Big-Bang. São Paulo: Cia. das Letras, 1998; HAWKING, Stephen W. *Uma breve história do tempo*: do

formas não científicas de atuação no corpo e na natureza, como por exemplo, a inclusão da acupuntura e de técnicas orientais na medicina ocidental.

A liberdade temática presente na nova tendência mundial para associar ciência com outras problemáticas e considerações humanistas, sem a exigência de priorizar exclusivamente a ciência e as máquinas, possivelmente contribuiu para atrair a atenção de autores brasileiros, a maioria dos quais não muito íntimos dos conhecimentos científico-tecnológicos.¹¹⁸ Este fato talvez tenha sido potencializado em razão de uma certa euforia¹¹⁹ e um otimismo durante o período desenvolvimentista de JK, especificamente devido à construção de Brasília. A conjuntura nacional, mas sobretudo a influência de textos da nova onda e as iniciativas individuais de pessoas como Jerônimo Monteiro e Gumerindo Rocha Dórea, talvez expliquem o *boom* da ficção científica brasileira nos anos 1960, canalizado e tornado público, principalmente pela editora GRD, Editora do Globo e Edart, investindo no produto nacional e inserindo-o ao lado dos famosos e consagrados autores estrangeiros. Entre 1959 e toda a década de sessenta o esforço editorial conheceu um sucesso do tamanho que o mercado livreiro do Brasil permitia. O que não quer dizer muito em termos quantitativos, mas é significativo no que diz respeito à importância que teve para o público leitor brasileiro.

Big Bang aos Buracos Negros. Rio de Janeiro: Rocco, 1991; HORGAN, John. *O fim da ciência*: uma discussão sobre os limites do conhecimento científico. São Paulo: Cia. das Letras, 1998; e GLEICK, James. *Caos*: a criação de uma nova ciência. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

¹¹⁸ “O intelectual brasileiro de modo geral [...] não entendia nada de ciência”. CARNEIRO, André. Entrevista concedida... op. cit.

¹¹⁹ Id.

CAPÍTULO II

MITOLOGIAS DO DISCURSO CIENTÍFICO NA FICÇÃO CIENTÍFICA

1. VEROSSIMILHANÇA: UM EMPRÉSTIMO AO DISCURSO CIENTÍFICO

A trajetória da ciência, originada no século XVI, experimentou um crescimento do acúmulo de conhecimentos, refletindo no século XIX, em vigorosos sentimentos das expectativas em relação à perscrutação do mundo natural e em relação às condições do homem em controlá-lo e dominá-lo. A efervescência de pensamentos favoráveis, contrários e cépticos sobre a ciência e suas capacidades, como é descrito por Baumer, é o próprio espírito de mutação contínuo e veloz construído no século XIX. Na heterogeneidade de idéias daquele século, uma das mais fortes e influentes estipulava a pretensão da ciência em descobrir as leis da natureza, imaginando que seriam leis compondo uma grande fórmula matemática. Como nos lembra Baumer, inclusive movimentos contrários a esta formulação, denominado *cientismo*,¹²⁰ deviam muito a ele, por propiciar questões e afirmações capazes de gerar sentimentos e raciocínios antagônicos.

Não se pode perder de vista que o fato da ciência emergir como um modo possível e dominante de explicar o mundo, colidiu de frente com os meios de interpretação religiosa. Pela primeira vez em milênios de história humana, o pensamento conquistou outra fonte de informações, relevante e influente, que não fosse a fé no metafísico. O século XIX é o momento de pleno combate entre a fé religiosa e a depositada na resultante da observação e da experimentação do mundo físico. Outro conflito concomitante e diretamente relacionado ao anterior é a modificação da posição do homem no cenário da existência, em resultado da ação do pensamento científico. A transformação, que figura como uma espécie de segunda queda, foi iniciado no século XVI com a revolução copernicana e culminou no século XX com a descoberta de Hubble da existência das galáxias. De um simples observador e joguete do destino guiado pelo divino, o homem passou para a posição de agente interferente, capaz de explicar e modificar o mundo. Passamos também da condição de povo escolhido – filhos de Deus – e habitantes do centro do universo, para apenas mais uma espécie surgida casualmente e moradora de um minúsculo planeta, orbitando uma estrela comum nas fímbrias de uma galáxia mediana. Foi uma mudança jamais ocorrida antes, que obviamente causou um rebuliço nas idéias de uma forma geral.

Todavia, as incertezas e dúvidas incutidas pela ciência, desde as questões fundamentais do homem e do mundo, até os fatos mais corriqueiros e simples da rotina

¹²⁰ BAUMER, Franklin L. op. cit. p. 63. Por cientismo Baumer entende a ação de 'responder a todas as questões de um modo científico, transformando tudo o que é possível em ciência'.

diária, interpretadas sob a égide religiosa, terminaram por minar a própria investida de parte do credo cientificista, pondo em dúvida muitas das afirmações enunciadas como verdades inabaláveis da ciência. O século XX testemunhou um refluxo da ciência mecanicista e uma reação ao cientismo, inclusive por parte da própria ciência, reconhecendo a dificuldade e impraticabilidade de alcançar algo próximo de uma convenção denominada verdade. A azáfama de esquadrihar o mundo e encaixá-lo em um modelo geométrico, predisposto por leis absolutas, cuja constituição a ciência tão somente iria descobrir, cedeu a uma interpretação que relativizou esta compreensão do poder da ciência. No século XX a ciência fundamentou e estipulou os limites de sua metodologia, afastando-se, de certo modo, das pretensões pelo absoluto presentes no cientismo, e reconhecendo o caráter fragmentário de suas interpelações da realidade, aceitando a existência de diversos fenômenos pertencentes ao inexplicável e ao misterioso.

O cientismo em sua premissa de permear o mundo social e natural com o intuito de obter a verdade essencial teve no Positivismo de Augusto Comte o seu lado mais incisivo. A razão de ser desta compreensão deveu-se, em grande parte, à fusão da lógica racional com uma visão de ordem do mundo natural e social, tributária de uma mentalidade religiosa que concebia as descobertas científicas como um desvelar dos segredos da criação, ocultos na natureza por Deus. Mais e melhores observações fizeram ver aos cientistas que a realidade é muito mais complexa do que supunha o projeto de revelação da verdade do cientismo. Da ciência mesmo surgiu nova compreensão acerca da realidade, vendo relativa sua capacidade de aferi-la e ressaltando o caráter fragmentário da empresa. Deu ênfase ao sucesso de sua metodologia em explicar partes da realidade, segundo as evidências que se apresentam num dado momento, suscetível, portanto, de ser reformulado no momento seguinte, conforme novos indícios se apresentem, ou sejam de outra forma interpretados. Essa nova compreensão de ciência permite e deseja a assimilação de rupturas que a renovem no objetivo único de aperfeiçoar o entendimento dos fragmentos de realidade que colige e desenha. No século XX a essência da ciência foi a flexibilidade da metodologia que lhe permite adaptar-se a novos pontos de vista, muitos deles provenientes da própria ciência e da tecnologia, encerrando na história o projeto oitocentista de alcançar a grande verdade.

Não obstante a postura flexível da ciência, coexistem com seu eficiente método de desobscurecer nacos do desconhecido, reminiscências do discurso científico do século XIX, que alimenta a imagem de instrumento de obtenção da verdade, então em voga. O século XX, a despeito da importante tarefa de ter sujeitado a ciência à sua própria metodologia que, vale dizer, relativizou sua autoridade sobre o conhecimento, na medida em que o expôs à contestação e à dúvida assegurando que não se cristalize, mas esteja aberto a

modificações, não suprimiu o uso da concepção de cientismo no seu discurso. A ciência como metodologia assimilou em tom relativamente humilde a sua imperfeição e falibilidade, apresentando-se como uma e não a única boa forma de conhecimento. “*A ciência é uma tentativa, em grande parte bem-sucedida, de compreender o mundo, de controlar as coisas, de ter domínio sobre nós mesmos, de seguir um rumo seguro*”.¹²¹ O sucesso da ciência origina-se da liberdade de questionamento sobre a realidade e sobre as suas interpretações. Situação que impede, em parte, o dogmatismo de opiniões e idéias, e garante a reparação de equívocos. Apreciações diversas confrontam-se e são testadas através de seu mecanismo primordial de trabalho, o método experimental. “*A ciência é um empreendimento coletivo com um mecanismo de correção de erros que freqüentemente funciona sem embaraços*”.¹²² E que inexistente em outras formas de interpretação da realidade em geral dogmáticas, como as religiões.

Essa segurança no conhecimento levantado pela ciência, devido ao rigor com o qual foi obtido, pode ofuscar o fato da falibilidade do método experimental, ao mesmo tempo em que o confunde imaginariamente com o sentido de obtenção da verdade, propugnada pelo cientismo. “*É precisamente esse ‘método experimental’ que permite hoje aos cientistas reivindicar sua imensa autoridade cognitiva*”,¹²³ que termina por lhes possibilitar enunciar interpretações e conclusões nas quais, em grande medida, o método experimental figura como garantia de rigor, obliterando possíveis e verificáveis falhas humanas, interesses corporativos, nacionais, econômicos, políticos e pessoais. Acima de tudo, não se pode esquecer a humanidade dos cientistas que, em muitos casos, pode corromper e deturpar a eficiência do método experimental. O caso da arqueologia norte-americana em seu entendimento da antiguidade pré-histórica no continente é significativo. Por décadas negou-se a considerar as descobertas feitas, fora dos EUA, de indícios de uma ancestralidade maior que as encontradas no país, em outros locais do continente, contestando a teoria da irradiação humana a partir do estreito de Bering. As descobertas destruíram algo da imagem de um destino manifesto da primazia do norte na América.¹²⁴ O caso dessa interferência de interesse nacional ou corporativo é um aspecto dos muitos que se pode encontrar, por exemplo, no desenvolvimento de tecnologias. O fato de ser a realização material da ciência, a liga aos interesses econômicos e políticos de indústrias e países, o que pode causar um desequilíbrio na busca do conhecimento, induzindo ao erro, à falta de rigor e à supressão de

¹²¹ SAGAN, Carl. O mundo... op. cit. p. 40.

¹²² Ibid. p. 252.

¹²³ HENRY, John. A revolução científica: e as origens da ciência moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 48.

¹²⁴ ANGELO, Cláudio. Uma nova Pré-História. In: Folha de S. Paulo. São Paulo, 4 mai. 2001, Caderno Mais, p. 24-25.

informações. Liberação do uso de remédios, emprego de aditivos de combustíveis, utilização de materiais danosos em geral são exemplos de como política e capital podem influir nos resultados de experimentos e contribuir no desvio, de modo geral, da eficácia metodológica da ciência.

Ainda que se desconsiderem as interferências de origem humana no método científico, há outros aspectos que podem limitar a eficiência do método experimental. Do século XVI ao XX pode-se dizer que a dimensão dos problemas investigados e explicados tem aumentado paulatinamente, em razão do crescimento do poder de observação e teste que a tecnologia oferece, bem como do número crescente de estudos paralelos que auxiliam na investigação científica, ou seja, a ciência pôde fazer perguntas cada vez mais abrangentes, face ao aumento da quantidade de respostas propostas e da acurácia dos equipamentos de teste e observação. Na mesma proporção, a complexidade das perguntas e dos problemas investigados tende a crescer, ainda que novas respostas mostrem-se mais simples do que se poderia imaginar pelos questionamentos.

As importantes descobertas de Kepler, Copérnico, Galileu, Pasteur, Darwin, Freud, Einstein, Hubble, para citar apenas alguns, ocorridas entre os séculos XVI e XX, passaram por uma ampliação da abrangência das perguntas e dos problemas focados, seja em razão do aperfeiçoamento tecnológico dos instrumentos como telescópios e microscópios, seja devido à sofisticação das observações aumentadas pelos conhecimentos variados produzidos por outros pensadores como a gravitação newtoniana, a evolução darwiniana e a psicologia freudiana. O importante é que o conhecimento produzido pela ciência congrega as informações coligidas por muitos ao longo do tempo, e que sejam aceitas e reconhecidas como interpretações adequadas ou satisfatórias da realidade, no intuito de oferecer um sentido amplo de seu funcionamento que satisfaça a curiosidade humana sobre o todo e ela mesma.

No entanto, o método experimental pressupõe uma série de exigências quanto ao isolamento do objeto analisado, criando condições especiais e específicas para sua reprodução e repetição, de molde a que sua regularidade ou irregularidade possa oferecer conclusões para interpretação. O método experimental:

é um procedimento artificial efetuado num laboratório para testar uma hipótese muito específica dentro de uma estrutura teórica considerada confiável. Ele dependerá, provavelmente, do uso de um equipamento especial, em muitos casos projetado e feito para esse experimento específico. Será também concebido de modo a excluir, tanto quanto possível, todas as demais variáveis exceto a que está sendo testada. Será, pelo menos em princípio, infinitamente replicável, de tal modo que os resultados possam ser verificados inúmeras vezes, ou que o efeito possa ser demonstrado a novos espectadores.¹²⁵

¹²⁵ HENRY, Jonh. op. cit. p. 48

Nesse sentido, o método experimental é ideal para testes de uma ou poucas variáveis, mas tende a tornar-se inviável quando da inserção crescente de outras. Um caso presente onde esse problema é um bom exemplo é o do código genético. Isolando um gene é possível identificá-lo à sua função no organismo. O gene da cor dos olhos, por exemplo. Mas não é possível saber até que ponto esse gene se relaciona com os outros e, em que medida a modificação deste comprometeria a alteração dos outros.

Há ainda diferenças quanto ao procedimento do método experimental. Os testes realizados numa pesquisa biológica não seguem o mesmo formato de uma pesquisa de física. “*Falar de um método experimental único, facilmente caracterizado, é uma grande leviandade*”.¹²⁶ Essas limitações são reconhecidas pela ciência, embora, o método tenha oferecido boas e satisfatórias interpretações do que, provavelmente, deve ser a realidade. Assim mesmo, boas configurações de fragmentos da realidade podem não se ajustar ou ser compatíveis, quando reunidas num todo explicativo. Pelo método experimental e observações a física newtoniana, a relativista e a quântica explicam bem, cada qual, aspectos da realidade. Respectivamente, a gravitação dos corpos abaixo das velocidades lumínicas, os corpos próximos da velocidade da luz e a expansão do universo e o mundo subatômico. Cada teoria funciona bem no espaço em que foram testadas, mas, até agora, o método experimental foi incapaz de examiná-las reunidas, no intuito de oferecer uma explicação conjunta dessas realidades. Existem tentativas de fazê-lo, como na denominada tentativa da *unificação da física*, por intermédio da Teoria das Super-Cordas, embora esta não possa ser examinada à luz do método experimental.

Até meados do século XX, o método proporcionou respostas satisfatórias para um volume crescente de perguntas sobre o homem e o mundo natural, propiciando dados para a tessitura de uma explicação razoavelmente coerente – dentro da postura mais humilde adotada pela ciência – sobre a origem da vida, do homem, da Terra, do universo e de como seus elementos interrelacionam-se e funcionam presentemente. Houve e há inúmeras dúvidas, isso não se nega, mas fósseis, tectonismo, moléculas, código genético, inconsciente, espectro da composição química das estrelas, desvio para o vermelho, ruídos de fundo, entre outras evidências testadas e observadas, oferecem condições de construir um quadro geral explicativo proporcionando uma compreensão suficiente de como as coisas funcionam, baseadas nesses conhecimentos.

Após a Segunda Guerra outras descobertas importantes foram feitas, inclusive acarretando mudanças paradigmáticas, notadamente no tocante à cosmologia; embora não

¹²⁶ Id.

se dessem em um ritmo de revolucionamento crescente do conhecimento observado até então e amplamente festejado no século XIX. Nas várias áreas da ciência, experimentos e observações passaram a confirmar proposições e teorias anteriores de cada uma das ciências e a revelar aspectos e detalhamentos que as enriquecem e diversificam, mas não alteram estruturalmente suas interpretações construídas precedentemente. Desvelam-se novos aspectos e são elaboradas teorias complementares para os explicar, freqüentemente, em concordância com o cerne de teorias e compreensões centrais já existentes. O que se observa é que as novas descobertas tendem antes a consolidar do que a corromper modelos construídos com observações e experimentos anteriores. Ainda na cosmologia, a descoberta de quasares, pulsares, buracos negros e as hipóteses quanto à matéria escura, mostram a complexidade do universo mais do que comprometem ou venham a colaborar com a substituição da Teoria do Big Bang.

Num certo sentido, essa situação pode ser interpretada como triunfo da ciência, na medida em que confirmando suas interpretações, mostra o sucesso de sua metodologia por intermédio de modelos que satisfazem, em grande parte, as dúvidas e perguntas propostas. Por outro lado, a ausência da constância de descobertas revolucionárias, pode dar a idéia de um declínio ou de incapacidade, no âmbito do imaginário, da capacidade da ciência em realizar progressos, entendidos como sucessão de etapas e substituição do melhor pelo pior. John Horgan entabula essa possibilidade considerando que *“a ciência pura, a busca do conhecimento sobre o que somos e de onde viemos, já entrou numa era de resultados decrescentes. [Sendo que] a maior barreira para o progresso futuro é, sem dúvida, o seu sucesso passado”*.¹²⁷

O método experimental tornou-se mais eficiente em decorrência do aprimoramento do controle de variáveis possibilitado por contribuições tecnológicas. Equipamentos de precisão, capazes de suplantar os órgãos sensoriais humanos, abrem janelas novas para a investigação científica, de modo que a chamada pesquisa pura da ciência necessita, para ser desenvolvida, cada vez mais de contribuições tecnológicas. O homem está preso ao que seus sentidos podem detectar e fora dessas percepções ocorrem fenômenos que não estamos biologicamente adaptados para aferir. *“Todos os animais [...] têm habilidades cognitivas moldadas pela sua história evolutiva. [...] Se acreditarmos que os seres humanos são animais, [...] então nós também estamos sujeitos a essas restrições biológicas. [E] nossa capacidade de fazer perguntas é também limitada”*.¹²⁸ Isso nos impede de questionar e experimentar sobre situações impossíveis de serem avaliadas visto serem desconhecidas.

¹²⁷ HORGAN, John. op. cit. p. 29.

¹²⁸ Ibid. p. 192.

Apesar dessa limitação, conseguimos através de realizações tecnológicas alcançar estratos de realidades invisíveis e imperceptíveis aos sentidos naturais. Com máquinas foi possível travar contato com ondas de rádio e microondas, alcançar cores e sons fora das nossas escalas de percepção, manipular o átomo. Tudo isso de forma excepcional e mesmo accidental – caso das microondas e da chamada radiação cósmica de fundo¹²⁹ –, demonstrando como existem realidades distantes dos sentidos humanos despreparados para tais instâncias. Com a ciência descobrimos o acesso a esferas inimagináveis da realidade devido à ampliação tecnológica dos sentidos. Contudo, isso revela o quanto da realidade pode estar escondido dos nossos sentidos, por não sabermos onde procurar e o que perguntar, mesmo que sejam melhorados pela tecnologia.

Para alguns cientistas a ausência de descobertas vultosas – e aqui seria necessário cuidar para o que se considera vultosas¹³⁰ – não representa decadência da capacidade elucidativa da ciência, mas antes que ela, por assim dizer, estaria trilhando o caminho certo, e as confirmações seriam uma espécie de corroboração da argumentação explicativa. Entretanto, a aparente placidez na qual a ciência teria adentrado o século XX, não corresponde à efervescência de pesquisas, estudos e experimentos, boa parte deles conflitantes e ambíguos, observados quando se atenta para a forma dinâmica do discurso científico, onde está ativo o método experimental. Nessa perspectiva a ciência mostra-se contraditória, mas essencialmente rica em variedades de investigação e de opções de compreensão. Há uma substancial divisão no âmbito do discurso científico que põe em lados opostos a prática experimental e contestatória da ciência – seu lado inquieto que procura a força do argumento e a revelação possível da realidade – e sua versão institucional que se adona de propriedades discursivas do científico e dos resultados que proporciona, para cristalizar hierarquias sociais e de exercício do poder, baseados no respeito e no reconhecimento social da capacidade e do sucesso da ciência em apresentar uma visão de mundo suficientemente coerente para ser aceita por parcela importante da humanidade. Nessa forma institucional a flexibilidade do método experimental é comprometida em favor da manutenção de um status de poder não sintonizado com possibilidades de rupturas implícitas na forma ativa do exercício científico.

¹²⁹ Ibid. p. 124.

¹³⁰ Tomamos por vultoso um fato novo que viesse a contrariar seriamente modelos paradigmáticos adotados pela ciência em uma ou mais de suas disciplinas, causando um sentido de deslumbramento e um impacto com conseqüências na vida comum das pessoas. Embora possa ser considerada uma situação exagerada, o norte-americano Carl Sagan considera papel da ciência o ato de se maravilhar e emocionar com a compreensão do mistério e do desconhecido. Ver SAGAN, Carl. O mundo assombrado pelos demônios. op. cit.; _____. Pálido ponto azul: uma visão do futuro da humanidade no espaço. op. cit. e _____. Cosmos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

A versão institucional da ciência está permeada de hierarquias convencionais, pois a ciência é feita por homens que submetem o fluxo criativo da liberdade de questionamento, propugnado pelo método experimental, às autoridades detentoras de reconhecimento social no papel de realizar esses questionamentos. Há hierarquias de idade, de nacionalidade, de condição social, de disciplina científica que se sobrepõem à força da argumentação, das evidências e dos experimentos. Desse modo, existem duas realidades no âmbito da ciência. O questionamento livre que se associa à necessidade de democracia, de liberdades irrestritas, do acesso à educação e da informação¹³¹, e a versão institucional que se apropria do reconhecimento e da valoração social dos méritos do método experimental, sem contudo exercê-lo plenamente e em muitos casos evitando-o. Presentemente há inúmeros estudos sobre nutrição e valores nutricionais dos alimentos, boa parte deles responsabilizando a gordura como causadora de doenças cardiovasculares. Evidências demonstram que os franceses a despeito de uma alimentação equivalente em gorduras à dos norte-americanos, morrem menos do coração, o que contesta a hipótese da gordura vilã. No entanto, “*em sua maioria, os integrantes do establishment nutricional norte-americano não se comportaram de acordo com a suposição, pois os novos fatos ameaçavam destruir as hipóteses sobre as quais muitos deles construíram suas reputações – principalmente as hipóteses relativas à [má] influência das gorduras alimentares sobre a saúde*”.¹³²

De acordo com Cornelius Castoriadis toda sociedade faz de si e do mundo que a cerca, uma imagem que seja um “*conjunto signficante*”,¹³³ capaz de levar a constituição de uma *ordem do mundo*. Muito da informação que conduz a essa estruturação parte de características concretas, materiais e das necessidades humanas, utilizando uma certa racionalidade para tal. No entanto, os elementos que formam a imagem da sociedade são dispostos “*segundo significações e [subordinada] a significações que como tais não dependem do racional, [...] mas sim do imaginário*”.¹³⁴ No que diz respeito à ciência, sua propriedade de incerteza relacionada à dúvida constante, se subordina a uma concepção imaginária que a entende guardiã do melhor acesso à verdade, em que subjaz confiança no acerto de proposições que, embora não seja total, é significativa. Assim sendo, a ciência comumente é menos reconhecida pelo exercício do método experimental, ou seja, é menos compreendida pelo exercício da dúvida e do questionamento constante do que pela aura de sucesso na elucidação e desvelamento da realidade. A imagem da função da ciência é a de

¹³¹ Sobre a associação entre democracia e a ciência pura ver SAGAN, Carl. O mundo assombrado... op. cit.

¹³² STEINGARTEN, Jeffrey. O homem que comeu de tudo. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. p. 55-56.

¹³³ CASTORIADIS, Cornelius. A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 179.

¹³⁴ Id.

um espaço de descoberta e enunciação de respostas acertadas que confundem a eficiência do método experimental com a disposição objetiva de revelar uma verdade, que se pretende única e, paradoxalmente, não constitui objetivo viável expresso do método experimental.

De certo modo, essa imagem idealizada pelo cientismo que permanece ainda forte, imprimindo uma sensação de unidade da ciência, destoa da realidade admitida e anunciada no exercício da metodologia científica, repleta de desconcordâncias, ambigüidades e confrontos de idéias e concepções científicas a respeito da realidade. Esse conflito imagético opera o ideal da ciência como uma busca da verdade, que o método experimental não pretende ser, mas que a forma institucional trabalha para sustentar, ao mesmo tempo em que se beneficia do poder que um tal reconhecimento pode oferecer, mesmo abalado por esse conflito. Como foi visto, desde o final do século XIX, a ciência que o cientismo desejava ser sofreu abalos e reveses. O processo continua, agora adentrando o século XXI, pois a imagem defendida pelo cientismo não cessou de existir. Ao contrário de uma libertação em relação ao peso da responsabilidade de enunciar verdades, a ciência do método experimental ativo tem sofrido junto com o ataque, já secular, dirigido ao cientismo. A descrença em geral não é apenas em relação à capacidade da ciência em dar respostas “verdadeiras”, mas na sua eficiência em apresentar boas explicações e modelos da realidade que funcionam para explicá-la.

A imagem ambígua da ciência, compreendendo fragmentos da concepção do século XIX e XX, fusão da confiança na certeza do esclarecimento da verdade, com a dúvida salutar e construtiva dos meios de entendimento possíveis da realidade, fornece à ficção científica a força de sua argumentação. Por um lado, a concepção oitocentista permite à ficção científica uma visão mais objetiva, ou mais pura, em muitos casos visto como mais *correta*, junto de uma convicção ou uma idéia positiva de progresso a ser alcançado evidentemente no futuro. Por outro lado, a incerteza, os conflitos de argumento, a pluralidade de explicações e, em torno disso tudo, a dúvida quanto à capacidade do homem em realizar-se permitiu à ficção científica – como mais uma entre outras variantes da manifestação do pensamento humano – descrever das promessas da ciência e da tecnologia, sobretudo por falta de fé no próprio homem.

Por mais sábios que possamos ser, a nossa ignorância é ainda imensa, tal como pensam os modernos cientistas esclarecidos. Sabem bem quanto é insignificante o atual avanço tecnológico, ainda que tanto nos empolgue e deslumbre; não desconhecem que, ‘no campo do saber, os postulados absolutamente certos são mera utopia, pois modificam-se na medida do conhecimento mais profundo’.¹³⁵

¹³⁵ A história é sobre um grupo de jovens que encontra um estranho com quem tem diversas conversas sobre ciência e religião. Os jovens acreditam que o estranho é um extraterrestre, porém, em realidade, trata-se de um homem levado por uma avançada civilização para cooperar numa pesquisa sobre o impacto de vinte

A acentuação da dúvida na capacidade da ciência em realizar as promessas do século dezanove, insinuou na ficção científica um sentimento pessimista que antes não existia ou era diminuto, que se tornou mais forte e, em alguns momentos, predominante. A partir desse período de fins dos anos 1950, o gênero passou a deter em seus modos de entendimento da ciência, além dos mais entusiasmados crentes nas promessas do século XIX, importante presença dos mais obstinados recalcitrantes repletos de incertezas. Ambos os grupos e toda sorte de intermediários, todavia, manifestando de alguma forma um sentido de maravilhamento em relação à ciência e ao futuro desenhado por ela. Maravilhamento que, diga-se de passagem, não possui uma conotação homogênea.

Alguns cientistas declaram vislumbrar limites mais específicos, na esfera material, capazes de impor um termo ao avanço dos conhecimentos científicos. O fim do século XX testemunhou uma necessidade crescente da ciência em relação à tecnologia para a obtenção de novas informações e novos dados, fundamentais para a alavancagem do saber. São necessários investimentos exponenciais para alcançar novas e cada vez mais sofisticadas tecnologias para os aparelhos de medição, observação e testes nos diversos ramos do conhecimento científico. Os custos alcançam tal ordem que na exploração espacial, na física de partículas e na genética, por exemplo, os países ricos precisam associar-se para bancar os custos de investimento dos projetos,¹³⁶ com um retorno em resultados teóricos e práticos sistematicamente menores. Tal espécie de problema levou o ritmo de aquisições de conhecimento científico a diminuir, se comparado com o início do século XX. Caso “*a ciência tivesse continuado a crescer no mesmo ritmo do início do século, [...] logo teria consumido todo o orçamento do mundo industrializado*”.¹³⁷

A barreira financeira pode esconder uma outra mais séria. Trata-se dos limites de ordem material e física. Afinal, os custos crescentes das novas tecnologias destinam-se a financiar avanços na sofisticação, resistência e apuro dos equipamentos destinados à continuidade das pesquisas. Há a necessidade de confeccionar materiais especiais, mais fortes e delicados, e em muitos casos, de construir estruturas maiores e mais complexas acarretando problemas de engenharia e adaptação de materiais. Hipoteticamente haveria a

séculos de cristianismo na humanidade. FETEIRA, Raul. Somos parte nas estrelas. Rio de Janeiro: Record, 1972. p. 73.

¹³⁶ Nas três áreas citadas estão em andamento, lento ou mesmo parado, projetos multinacionais vultuosos. São eles respectivamente: a Estação Espacial Internacional Alfa; o Projeto Genoma e o estagnado Superacelerador de Partículas por Supercondução nos Estados Unidos. Dos três o Brasil tem discreta participação no primeiro e no segundo. Sobre a estação espacial Alfa ver: SAGAN, Carl. Pálido ponto azul. op. cit. p. 304. Sobre o projeto Genoma ver HOBBSAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. p. 534. Sobre o superacelerador de partícula ver, HORGAN, John. O fim da ciência. op. cit.

¹³⁷ HORGAN, John. op. cit. p. 40.

urgência de descobrir tecnologias, simplesmente para viabilizar a busca de outras. Seria o caso de perguntar: somos capazes de tudo isso? Há viabilidade técnica para materiais mais resistentes? Há espaço físico para construir os engenhos da pesquisa futura? Há energia para mover essa pretensão? O próprio planeta não seria um limite?¹³⁸ Em caso de negativa, o progresso científico estaria, em algum momento, incapacitado de prosseguir e a observação e experimentação do muito distante, do micro e do macro cosmos haveria de cessar.

Essa é uma conclusão gerada por alguém que olha por um determinado viés e a partir de elementos específicos. Outros cientistas crêem que seja possível evitar esse “colapso”, ou acreditam mesmo que a ciência poderá encontrar caminhos alternativos para prosseguir sua busca por respostas. Nesse sentido a ciência poderá passar pela necessidade de reformular seu método ou quem sabe será possível realizar o método experimental de outras formas ainda não concebidas. Poderá tornar-se algo completamente irreconhecível. “*Se tentarmos imaginar o que estará acontecendo na ciência daqui a mil anos devemos enfrentar a possibilidade de que a ciência como a conhecemos terá deixado de existir*”.¹³⁹

Raramente a ficção científica esteve em contato com esse tipo de consideração. Trata-se do vislumbre de um horizonte, ainda distante, por parte de cientistas interessados nesses limites. A ficção científica, como narrativa do maravilhamento que causa a ciência, alimenta-se dos seus sucessos, da imagem de avanços e da idéia de progresso, ainda que esses não sejam decididamente positivos ou animadores. Não é o julgamento dos feitos científicos o interesse predominante, mas a capacidade destes em maravilhar, em impressionar, seja de que modo for, a imaginação humana. Esse raciocínio sobre possíveis limites da ciência, no entanto, está em conformidade com o método experimental e com a inquietação no cerne do *fazer* científico, promotores de um saudável sentimento de impotência que, por vezes, está presente em diversas pesquisas frustrando respostas fáceis e estimulando o pulsante ato de perguntar, de duvidar sempre, que levam a inauditas e inimagináveis conclusões. Capazes mesmo, de impressionar a mais fértil e criativa mente, ao mesmo tempo em que se habilita a abalar as certezas autoritárias da ciência institucionalizada, pelo capital e pela vaidade do exercício da autoridade.

¹³⁸ Para atingir as profundezas do espaço são necessários cada vez maiores radiotelescópios e observatórios; para investigar planetas de elevada pressão como Vênus e Júpiter são necessários materiais e estruturas de uma resistência desconhecida na Terra; e para pesquisar as sub-partículas atômicas projeta-se a utilização de aceleradores de partícula quilométricos, especulando-se inclusive que uma investigação adequada exigiria um acelerador de partículas que circundasse o planeta. Ver SAGAN, Carl. Pálido ponto azul. op. cit.; _____. Cosmos. op. cit. e HORGAN, John. op. cit.

¹³⁹ DYSON, Freeman. Mundos imaginados. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 71.

Essas questões se tornaram possíveis a partir do momento em que a ciência aceitou a impraticabilidade da revelação da verdade. Por um lado, o reconhecimento da complexidade da realidade, indo muito além do que a perscrutação científica poderia alcançar, povoou a imaginação com possibilidades de combinações de estranhamentos, o combustível para provocar o maravilhamento. Por outro, atestou que o método experimental, a dúvida constante e o estado de incerteza são práticas muito eficientes para a obtenção de respostas consistentes, as mais prováveis dentre as possíveis. Um universo aberto, repleto de bizarrices inescrutáveis ou quase, explorado por um método bastante eficiente em dar boas respostas, oferece possibilidades consideráveis para o exercício da imaginação.

A particularidade da imaginação fantástica da ficção científica, o traço que a separa de outras fantasias, ela a retira de seu material de fabulação, isto é, toma à ciência seu semblante de verossimilhança, sua capacidade de fazer crer um argumento pelo modo rigoroso como este foi obtido. Em geral, atribuir verossimilhança à ficção científica é uma proposição no mínimo controversa. Quem o faz arrisca-se a contestações certas, de modo que essa característica comumente é negada ou particularizada como uma qualidade específica de autores dedicados a conferir às suas histórias maior proximidade com a realidade científica. Muitos se enganam ao considerar que a verossimilhança da ficção científica ampara-se em uma suposta *casualidade* a partir da qual essa literatura um dia foi associada à ciência.¹⁴⁰ Não se trata de um acidente ou um mal entendido o relacionamento da ciência com a ficção científica. Também não se pode confundir o que tanto uma como a outra se propõem oferecer. O caráter importante de verossimilhança não está prioritariamente no texto sob uma justificativa plausível e realista, em uma ou outra história, nesta ou naquela situação descrita com veracidade. Pode estar. Porém, a verossimilhança é um atributo presente no sentido geral do gênero, não pretende passar um pelo outro – ambos têm seus espaços definidos –, mas mimetizar, caricaturar e aparentar os procedimentos efetivos da ciência de modo que o apresentado assemelhe-se ao real, simulando o real, mesmo que seja de uma forma absurda. Nessas empresas são freqüentes considerações sobre a possibilidade ou o absurdo de uma situação descrita, posto que o absurdo, enquanto negativa do viável, revela o que se considera possível.

Acertadamente a maioria das análises considera a ciência personagem da ficção científica, a partir do qual será feita uma fabulação.¹⁴¹ Logo, a narrativa ficcional não pode ser confundida com um relato científico. O que está correto. Produção de ficção científica não é produção científica. Pessoas ajuizadas sabem disso. Contudo, o fato de ser personagem leva a ciência a imprimir qualidades suas às tramas que a utilizam, assim como

¹⁴⁰ TAVARES, Bráulio. op. cit. p. 11.

¹⁴¹ Id.

prepara o leitor para o que ele irá encontrar nelas. Razão pela qual são classificadas sob a designação de ficção científica, ainda que seja controversa a nomenclatura adequada. As qualidades da ciência transpostas para a ficção científica são amplas, referem-se ao desafio do desconhecido, à busca por respostas, à noção de progresso e sucessão tecnológicas, ao modo como se processa a investigação, à apresentação de explicações, independentemente de serem verdadeiras, afinal o caráter de verossímil é apenas parecer verdadeiro, ser semelhante à verdade, mais do que ser provável ou possível. Essa transposição pode ser específica se interessar ao autor. Ele pode trabalhar com teorias reais, lidar com situações verídicas, enfim, pode imaginar mais proximamente à realidade científica, no entanto, isso não anula a verossimilhança de outras histórias menos próximas, pois em algum momento e de algum modo a ciência é personagem e imprime sua marca.

Alguns dos mais repetidos argumentos contrários ao caráter verossímil da ficção científica apontam os feitos inacreditáveis descritos em algumas histórias, pouco ou nulamente explicados sob uma ótica científica, parecendo mais uma ação mágica. *“Grande parte da fc está mais voltada para a magia do que para a ciência: todo o aparato tecnológico que a reveste não consegue disfarçar o caráter não-científico da maioria das suas visões. As coisas acontecem magicamente: aperta-se um botão e um personagem é desintegrado, ou é remetido para outra galáxia, ou vira planta”*.¹⁴² O que se considera “exagero”, uma ação mágica, é, em realidade, uma fabulação que extrapola um fato concreto, alcançado por meios científico-tecnológicos e, a bem dizer, bastante prosaico na contemporaneidade. Para o leigo, não fosse a trivialidade, seria igualmente mágico o processo pelo qual, apertando um botão, vê-se o mundo por uma televisão. Um aparelho tecnológico, cujo botão premido produz uma determinada ação, é verossímil por comparação com similares muito mais simples e de efeitos menos impressionantes.

A verossimilhança, ou seja, a aparência de verdade que a imagem ficcional possui em relação à imagem real, ocorre essencialmente a partir do magnetismo que o conhecimento produzido pela ciência exerce na crença das possibilidades de realização humana. Entre o botão que desintegra uma galáxia e o que liga a TV, subsiste um elo importante, o da crença na capacidade de um conhecimento ininteligível, mas identificado como científico, em realizar coisas. O ato de realizar se processa basicamente através das conquistas materiais da ciência, pela tecnologia. Contudo, a grande maioria dos humanos não compreende no todo ou em parte como funciona uma tecnologia, nem que princípios científicos a regem. Entre a situação fictícia e a real existe a intermediação ativa de um conhecimento restrito, todavia reconhecido pelo seu poder de ação. É um poder oculto que

¹⁴² Ibid. p. 08.

permite a quem o domina exercê-lo. O poder oculto é a argamassa da mistificação. É o substrato que possibilita o abuso da credulidade dos ingênuos ou leigos, por parte daqueles que dominam a crença, posto que possuem os seus conhecimentos motrizes. O poder dos sacerdotes de várias civilizações da antiguidade baseava-se em conhecimentos apartados da maioria de suas populações, os quais relacionavam com crenças religiosas. De modo muito semelhante, diversos cientistas exercem um poder fundado na complexidade de um conhecimento distante da maioria das pessoas que, não obstante, crêem honestamente, e não sem razão, nas capacidades de sua realização.

Sobre essa crença e no poder que daí advém ocorre a institucionalização cristalizadora da ciência. Hierarquizando-se ao mesmo tempo em que dogmatiza enunciados, reforça uma noção um tanto religiosa, por assumir o propósito de oferecer respostas definitivas a dúvidas cruciais, a despeito da impraticabilidade desse feito. Obviamente, essa situação fere a fundo os predicados da metodologia experimental, pois renega as qualidades da dúvida e do questionamento constante que, paradoxalmente, possibilitaram à ciência adquirir o reconhecimento e a autoridade de que desfruta. No entanto, o mau uso dessa autoridade e reconhecimento respondem a interesses econômicos, políticos, nacionais e individuais. O mundo leigo não dispõe, regularmente, de meios para dissociar a ciência institucionalizada do seu eficiente método experimental. Em razão disso, as qualidades reconhecidas do método científico, mesclam-se com a imagem institucional da ciência de esclarecedor precípua das dúvidas humanas, fazendo parecer ao imaginário social que a ciência é a ferramenta segura pelo qual o homem pode chegar à verdade. Como isso é possível – questionamento feito pelo próprio método experimental – torna-se irrelevante frente à crença de que a ciência pode produzir os meios para alcançar respostas definitivas, quando de fato é uma ferramenta segura para atingir boas interpretações da realidade. É essa crença num poder que não se sabe como se processa, mas em que se confia funcionar, o que permite a verossimilhança das realizações muitas vezes esdrúxulas da imaginação de ficção científica, pois são realizações às quais foi atrelada, de algum modo, muitas vezes apenas por sugestão, a capacidade de realização científica.

A imagem de ciência unificada e coerente camufla seus conflitos internos. Algo semelhante ocorre na ficção científica, pois a imagem social da ficção científica está intimamente relacionada à imagem social da ciência, daí a verossimilhança. Tal qual a ciência em meados do século XX, a ficção científica sofreu uma transformação paradigmática nos seus conceitos e definições que emolduravam o gênero. Pode-se dizer que a partir de 1960 tornou-se muito mais difícil definir – se isso for possível – o que é ficção

científica. A situação explica, em parte, o surgimento de inúmeros estudos no Brasil e no mundo para explicá-la. Revela também a celeuma criada com o surgimento da tendência, de amplo mundo, resumida na denominação anglo-saxônica de nova onda (*new wave*). Um universo mais intrincado e menos compreensível, junto a preocupações sociais, psicológicas e místicas, vieram a compor temas da ficção científica em todo o mundo, contribuindo para torná-la mais complexa e difícil de identificar. Para boa parte dos estudiosos a nova tendência representa um enriquecimento da ficção científica, pois alarga os seus horizontes compreendendo outras esferas do conhecimento científico, bem como outros conhecimentos não científicos contemplando todos ou quase todos os interesses de investigação humanos. Alguns dessa parcela de estudiosos inclusive desejaria ver a denominação do gênero alterada, de modo a concretizar no próprio nome esse crescimento e enriquecimento da ficção científica, embora fazer isso pudesse comprometer o sucesso que a atual denominação usufrui.¹⁴³

Um outro grupo de estudiosos revela-se refratário em relação a contribuições e novidades dentro do que consideram a *ficção científica pura*. Pode-se afirmar que suas visões da ciência orientam o que entendem por ficção científica e vice-versa. De certo modo consideram que existe a possibilidade de alcançar um conhecimento verdadeiro, e que isso é possível dentro das ciências exatas. Assim como o cientismo cria possível matematizar o mundo e o conhecimento adquirido, essa corrente interpretativa entende haver um exercício de ficção científica mais envolvida com estas ciências exatas: Matemática, Física, Química etc., o que vale dizer, mais real, ou mais possível. Tal entendimento pode ser observado na segmentação realizada, nas classificações como uma espécie de concessão ao aumento no número dos textos participantes da nova tendência mundial. O estudo de L. David Allen é simbólico dessa compreensão de ficção científica.

Sua maior contribuição, observável em todos os estudos da década de 1980 em diante, foi a polarização entre uma ficção científica “pesada”, relacionada às ciências exatas, e a ficção científica “leve” ligada às ciências humanas. Os adjetivos classificam de imediato o que seria um texto ficcional mais ou menos rigoroso, isto é, mais ou menos próximo à realidade. Também demonstram o privilégio que as ciências exatas possuem em sua classificação, em detrimento da abordagem de outras formas de conhecimento que pudessem ser exploradas como temáticas. Secundando as ciências exatas, Allen aceita o tratamento com as ciências humanas: História, Psicologia, Sociologia etc. Contudo, as tendências mundiais apontavam para a exploração de temas mais controversos, alguns fora do que se considera conhecimento científico. A Metafísica, Parapsicologia, Ufologia etc.,

¹⁴³ Ibid. p. 12

que mesmo fora do rol das ciências aceitas com tais, eram pleiteadas pela nova tendência como passíveis de serem assimiladas às ciências reconhecidas. Essa concessão, Allen e os partidários do purismo, de que se reveste a ficção científica “pesada”, não admitem. Para eles a abordagem “alienígena” das nova tendência “*não pode, pelo menos por enquanto, ser considerada como incluída no campo de ação da ficção científica, não importa quanta similaridade possa haver de qualquer modo, pois [...] rejeita a premissa básica da ciência e da ficção científica*”.¹⁴⁴

A similaridade entre os eventos de transformação paradigmática da ciência e da ficção científica, levando-se em consideração que a segunda é uma resposta literária à primeira, é muito grande para eximir-se de uma consideração importante. A transformação de enfoque e tratamento da ficção científica decorreu, em grande medida, da autocrítica realizada pela ciência sobre si mesma, ou melhor, sobre o cientismo. O reconhecimento de limites, a aceitação de que a verdade é motivo de fé e não matéria da ciência, e a descoberta de que o universo é muito mais complicado do que o suposto, exigindo respostas muitas vezes estranhas para ser entendido, propiciou elementos para que se fermentasse novas idéias do imaginar na ficção científica e do imaginar em geral. Grosso modo, assim considerado, a ficção científica dita “pesada” figura como o imaginar com olhos no objetivo do cientismo e a nova tendência mundial é o imaginar ciente dos limites da ciência e da riqueza que guarda o desconhecido explorado por uma gama maior de conhecimentos humanos incorporados à ciência.

De qualquer forma, esses questionamentos e diferenças no âmbito da ficção científica, assim como as divergências no interior da ciência, ocorrem entre os adeptos e especialistas de cada área. De modo geral, o público leigo não toma conhecimento desses embates e ambigüidades, estando restritos às imagens que da ciência e da ficção científica são produzidos. Estas por sua vez, são vistas constantemente homogêneas, destacando-se nelas um sentido geral de função específica para cada uma das áreas. A da ciência é repleta de indicações de que há condições para a obtenção de valiosas respostas e que seu método confiável pode levar à produção do que for preciso para alcançá-las. Já a imagem da ficção científica reside na crença da capacidade em visualizar imaginariamente o porvir, descrevendo situações verossímeis não com o que se conhece da realidade, mas com o que se conhece dos métodos da ciência em transformar e concretizar impossibilidades em algo viável. A imagem da ciência distorcida pela sua institucionalização, colabora, em contrapartida por uma certa distorção também da imagem da ficção científica, tornando-a algo que ela não é, um oráculo da ciência. A grande questão está na crença de que a

¹⁴⁴ ALLEN, L. David. op. cit. p. 29

verdade está ao alcance da humanidade, de onde o mimetismo, às vezes caricatural, do método científico torna-se o vetor verossímil de que se alimenta a ficção científica e, a partir do qual, toda fabulação agregada recobre-se de ares de uma possível realidade.

A persistente imagem social de ferramenta de verdade da ciência e o alargamento das formas de tratamento da ficção científica a partir da nova tendência mundial de meados do século XX, foi uma situação que propiciou uma insurgente cultura produtora do gênero, proporcionando ao Brasil um inédito desabrochar da ficção científica nacional. Se até então havia casos efêmeros, quase isolados, de autores seduzidos pela temática ficcional baseada em algum aspecto da ciência, todavia, não cientes de uma autoria de ficção científica, nos anos 1960 a situação começou a mudar. A abertura que representou a nova tendência mundial, possibilitou que muitos autores brasileiros se sentissem confortáveis para se aventurarem, não uma, mas algumas vezes, no universo da ficção científica, admitindo aberta e conscientemente que o faziam. Isso porque de um lado, o gênero literariamente emancipou-se do formato industrial e fácil, repleto de clichês, dirigido ao público infanto-juvenil, permitindo aos autores ousar estilística e tematicamente. Por outro lado, especificamente na temática, as ciências exatas deixaram de ser o motor de torque da imaginação – com suas naves intergalácticas, armas desintegradoras e robôs superinteligentes – abrindo espaço para as ciências humanas e mesmo para temas não científicos, efetivando a mescla da fantasia com o espectro do método científico, que possibilita a verossimilhança da ficção científica.

Essa dissensão foi particularmente importante para acomodar os autores brasileiros, pouco familiarizados tanto com o tratamento existente e padronizado até então pelo *space opera* norte-americano, como para a estrutura engessada e de temáticas voltadas para as ciências exatas do modelo adotado com sucesso por John W. Campbell.¹⁴⁵ A nova tendência permitiu que nossos autores utilizassem sua experiência de escritores da ficção, aplicadas à temática inspirada pela ciência. A pequena restrita vivência brasileira de uma comunidade de escritores de ficção científica, tornou-se possível em razão de pessoas não oriundas do gênero. O seu reconhecimento era originado de outros trabalhos, onde o gênero entrou como uma fase ou experiência de cada autor. Pode-se dizer que o relativo sucesso dessa experiência brasileira deveu-se mais ao reconhecimento pré-existente dos autores, do que em razão de uma atração do público pela literatura de ficção científica. Aliás, em certa medida, tais trabalhos recebem pouco ou nenhuma atenção da crítica literária, quando se

¹⁴⁵ John W. Campbell foi editor da revista *Astounding Science Fiction* e exigia um padrão temático rigoroso para a ficção científica que publicava, centrado em máquinas e nas ciências físicas. Pelas mãos dele foram lançados Robert A. Heinlein, Arthur C. Clarke, Lester del Rey, Theodore Sturgeon, A. S. Voigt, Hal Clement e Isaac Asimov. Boa parte desses escritores, embora criados sob o rigor do modelo Campbell, adaptaram-se e ajudaram decisivamente a produzir a liberdade da nova onda ou nova tendência mundial.

observa o conjunto da obra de cada autor. Isso dá a entender que a incursão na literatura “menor” da ficção científica foi um deslize ou um lapso criativo num determinado momento da carreira. Nesse pormenor, a ficção científica brasileira deve muito mais a estes autores do que eles o contrário.

O rompimento da estreita relação entre ficção científica e ciências exatas foi um fator importante para atrair os autores brasileiros. A constatação de que a realidade comporta muito mais estranhezas do que se supunha anteriormente, foi decisivo para o rompimento dos modelos literários e temáticos do *space opera* e o advento da nova tendência, tornando suficientes o gosto pela ciência e vagas noções dos conhecimentos e métodos científicos para fazer dos mistérios contidos nos limites averiguáveis da ciência, amplo campo para a imaginação exercer sua atividade. De certo modo, a nova tendência ao oferecer esse espaço para que autores não familiarizados com as ciências, de modo geral, e as exatas, especificamente, permitiu que houvesse uma oferta autoral possibilitando o surgimento, relativamente vigoroso da ficção científica no Brasil.

É controverso o papel que desempenha o desenvolvimento científico-tecnológico na produção de ficção científica. No entanto, quando associamos os fundamentos do gênero ao desenvolvimento técnico-científico, sobretudo a partir da Revolução Industrial, e à explosão científica dos séculos XIX e XX, praticamente inviabilizamos uma negativa dessa relação. Ainda mais quando estabelecemos que a visualização do progresso científico, notadamente em seus feitos tecnológicos, prepara a imaginação para o fato da sucessão técnica qualitativa e progressiva. Existem evidências fortes para esse argumento. O caso dos EUA, da antiga URSS, da Inglaterra, da França, do Japão, e em menor escala, da Austrália, do Canadá e da Itália, são significativos da proximidade entre o desenvolvimento científico e da ficção científica. Não obstante, segundo Fausto Cunha, o Brasil seria um exemplo em contrário, comprovando a inoperância da relação ficção científica/ciência-tecnologia. “*O suporte tecnológico é o que menos importa (afinal, temos São José dos Campos, Barreira do Inferno [e] muitos cientistas)*”.¹⁴⁶ Por similaridade poder-se-ia se incluir os casos da Índia, China, Coréia do Sul e Argentina.

Entretanto, há uma sutileza nessa argumentação que não pode ser ignorada. Todos esses países citados possuíam centros de excelência científica por volta e a partir dos anos 1960, porém o mesmo não é verdadeiro em se tratando da visualização cotidiana das concretizações tecnológicas da ciência, assim como da vivência de uma política consistente de educação e difusão dos conhecimentos e noções científicas. A visualização rotineira de novidades técnicas e uma política educacional voltada para a ciência são situações que

¹⁴⁶ CUNHA, Fausto. A ficção... op. cit. p. 19-20.

instrumentalizam a imaginação e, conseqüentemente a escrita da ficção científica. Presentemente o caso da Índia é, nesse sentido, o mais paradoxal. O país, cuja importante parcela da população vive em miséria endêmica, é um dos poucos a possuir veículos de lançamento de satélites, armas atômicas e alta tecnologia em informática. No entanto, não se mostra relevante a produção de ficção científica indiana. No caso brasileiro, os anos 1960 marcaram o momento de um sistemático e consistente crescimento econômico e industrial, o que significou a modernização de maquinários, a mecanização de serviços, a ampliação da frota de veículos e, até – isto muito importante – a construção de uma nova e arrojada cidade para capital de “um país do futuro”. Entre o sonho de grandeza que se avizinhava, em 1961 foi iniciado o periclitante programa espacial brasileiro que, se à época não produziu mais do que notas de jornal, marcou o início oficial da intenção de explorar o espaço.¹⁴⁷ O aumento de ícones da modernidade tecnológica auxilia a explicação do surgimento da ficção científica no Brasil e a ausência de uma política série de educação e democratização do conhecimento complementa a explicação do porque essa iniciativa não floresceu com mais vigor, ficando, como enclave literário, constantemente isolado do interesse comum.

Mesmo existindo centros de excelência científico-tecnológicos, não havia uma quantidade de cientistas e técnicos suficientes para que, ocasionalmente, alguns destes se interessassem em desenvolver aptidões literárias para expressarem na ficção científica seus conhecimentos, sonhos e temores ligados à sua especialidade. É deste substrato íntimo à ciência e à tecnologia, inexistente no Brasil nos anos anteriores a 1960, que o *space opera* norte-americano se alimentou, com nomes por exemplo de Isaac Asimov, um químico e Robert Anson Heinlein, um tenente da marinha estadunidense. A ausência de um público interessado, parcamente estimulado e preparado para os assuntos científico-tecnológicos, adicionado a uma fraca indústria editorial complementam as justificativas para o entendimento do porque não vivenciamos algo como o *space opera*, por exemplo. Alegar que esta literatura é uma particularidade da cultura norte-americana como se fora um traço folclórico local, é subestimar a importância do caráter internacional, ou antes ocidental, do progresso científico-tecnológico ao qual o Brasil pertence, e das implicações do jogo geopolítico das nações que tem interesses econômicos em fomentar de um lado e impedir de outro o desenvolvimento desta esfera de conhecimento humano, segundo suas conveniências.

Com isso, evidentemente não estamos afirmando que um adequado investimento nas ciências brasileiras fosse produzir uma versão tupiniquim do *space opera*, mas dado nosso pertencimento à cultura ocidental e a ocorrência de uma incipiente ficção científica no

¹⁴⁷ BARCELOS, Eduardo Dorneles. Telegramas para Marte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 35.

Brasil, certamente seria diferente, talvez com uma quantificação maior do que os tímidos e indecisos exemplos isolados de autorias anteriores aos anos 1960. Como seria, já é um exercício de especulação e uma escrita de ficção científica que não pretendemos fazer aqui.

Essa espécie de hiato, em realidade um início tímido dadas as condições nacionais, foi compensado com a crescente modernização do país a partir de fins da Segunda Guerra Mundial, exemplificado pela construção de indústrias de petróleo e aço, bem como através das recentes condições de tratamento criadas pela nova tendência mundial. Enquanto os autores norte-americanos da época do *space opera* utilizavam as relações com as ciências exatas para pleitear a verossimilhança que a imagem social da ficção científica oferece ao público leigo, os autores da nova tendência, entre eles os brasileiros, procuravam mimetizar algum aspecto dos procedimentos e métodos científicos, reproduzindo traços de sua lógica de funcionamento. Para os primeiros as ciências exatas eram subentendidas na temática do enredo, ao serem introduzidas viagens espaciais, computadores maravilhosos, máquinas fantásticas variadas, como conseqüência dos avanços da física, da química e da matemática, o que se entendia como o caminho legítimo para a obtenção do conhecimento científico.

Os autores da nova tendência, por seu turno, utilizam semelhanças com o fazer científico apoiando-se em uma forma de argumentação escondida atrás de “leis da física” e “evolução”, ou criam neologismos que se pareçam com um dizer científico, sustentados por uma noção de progresso quase automática que prevê “novas” descobertas contínuas, o que justificam suas criações imaginárias como sendo científicas. Ao mesmo tempo, esses neologismos revestem-se, por vezes, de significações sem sentido camuflando-as no espaço mesmo de ininteligibilidade da linguagem científica, confundindo-a com o conhecimento oculto, cujo poder de detenção tem endereço e é reconhecido socialmente. Desse modo, todo objeto da temática na nova tendência, mesmo não reconhecida como científica, recebe, por menor que seja, um verniz de cientificidade.

Essa prática, intensamente utilizada na ficção científica brasileira, pode aproveitar argumentos reais da ciência incrementando-a para oferecer uma aparência de justificação mais requintada. Um exemplo disso, recorre às reações de matéria e antimatéria, uma possibilidade física que, em tese, resulta grandes quantidades de energia. O volume energético é empregado para destacar a grandiosidade do objetivo pretendido, pois, para uma grande conquista técnico-científica, a verossimilhança pede uma grande solução. Assim, a imensa fonte de energia pode movimentar um motor capaz de vencer distâncias interestelares. Descrições do funcionamento dos engenhos freqüentemente aliam criativas explicações a poderosas resultantes das máquinas imaginadas:

O momento de acelerar os giroscópios concêntricos, de rotação sincronizada, que regulam por centrifugação o encontro de átomos semelhantes, porém de valor matemático tanto acima quanto abaixo de zero. Pelo aniquilamento, matéria – antimatéria, dá-se extraordinária liberação de energia. [...] A dosagem sob controle é que afetará a velocidade.¹⁴⁸

Junto ao processo real é agregado um linguajar que pretende ser técnico, pela incompreensibilidade da combinação das palavras “difíceis”. O uso de um linguajar truncado, composto inclusive por palavras imaginadas, funciona igualmente sem o apoio de uma teoria ou hipótese real da ciência, embora seja apresentada numa estrutura caricaturada do que se imagina possa lembrar uma provável argumentação científica. A descoberta de um planeta em uma das histórias, é assim comprovada:

[Comprova-se] assim, empiricamente, os resultados espantosos da astro-micro-fotografia-cibernética que dava uma contagem de grãos de prata bem menor, nas imediações de Tau [uma estrela], num dos pontos da área em volta de seu diâmetro, demonstrando a existência de algo que refletia a sua luz e que queimava a chapa emulsionada, produzindo a diminuição dos micro-grânulos dos sais de prata. Isso significa [...] a existência de Tule, o meu planeta.¹⁴⁹

Quando não há uma digressão complexa simulando as dificuldades que revestem a compreensão da linguagem científica, a semelhança pode ser buscada na perspectiva da descoberta de um fato novo. Expectativa sempre presente em se tratando da ciência. Nesse caso, um simples neologismo pode nomear a referida descoberta, a partir da qual toda uma complexa realidade ou ações específicas podem ser criadas contando-se com uma boa expectativa de verossimilhança na história. “*Jonas André Camp havia descoberto o raio que permitia estudar toda a dinâmica do pensamento humano, aquele, pelo qual, em ondas merk, duas pessoas podiam, ao mesmo tempo, viver a mesma idéia*”.¹⁵⁰

¹⁴⁸ Trata-se de uma viagem pela galáxia em uma nave de amigos extraterrestres, visitando sete planetas de onde são obtidos conhecimentos que confirmam o papel decisivo do cristianismo no desenvolvimento de uma humanidade saudável e fraterna apta a explorar pacificamente o espaço. FETEIRA, Raul. Sete moradas na rota sideral. Rio de Janeiro: Record, 1975. p. 19. O processo é teoricamente possível e resultaria em uma grande quantidade de energia. No entanto, existem dificuldades práticas insolúveis. Inexistem fontes de antimatéria o que obrigaria à produção artificial dos átomos negativos. Porém o processo demanda tanta energia quanto o resultado final da reação poderia oferecer, o que inviabiliza o uso prático do aniquilamento físico. E finalmente, ainda que fosse viável, a força resultante seria incapaz de acelerações quais as pretendidas na história do autor. Ver, SAGAN, Carl. Pálido ponto azul. op. cit. 390-93.

¹⁴⁹ O anúncio da primeira recepção de um sinal rádio inteligente, causa grande alvoroço na comunidade científica e desacordos sobre como e o que responder aos alienígenas. Os debates acalorados perdem o sentido em razão da descoberta de que as batidas recebidas pelo radiotelescópio foram feitas por um pica-pau aninhado na ponta da antena. SCAVONE, Rubens Teixeira. Diálogo dos mundos. São Paulo: GRD, 1961. p. 47.

¹⁵⁰ Cientista obcecado em humilhar a humanidade, constrói uma máquina similar à televisão que cria e emite histórias ficcionais capazes de hipnotizar pessoas, ao mesmo tempo em que faz uma espécie de lavagem cerebral que anula a criatividade dos espectadores. Inesperadamente uma revolta contra a máquina e seu criador destróem a Ficcionista sem, contudo, conseguir recuperar a capacidade da criação ficcional. QUEIROZ, Dinah Silveira de. A Ficcionista. Comba Malina. Rio de Janeiro: Laudes, 1969. p. 122. Grifo nosso.

As justificações adquirem, em alguns casos, sofisticações impressionantes, verdadeiras caricaturas irônicas do dizer complexo presente nas especialidades científicas. Criações de neologismos que identifiquem pressupostos novos e notadamente incompreensíveis, simulam uma situação, a qual não resta nada mais que crê-la uma realização científica:

Data dessas épocas remotas o descobrimento das **ondas sness** e da **lei do espaço-energia de Appel-Murilo**. Não posso imaginar como não lhes foi possível interpretarem logo a **constante AM** como a nossa **constante bûtica** e não previram a **hipomagnetização dos corpos** que se deslocam em segmentos de espaço submetidos à **lei de Ruick**, que não é mais do que uma **reversão buto-enantimórfica progressiva**.¹⁵¹

A referência a *épocas remotas* reforça o caráter progressivo da temporalidade, estipula uma distância e estabelece no futuro o tempo de um patamar científico-tecnológico superior em relação à atualidade e, assim sucessivamente, até um porvir que já é passado para o futuro seguinte. O mesmo autor em outro texto assinala essa relação do tempo futuro com o progresso técnico complexo, ao afirmar que o emprego de “*energia infra-atômica e deslocamento instantâneo-intermitente, [era] o que transformava as explorações interplanetárias em verdadeiros passeios de fim de semana*”.¹⁵² Quando se considera que o virtual impossível é, no futuro, um simples rotineiro, implicitamente ocorrem considerações sobre algo que é fácil na atualidade dos anos 1960 e, no entanto, uma virtual impossibilidade para o ano 3000 a.C. Atravessar oceanos voando, por exemplo. Essa espécie de comparação do presente com o passado permite uma análise semelhante entre o presente e o futuro, um futuro imaginado na mesma perspectiva da relação presente/passado.

Sabemos o que aconteceu na história, pois, pelo narrador, fomos informados de seu desenrolar, mas não entendemos como tal foi possível. As explicações apresentadas fingem uma compreensão de especialistas expressas em vagas noções. Afinal os cientistas não conseguem transgredir a barreira de incompreensão dos leigos, que testemunham, como o leitor, apenas os resultados práticos. Quantas pessoas compreendem claramente como funciona o telefone, algo tão banal? Nessa mediação entre o incompreensível e o

¹⁵¹ A decadência climática de Marte obriga os colonizadores humanos e os marcianos nativos a abandonar o planeta. O último vôo é acompanhado e narrado por um repórter que, através dos sofisticados e rápidos meios de comunicação do futuro, entrevista especialistas para contar a história da colonização do planeta, da conjuntura, crenças e tecnologias da “remota” época. CUNHA, Fausto. Último vôo para Marte. In: TÔRRES, João Camilo de Oliveira et.al. *Antologia brasileira de ficção científica*. Rio de Janeiro: GRD, 1961. p. 99-100. Grifo meu.

¹⁵² Jovem astronauta marciano vem à Terra em missão de exploração e constata que, apesar das rigorosas condições do planeta, considerado muito quente mesmo no pólo sul, há condições de abrigar vida marciana. As evidências de vida terrena inteligente esbarram na incapacidade do marciano se comunicar com pingüins, confundidos com humanos em razão do entendimento marciano de que cada planeta pode abrigar apenas uma espécie viva, como ocorre em Marte. CUNHA, Fausto. Viagem sentimental de um jovem marciano ao planeta Terra. *As noites marcianas*. São Paulo: Elos, 1969. p. 41.

maravilhoso, existe uma exaltação dos feitos científicos. No entanto, contrabalançando essa admiração, evidencia-se algo como um desprezo mascarado no cômico, dirigido à barreira que constitui a linguagem científica e sobre a qual erigi-se um pedestal de arrogância frente aos leigos mortais. Nesse sentido, é pleno o veio satírico, que Raul Fiker identifica como sendo a ficção científica, não agindo sobre aspectos sociais diversos, mas nesse caso sobre a ciência tomada como uma “seita secreta”. É uma idéia, em muitos casos preconceituosa, embora alimentada de variados modos pelos próprios membros da comunidade científica. São os miseráveis garranchos de receitas médicas, os argumentos propositadamente labirínticos de cientistas, acadêmicos e intelectuais, bem como uma empáfia gestual programada, entre outros comportamentos que objetivamente estabelecem uma fronteira clara entre esta classe “especial” de seres humanos e os indivíduos “comuns”.

Nas imagens criadas na própria ficção científica, a relação de ignorância e crença no poder quase místico da ciência, como argumento para a verossimilhança de uma hipotética conquista científica, está presente nos enredos. Uma viagem ao passado é descrita simplificadamente de molde a revelar a distância entre o leigo e o conhecimento especializado que a torna cientificamente possível. A complexidade de uma “lei física do som” que possibilita a viagem temporal não é explicitada para o leitor, para que ele mesmo constate sua ignorância, pois o próprio personagem é incapaz de compreender e transmitir as filigranas teóricas *“O Professor [...] disse que a lei lá do seu entendimento era de que o barulho, mal comparando, é pedra jogada na água. Abre uma roda, mais outra, mais outra. Que tudo quanto foi palavra dita fica rolando no mundo que nem alma penada; que a gente pode entrar na onda de um canto sôlto e perdido de tempo antigo”*.¹⁵³

Essa lei da física, ininteligível tanto para o personagem quanto para o leitor, é complementada por um conhecimento não científico, caracterizando a liberdade da nova tendência mundial. Além do domínio científico, o indivíduo que pretenda viajar ao passado, para ter sucesso, deve possuir propriedades mediúnicas. O fato patente dessas invenções imaginárias de descobertas científicas e dos seus conseqüentes neologismos é a vantagem de revestir com um esmalte científico, quaisquer propriedades e situações que se queira oferecer ao imaginário da ficção científica, interferindo e solucionando todas as dificuldades que surjam na trama e ante os personagens.

A freqüência e a facilidade com que as situações mais esdrúxulas foram incorporadas à ficção científica demonstram também o quanto a imaginação alçou vôos ao

¹⁵³ Malandro carioca narra sua curta vivência numa pensão com um estranho professor que vive tocando uma flauta repetindo incansavelmente as mesmas notas. Segundo o malandro, o professor ter-lhe-ia informado que, de acordo com uma teoria física, repetindo a melodia era possível regredir no tempo e encontrar, no passado, a pessoa a quem correspondia as notas entoadas. QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Comba Malina*. op. cit. p. 14.

infinito, em uma razão proporcional ao crescimento das mudanças efetivas da ciência e da tecnologia, estendendo os seus limites para tempos e espaços mais distantes, bem como, criando maiores e mais impressionantes prodígios da realização técnica. Para a ciência, a diminuição do ritmo de progresso pode significar a possibilidade de estagnação por inviabilidade técnica, física e econômica de prosseguir. Todavia, a ficção científica não está presa aos mesmos laços da realidade. Esses estão adstritos apenas à semelhança, de modo que a imaginação de ficção científica, pode realizar imaginariamente aquilo que a ciência, talvez, seja incapaz.

Em muitos casos, a investigação científica não tem condições, atualmente, de realizar um experimento concreto, com resultados e conclusões. É o caso da teoria das Super-Cordas na Física. Tal situação leva os cientistas à pura e simples especulação ou à Filosofia, como um circunscrito exercício de pensamento. Pode-se dizer, inclusive, que se trata de um exercício muito próximo à ficção científica, por não haver possibilidades de apresentação de provas. Essas explicações e hipóteses meramente imaginárias, *“nos dão a dimensão de nossa insignificância, na medida em que mostram o alcance limitado de nosso conhecimento empírico, e, ao mesmo tempo, abrem os horizontes da inspiração, pois também atestam que a imaginação é ilimitada”*.¹⁵⁴ A ficção científica terminaria por cumprir o objetivo último da ciência, na medida em que esta hipoteticamente pode vir a perder o campo da experimentação. Situação tal sonda mesmo as explicações científicas que detenham forte reconhecimento na comunidade científica e na sociedade, de modo geral. A disputa por uma certa hegemonia na explicação da origem da vida na Terra é exemplo dessa dependência da imaginação em oferecer uma boa interpretação para as evidências coletadas. *“Quem disse que a origem da vida na Terra foi plausível? A vida pode ter nascido de uma convergência estranha de acontecimentos improváveis e até inimagináveis”*.¹⁵⁵

O caráter de verossimilhança da ficção científica é bastante forte. Não faz acreditar em uma ou em outra história imaginada, como se essa fosse possível algum dia no futuro, mas reforça a crença na inesgotável capacidade do método científico em corresponder à curiosidade humana com respostas corretas. Na medida em que essa crença é traço importante do imaginário social sobre a ciência, da qual a ficção científica empresta similaridades que constroem sua verossimilhança como parte do imaginário sobre o gênero, cumpre atentar para os aspectos que possibilitam a construção desta imagem de sucesso da ciência, e como a característica de verossimilhança da ficção científica contribui para a sustentação dessa imagem. Como já foi visto, o discurso da verdade é contraditório em relação ao método experimental, que necessita da dúvida, do questionamento incessante e

¹⁵⁴ HORGAN, John. op. cit. p. 145.

¹⁵⁵ Ibid. p. 180.

de um estado de incerteza constante, mas corresponde a interesses de variadas procedências cristalizados na institucionalização do discurso científico.

Nessa formatação, indivíduos ou grupos sociais, notadamente os relacionados ao capital e aos interesses industriais e nacionais, beneficiam-se da crença social no poder da ciência em revelar aspectos da realidade, tomados como verdadeiros. Prestígio e poder político-econômico, muitas vezes, sobrepõem-se às conclusões e/ou evidências apontadas pelo questionamento científico, calando-os ou deturpando-os conforme as conveniências. Há uma certa semelhança no bojo da ciência com aspectos de uma religião ou partido político, embora, como lembra Carl Sagan, o mecanismo de correção da ciência seja o mais eficiente. Existem hierarquias, existem disputas por poder e, ainda que seja possível transformá-las em virtude do estado de constante dúvida da ciência, existem explicações tão convincentes que são quase dogmáticas. Evolução, Big Bang, Gravidade, Números Inteiros, Átomos, quem ousaria desafiá-los? E, no entanto, a própria ciência antecipa que isso pode ser feito, bastando provas para fazê-lo. A crença nos argumentos científicos baseados em resultados verificáveis é o sucesso de um discurso cujas palavras que o enunciam, possuem receptividade, aceitação e reconhecimento. São palavras de elevada eficácia simbólica. Nos dizeres de Pierre Bourdieu, “*a eficácia simbólica das palavras se exerce apenas na medida em que a pessoa-alvo reconhece quem a exerce como podendo exercê-la de direito, ou então, o que dá no mesmo, quando se esquece de si mesma ou se ignora, sujeitando-se a tal eficácia, como se estivesse contribuindo para fundá-la por conta do reconhecimento que lhe concede*”.¹⁵⁶

O discurso, isto é, o encadeamento de palavras que comunica um significado, é uma estrutura lingüística dinâmica que no cotidiano social dispõe, segundo Bourdieu, de maior ou menor *capital simbólico*. O capital simbólico corresponde ao valor de reconhecimento de um discurso pelas pessoas que o recebem. A quantidade de capital simbólico define a capacidade que este tem para nomear. Segundo Bourdieu, o conceito de *nomeação* engloba o processo de transformação de objetos, pessoas e coisas, segundo os dizeres de um determinado discurso. Portanto, é a partir da quantidade de capital simbólico, isto é, da importância do reconhecimento de um discurso, que este poderá nomear mais ou menos o mundo social. Pela medida do capital simbólico, um discurso terá condições de transformação na realidade de forma intensa ou não. Reconhecer um discurso é admitir validade ou veracidade de suas palavras, é renunciar à opinião própria e aceitar a do discurso reconhecido. A atuação de um discurso é de fluidez rarefeita, dificilmente distinguível por se tratar de uma ação notadamente inconsciente, é um processo que incide

¹⁵⁶ BOURDIEU, Pierre. op. cit. p. 95.

sobre pessoas, objetos e no próprio discurso, transformando-o a si próprio segundo seus interesses, desde que legitimado pelo reconhecimento dos seus receptores.

O discurso congrega uma comunidade de pessoas e de instituições, de objetos mesmo, em torno de uma relação legítima e tácita para toda a sociedade. De um lado, estão os que o enunciam compondo um grupo aceito como autorizado a dizê-lo. De outro, estão os receptores que reconhecem e admitem o discurso e o grupo autorizado a utilizá-lo. No interior do grupo há uma relação semelhante de reconhecimento e autorização constituindo hierarquias internas, evidentemente reconhecidas pelos outros componentes do mundo social fora deste grupo. De acordo com Bourdieu, os integrantes do grupo autorizado a utilizar o discurso têm a capacidade de nomear a realidade, isto é, de transformá-la, de acordo com a quantidade de capital simbólico que cada um possua. Quantidade esta distribuída de forma correspondente à posição no interior da hierarquia do grupo. Portanto, o grupo decide quem poderá falar em nome do discurso e até quanto de autoridade ele poderá usar para nomear. Para Bourdieu, o indivíduo que fala em nome do grupo e do discurso, é um *procurador* ou um *porta-voz autorizado*. “O porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador”.¹⁵⁷

O discurso científico indubitavelmente possui um enorme capital simbólico, posto que grande parcela da humanidade aceita as palavras por este enunciadas. Há também, reconhecimento da autoridade de um *grupo* que o enuncia, a comunidade científica e de seus *procuradores*, os cientistas, para nomear através das palavras oriundas deste. Atentar para essa relação entre discurso, indivíduos e objetos é observar como a ciência passa pelo processo de institucionalização e validação de suas afirmações. Através das palavras da ciência e de seus procuradores, há transformações do mundo social. Indivíduos são alçados à fama e à riqueza, nichos de reprodução do discurso científico são criados – universidades, escolas, laboratórios –, políticas públicas e privadas são direcionadas, modos de vida alterados, pessoas e grupos são laureados enquanto outros são marginalizados. Todas essas transformações na realidade ocorrem pelo exercício do poder angariado no reconhecimento social da validade do dizer científico. Reconhecimento conquistado às custas da eficiência do método experimental que, caso fosse constantemente exercido, contrariaria muitos interesses e dizeres feitos em seu nome. Essa é uma diferenciação importante e sutil, pois coloca em pólos opostos uma prática que vende a promessa da verdade – a ciência institucional – e outro que almeja a dúvida constante, que necessita do

¹⁵⁷ Ibid. p. 89.

estado de incerteza – o método experimental. Ambos são partes de um discurso, mas um discurso que constrói uma imagem de portador da verdade, por mais que o contrarie o método experimental.

2. SUPORTE MÍTICO DA FICÇÃO CIENTÍFICA E DO DISCURSO CIENTÍFICO

A volubilidade dos usos lingüísticos do discurso científico, sobretudo quando relacionado à imagem de um discurso da verdade ou, por outra forma, quando se remete à imagem de uma fala confiável, tida como correlata da realidade, realiza no ato de nomear/transformar o mundo social uma forma de eleição de palavras, objetos e indivíduos representativos dos valores contidos no discurso, mas principalmente presentes na sua imagem social. Não raramente, nessa eleição ocorre o processo de construção ou manutenção de figuras míticas, que vem a ser a demonstração para todo o mundo social da importância que os valores científicos atrelados a essas figuras expressam possuir.

Genericamente, um mito é uma imagem simples que traduz uma idéia significativa e importante no interior de um discurso. A imagem mitificada pode ter origem vocabular ou iconográfica e tem a propriedade de incorporar um valor ou idéia síntese dentro de um código lingüístico mais complexo do que o mito pode ser, embora este o encime representando-o. O discurso científico é um discurso poderoso, pois possui grande reconhecimento social, isto é, domina um elevado capital simbólico. Da ampla aceitação, há extenso alcance da capacidade de nomeação da realidade, ou seja, há grande possibilidade de transformá-la. Através dessa situação favorável, o discurso científico consegue realizar uma forma de nomeação que vem a ser a eleição de imagens suscetíveis de serem mitificadas, comportando, transportando e transmitindo para o mundo social, idéias e valores sobre a ciência que, subseqüentemente, participam da construção de uma imagem da ciência.

Parte da verossimilhança da ficção científica está contida na utilização dessas imagens míticas da ciência. Outra parte, como foi visto, está em mimetizar os procedimentos da ciência, às vezes caricaturando-os e outras os copiando. Quando dizemos que a ficção científica realiza um aporte nessas características imagéticas da ciência, subentendemos que ao mesmo tempo estabelece-se um vínculo entre o gênero e os mitos científicos nomeados. Portanto, a ficção científica, além de entretenimento e estímulo à imaginação, é participante auxiliar na conservação e difusão desses mitos, posto que sustenta no imaginário, valores da ciência. Mesmo quando se posiciona antagonicamente. Afinal, o que importa não é, essencialmente, a opinião sobre a ciência, mas o fato da utilização da sua estrutura, de seus métodos, de seus projetos e de suas expectativas. O uso constante, o fazer, é mais eficiente para a permanência, do que o dizer. No uso mimético e mítico de caracteres da ciência, a ficção científica é, portanto, conservadora. No âmbito da verossimilhança a imagem da ciência confunde-se com a imagem da ficção científica.

Independente da realidade, imagetivamente ambas demandam o progresso, ambas almejam o futuro, posto que é nele que imaginariamente se realizam e ambas tencionam destrinchar a realidade revelando-a, uma concretamente, outra imaginariamente.

A relação mostra-se mais forte quando o fluxo que as liga se inverte. Em princípio é a ciência que fornece o motivo da existência da ficção científica. Mas o que dizer quando temas da ficção científica tornam-se objetos de estudos científicos? Quando engenheiros se propõem a viabilizar concretamente as imaginações produzidas ou cria-se um curso de graduação votando-lhe total atenção sobre diversos aspectos, dos técnicos aos sociais?¹⁵⁸

A relação íntima entre ciência e seu gênero literário redundando em uma apropriação comum das imagens eleitas para constituir um mito. Há partilha de um mesmo mito, o que quer dizer, a partilha de uma mesma imagem. A imagem mitificada, é simbolicamente pobre, posto que comporta idéias síntese de uma complexidade maior. De acordo com Roland Barthes, qualquer coisa pode ser a imagem construída de um mito, *“tudo pode constituir um mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso”*.¹⁵⁹ Um discurso que eleja, que nomeie, que transforme uma imagem qualquer, preenchendo-a com seus significados e tornando-a signo destes. O discurso destaca algo de qualquer contexto esvaziando-o e, em seguida, atrelando a este algo valores que representem o discurso. De tal modo isso ocorre, que uma mesma coisa pode ser apropriada como mito de discursos diferentes.

Essa forma cambiante da imagem que constitui um mito, revela o quanto depende do discurso o modo como será visto e entendido. O compartilhamento de mitos entre ciência e ficção científica não é sinal de que ambos possuem o mesmo discurso. Um é atrelado à realidade e outro à imaginação. São coisas muito diferentes e dificilmente confundíveis. Todavia, como são unidos pela verossimilhança, é neste ponto que ocorre a partilha de mitos. O que não significa o uso idêntico deles. Em um certo sentido, a ficção científica tende a exacerbar, ou melhor, a intensificar os mitos da ciência, chegando a produzir os seus próprios. Como lembra Roland Barthes o mito não esconde nada, ele exhibe de outra forma, sua *“função é deformar, não fazer desaparecer”*.¹⁶⁰ Sendo uma imagem vazia expropriada por um discurso, o mito utiliza o significado que lhe foi agregado. Nesse sentido, os acréscimos da ficção científica aos mitos da ciência, ocorrem na forma de estereótipos. Um mito da ciência muito importante, é o do cientista. Sua imagem tipo é a do senhor

¹⁵⁸ Rubens T. Scavone lembra que na Universidade de Harvard, o professor Dwight Wayne Batteau mantinha uma cátedra de ficção científica aplicada à engenharia com a finalidade de submeter aos especialistas os produtos da imaginação do gênero. SCAVONE, R. T. *Ensaio norte-americanos*. op. cit. p. 110. E a Universidade de Glamorgan, na Austrália, oferece desde 1999 o primeiro curso de graduação em ficção científica do mundo, com o objetivo de ensinar semelhanças e diferenças entre ciência e ficção científica em diferentes meios de expressão. “Universidade ensina ficção científica”. *Folha de S. Paulo*, 20 jul. 1999, Caderno Ilustrada, p. 4.

¹⁵⁹ BARTHES, Roland. op. cit. p. 131.

¹⁶⁰ Ibid. p. 143.

experiente, de óculos e jaleco branco, enfiado em um laboratório. A ficção científica usa freqüentemente este mito e faz um acréscimo, tornando-o um produto próprio; junta o estereótipo do cientista maluco, obcecado por um projeto ambicioso, comumente megalomaníaco, isolado e avesso à humanidade.

O mito do cientista e o do cientista louco confundem-se no imaginário social, acarretando uma transferência de uma parte a outra que, por exemplo, pode levar muitas pessoas a associarem o cientista maluco como padrão do cientista real, partidário, conseqüentemente, de uma ciência temerosa e ameaçadora. Essa intrusão de parte a parte, ocorre justamente porque a utilização de imagens é algo que escapa facilmente ao controle, pois dependem da interpretação feita socialmente, muitas vezes de forma ambígua e polissêmica. Nisso tudo, o fator mais importante, talvez seja a resultante do julgamento predominante sobre essas imagens e, indistintamente, dos mitos que a ajudam formar. Aí está contido uma disposição à fé, pois “*na imaginação mítica está sempre implicado um ato de crença. Sem a crença na realidade de seu objeto, o mito perderia o seu fundamento*”.¹⁶¹

Portanto, à crença no discurso científico está implícita a crença em seus mitos que, por sua vez, são utilizados nas narrativas de ficção científica, o que gera correlações em sentido inverso – da ficção científica para a ciência. O entendimento de como a ficção científica mimetiza o discurso científico, atrelando-se a ele pela verossimilhança, perpassa a análise dos mitos científicos partilhados pela ficção científica, através de sua ótica. Basicamente, existem quatro grandes mitos comuns a ambos, e dois particulares à ficção científica.

Os mitos partilhados pela ciência e ficção científica são originados e permeiam as propriedades do discurso científico. O *mito da Teoria* é uma instância relacionada diretamente ao poder argumentativo e explicativo da ciência. É com teorias que a ciência apresenta sua versão da realidade, de onde, a partir da imagem da própria palavra Teoria, ou Hipótese, ou outra correlata, muito se pode interpretar imaginariamente das capacidades de elucidação científica. O *mito do Cientista* e o *mito da Instituição Científica* são mitos relacionados à capacidade do discurso científico de nomeação, isto é, de transformação da realidade. O cientista é o procurador sobre o qual foi depositado um capital simbólico que o permite nomear. Ele pode falar em nome da ciência, logo a imagem esvaziada de um cientista compreende a significação de todos os porta-vozes da ciência. Instituições científicas, como universidades, laboratórios e institutos representam o espaço de guarda do saber científico, assim como, significam o lugar onde esse conhecimento é produzido e transmitido. O *mito da Máquina* está relacionado aos resultados materiais da ciência,

¹⁶¹ CASSIRER, Ernst. op. cit. p. 126-27.

representa a concretização das possibilidades visíveis da ciência. É também o grande mito significativo da tecnologia.

Particularmente da ficção científica, além de corruptelas estereotipadas como o cientista maluco em relação ao mito do cientista, existe o *mito do Disco Voador*, um mito derivado do mito da máquina, mas essencialmente festejado na ficção científica como ícone das mais significativas máquinas produzidas pela ciência e tecnologia, assim como inserindo a compreensão da presença alienígena em uma dimensão ampliada do espaço habitado pelos homens. Por fim, há o mais autêntico mito do gênero, o *mito da Profecia*, pois se remete à crença generalizada da capacidade da ficção científica em antecipar, ou profetizar o porvir científico-tecnológico humano.

2.1. Mito da Teoria Científica

A argumentação científica é uma das mais importantes formas de atuação do discurso científico, pois encadeia suas observações e experimentos em uma escala de valorização em direção às suas conclusões. Enunciado um problema, passa-se à busca de evidências, implementando análises e experimentos para, enfim, atingir algum resultado. Nesse processo há uma hierarquia de confirmações para cada conclusão obtida. Essas ganham credibilidade à medida que são testadas por outros indivíduos e eventualmente confirmadas. Galgando essa hierarquia, de uma problemática, propõe-se uma idéia de explicação, que, após estudos e pesquisas redundante em uma suposição ou hipótese, a partir da qual, sendo testada em repetidas experiências e nelas confirmadas, surge uma teoria ou a versão científica de uma interpretação da realidade amplamente reconhecida pelo mundo social.

A validade e o reconhecimento de uma teoria ocorre no momento em que esta é enunciada e passa pelo crivo da comunidade científica sendo aceita por número considerável de colegas. A teoria é um *status* concedido às melhores opções interpretativas em um dado momento sobre alguns aspectos da realidade. Podem ser alteradas ou substituídas conforme novas evidências ou melhores interpretações. A substituição ou invalidação de uma teoria é atributo reconhecidamente entregue aos cientistas, sendo dificilmente aceitas contestações que não partam de outros cientistas. Tais embates não são incomuns e um dos mais notórios é o debate interno da cosmologia sobre o *Big Bang*.¹⁶²

¹⁶² Existem atualmente sérias controvérsias sobre as convicções de décadas passadas na abrangência explicativa do “Big Bang” para a origem do universo. Há dúvidas sobre a quantidade de matéria do universo, a partir da qual o universo pode expandir indefinidamente, estacionar ou retroceder até um “Big Crunch”. Além

Tais discussões estão aquém da compreensão das pessoas leigas, que embora não as entendam, ou não entendam muito bem, reconhecem o papel conferido à ciência e às suas teorias, bem como às suas discussões internas, para oferecer boas respostas.

Tais alterações ou diferenças intestinas não comprometem o processo que ocorre no momento em que uma teoria é enunciada para o mundo social. Apresentar uma teoria é pavimentar algum aspecto da ignorância com uma explicação satisfatória, ainda que nem todos a aceitem. Ao estipular e apresentar uma teoria, o discurso científico satisfaz uma expectativa social de respostas ofertadas pela ciência. Novas teorias apresentam-se como signo de conquistas extras de conhecimento, indo compor junto a outras mais antigas e consolidadas, tais como a da relatividade, da evolução, da mecânica celeste, da gravitação universal, etc., o grande compêndio de resultados e respostas que dão crédito à ciência.

Sobre essa base de confiança, a palavra teoria tem uma significância muito grande. Esvaziada de seu conteúdo e perpassada pelo discurso científico, sozinha, a palavra TEORIA torna-se um ícone ou um mito da capacidade científica em solucionar mistérios a partir de bons e seguros argumentos. A teoria tornada um mito passa a significar um poder de elucidação, de esclarecimento e mesmo de origem para outras teorias, fundamentando imaginariamente a relação de que um conhecimento leva a outro. No entanto, em momento algum é essencial que a teoria seja compreendida para o reconhecimento desse poder. Sua presença no texto escrito ou falado apóia afirmativamente uma argumentação, tornando-a significativamente mais relevante, sobretudo se acrescentar à teoria o adjetivo de científica. Não é expressa a presença da palavra teoria para estabelecer essa relação qualitativa do argumento. Existem outras formas de remeter uma fala às bênçãos abalizadoras da segurança que circunscreve a palavra. Expressões como “*está cientificamente provado*”, “*a ciência diz que*”, e “*pesquisas científicas apontam*”, ou ainda mais diretamente “*tem uma hipótese que explica*” e “*já ouviu falar da hipótese...?*” povoam essa esfera de tratamento do discurso científico, mantendo próximas as relações com a teoria, numa significação simples que remete-se à teoria como mito. Ainda que essa palavra não esteja sempre presente, outras equivalentes aludem ao mito que simboliza a segurança das afirmativas científicas.

Na ficção científica, o *mito da teoria* cumpre um papel de abalizador da argumentação científica criada em uma fabulação. Pode ser uma invenção totalmente imaginária e absurda de teoria que justifica os feitos igualmente absurdos, tornando-os comuns dentro de uma lógica de cientificidade paralela e semelhante ao modelo original. Pode criar um “equivoco” em teorias reconhecidas, abrindo uma via alternativa que viabiliza a cientificidade do devaneio, por estar este no âmbito da correção do conhecimento,

disso, há questões mais sérias sobre o afastamento das galáxias entre si não estarem vinculadas a uma expansão original. Sobre essas contendas ver: HORGAN, John. op. cit.

também semelhante ao modelo original. Pode, ainda, acrescentar um “complemento” desconhecido e recém descoberto em teorias vigentes que, da mesma forma, são semelhantes à noção do passo seguinte dos conhecimentos científicos. Na ocorrência de um mistério, a lógica científica torna necessária alguma explicação que dê sentido ao que ocorre diante dos olhos de testemunhas perplexas com eventos estranhamente incomuns.

No conto *A igreja eterna* (1963), trezentos anos depois da conflagração nuclear, uma conseqüência bizarra persiste como ícone da loucura humana. Um grupo de fiéis estáticos, parados no tempo no exato momento em que ali caíra um petardo atômico, como se fôra um filme temporal parado no exato momento da detonação da bomba. Perplexos, os homens querem uma explicação: “*Mas não existem teorias?*”, pergunta um descendente do que foram os soviéticos. “*Hipóteses, caro Miklov, existem. Mas tôdas falham...*”.¹⁶³ A necessidade de explicações lógicas pede uma teoria, uma explicação segura. Todavia, ela não existe, não como certeza.

Uma das características principais da ficção científica brasileira e, de uma forma ampla, de toda a nova tendência mundial, é a ausência de explicações encadeadas e rigor de argumentação. Esse lapso, que em realidade constitui interesse menor para esses autores, é encoberto com a significação do mito da teoria. O importante é sua figuração na história justificando a imaginação. Pode ser uma teoria cujas propriedades imaginárias resumem-se na sua denominação, como uma teoria ou uma “*lei de Ruick*”,¹⁶⁴ ou então, calcado na realidade imaginando com as propriedades, por exemplo, da teoria da relatividade geral de Einstein, um dos alvos dos autores que exploram as viagens temporais e interestelares. O empecilho da impossibilidade teórica de uma viagem viável para um indivíduo através das estrelas resolve-se com as suposições nascidas para complementar o universo de quatro dimensões do físico alemão, que originou o termo dos *universos paralelos*, um conveniente atalho cósmico entre uma ponta e outra do nosso universo conhecido:

Fazia-se mister viajar nas faixas dos universos paralelos, invisíveis ao mundo físico, onde imperam outras continuidades espaço-tempo. [Afinal] de acordo com a teoria de Einstein, quanto mais a matéria se aproxima da velocidade da luz, mais a sua massa aumenta, até tornar-se quase infinita. [o que não ocorre nos universos paralelos] porque a continuidade espaço-tempo é outra.¹⁶⁵

¹⁶³ Ao eclodir a guerra nuclear, algumas pessoas de uma cidadezinha norte-americana se abrigam em uma igreja, pedindo perdão aos céus pelo crime da humanidade. Trezentos anos depois, a igreja permanece no local, com as mesmas pessoas dentro, conservadas milagrosamente num estado atemporal, como que congeladas. O fenômeno inexplicável torna-se o símbolo da paz definitiva selada entre os decendentes das antigas superpotências. MARTELLO, Nilson. *A igreja eterna. Mil sombras da nova Lua*. São Paulo: Edart, 1963. p. 196.

¹⁶⁴ CUNHA, Fausto. *Último vôo...* op. cit. p. 99-100.

¹⁶⁵ FETEIRA, Raul. *Sete moradas...* op. cit. p. 20 e 70.

Ou então, considerando o longo tempo de uma viagem espacial, o narrador informa que “*Einstein, falando da sua teoria relativista, expressou o conceito de Eternidade, [no qual] partiu da premissa de que se o homem viajasse à velocidade da luz não envelheceria, [devido ao] tempo deixar, matematicamente, de decorrer...*”.¹⁶⁶ O fato de não ser apontado e explicado como atua a outra *continuidade espaço-tempo*, e enfim, o caso de a linguagem não ser inteligível para alguns, e efetivamente não ter ordenamento lógico e sentido, perde importância face à impressão de solução cientificamente elaborada, diante da apresentação ao leitor de um modo de concretizar tecnicamente a superação dessa barreira cósmica do espaço, sobretudo ao inserir a solução “matematicamente” elaborada, como um atestado de segurança da resposta. O importante é a presença de uma solução com características semelhantes a uma elaboração científica, auxiliada por um subterfúgio típico da ficção científica, a criação ou “descoberta” de novas leis na realidade física e o aponte conveniente na matemática.

A teoria usada na ficção científica, além de totalmente imaginada ou baseada na realidade, pode fazer uso de teorias ultrapassadas e que caíram em descrédito ou que não conseguem ser comprovadas por falta de capacidade técnica. A ciência em alguns casos pode insistir em alguns campos antes considerados inférteis, em decorrência de um novo avanço tecnológico. É o caso, por exemplo, dos novos esforços nas pesquisas da fusão nuclear a frio.¹⁶⁷ Na ficção científica essa abordagem de teorias “marginais” permite um campo profícuo de exploração, pois oferecem possibilidades de confirmações a mais. Nessas situações, a ciência começa “*por desenvolver algumas teorias ainda um tanto controversas [...] expondo algo de novo com respeito a teorias ainda pouco divulgadas*”.¹⁶⁸ A marginalidade que abre várias possibilidades de realização encontra outros respaldos na realidade. Ocorreu com o lamarkanismo quando do sucesso do darwinismo, esquecido e execrado pelos evolucionistas adeptos da evolução darwinista. A biologia o recuperou aproveitando sugestões de sua teoria. Essa idéia de recuperar algo em andamento, prosseguindo um projeto pela metade é estimulante imaginariamente, abrindo espaço para diversas conclusões. “*Meu neto [...] retomará os estudos e continuará o trabalho científico do avô. O ‘efeito R’ é que permitirá ao homem pisar nos outros planetas*”.¹⁶⁹

¹⁶⁶ Ibid. p. 69.

¹⁶⁷ Sobre o uso de energia nuclear e fusão a frio ver: DYSON, Freeman. op. cit.

¹⁶⁸ FETEIRA, Raul. *Sete moradas...* op. cit. p.124-25.

¹⁶⁹ Cientista descobre um meio de viajar no tempo e volta quatrocentos anos no passado. Lá ele encontra um alquimista que sugere vir de um tempo futuro ao dele, lhe contando sobre descobertas precoces feitas num tempo que não está preparado para tê-las. O cientista decide voltar ao seu presente e destrói os meios, anotações e cálculos para a realização da viagem. MENEZES, Levy. L. v. R. *O terceiro planeta*. Rio de Janeiro: GRD, 1965. p. 60.

Os estudos do *efeito R* simulam o prosseguimento no desenvolvimento de um conhecimento que pode culminar em uma importante teoria. As evidências e dados tais como o *efeito R*, efetivamente existem no universo imaginado, comparativamente com o que se observa existir nas teorias reais. Esses interstícios ocultos da natureza, quando revelados, abrem os horizontes do conhecimento e eventualmente resultam em uma teoria e secundariamente em uma técnica capaz de permitir ao homem maiores capacidades de realização. No caso do *efeito R*, viajar pelas estrelas. O que foi sugerido confunde-se com o conhecimento comum do que ocorre com descobertas científicas, um novo conhecimento que redundará em novas tecnologias com uso inovador e a priori mais eficiente na vida cotidiana das pessoas. A comparação com procedimentos reais, historicamente ocorridos e presentemente atuantes, possibilitam uma transposição para a imaginação da estrutura de atuação da situação real, da pesquisa científica à técnica aplicada.

A nova tendência mundial, não tem problemas para admitir as limitações e perigos a que a ciência está sujeita. Um mistério pode estar muito além da explicação científica e de qualquer teoria. O que são os OVNI's¹⁷⁰? Há necessidade de “*uma explicação razoável para o caso*”.¹⁷¹ A hipótese científica especula: “*Não seria um cometa? Um meteoro?*”.¹⁷² Longe disso! A realidade imaginária é mais complexa, “*alguns cientistas deram engenhosas hipóteses para o fenômeno*”.¹⁷³ Quais? Nem a imaginação responde, não é necessário. Se a ciência não sabe, a ficção científica também pode não saber. Ficamos esperando.

Persiste a dúvida. Uma teoria não é suficientemente completa a ponto de abranger e contemplar todos os aspectos do problema estudado. Inúmeros são os cientistas que contestam, não necessariamente no todo, mas em alguns aspectos, até as mais fundamentadas teorias da ciência. Do geocentrismo à vida suburbana na galáxia, houve vários acontecimentos e fatos incompreensíveis ao mundo social que tiveram que ser trabalhadas pelos “*homens de ciência*”¹⁷⁴ na tentativa de adaptar e encaixar cada nova

¹⁷⁰ O. V. N. I. de Objeto Voador Não Identificado.

¹⁷¹ Piloto de aviação civil observa luzes nos céus por onde trafega e decide investigar sua origem. Escolhido por inteligências do subsolo terrestre para um contato, lhe é revelada a existência de toda uma civilização mais avançada no subterrâneo da Terra, confirmando as lendas de cidades e continentes perdidos. Os intraterrestres confidenciam sua intenção de conduzir a humanidade à força no caminho do bem e da paz e pedem que ele e seus amigos lhes ajudem, sem contudo, poderem anunciar sua existência, sob pena de severas punições. SCAVONE, Rubens Teixeira. O homem que viu o disco voador. São Paulo: Clube do Livro, 1966. p. 23.

¹⁷² Id.

¹⁷³ Jornalista percebe estranhos acontecimentos que levam pessoas a esquecer fatos de suas vidas. Aos poucos também ele começa a sofrer de amnésia e decide anotar o que lembra. A morte de pequenos animais denuncia uma espécie de envenenamento em larga escala, relatada no mundo inteiro. Em realidade esses eventos são parte de um plano de invasão alienígena que o jornalista percebe pouco antes de morrer. CARNEIRO, André. O começo do fim. In: TÓRRES, João Camilo de Oliveira et. al. Antologia brasileira... op. cit. p. 19.

¹⁷⁴ No sentido de pessoas voltadas ao conhecimento de qualquer aspecto do pensamento humano e do mundo natural.

descoberta e fato novo. Invariavelmente alcançando o instante decisivo, como o do Professor Lot quando diz: “*Chegou o grande momento [...] agora é que vamos ver se a prática confirma a teoria*”.¹⁷⁵ Muito embora teorias estejam sendo confirmadas, completadas, aperfeiçoadas e substituídas, o que não muda é o fato de teorizar, de buscar uma explicação que seja a mais plausível levando-se em conta o que se conhece.

Afastando-se das dificuldades inerentes de se posicionar frente a uma teoria real, tomando-a como ponto de partida para elucubrações da imaginação, sujeita a adaptações que incluem adendos generosos de forças naturais e conhecimentos novos, há as formas de apresentação da teoria que ao invés de elaborar suas nuances, dar pressupostos e apresentar conclusões, tornam-na implícita, como fato conhecido de todos que não precisa ser explicado, mas apenas sugerido. É o que ocorre, por exemplo, na descrição de um tratamento psicológico feito numa colônia de planeta distante num tempo vindouro: “*De uma feita, ela o acarinhara com a **técnica** das doutôras em psicologia e o mandara para o reservado onde Bruno descera, mediante gases sedativos a uma inocência de oito anos*”.¹⁷⁶ A teoria já amplamente sabida na lógica do conto, possui uma aplicação prática eficiente no campo da Psicologia, que todavia não conhecemos. Tão pouco é necessário. É uma realidade implícita a existência de uma enfermidade, de cunho psicológico, decorrente do habitar um planeta diferente da Terra. Do mesmo modo, a cura para isso é baseada num conhecimento advindo da pesquisa do problema. Nada é detalhado, somente estamos cientes de que há uma enfermidade e uma cura. Contudo, sabemos indiretamente como chegou-se a essa cura. Houve estudos, testes e todo um procedimento metodológico reconhecido genericamente como científico. Tanto o problema como a solução advém de uma teoria, nesse caso psicológica, que estampa um sucesso sobre o tema, sentido na forma de resoluções e realidades concretas de cura, em práticas observáveis, ou seja, na eficiência científica.

A presença do mito da teoria, consagra como reais, afirmações imaginárias reforçando a semelhança da descrição imaginada com o procedimento científico de

¹⁷⁵ Consórcio internacional do Ocidente constrói uma estação espacial na órbita da Terra e, quando esta entra em operação é detectada uma estação similar de origem soviética. O comandante da estação Alfa, um cientista, decide entrar em contato com a estação soviética. No trajeto que os leva até lá, uma perturbação magnética de origem desconhecida põe em perigo os astronautas soviéticos e ocidentais. Um plano conjunto de salvamento detona uma bomba com o objetivo de livrá-los do perigo. Na Terra a explosão é interpretada pelo Oriente e pelo Ocidente como um ato de guerra, desencadeando o holocausto nuclear. Como únicos sobreviventes, os cientistas/astronautas decidem unir as duas estações para a mútua sobrevivência e para a preparação de uma futura re-colonização da Terra em moldes pacíficos. MONTEIRO, Jeronymo. Estação espacial Alfa. In: TÔRRES, João Camilo de Oliveira et. al. *Antologia brasileira...* op. cit. p. 117.

¹⁷⁶ Colônia humana do planeta Núbia depara-se com um fenômeno de aumento das atividades da estrela próxima e do conseqüente aquecimento do planeta. Preparados para, no interior de uma bolha refrigerada, resistir ao inclemente aquecimento, os humanos se vêem frente ao dilema de acolher ou não, expondo-se ao risco, os nativos primitivos que o calor ameaça exterminar. QUEIROZ, Dinah Silveira de. Os possessores de Núbia. *Comba Malina*. op. cit. p. 27. Grifo nosso.

investigação. Da observação ou coleta de uma situação ou objeto de pesquisa para a conclusão final provável, a teoria dispensável, os experimentos, os erros, as hipóteses fracassadas, as dúvidas e contradições, indo direto ao que interessa ao leigo. Resultados. Para os autores brasileiros e em geral os da nova tendência mundial, esse artifício calha idealmente para saltar e simular os meandros da linguagem científica que ignoramos. A complexidade da linguagem científica aumenta vertiginosamente incapacitando qualquer tentativa de equidade comunicativa entre o especialista e o leigo. Nesse cenário, a crença e o reconhecimento das capacidades e poderes da ciência superpõem-se a qualquer tentativa e possibilidade de entendimento de sua linguagem.

É nesse âmbito que trabalham nossos autores. Eles valem-se da crença na ciência e no mito da teoria para completar uma explicação que se sabem incapazes, e sentem desnecessário, realizar. Tanto o autor como o leitor reconhecem a autoridade da ciência para produzir conhecimento. Reconhecem as capacidades da ciência em sustentar o que afirmam. Ambos não entendem os códigos e a linguagem, mas acreditam neles. Há uma passagem onde isso revela-se com intensidade: “*Esse vegetal é uma forma primária de vida e, de acordo com as **comprovadas teorias** da astrofísica e da astrobiologia, pode ser encontrado até em outros planetas do sistema solar como, por exemplo, no planeta Marte*”.¹⁷⁷ A que comprovação refere-se o autor quando nunca o homem pisou em outros planetas? De onde o experimento? De onde a observação? O mito da teoria responde.

Em outra situação o próprio autor coloca-se como cúmplice na ignorância da linguagem científica: “*Em termos para leigos. [...] três painéis correspondendo às lentes, que proporcionam a total observação dos fenômenos celestes: o primeiro, o Céu Anterior, o do centro o Céu Atual, e o da ala direito o do Futuro. [...] O Doutor já ouviu contar sobre o que a Ótica, unida à pesquisa do mézon, conquistou para nós, como exploração no Tempo*”.¹⁷⁸ Certamente ninguém sabe sobre a ótica unida à pesquisa do mézon. Tão pouco a autora. No termo para leigos, sabe-se que as ciências unem-se para desenvolver novas pesquisas. Esse conhecimento é o suficiente. Toda a chance de nova pesquisa abre espaço para novas

¹⁷⁷ Presidiário condenado à prisão perpétua vê a possibilidade da liberdade em troca de arriscar a vida na primeira missão de vôo orbital. Junto ao cientista idealizador do projeto, doente terminal que crê na cura pela exposição aos raios cósmicos, o presidiário vive uma aventura imaginária dentro do fracassado vôo orbital, confundido pela insanidade do cientista com uma viagem a Marte, onde o frio do pólo norte é tomado como o frio de Marte e os esquimós como marcianos. SCAVONE, Rubens Teixeira. Degrau para as estrelas. São Paulo: Livraria Martins, 1960. p. 187. Grifo nosso.

¹⁷⁸ Médico encontra num hospital psiquiátrico subterrâneo para astronautas traumatizados, um astrônomo afetado por uma estranha observação que teve nos céus. O médico acreditando tratar-se de mais um trauma comum da era espacial, tenta analisar o astrônomo. Este explicando o que se observa nos céus do presente, do passado e do futuro, narra-lhe a estranha aparição de uma estrela incomum e inexplicável na noite do dia 24 para 25 de dezembro de todos os anos. QUEIROZ, Dinah Silveira de. O céu anterior. Comba Malina. op. cit. p. 54.

descobertas e, portanto, para novas realidades. Para a ficção científica abre espaço para novas criações imaginárias.

Em outros momentos a ignorância é apontada em terceiros como uma forma de evidenciar a perfeição ou aprimoramento maior de algum conhecimento, pela inaptidão e incapacidade de outros em acompanhar tamanho avanço científico: “*Mas não entendia nada, queixava-se e Virubov o consolava dizendo que êle carecia do indispensável preparo matemático*”.¹⁷⁹ Todavia não carece do reconhecimento e da crença de que é possível à ciência e às suas teorias avançar ao ponto da total incompreensibilidade do leigo, e que imaginariamente, é neste emaranhado ininteligível que espera-se resultados mais significativos.

Teorias são respaldos importantes para a segurança dos argumentos científicos, em geral são baseadas em experimentos e muitas verificações. Contudo, podem ocorrer confusões nesse sentido. A alguns pode parecer que uma teoria é uma elucubração tirada sem base na experiência e que esta representa um passo adiante em relação à teoria. “*Isso não é teoria [...] foi testado e examinado*”.¹⁸⁰ O equívoco pode vir do fato de que teorias tendem a parecer estruturas fechadas e acabadas, como se fossem retratos perfeitos do fragmento de realidade que explicam. Em parte isso não é falso, caso se tome como exemplo teorias conhecidas, às vezes distorcidamente, no mundo inteiro, tais como a teoria da relatividade geral de Einstein que, para os leigos, está aquém do entendimento, mas não da forte presença simbólica. O $E = m.c^2$, representa imagetivamente viagens no tempo e o poder da destruição atômica. A fórmula isoladamente consolidou-se como um mito moderno ou emblema representativo da era do átomo. O mesmo poderia ser dito da teoria da evolução de Darwin. Toda a sua significação depositada no esquema de primatas enfileirados na ascensão do Australopithecus ao *Homo sapiens*. São emblemas e símbolos que reforçam o mito da teoria, mas que fazem a vida parecer presa sob cadeias teóricas que não possui na sua realidade.

2.2. Mito do Cientista

¹⁷⁹ Expedição terrestre pouso num pequeno planeta oceânico para realizar reparos. O curioso Ma-Hôre entra na nave para investigar e é surpreendido pelo rápido retorno dos apressados astronautas humanos. Ao conseguir se comunicar o pequenino pede que o deixem voltar para seu planeta, mas os humanos negam. Aparentando conformar-se, Ma-Hôre estuda o funcionamento da nave e quando os astronautas se distraem ele os mata e retorna para seu planeta. QUEIROZ, Rachel. Ma – Hôre. In: MALHEIROS, Álvaro et. al. Histórias do acontecerá. Rio de Janeiro: GRD, 1962. p. 115.

¹⁸⁰ SCAVONE, Rubens Teixeira. Degrau para... op. cit. p. 47.

O cientista é peça central no discurso científico em razão de ser o elemento humano que conhece a engrenagem científica e que a utilizando conduz às almeçadas respostas. Independente da área, o cientista é, genericamente, uma personalidade respeitada, admirada e, em muitos casos, temida. Essa circunstância torna a imagem do cientista objeto importante a ser eleito um mito do discurso científico. Frequentemente deparamo-nos com um representante da ciência revestido dos valores do *mito do cientista*. Mais comumente as pessoas leigas encontram-se com médicos, professores, químicos de laboratório clínico, e mais raramente com físicos nucleares, geneticistas, programadores de computação, etc.

Não raramente, a imagem real de um cientista frustra a imagem ícone, o mito do que é ser um cientista: um velhinho simpático, de óculos e jaleco branco. No entanto, há um reconhecimento maior do que a validade dada à imagem. Um cientista é um sujeito autorizado a utilizar e falar em nome do discurso científico. Sua autoridade é patente. Tome-se o exemplo de um médico. Pessoas leigas podem questionar sua competência antes e depois de uma consulta, por exemplo, para outras pessoas igualmente leigas. Quantas fazem isso na frente de um médico? E quantas que, não confiando totalmente em seus procedimentos, negam-se a seguir suas prescrições? Existe sobre o “agente cientista” uma crença em suas capacidades de resolução satisfatória de um determinado problema, seja de uma consulta ou de como surgiu o universo.

A crença no cientista que o *mito do cientista* porta é um apoio utilizado pela ficção científica para transformar em semelhança científica o fruto da imaginação. À medida que a crença sobre os poderes da ciência estende-se ao cientista, pois este é o seu porta-voz e agente realizador, sua presença é fundamental para fazer de um enredo ficcional, científico. Na semelhança. É evidente a necessidade de cientistas para que exista ciência na ficção científica. Sua ausência praticamente inviabiliza essa intenção. Afinal, quem realizará o experimento, obterá aquela fórmula fundamental, encontrará a nova força física, ou construirá a máquina que possibilitam a imaginação do gênero?

A necessidade de demonstrar que a novidade científica imaginada foi “corretamente” obtida por um cientista – único elemento humano que na ficção científica é capaz de lidar com a ciência – causa algumas distorções, em relação ao que se observa na vida real do cientista com a ciência. Grandes projetos científicos e tecnológicos como os aeronáuticos e astronáuticos, da energia nuclear, genética, obras de engenharia etc., são concebidos com cooperação de elevado número de técnicos, cientistas e especialistas, e levados a cabo em experimentos, por pessoas treinadas, pilotos de testes, operários e mestres de obras, todos a compor equipes de trabalho. Modernamente os avanços técnico-científicos são oriundos

de esforços coletivos, majoritariamente financiados pelo estado ou por grandes empresas interessadas em vultuosos lucros que venham a compensar o investimento.

A ficção científica trabalha com um quadro indistinguível deste da moderna pesquisa científica, mostrando uma forma de pesquisa que, a despeito de apresentar avanços apenas sonhados para a ciência atual, trabalha com visual do século XIX. Inexistem super equipes de pesquisa, grandes investimentos, longo tempo de trabalho. Prevalece a figura do cientista solitário, estudando com recursos próprios e desenvolvendo projetos baseados em seus próprios cálculos e teorias. Um estudo sobre radioatividade, seus efeitos e conseqüências, sabemos serem levados a cabo por entidades governamentais composta de vários especialistas e instalações adequadas. Mas, na ficção científica pode ocorrer no “laboratório de [um certo Dr.] Jackson”.¹⁸¹ No porão de sua casa em um bairro residencial.

O que faz crer que um homem solitário possa realizar tal pesquisa, construir e aparelhar adequadamente um laboratório e conseguir permissão para fazê-lo?

Uma resposta poderia ser encontrada se observarmos um tempo contemporâneo e anterior à elaboração das grandes teorias científicas entre fins do século XIX e início do XX. No princípio da literatura de ficção científica, os enredos traziam a figura de cientistas ensandecidos pelo excesso de conhecimentos e a prepotência do saber ou românticos benevolentes desejosos de trazer a redenção à humanidade e ainda os megalomaníacos com sede de poder. Data da época em que os saberes não se dividiam em especialidades, quando um homem de conhecimento cuidava de vários assuntos, da matemática à literatura. Figuras que vão de Da Vinci, Pasteur a Santos Dumont, que pesquisavam por sua própria conta, segundo seus estudos e leituras, que experimentavam por si e em si mesmos o produto de suas pesquisas. Figuras reais de um tempo específico que inspiraram na literatura o Dr. Frankenstein, de Shelley; o Dr. Moreau, de Wells; o Capitão Nemo, bem como os diversos cientistas empreendedores, intrépidos e loucos de Verne.

A imagem do cientista que faz os cálculos e realiza as próprias experiências deve muito àquela época. Temo-la nós também, mas não tão famosos. “O Dr. Lebenthal, [é] a mais importante figura oculta nos bastidores de grandes consórcios farmacêuticos”.¹⁸² Contudo, junto à imagem do cientista solitário e empreendedor, existe uma relação nas

¹⁸¹ Cientista pesquisador das radiações atômicas abriga-se em seu laboratório durante um ataque nuclear, dando continuidade aos seus estudos. Ao fim do ataque, ele sai do abrigo para testemunhar as conseqüências e não demora para começar a sentir os efeitos da radiação em si mesmo. Aos poucos começa a se desintegrar e a morrer. MARTELLO, Nilson. A noite dos homens. *Mil sombras...* op. cit. p. 142.

¹⁸² Lebenthal é um biólogo que estuda a possibilidade de dotar a humanidade do apêndice caudal para instrumentalizar biologicamente o homem para a nova era de velocidade e rapidez tecnológica. Ao comunicar sua intenção a um amigo jornalista, este o tenta impedir, mas Lebenthal auxiliado por sua cauda, foge com a fórmula secreta que tenciona dissolver na rede de abastecimento de água. O jornalista precavido e assustado com estranhos hábitos que testemunha aparecer nas pessoas decide nunca mais beber água. MENEZES, Levy. O estranho sumiço do Dr. Lebenthal. *O terceiro...* op. cit. p. 77-78.

equipes de pesquisadores que a ficção científica não ignora e contribui para a recorrência do cientista solitário nos seus enredos. A despeito de ser uma atividade coletiva, a pesquisa em equipe é hierárquica. Há um cientista chefe, o responsável e coordenador dos trabalhos. É ele quem anuncia as conclusões, quem fala pela equipe e aparece para dar explicações e, portanto, é a essa pessoa que vai referir-se o *mito do cientista*. Rubens T. Scavone explora num de seus contos esta situação:

Havia uma equipe. Mas, [quem] ficou conhecido da equipe que colocou o russo em órbita? Do grupo que levou Grinson, ou que fez pousar na Lua o primeiro foguete? Nada. Só um nome permaneceu. E por isso – pensava – haveria de ficar só o seu nome, o nome do professor John Stanley. Ph. D., mais uma glória dos povos americanos.¹⁸³

O destaque em relação ao cientista chefe pode ser lembrado nos estudos sobre as viagens espaciais: “*O senhor não conhece os planos mais do que divulgados do precursor Oberth, ou de Von Braun?*”.¹⁸⁴ Apesar da equipe que tornou isso possível, é o cérebro idealizador o que é valorizado. Na figura do gênio é que repousa a crença no cientista. Este gênio mítico, entretanto, mostra-se no Brasil distante de nossas possibilidades. Seria reflexo da nossa ciência e sintoma de um complexo de inferioridade cultural? Possível, haja vista os nomes dos cientistas que, mesmo quando são brasileiros, não o são completamente. Os cientistas *brasileiros* têm nomes como: “*Dr. Hans Helmut Gross*”,¹⁸⁵ “*Dr. Mund*”,¹⁸⁶ “*Professor David Eden*”,¹⁸⁷ “*Professor Augusto-Michel*”,¹⁸⁸ “*Dr. Haveloque; Dr. Labuzze; Dr Wadja*”.¹⁸⁹ Em sua maioria anglo-saxônicos e germânicos. Quando assim não é, a concessão latina não chega ao lusitano.

Uma outra forma de utilizar a figura do cientista, além da nomeação estrangeira tão cheia de crédito, é especificar sua função por especialidade. O químico, o psicólogo, o geólogo etc. Pode-se ser mais abrangente. O professor, o técnico e, obviamente, o cientista.

¹⁸³ SCAVONE, Rubens Teixeira. O diálogo dos mundos. op. cit. p. 22-23.

¹⁸⁴ Wernher von Braun foi projetista das bombas V-1 e V-2 alemãs, tendo ao fim da II Guerra, cooperado no programa espacial norte-americano. SCAVONE, Rubens Teixeira. *Degrau para as estrelas*. op. cit. p. 77.

¹⁸⁵ SCAVONE, Rubens Teixeira. O diálogo... p. 46.

¹⁸⁶ Willy Gerber é um playboy que acidentalmente desmaia no interior de uma gruta durante um passeio numa ilha. Dias depois quando acorda, quase nada orgânico está vivo ou inteiro. Preso na ilha, anos depois ele consegue voltar ao continente e vem a descobrir que a queda de um asteróide contaminou o planeta levando quase tudo o que é vivo à morte e os poucos sobreviventes a um estado de embrutecimento irrevogável. Questionando o motivo de sua sobrevivência e sanidade, ele acredita ter sido escolhido para reconduzir a humanidade ao desenvolvimento e progresso. SASSI, Guido Wilmar. Willy Gerber, o missionário. In: *Testemunha do tempo*. Rio de Janeiro: GRD, 1963. p. 111.

¹⁸⁷ SCAVONE, Rubens Teixeira. *Degrau para...* op. cit. p. 32.

¹⁸⁸ SCAVONE, Rubens Teixeira. *O homem...* op. cit. p. 34.

¹⁸⁹ Cientista é contratado para trabalhar no laboratório do estranho Dr Labuzze, junto a outros técnicos e cientistas de várias áreas. O tempo passa e nenhum trabalho chega à sua mão ou de qualquer outro. Junto a cientistas que conheceu ali, ele passa a desconfiar que Labuzze é um alienígena estudando os homens e foge do local. Ao investigar o acontecido, o cientista descobre o laboratório vazio e a ausência de qualquer indício ao misterioso Labuzze e passa a desconfiar da própria sanidade. CARNEIRO, André. A organização do Dr. Labuzze. In: MALHEIROS, Álvaro et. al. *Histórias do ...* op.cit. p. 30.

Essas denominações imprecisas são úteis quando se quer dar estatura maior para uma atividade que, no mundo real tem relevância menor do que na imaginação se pretende atribuir. O que podem ser apenas funcionários portuários ou aviários, recebendo estrangeiros recém chegados, no futuro tecnológico necessitam especialização maior frente aos avanços técnico-científicos, portanto são concebidos como cientistas em uma delicada e muito mais avançada operação: “*Cientistas preparavam-se para receber-nos, após detectarem nossos giros em órbita, ao mesmo tempo captando nossos pensamentos à distância*”.¹⁹⁰

O progresso técnico acarreta uma noção de exigência de maior especialidade para a lida com os novos conhecimentos, tecnologias e situações. Um contato alienígena, por exemplo, deixa de ser a função de um embaixador. Os próprios alienígenas, habitantes de um mundo científico avançado, procuram o contato entre iguais, mantendo a hierarquia da comunidade. “*O engenheiro-agrônomo Victor Hugues, raptado da Terra pelos Homens do Espaço, esteve em seu planeta e voltou à Terra*”.¹⁹¹ Um apelo para que os países desenvolvam novas pesquisas deve partir de um cientista e buscar seus colegas, evitando a intermediação contraproducente de políticos pouco confiáveis: “*A Operação Ânima, assim chamada pelo jovem cientista Jorge Alves, era exposta num plano de desafio para as grandes potências*”.¹⁹²

A presença do cientista em locais e funções onde, em princípio, são exigidas outras competências que não as científicas, demonstram a característica do *mito do cientista* em representar ou encarnar as capacidades da ciência em maximizar resultados e alcançar os corretos. Na guarda dessa função o cientista tem autoridade e reconhecimento para falar mais do que em nome da ciência, como se fora ela própria. Por essa razão é que “*os fatos relatados por êle, professor universitário, cientista de renome, teriam consequências bem mais sérias do que relatados pelo obscuro rádio-telegrafista. [...] Ninguém ousaria duvidar de seu prestígio, de sua ética científica e de suas palavras*”.¹⁹³ Por representar a opinião da

¹⁹⁰ FETEIRA, Raul. *Sete moradas...* op. cit. p. 22.

¹⁹¹ Alienígenas provenientes de Io, satélite de Júpiter, vêm pacificamente à Terra no intuito de levar uma fração do vapor d'água da atmosfera terrestre de que necessitam. Seu real objetivo é camuflado sob um véu de um simples contato fraternal entre espécies, pois os humanos temem uma reação violenta e intempestiva se os humanos souberem que estão retirando uma porção irrisória, cuja ausência não faz diferença para a vida na Terra. Precaução que se mostra acertada quando, ao descobrirem o que está acontecendo, políticos e militares decidem reagir violentamente ao “ultraje”. Contudo, os humanos possuem uma tecnologia muito avançada que os tornam imunes aos ataques, não deixando outra alternativa aos humanos do que um gesto forçado de boa vontade. MONTEIRO, Jeronymo. *Os visitantes do espaço*. São Paulo: Edart, 1963. p. 59.

¹⁹² Físico brasileiro descobre um meio técnico-espiritual de realizar viagens espaciais e propõe à ONU uma missão ao fisicamente inacessível planeta Vênus. Dispondo de presidiários condenados à morte e doentes terminais de vários países como companheiros, o físico faz a viagem à Vênus e desvenda os mistérios por baixo da eterna capa de nuvens ácidas que cobrem o planeta. Sentindo-se mais livre em Vênus do que sob a aparelhagem e a limitação que um câncer lhe impõe, uma jovem decide ficar no planeta, sendo acompanhada pelo brasileiro por quem se apaixonou. QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Ânima*. *Comba Malina*. op. cit. p. 97.

¹⁹³ SCAVONE, Rubens Teixeira. *O homem...* op. cit. p. 138.

ciência, a opinião do cientista não fica em conflito – ao menos para quem está de fora do círculo científico – com o mistério que ele está explicando, mesmo que se trate dos discutíveis e controversos discos voadores.

O poder de apresentar o que é plausível e não plausível pode ser estendido para o de normatizar o mundo social, dando conta do que é o certo e o errado, o lúcido e o insano: “O senhor é o médico, o único homem que pode devolver meu crédito de juízo”.¹⁹⁴ Ou ainda: “A prova documental era contra mim. Urgia procurar um médico, um psiquiatra, pedir-lhe um conselho, uma explicação. Entretanto eu me sentia lúcido, meu próprio desespero eu controlava”.¹⁹⁵ A autocrítica perde a capacidade de classificação frente à estipulada pela ciência. A liberdade passa a ser uma questão médica, um tema para análise e julgamento científico, e o cientista seu juiz.

Ainda na determinação do certo e do errado, quando cada vez mais se buscam decisões e gerenciamentos técnicos em detrimento das político-econômicas, quando números e cálculos sobrepõem-se à sensibilidade e visões humanísticas – cada qual com aspectos positivos e negativos –, vemos na imaginação como se decide o destino até de todo o planeta Terra: “Vários cientistas já deram a sua opinião sobre a retirada do vapor de água da nossa atmosfera, dizendo que não há perigo, que as condições se normalizarão depressa”.¹⁹⁶

A reunião de opiniões de vários cientistas formando uma só, concentra uma autoridade maior, pois representa a opinião da comunidade científica. Em alguns casos, essa utilização do *mito do cientista* responde a uma necessidade de corroborar com intensidade uma afirmação importante no âmbito imaginário da história. Comumente é uma afirmação que causa impacto:

Hoje a maioria dos astrofísicos concorda com a existência de uma forma de vida marciana. Recordo-me que, em 1956, o *Science Service* promoveu um inquérito a respeito dessa questão. Foram consultados quarenta e nove astrônomos norte-americanos renomados, propondo-se uma série de questões sobre Marte. Setenta por cento das respostas admitiram a existência de uma forma de vida, sendo que sessenta e sete por cento admitiam mais ainda – que esse tipo de vida seria representado por líquens, musgos, e outras formas vegetais.¹⁹⁷

De outra forma, o reforço na fala científica pronunciada por um cientista pode agregar além de “iguais”, instituições respeitáveis que ampliem o poder da fala pela representatividade e reconhecimento que possuam, em razão de concentrarem também uma comunidade de opiniões: “Podemos trazer [...] alguns nomes conhecidos e admirados,

¹⁹⁴ QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Comba Malina*. op. cit. p. 21.

¹⁹⁵ CARNEIRO, André. *O começo...* op. cit. p. 25.

¹⁹⁶ MONTEIRO, Jerônimo. *Os visitantes...* op. cit. p. 143-44.

¹⁹⁷ SCAVONE, Rubens Teixeira. *Degrau para...* op. cit. p. 192.

como o Professor Shorne, de *Arcturus IV*, o Dr. Hauser, a historiadora Bluma Yomadar, da Universidade Galáctica, o marcianólogo Jonq Kardouzu...”.¹⁹⁸

No *mito do cientista* há outro exemplo da nova tendência mundial considerando que, por traz da confiança e da crença na capacidade do cientista, existem respostas inacessíveis: “*Não. Essa questão não posso e nem pretendo responder. Sou um cientista e não um filósofo. Assim, minha missão é proporcionar os meios e não investigar as causas*”.¹⁹⁹ Essa passagem revela uma noção de função prática que o cientista, sobretudo o de áreas técnicas, possui. Há perguntas que não possuem respostas verificáveis, logo a solução é voltar-se para assuntos práticos, eficientes.

A dúvida se haverá ou não algo fora do alcance da luz do conhecimento humano surge também na atitude covarde de quem se espera maior coragem no trabalho do esclarecimento. O fato obscuro e inexplicável inspira medo, “*mas quem se levantara fôra o médico, num assomo de pavor diante do desconhecido*”.²⁰⁰ Ou se poderia dizer de incapacidade de compreensão, perante algo que escapa tão acintosamente à lógica científica que apenas o amparo da religião permite tolerar?

O medo, aliás, estando intrinsecamente ligado à ignorância, habita as relações dos cientistas com o que não conseguem explicar, e a relação do indivíduo leigo com a incompreensível linguagem científica. Tememos o que não conhecemos, a escuridão, a ausência de referências, e também a ciência por sua inacessibilidade lingüística. Em condições semelhantes são possíveis o enfrentamento direto, a simples fuga temerária ou a desqualificação cômica – que vem reforçar a presença da sátira na ficção científica –, mais do que o esforço em compreender. “*Lá em baixo, os cinco cientistas esfregavam as mãos, cada vez menores. Uma sensação de alívio, à medida que me afastava deles*”.²⁰¹ O encontro recorrente da ciência com o indivíduo leigo traz componentes ambíguos na relação entre os dois lados. Constatamos uma mistura de respeito e temor, de crença e agnosticismo, de rebeldia e subjugação:

¹⁹⁸ CUNHA, Fausto. Último vôo... op. cit. p. 103.

¹⁹⁹ SCAVONE, Rubens Teixeira. *Degrau para...* op. cit. p. 39.

²⁰⁰ Sujeito tido como louco é levado para o consultório de um psiquiatra alegando que tem um amigo invisível de outro planeta. O médico cético muda de idéia quando ao pedido do paciente o amigo invisível suspende o telefone. Perplexo, ele assiste imóvel a ação de três enfermeiros que havia chamado para internar o “maluco”. Um dos enfermeiros estranha porque os colegas haviam decidido pegar, sem consulta, especificamente um dos sujeitos, sendo que para ele havia um outro – o amigo invisível, este sim, vestido de forma muito estranha, parecendo um maluco. MARTELLO, Nilson. Serviço perfeito. *Mil sombras...* op. cit. p. 74.

²⁰¹ Jornalista à procura de matéria explosiva submete-se a uma experiência de vôo espacial alternativo. A partir de um regime rigoroso e especializado, o jornalista perde massa corpórea até restar apenas um espectro de sua cabeça e um peso negativo que o permite flutuar. Arrependido da experiência e questionando os procedimentos do cientista, ele acredita ter se tornado uma aberração e um fenômeno inacreditável como os discos voadores. Porém, não demora muito e a contínua redução de massa o leva a perder o restante de sua cabeça e toda sua memória, como se morresse. ELIACHAR, Leon. A experiência. In: MALHEIROS, Álvaro et. al. *Histórias do...* op.cit. p. 97.

Fui a um psiquiatra. Minha agitação não parecia diminuir e eu comecei a duvidar de mim mesmo. Procurei um médico de fama e levei êste depoimento para que lêsse. [...] O médico, de pé, muito sorridente e cordial, bateu-me nas costas com amabilidade, disse que [...] o exame neurológico bastava, que eu podia deixar o caderno, mais tarde êle leria. Peguei o caderno, saí com um misto de tristeza e indignação. Fôra tratado com displicência e eu me achava abalado para discutir se havia ou não razões de queixa. Não tinha nenhuma disposição de comprar os remédios indicados, brometos e meprobamatos.

Não obstante, diante de sua incerteza latente ele continua a crer e conclui:

Na rua mesmo, vi um jornal, fui procurar outro psiquiatra.²⁰²

O tema atualmente bastante discutido do erro e do desleixo médico, aqui apenas vislumbrado com uma atitude caracterizada como displicente, ilustra o quão instável consegue ser a relação do cientista com o indivíduo leigo, sobretudo nas esferas de maior contato como o caso da medicina e do magistério, em que a presença de características humanas como a incompetência e o pouco caso, conflitam-se com a imagem idealizada no *mito do cientista* gerando desgaste na imagem de perfeição ou acurado senso de seriedade no trabalho da busca por respostas.

A crença no *mito do cientista* é algo muito forte e arraigado no seio do mundo social. Está presente em expressões aparentemente inocentes, presentes na boca dos mais diversos tipos de pessoas, do analfabeto ao PhD. O uso do “doutor”, da pessoa “lida”, ou do indivíduo que “teve escola” são, principalmente, num país com baixa escolaridade e fomento científico-cultural, signos valiosos para o posicionamento hierárquico no mundo sócio-econômico. Uma situação como esta – triste realidade brasileira – vem reforçar uma imagem que já é muito forte. Contestações à parte, o *mito do cientista* é válido para todo o planeta, salvo em culturas isoladas que não reconhecem as estruturas do discurso científico.

A organização social com base na lógica científica, fruto dos resultados conquistados por intermédio dessa lógica, privilegia os detentores do poder de utilizá-la. A máquina como produto da mesma lógica é um símbolo de sua exatidão e certeza de eficiência e, por si só, constitui um outro mito. Contudo, derivando da crença geral nas explicações enunciadas pela ciência, cientista e máquina são comparados como exemplos de competência e segurança: “*Não era um homem ou médico, que ali estava. Era antes uma máquina analítica para a qual, cada palavra, cada emoção transmitida, a postura, ou mesmo cada gesto, era estudado, arquivado e serviria como prova final e decisiva no diagnóstico*”.²⁰³ Igualmente como uma máquina, o cientista eventualmente se racionaliza a ponto da exatidão mecânica. Em busca de resultados e conclusões científicas não mede os riscos e expõe-se a perigos em nome da nobre tarefa do esclarecimento. Tão pouco nesses momentos ele perde a

²⁰² CARNEIRO, André. A organização... op. cit. p. 41-42.

²⁰³ MARTELLO, Nilson. Serviço perfeito. op. cit. p. 69.

frieza de uma análise exata, como se espera de um cientista, mesmo quando se trata de um diagnóstico sobre a própria vida: “*Sei que vou morrer. Sinto, e como cientista reconheço perfeitamente, que estou intoxicado, saturado de radiações*”.²⁰⁴

A objetividade, a certeza de propósito e a quase incapacidade de errar nas ações e afirmações, faz do cientista um ente superior, acima do indivíduo como um leigo. O cientista enquanto figura genérica, enquanto mito, não individualiza os cientistas particularmente considerados por suas competências. Os bons sendo lembrados como exemplos dessa imagem e os medíocres escondendo-se atrás dela. Isso é igualmente válido para uma outra face bastante relevante do *mito do cientista* que surgiu no início do século XX, “*na Europa, a própria encarnação do ceticismo, do cinismo, da ironia e do desdém: o Intelectual*”.²⁰⁵ Do mesmo modo que o *mito do cientista*, a figura do intelectual – componente do mesmo mito – propõe um saber conquistado nas letras, no interior de uma biblioteca, numa universidade etc., que lhe permita autoridade para nomear o mundo social, posto que há reconhecimento de sua autoridade, um capital simbólico. Escudados por essas importantes imagens do saber científico e filosófico, o indivíduo, falho porque humano, é alçado a um pedestal de crenças, a uma dignidade maior: “*Isto pensava o Professor Micael Zirman. Ou filosofava, que é um termo mais adequado para designar os pensamentos de um professor*”.²⁰⁶ Isso seja qual for o professor, ou cientista, ou intelectual, pois houve uma conquista desta elevação no momento em que o indivíduo inseriu-se num discurso vencedor e poderoso.

O intelectual, bem como outros porta-vozes do discurso científico, não necessariamente implicam na disposição “*a se sobrecarregar com a faina trabalhosa da reportagem ou da pesquisa. [Nem precisa] de formação particular, de conhecimento erudito, de fundamentação filosófica, de arcabouços conceituais, de conhecimento dos desenvolvimentos acadêmicos ou científicos*”.²⁰⁷ Na ficção científica essa imagem de aura revestindo um ser humano, tornando-o especial, é também presente: “*O costume da cátedra impregnara-lhe a personalidade de um respeitável orgulho*”.²⁰⁸ Juntamente com dignidade, autoridade e poder, ajudados a se manter pelo *mito do cientista*.

²⁰⁴ SCAVONE, Rubens Teixeira. *Degrau para...* op. cit. p. 208.

²⁰⁵ WOLF, Tom. O império do marxismo rococó. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo, 16 jul. 2000, Caderno Mais. p. 06.

²⁰⁶ Um professor desiludido, deprimido e sem dinheiro passa horas por dia num bar. Numa noite encontra uma prostituta com quem inicia uma conversa. A moça quer saber o porque de sua depressão e ele conta do contato com uma inteligência alienígena que lhe comunicou a intenção de ajudar a humanidade a sair de seu caminho de destruição e que queria que ele a ajudasse. Recorda que ao tornar a história pública, sofreu humilhações, foi isolado e quase perdeu o emprego. MARTELLO, Nilson. Espírito iluminado. In: *Mil sombras...* op. cit. p. 95.

²⁰⁷ WOLF, Tom. op. cit. p. 06.

²⁰⁸ MARTELLO, Nilson. Espírito iluminado. op. cit. p. 95.

2.3. Mito da Instituição Científica

A instituição científica, no que tange o seu papel na dinâmica funcional do discurso científico, é a sua parte sólida e visível. Sua presença física estática, em geral num edifício de respeitáveis proporções, com destaques arquitetônicos e urbanísticos para a sua presença, representa a corporificação do saber científico e serve como referencial para o mundo social. Ponto de concentração dos cientistas, porta-vozes do discurso, na instituição científica reúnem-se a consecução do saber científico, sendo a partir dela que ocorrem as relações de transmissão do conhecimento e formação de novos cientistas, bem como de formação de novas instituições, pois é a partir da ampliação dos conhecimentos ali produzidos que podem surgir novas áreas de pesquisa necessitando instituições específicas. Institutos tecnológicos, espaciais, genéticos, de informática, de pesquisa atômica, são todos oriundos da ampliação nas esferas de conhecimento.

Para a ficção científica essas relações “reprodutivas” centradas em instituições científicas, são importantes para a justificação dos enredos. De uma instituição científica podem surgir novas teorias e novos cientistas. Conhecimentos inéditos podem levar à necessidade de outras instituições especialmente voltadas para eles. A lógica do conhecimento progressivo tomando um rumo inusitado e maravilhoso, repleto de possibilidades, é campo fértil para as situações imaginárias da ficção científica, sustentadas por instituições correspondentes à necessidade criada.

O *mito da instituição científica* contribui para a caracterização do enredo apontando que aspecto do desenvolvimento científico está tratando o autor. Para tanto não são necessários muitos detalhamentos das atividades a que se dedica a instituição imaginada, em muitos casos um nome é suficiente para uma contextualização. Como é uma imagem mitificada, o que está por trás da instituição científica, é a confiança na ciência.

O emprego de uma instituição imaginada a serviço de uma criação científica especulativa, pode ser específica para o problema proposto ou amplamente genérica a ponto de ser útil em qualquer situação ou história em que a instituição seja vista como necessária. Quando particular à questão trabalhada, a instituição recebe uma denominação que a relacione com o que está sendo especulado. “*O melhor seria o senhor ir para o Instituto do Cérebro, e ali se submeter aos cuidados dos nossos especialistas. Temos recursos para corrigir qualquer defeito, e estou certo de que, depois de um exame completo, uma rápida intervenção no seu cérebro corrigiria a anormalidade*”.²⁰⁹

²⁰⁹ Jornalista idealiza um meio de viajar no tempo, que emprega recursos mediúnicos para enviar o espírito através do tempo. No futuro ele incorpora um indivíduo moribundo, pouco antes deste morrer e assume o controle de seu corpo. O jornalista na pele de um homem do futuro descobre como a espécie humana degenera

As instituições específicas servem para particularizar a temática da realidade imaginada, assemelhando-a ao procedimento científico como, por exemplo, os existentes em estudos do corpo humano que dedicam instituições para o coração, para os olhos, para as articulações etc. A similaridade não é necessariamente quanto ao objeto de estudo, este pode ser bizarro de acordo com o que a história pede. Mas o fato de dirigir a atenção a um problema específico, como a preparação do contato com outras inteligências feito “*pelo Departamento de Sinais Ufo*”,²¹⁰ é uma atitude similar ao que a ciência faz em relação aos problemas que estuda.

As especificações das instituições podem ser, inversamente, amplas e genéricas podendo englobar diversos saberes, proporcionando variados alvos para a especulação e imaginação da ficção científica: “*Temos uma Academia de Ciências onde vivem cêrca de três mil sábios que se dedicam exclusivamente ao estudo das coisas e dos problemas diversos. Entre êles há especialistas de tôdas as matérias imagináveis, inclusive os investigadores da história antiga*”.²¹¹ Uma academia de ciências é um universo de especialidades voltado para investigações de “problemas diversos”, o que quer dizer ilimitada possibilidade de a empregar para embasar todas as pesquisas que se imagine, posto que nesta instituição é possível encontrar os especialistas que se mostrem necessários. Através do sólido ponto de apoio mítico que é a instituição científica, o autor vê-se livre para criar e imaginar as histórias mais incríveis, visto que quaisquer que sejam elas, ao serem vaticinadas por uma teoria, por um cientista e – importantíssimo – por uma instituição, cumprirá o rito pelo qual o argumento científico é produzido.

Como centro produtor de ciência, a instituição científica abriga especialidades, sejam específicas de uma ciência ou ramo de ciência, ou generalizadas abarcando toda a ciência. Alguns dos saberes descritos encontram similares na realidade, já outros são puramente imaginados e nem sempre explicados: “*Apresentamos o Hipnessor Levin Wilk, da Universidade Solar, na Austrália*”.²¹² O que pode fazer um *hipnessor*? O fato de ser uma função ou ciência indeterminada, retrata antes uma necessidade de exemplificar o avanço

no futuro, devido à especialização e aperfeiçoamento tecnológico. Testemunha o avanço dos meios de transporte, as intervenções tecnológicas no meio natural, a unidade global e o autoritarismo da lógica científica sobre o sentimento humano, solidário. Diante do que considera um horror, nos três meses em que fica no futuro, o jornalista lidera uma revolução contra o tecnicismo e a forma fria dos relacionamentos humanos, e pela volta à vida natural e o cultivo do amor. MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses no século oitenta e um*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1947. p. 134.

²¹⁰ Cientistas captam um contato alienígena por rádio e o comunicado de uma visita próxima com intenções pacíficas. As autoridades político-militares desconfiadas preparam-se militarmente para o encontro. No dia do contato, os alienígenas detectam a presença de armas e cancelam o encontro exigindo o desarmamento na próxima aproximação. Frente à insistência das autoridades, os alienígenas fazem explodir toda e qualquer concentração de armas e impõem um estado de paz festejado ao redor do globo terrestre. MONTEIRO, Jeronymo. *Missão de paz. Tangentes da realidade*. São Paulo: 4 artes, 1969. p. 94. UFO de Unidentified Flying Object, é a versão em inglês de Objeto Voador Não Identificado.

²¹¹ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 135.

²¹² CUNHA, Fausto. *Último vôo...* op. cit. p. 101. Grifo nosso.

da ciência rumo a uma complicação progressiva que se espera dela, do que em realmente pretender ligar a ciência criada com explicações lógicas a uma situação científico-tecnológica que não existe. Ao final, este é um recurso da ficção científica que serve como acessório decorativo do mundo e das ciências que se imaginam para o futuro. À medida que avança, a ciência tende a distanciar sua linguagem da utilizada pelos leigos, como se observa desde o século passado, na mesma proporção em que esmiúça os mistérios da natureza. Na imaginação que pretende ou ampliar a capacidade humana de controle da natureza ou aumentar a gama de segredos escondidos nessa natureza, revelando-os na forma de novas descobertas científicas, o surgimento de novas ciências e conceitos impõe-se como necessário ao gênero.

Na mesma lógica as instituições científicas da ficção científica são revestidas de novas funções – funções imaginadas – que, não obstante, são reconhecíveis por se tratar de um mimetismo. Somente a partir de institutos de pesquisas, laboratórios e universidades foram desenvolvidos os estudos sobre energia atômica que, para encontrar a realização material necessitaram de outras instituições que os viabilizassem. Assim, surgiram laboratórios de armamentos atômicos, usinas de energia atômica etc. Não se trata de instituições produtoras ou reprodutoras de conhecimento científico, mas instituições especializadas na aplicação do conhecimento científico. Também essas relações aparecem nas especulações da ficção científica, ao desenvolver novos e/ou mais avançados modos de tratar as forças físicas presentes na natureza e de trabalhar de forma semelhante com novas forças físicas “descobertas” pela ciência. Isso é observado na *“Usina de Motores Atômicos da Europa”*,²¹³ bem como na *“Grande Usina de Aproveitamento da Energia Solar”*.²¹⁴ As especialidades mostram-se como verdadeiras carreiras profissionais, da formação ao emprego: *“Cursamos juntos, na Academia de Ciências, a Escola de Energia Cósmica. Depois, você foi escolhido para trabalhar na Usina de Aproveitamento da Eletricidade Atmosférica e eu fui trabalhar num dos Postos de Captação da Usina Cósmica da Afrásia”*.²¹⁵

O termo *cósmico* confere dimensão à instituição descrita, afinal, não significa muita coisa além de sugerir uma relação com o cosmos, com o universo e, principalmente talvez, com o aspecto de incompreensão dessa dimensão tão alargada, que pode conter segredos

²¹³ A interferência humana na natureza provoca uma mutação nas formigas da espécie *Atta*. Estas tornadas carnívoras e tendo adquirido grande capacidade de escavar e se reproduzir, espalham-se pelo mundo levando cidades e edificações humanas às ruínas e devorando todo tipo de animais e mesmo o homem. Todo o esforço humano é inútil e, no fim, resta aos sobreviventes uma desesperada fuga rumo à incerta vida em Marte ou a adaptação ao novo equilíbrio ecológico da Terra, tendo as *Atta* como espécie dominante. MONTEIRO, Jeronymo. *Fuga para parte alguma*. São Paulo: GRD, 1961. p. 53.

²¹⁴ *Ibid.* p. 21.

²¹⁵ *Ibid.* p. 30.

insondáveis, um tanto místicos, e maravilhosas revelações nunca sonhadas: “*Eu estava num desses laboratórios de pesquisas cósmicas e aceitei sentir as emoções de uma cobaia para um nôvo invento*”.²¹⁶ O invento, na verdade uma técnica, procura desmaterializar o corpo humano, libertando-o para viajar pelo cosmos. Esse objetivo teoricamente incompreensível é matéria dessa instituição cósmica, aqui supostamente no seu sentido mais metafísico, sugerindo inclusive uma desencarnação espiritual.

O cósmico também sugere, é claro, a grandiosidade que está implícita ao falarmos do universo. Paixão incontestável dos fãs da ficção científica, o planeta Marte e a angustiosa dúvida sobre vida nativa são temas inesgotáveis de especulações no gênero. Tudo o quanto possa ser inventado sobre Marte e os marcianos, tem validade enquanto tema de pesquisa científica quando baseados numa “*Universidade Marciana*”.²¹⁷ Uma instituição dessa natureza guarda possibilidades virtualmente inesgotáveis, pois trata de estudos, cujos objetivos referem-se a nada menos do que todo um desconhecido planeta. De modo que podemos considerar esta designação específica “*marciana*”, como generalizante, afinal, seria algo como uma universidade terrena, tão genérica quanto academia de ciências.

Num outro ponto, um dos mais marcantes avanços científicos da ficção científica brasileira é a comunicação mental de indivíduo a indivíduo sem um veículo tecnológico, o que não desmerece a tecnologia visto que é uma conquista de um mundo cientificamente muito avançado. Pois bem, a essas avançadíssimas condições comunicativas, corresponde uma instituição de mesma dimensão ao feito científico: “*Vamos telementalizar para Arcturus IV, onde se encontra o Professor Shorne, da Universidade Galáctica*”.²¹⁸ O avanço científico é explorado nessa história, mediado por um cientista e sua respectiva instituição, ambos atestando a veracidade do fato descrito. A “*universidade galáctica*” dá a exata dimensão do limite do conhecimento científico sugerido pelo autor, um conhecimento tão grande, comparável ao universo que chega a dispensar os meios tecnológicos aos quais estamos acostumados a associar o desenvolvimento científico.

Outro aspecto importante do *mito da instituição científica* no que diz respeito à sua grande dimensionalidade, não é somente o de sua competência e capacidade para nomear a explicação científica destacado na identificação da instituição, mas no seu próprio caráter físico, materialmente sediado num determinado espaço. É freqüente a ligação entre elevada

²¹⁶ ELIACHAR, Leon. A experiência. op. cit. p. 98.

²¹⁷ Uma forma de vida semi-espiritual natural de Marte reúne um pequeno grupo de pessoas consideradas aptas a aprender o conhecimento de uma forma de existência alternativa à existente na Terra. Os marcianos ensinam aos terrenos meios de valorizar uma atitude coletiva visando ao bem da espécie, em detrimento da preocupação individualista e particularizada daqui. QUEIROZ, Dinah Silveira de. A universidade marciana. *Comba Malina*. op. cit. p. 61.

²¹⁸ CUNHA, Fausto. Último vôo... op. cit. p. 96.

capacidade científico-tecnológica e a proporção gigantesca da instituição, em uma relação de ‘tamanho é documento’.

Um feito relevante da ciência, até certo ponto assustador devido à importância que o circunscreve, é favorecido e destacado quando realizado num ambiente à sua altura, propício a um correspondente *frisson*: “A preocupação toldava o olhar de cada especialista dentro do gigantesco laboratório”.²¹⁹ Outrossim, momentos importantes, desse quilate, propiciados pela ciência num local que lhe seja compatível, podem emudecer: “Não disseram nenhuma palavra até chegar ao gigantesco Astroporto”.²²⁰ Tão pouco a aparência discreta, contradirá a importante tarefa depositada em “uma construção baixa, de concreto, que jamais poderia ser tida como o ingresso, na superfície, de imenso laboratório subterrâneo de pesquisas”.²²¹ A discrição oculta, mas é preciso revelar o tamanho físico que a função de tal instituição exige. Uma função que, de tão importante e complexa, beira o desconhecimento: A “entrada resguardada [...] dava para um subterrâneo complexo, onde se sucediam, em vários andares e profundidades, instalações formidáveis e misteriosas de imenso laboratório”.²²² Formidável é a capacidade de realização dessa instituição, sua atividade, impressionante como as dimensões físicas da construção, é de tal forma complexa que muito difícil ou inexistentes são os meios de descrição para apresentar uma idéia do que façam. A solução ou meio científico-tecnológico é tão misterioso quanto o objetivo que se pretende alcançar.

A monumentalidade que tende a corresponder às capacidades científicas de uma instituição – quando a ela nos referimos pelo seu caráter de edificação, uma construção materialmente situada – não se restringe às suas elevadas dimensões físicas. O fator que destaca a dimensionalidade pode estar contido não apenas no tamanho, mas na dificuldade de construção do edifício, construção esta que, regularmente, utiliza alguma marca ou símbolo que destaque a sua presença, assim como ocorre com um edifício religioso, jurídico, governamental, empresarial etc. O uso dos próprios meios tecnológicos na criação de um edifício destinado à instituição científica por vezes é esta marca. A dificuldade de construir se singulariza com a dificuldade de função a que esta instituição será destinada, portanto, quanto maiores os obstáculos que a técnica deverá superar, e maior a utilização dos meios tecnológicos para construir, maior será o destaque da função científica dessa

²¹⁹ Em duas bases de foguetes atômicos, uma norte-americana e outra soviética, são anunciadas as justificativas para o início da III Guerra Mundial, em ambas dominando o discurso da liberdade. A tensão e os procedimentos de lançamento preenchem os momentos finais que antecedem o início da conflagração. MARTELLO, Nilson. Para a vitória. *Mil sombras...* op. cit. p. 138.

²²⁰ MONTEIRO, Jeronymo. Estação espacial... op. cit. p. 107.

²²¹ SCAVONE, Rubens Teixeira. *Degrau para...* op. cit. p. 35.

²²² *Ibid.* p. 68.

instituição. Sua importância científica estará relacionada ao montante de técnica e ciência necessária nas obras de sua construção.

Desse modo, um laboratório, que em outras condições não teria nada de especial, vê sua importância e influência no enredo de uma história ampliada: “*Muitas milhas além da Terra, girando majestosamente no espaço exterior, estava o laboratório nuclear comunista sediado na Lua*”.²²³ Esta dificuldade não necessariamente está no espaço: “*No morro do Corcovado [...] achou na rocha uma abertura feita pela mão do homem, e por ela entrou. Na rocha viva haviam feito escavações, e o interior do monte se transformara num laboratório gigantesco*”.²²⁴ O que não imaginar se não qualquer coisa de altamente especializado, se pensarmos num laboratório lunar, com controle atmosférico, de temperatura e radiação solar, materiais resistentes especialmente desenvolvidos, equipe altamente treinada etc., ou então, consideremos os motivos que levaram pessoas a escavarem uma sólida pedra para construir um laboratório e nos complicados equipamentos específicos para a difícil operação. Que resultados são esperados de tamanho esforço, se não forem, no mínimo, correspondentes? A relação técnica/dimensão atinge proporções ainda maiores como a observável na “Estrela da Morte” do filme *Guerra nas Estrelas*,²²⁵ uma estação espacial do tamanho de um satélite natural como a Lua.

Empreendimentos desse porte são reconhecidos como obras que necessitam vultuosos investimentos, o que quer dizer a intervenção de poderosas companhias ou, mais recorrentemente, do interesse de estados. Sejam fisicamente grandes ou de destacada complexidade de formação e ainda, com uma designação especificando sua finalidade científica, as instituições, na ficção científica, correntemente mostram-se criações governamentais como “a ‘*Central Ânima*’, instalada pelo Governo Brasileiro”.²²⁶ Quando não seja uma instituição particularizada para um objetivo determinado como vemos aqui, há a presença de universidades, academias várias e de ciências, institutos em geral que, de forma indireta, reúnem variados saberes científicos e uma comunidade de cientistas subentendendo sociedades ou governos patrocinadores.

Todavia, atendendo à imagem do cientista solitário, a tipologia fundamental do *mito do cientista*, há a forma de instituição científica que se lhe adapta visceralmente, qual seja, o laboratório. O laboratório atende tanto à situação de uma instituição coletiva de cientistas, como a de um cientista individual. “*Ele tinha a sua oficina, ou seu laboratório. O Carioca [um robô] estava lá. Decerto, era uma experiência científica semelhante àquela dos*

²²³ MARTELLO, Nilson. Para a... op. cit. p. 140.

²²⁴ SASSI, Guido Wilmar. Willy Gerber... op. cit. p. 114.

²²⁵ GUERRA NAS ESTRELAS (Star wars). George Lucas. EUA: Fox, 1977. 1 videocassete. (121min): leg., color.; VHS/NTSC.

²²⁶ QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Ânima. Comba Malina*. op. cit. p. 99.

insuportáveis seres mecânicos".²²⁷ O laboratório é basicamente a única forma institucional da ciência possível a um cientista solitário, porquanto seja uma imagem que se formou conjuntamente à desse cientista. Por paradoxal que pareça, na medida mesma do crescimento exponencial dos custos e tecnologias exigidas para o prosseguimento de pesquisas científicas, é uma imagem que compõe e completa o cientista repleto de boas ou más idéias para o mundo. O fiel da balança está em aceitar ou não a capacidade de um cientista poder ou não, sozinho e com seu laboratório particular, exercer o poder contido nos meandros da complexa linguagem científica, sem se importar se sua capacidade de realização exige, realmente, crescentes investimentos, sobretudo estatais, ou depende da genialidade contida num único indivíduo.

Ademais, o laboratório individual modernizou-se. No lugar de tubos de ensaio e toda parafernália transparente, colorida e enfumaçada, entrou o computador, reatores, pastilhas de plutônio, raios laser e raios X. De certa forma essas novas palavras e tudo o que significam, impressionam e aguçam muito mais a mente do que o preço e a praticidade de manipulá-las. O laboratório do Dr. Frankenstein, do Dr. Moreau e do nosso Dr. Labuzze continuam vivos.

Forma importante de empregar o *mito da instituição científica* é fazendo uma intermediação com instituições reais, atando não somente uma semelhança no *modus operandi* da instituição real, como também, em alguns casos, requisitando uma intermediação compulsória da instituição real para aquela fictícia, como foi feito com a supracitada *Central Ânima*. O "*Instituto a tomar interesse real pelo então Projeto Ânima foi o Tecnológico de Massachusetts*".²²⁸ A ficção científica mantém guardada latente sua natureza, ou intenção, de antecipar, de trazer ao presente o que se espera do futuro. Na geral visão de um presente cientificizado, a ciência aparece como grande esquema organizacional ao ponto em que suas instituições passam a gerir a vida humana, cuidando para seu andamento lógico, quer isto signifique algo bom ou nem tanto. De qualquer forma, é muito comum a ascensão institucional da ciência ao *status* de governo maior do mundo social, se não predominando, estando lado a lado com outras instituições – não obrigatoriamente menos cientificizadas do que uma autêntica instituição científica. Domínio que vai da abrangência global a aspectos comuns e pitorescos como o casamento no futuro.

²²⁷ Inventor brasileiro, construtor de robôs, cria um robô especial para ser piloto de provas e aeronaves norte-americanas. Ao mesmo tempo, o tímido inventor conhece uma mulher e decide viver com ela. O Carioca é um robô cuja mente está limpa, pronta a aprender o que lhe for ensinado. No convívio com a mulher, o robô ocupa sua memória com ensinamentos baseados em sentimentos humanos e amizade, o que compromete o desempenho técnico da máquina que deveria estar voltada exclusivamente para sua vida "profissional". Diante do prejuízo causado pela mulher, o inventor a abandona. QUEIROZ, Dinah Silveira de. O Carioca. Comba Malina. op. cit. p. 187.

²²⁸ QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Ânima*. op. cit. p. 100.

Nele “*tudo é mais rápido: a autorização do Departamento de Genética, um visto do Departamento Civil, mais um do Departamento Social... E é só. Dois, três dias, e estamos casados*”.²²⁹ Impressiona, no entanto, que a promessa de uma vida mais fácil e prática pela tecnificação eliminem a burocracia.

2.4. Mito da Máquina

Na expectativa de resultados científicos práticos e eficientes, a máquina ocupa uma posição privilegiada como ícone dessa realização. A máquina é uma solução humana no empreendimento de dominar a natureza e de suplantar o próprio homem. Através dela o homem consegue ser mais forte, mais rápido, mais ágil, mais preciso, arguto e, ao mesmo tempo, mais frágil e vulnerável. A máquina alça o homem às estrelas, traz à nossa dimensão o mundo cósmico e o atômico, mas também queima e estraçalha a carne como nenhum outro homem jamais imaginou, e é capaz de destruir o planeta ao destruir um átomo. A máquina fez isso e muito mais, principalmente tornando o imaginável ao alcance do homem. A ficção científica é praticamente a literatura da imaginação do homem sobre a máquina, talvez mais do que sobre a ciência, posto que a máquina é o patrimônio científico mais visível e ao alcance das mãos de praticamente todo o humano vivente da Terra.

As máquinas segmentam-se em várias funções que superam as ações humanas. Via de regra, uma máquina forte não é rápida, uma delicada não é forte, uma rápida não é delicada e assim por diante. Podem compor várias virtudes, mas dificilmente as teriam todas numa única máquina. Sozinhas podem mostrar-se falhas, mas juntas propiciam a ampliação dos movimentos humanos, bem como dos seus sentidos como visão e audição. Com capacidade muito maior, ou substituem o homem ou o tornam funcionalmente melhor. Ante essas qualidades, recorrentemente a ficção científica as vê como a mão-de-obra perfeita, a concretização do ideal da democracia ateniense em que todos os homens são cidadãos e nenhum deles é submetido à escravidão, estando esta condição relegada aos “*servos mecânicos*”.²³⁰

O balão, o tear, o trem, o couraçado, o telefone, máquinas a vapor, o automóvel e o avião foram grandes responsáveis por incentivar a imaginação no sentido da superação dos

²²⁹ Jovem mulher tem uma doença incurável que só não a mata porque ela passa longos períodos em hibernação. A intervalos regulares é despertada para averiguar a possibilidade de uma cura. Em sua triste existência ela testemunhou o mundo como era antes da devastação nuclear e a dura sobrevivência subterrânea. Na última verificação ela se apaixona por um rapaz com quem sabe não poder viver em razão de sua doença e que já estará morto no próximo despertar. Diante de seu dilema a jovem opta pelo suicídio. SASSI, Guido Wilmar. *Testemunha do tempo*. Testemunha do... op. cit. p. 136.

²³⁰ SCAVONE, Rubens Teixeira. Degrau para... op. cit. p. 133.

limites humanos. Entretanto, somente em meados do século XX, o sentido de progresso e superação alcançou a máquina “pensante”,²³¹ o computador. Vencer a inteligência humana constitui o último obstáculo, ainda hoje, para a total superação das capacidades do homem, embora não seja obstáculo para a ficção científica. O desejo de ver essa vitória concretizada – o sonho do deus criador – está no ponto culminante do desenvolvimento da máquina, o robô.²³² A máquina que reúne todas as ações possíveis do ser humano, de forma ampliada e aperfeiçoada, inclusive no tocante à inteligência. Um ente superior que satisfaz em virtude do sucesso da realização e atemoriza diante da fragilização humana frente um tal ser.

O *mito da máquina* constitui-se como crença num poder quase ilimitado da máquina em superar o homem e em superar-se. Sendo fruto do pensamento científico, programada para realizar uma função de forma exata e bem, a máquina absorve um sentido de perfeição e ação desprovida de erros, com grande eficiência e em menor tempo que o necessário para um homem. Junto à função inteligência do computador, a eficiência e precisão da máquina suplantaram definitivamente as do homem, de tal forma que não há mais pesquisas científicas, conduzidas por cientistas em instituições científicas, que prescindam de máquinas e computadores para serem realizadas. A escrita deste trabalho é humilde testemunho disso.

Ao mesmo tempo em que a máquina suplanta o homem, ela evita seus erros, diminuindo suas falhas, quando não atingindo a própria perfeição. O mecanicismo da máquina, exemplo de aplicação matemática, organiza e estrutura com exatidão a realidade por ela trabalhada e, de certa forma, ajusta seus resultados a um ideal de exatidão. Justeza, precisão, exatidão tornam-se sinônimos das respostas técnico-científicas. Suas suposições revestem-se do perfeito:

Uma nova fé, resultantes de operações matemáticas, produto de números, de cérebros mecânicos infalíveis e que, conferindo um sentido positivo à vida, não indicasse apenas atitudes mentais resultantes de cogitações filosóficas, ginásticas intelectuais de mera aparência lógica, mas sim que constituísse resposta inquestionável da máquina e não do homem.²³³

O homem na sua forma idealizada nas esculturas gregas, cultuado pelos helenos a despeito das fraquezas de suas paixões como símbolo de perfeição, é substituído, no mundo moderno, pela eficiência e organização, pela imagem de infalibilidade da máquina. O

²³¹ A questão da inteligência artificial perpassa diversas discussões sobre o que é inteligência. Uma solução conciliadora admite que a inteligência ampla do homem é irreproduzível, ao mesmo tempo em que afirma ser uma inteligência maior que a humana, porém funcionalmente restrita, a existente em computadores e robôs. Sobre inteligência artificial ver, PINKER, Steven. Como a mente funciona. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

²³² O termo robô, do original theco robota, significa algo em torno de 'escravo' e 'trabalho forçado' e foi empregado pela primeira vez por Karel Capek em sua peça R. U. R. (Robôs Universais de Rossum) em 1921.

²³³ SCAVONE, Rubens Teixeira. O diálogo... op. cit. p. 32.

progresso científico pediu a participação das máquinas para a produção de máquinas melhores. As linhas de produção automatizadas evidenciam o escalonamento de precisões na direção da realização perfeita. A máquina superou o homem e outras máquinas por esta filha da imperfeição produzida, serão ainda melhores. Nesse sentido, a referência ao avanço e ao progresso pauta-se pelo funcionar da própria máquina: a “*central de comandos, [colocava] tôda a máquina a trabalhar com a regularidade de um cronômetro*”. A partir do momento em que a máquina passa a gerir outras máquinas, o elemento humano passa a ser efetivamente dispensável, prejudicial inclusive, ao adequado resultado que apenas uma máquina pode ter e aspirar: “*A parábola da nave de socorro devia ser calculada com uma precisão de milímetros, o que não era difícil, com os instrumentos que tínhamos a bordo*”. Tarefa impossível se dependesse da intervenção humana. A confiança na máquina é dominante e desejada como se evidencia numa situação da ficção científica.

[Uma equipe de cientistas] esperava o segundo em que deviam ser acionados comutadores e botões, para ser depois substituída pela precisão micrométrica da eletrônica. [...] A ação humana havia cedido lugar à cibernética. Aquelas luzes cintilantes, aqueles mecanismos sensíveis e pulsantes, substituíam o cérebro humano [num] determinismo inexorável da máquina.²³⁴

A construção de uma civilização tecnológica, que elege a função máquina imprescindível, passa a depender cada vez mais de outras máquinas para todas ou quase todas as atividades. Após as funções físicas terem sido superadas, foi a vez das funções mentais, decretando ao homem uma vida, em certo sentido, parasitária. Afinal, mesmo pessoas especializadas e, em princípio, os criadores de máquinas como os cientistas, tornam-se dependentes. “*Os economistas e técnicos não podiam computar todos os gastos, a não ser que dispusessem de cérebros eletrônicos*”.²³⁵ Num certo aspecto essa dependência liberta o indivíduo de certas atividades podendo concentrar-se em outras, o que pode representar muitas vantagens: “*O cientista, conquanto tivesse a seu cargo todos os cálculos, tanto para o perfeito seguimento da rota, como para as entradas em órbita, graças a soluções rápidas dos minicomputadores, via-se desembaraçado para dar largas a suas lucubrações*”.²³⁶

O potencial de alcance do conhecimento humano após as máquinas aumentou exponencialmente, contudo, a exposição a riscos e perigos também. Nesse aspecto é útil a

²³⁴ SCAVONE, Rubens Teixeira. *Degrau para...* op. cit. p. 132.

²³⁵ Devido à radioatividade um indivíduo passa a crescer absurdamente até tornar-se um gigante. Seu tamanho e incerteza de propósitos constituem ameaça que autoridades mundiais decidem eliminar matando-o. Com receio de utilizar a bomba atômica, as autoridades optam por construir uma mulher robô de tamanho idêntico e programada para matá-lo. Pouco antes do encontro o fraco coração do gigante pára, mas a satisfação de sua morte depara-se com novo problema: a mulher robô gigante. SASSI, Guido Wilmar. *A costela de Adão. Testemunha do...* op. cit. p. 26.

²³⁶ FETEIRA, Raul. *Sete moradas...* op. cit. p. 21.

substituição do homem pela máquina, como se evidencia pela seguinte passagem: “*Afinal de contas, com êste cansaço em que estou, poderia estar havendo êrro de minha parte na localização e tomada de campo. [Mas] os instrumentos não falham. [De modo que] o vôo continuava orientado pelo cérebro mecânico do piloto automático*”.²³⁷ Na mesma lógica, se “*decorrido certo tempo previsto pelas computadoras, os demais mecanismos não forem acionados, tudo então se processará automaticamente, prevendo-se assim uma possível falha do elemento humano*”.²³⁸ A máquina pode intervir em momentos providenciais não somente prevenindo, mas intervindo diretamente pela segurança humana: “*os dois primeiros passageiros do espaço estavam ainda inconscientes [e] eram governados por seus próprios escravos mecânicos*”.²³⁹

A presença e importância da máquina ocorrem onde ela se faz mais necessária, nos extremos de desenvolvimento técnico-científico realizado pelo homem. Tarefas rudimentares ainda que possam sofrer interferência de máquinas como aqui descrito: “*tinham a seu serviço maravilhosas máquinas capazes de executar com perfeição tôdas as tarefas do campo*”;²⁴⁰ podem ser concretizadas sem sua presença, como nas agriculturas familiares. Entrementes, nesses extremos do desenvolvimento científico as máquinas são tão necessárias como água em deserto. No espaço esse é um fato marcante e um “*painel de instrumentos [que] parecia tomar e encher tôda a parede*”,²⁴¹ é uma imagem tipológica dessa necessidade. O *mito da máquina* transforma os extremos da pesquisa e atuação da ciência, em local de culto ao poder que se quer irrestrito da máquina:

O comandante o pegou pela mão e o levou ao santo dos santos: o cérebro eletrônico da nave. Explicou que seria impossível orientar a rota nas distâncias do infinito como quem dirige uma **simples** máquina voadora. O menor êrro de cálculo daria um desvio de milhões de quilômetros. Só o cérebro podia pilotar a nave.²⁴²

Máquinas que podem ser consideradas píncaros da técnica científica como o avião, são desdenhados pela idéia de progresso da ficção científica, refutando aquela realização do homem como grande sucesso, ao descrever uma outra máquina voadora – uma nave espacial – que somente pode navegar sob o controle de outra máquina – um computador –, ao contrário da versão ultrapassada que de tão “*simplória*” pode ser pilotada por um ser humano.

²³⁷ SCAVONE, Rubens Teixeira. *O homem...* op. cit. pp. 12 e 24.

²³⁸ SCAVONE, Rubens Teixeira. *Degrau para...* op. cit. p. 73.

²³⁹ Ibid. p. 135.

²⁴⁰ MONTEIRO, Jeronymo. *Fuga para...* op. cit. p. 11.

²⁴¹ QUEIROZ, Rachel de. *Ma – Hôre*. op. cit. p. 106.

²⁴² Ibid. p. 115. Grifo meu.

Não há limites para as possibilidades tecnológicas das máquinas na ficção científica. Uma vez que suplantam todas capacidades físicas, mentais e sensoriais do homem, as máquinas podem e muitas vezes aparecem afirmando sua supremacia. Frequentemente como ferramentas de outros homens. Exatas, objetivas, livres e invulneráveis ao acaso e ao imprevisto:

Hoje temos computadores eletrônicos, laboratórios de psicologia, modalizadores subliminais, temos até um código. Na verdade, só fizemos eliminar o fator sorte. O produtor nos paga e nós literalmente obrigamos o consumidor a comprar. Temos tudo de nosso lado, o som, a imagem, a côr, o cheiro. [...] A vovózinha faz um pudim e o telespectador sente o cheiro. [...] Da mesma forma eu podia elegê-lo presidente, chefe de um sindicato, transformá-lo num célebre cantor de ópera ou no maior cômico do país. Com estas máquinas.²⁴³

Produto material da precisão contida no discurso científico, a máquina é um simulacro da ferramenta prática da obtenção de seguros resultados. O *mito da máquina* contém essa crença de realização inimaginável, portanto suscetível a todas as imaginações. O mundo social deposita firme confiança na capacidade e possibilidade da máquina em realizar maravilhas. A despeito do relativismo e das considerações sobre os limites da capacidade tecnológica em propiciar novas ferramentas para pesquisas, a máquina mostra-se na ficção científica como síntese do esforço humano pelo conhecimento:

O Grande Computador, orgulho da raça humana, produto de uma das raras ocasiões em que os Planetas Unidos estiveram de acôrdo, surgira afinal, como epitome de tôda a sabedoria humana: era a razão, e o que de melhor havia no homem. Resumia e concentrava todos os seus conhecimentos. Lógico e infalível, o seu Deus, se podemos falar em Deus dos computadores, era o tensor ehرداریano que, segundo todos os computadores, venceria dentro de 50 anos a velocidade da luz e poria as estrêlas nas mãos do homem.²⁴⁴

Não obstante sua superioridade frente ao homem, a máquina não deixa de ser lembrada como produto desse mesmo homem imperfeito. A criação do criador, feito à sua imagem e semelhança. Na contradição humana, a visão da perfeição da máquina somente pode atingir seu esplendor ao tornar-se humana, quando o homem conseguir fazer da máquina um ente semelhante a si. Este objetivo último existe tanto na idéia do robô de formato humanóide, fundindo a qualidade objetiva de exatidão e perfeição à noção de perfeição estética da figura humana; quanto no ideal final de construir além de uma máquina

²⁴³ Cliente de uma agência de publicidade do futuro reclama com o proprietário da queda nas vendas de seu veneno de baratas. Ainda que contrariado, ele aceita violar as regras éticas do uso de certas tecnologias e veículos publicitários que manipulam a mente dos consumidores. O resultado é um aumento recorde nas vendas do veneno, bem como uma substancial taxa nos índices de suicídios e envenenamentos, inclusive do dono da fábrica de venenos. CUNHA, Fausto. O anzol e os peixes. In: *As noites...* op. cit. p. 116 e 118.

²⁴⁴ Num futuro distante, cujo maior valor é a lógica, a superpopulação humana é uma ameaça insolúvel. A única esperança está no Grande Computador, marco do engenho e progressos humanos. A máquina sugere, e é aceito, que haja uma guerra total simulada e avaliada por ele. Os derrotados na guerra simulada devem aceitar seu julgamento e submeter-se ao suicídio coletivo. JUNGSMANN, Ruy. A idade da razão. In: MALHEIROS, Álvaro et. al. *Histórias do...* op.cit. p. 119-20.

inteligente de precisão, uma máquina com uma consciência humana, que possua e compreenda o desejo, as paixões, o medo, o amor e as dúvidas que atormentam o homem.

O grande computador central [...] era tratado como um integrante humano da tripulação e chamavam-no de Jonas. Porque estava no ventre da baleia (a nave). [...] Jonas funcionava com a mais **honeste perfeição**. Sem ele a vida a bordo seria quase impossível. Não falava nem lia poemas, porque ninguém explorara ainda toda a sua **capacidade criadora**, mas já servira de amigo secreto em vários casos amorosos.²⁴⁵

A qualidade da perfeição contradiz-se com a ignorância quanto à “capacidade criadora” da máquina. Afinal, como projetar e construir uma máquina e não conhecer tudo o que o projeto tem a oferecer? Como planejar um mistério, uma dúvida, o desconhecido? A máquina consciente é uma obra humana que contém meandros desconhecidos aos próprios projetistas, de forma que a máquina adquire uma autonomia incompreensível objetivamente, mas totalmente explicável pela argumentação da ficção científica, trata-se de uma obra da ciência. Assim desobrigado é justificar como essa máquina foi desenvolvida, uma vez que máquinas e computadores existem e o que é apresentado é um desenvolvimento, talvez não possível, mas verossímil no interior da lógica dos progressos tecnológicos.

Foi através da imagem de possibilidades tecnológicas que Isaac Asimov desenvolveu as famosas três leis da robótica, no intuito de prevenir os homens dos males que a mente quase desconhecida dos robôs possa causar:

Primeira Lei: Nenhum robô pode fazer mal a um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra qualquer mal.

Segunda Lei: Um robô deve obedecer às ordens dos seres humanos, na medida em que essas ordens não entrarem em conflito com a Primeira Lei.

Terceira Lei: Um robô deve proteger sua própria existência, na medida em que essa proteção não entre em conflito com a Primeira Lei e a Segunda Lei.²⁴⁶

Somente com o pressuposto de que o homem possa criar uma máquina que de alguma forma desconheça são válidas preposições como essas. Ou então, viabilizando tecnologicamente os processos neurais que permitem a inteligência e desse modo a máquina adquire consciência e liberdade de pensamento como ocorre com o computador

²⁴⁵ Expedição de exploração espacial encontra, no trajeto de saída do sistema solar, uma nave desconhecida rumando para a Terra. Ocorrem inúmeras tentativas de contato e suposições de origem e intenções. Uma escrita familiar no casco externo do objeto desconhecido sugere ao comandante que se trata de um artefato humano lançado num tempo remoto – quando a humanidade havia atingido um ápice tecnológico que perdeu – e que estava retornando para casa. CUNHA, Fausto. Viagem às fronteiras do infinito. In: _____. (org.). Antologia cósmica. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 153-54. O conto foi originalmente publicado em 1968. Grifo nosso.

²⁴⁶ ASIMOV, Isaac. Sonhos de robô. São Paulo: Círculo do Livro, 1993. p. 23 e 55.

HAL 9000 em *2001 uma odisséia no espaço*.²⁴⁷ Do contrário, um perigo pensado pela máquina ou maldades e decisões próprias somente seriam possíveis com uma programação deliberada do projetista da máquina.

Contudo, o que importa na ficção científica é a possibilidade de especular sobre a ideia de progresso. Nessa trilha de raciocínio, máquinas como robôs são frutos da reunião de toda a capacidade da ciência, com vista a produzir uma máquina quase humana: *“Tudo o que a Ciência produziu, até hoje, como cérebro eletrônico, estudo da pressão sanguínea, com suas múltiplas reações, ‘comandos’ da energia ‘mental’, dirigidos aos membros, tudo isto fez do Carioca um super-robô”*.²⁴⁸ No projeto desenvolvido, as máquinas contam com capacidade de aprendizado e desenvolvimento autônomo, como um ser humano, porém melhor. *“Ele aprendia depressa. Assimilava tudo com espantosa rapidez”*.²⁴⁹ A perfeição alcançada promove os robôs à categoria de companheiros dos homens, como iguais e com a vantagem de serem companheiros melhores, dispensando a amizade entre homens e privilegiando a união com a máquina:

Vou comprar um robô. O mais completo que achar, [...] assim [o menino] não ficará mais isolado. [Estará seguro] com a guarda feita pelo robô e ele não mais terá inveja dos amigos ricos.[...] Um robô de uso geral. [...] Com conhecimento de pelo menos três idiomas, com todos os sentidos, telepaticamente comandado, desprovido de instintos agressivos a não ser quando solicitado pela reação defensiva e ligado à onda mental de meu filho.²⁵⁰

Entretanto, em alguns momentos a perfeição humanizada alcançada por robôs cobra um preço elevado. O da fragilidade que se subentende pertencer ao homem e intimamente atado à sua habilidade. Em toda aproximação o caráter humano corresponde à diminuição do tempo de vida: *“Os robôs haviam recebido o novo nome de Transitórios a partir do momento em que, tornando-se mais eficientes, mais vivos, quase humanos, tinham também diminuído o tempo de duração para dez anos”*.²⁵¹

²⁴⁷ CLARKE, Arthur C. *2001 odisséia no espaço*. Portugal: Europa-América, s/d. E ainda: 2001: UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO (2001: a space odyssey). Stanley Kubrick. ING: MGM, 1968. 1 videocassete. (141 min): leg., color.; VHS/NTSC.

²⁴⁸ QUEIROZ, Dinah Silveira de. O Carioca. op. cit. p. 189-90.

²⁴⁹ Robô de última geração apto a aprender de tudo, estuda poesia na casa de seu dono, onde convive com uma menina a quem dedica boa parte do tempo. A menina morre em um acidente e, inexplicavelmente, isso parece afetar o robô. Compenetrado no estudo da poesia, o robô consegue se classificar para a final de um concurso de poesia. No concurso ele faz uma apresentação dedicada à menina, revelando uma emoção que não deveria ter e que, de tão intensa, acaba matando-o. OLINTO, Antônio. O desafio. In: MALHEIROS, Álvaro et. al. *Histórias do...* op. cit. p. 52.

²⁵⁰ Querendo fugir da vida alucinada na cidade, homem decide mudar-se com sua família para o campo. Para não deixar seu filho único sozinho, ele compra um robô para acompanhá-lo e diverti-lo. O robô é dotado de sistemas que operam uma ligação telepática entre ele e o menino. Este, acometido de uma rara doença vinda do espaço, morre. Sentindo a ausência do menino, o robô conecta-se à corrente elétrica e se suicida. SCAVONE, Rubens Teixeira. O menino e o robô. *O diálogo...* op. cit. p. 108 e 110. O tema de um robô familiar que aprende foi uma das maiores realizações literárias de Isaac Asimov em seu livro: *O homem bicentenário*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

²⁵¹ OLINTO, Antônio. O desafio. op. cit. p. 51.

Perfeitos e quase humanos, de formas humanóides ou funcionais, mais eficientes e em geral menos frágeis que os homens, os robôs condensam avanços de capacidades físicas e mentais, impressionando seus cultores e admiradores ao substituir o homem no trabalho braçal. “Era maravilhoso ver como os ‘robots’, com seus longos braços e suas mãos tentaculares manejavam as grandes peças, tubos, chapas, cúpulas, caixas, com precisão e segurança absolutas”.²⁵² Substituindo o homem no trabalho industrial. “As formidáveis Usinas de Energia Radiante continuavam a funcionar regularmente, automaticamente, dirigidas e controladas pelos robôs e cérebros eletrônicos”.²⁵³ Substituindo o homem no trabalho científico. “O médico-autômato examinou-o cuidadosamente e em seguida voltou à imobilidade. Isso queria dizer que tudo estava bem”.²⁵⁴ E de uma forma geral nas diversas atividades que ocupam os homens: “Venha comigo e verá que em pouco tempo os nossos robôs terão solucionado o problema”.²⁵⁵

Na outra extremidade do *mito da máquina* está o desconforto e o temor do que este poder, produto da ciência, pode representar de negativo para o homem. A expectativa de que a criação de um ser superior, que adquira consciência e possa decidir o seu destino, com o risco de planejar excluir o homem de seus projetos. Nessa situação a máquina torna-se um desconhecido perigoso. Cria-se uma imagem a partir da qual, a autoconsciência e poderes maiores concedem à máquina imprevisibilidade e incapacidade de reconhecer suas potencialidades, posto que uma inteligência superior pode atingir um conhecimento além do que é possível ao homem, um conhecimento que parecerá mágico ou milagroso como na imagem de um “*estranho robô que parecia ter saído de um pesadelo, materializando-se por milagre*”.²⁵⁶ A especulação conspiratória da máquina povoa profusamente o imaginário da ficção científica, sobretudo no cinema norte-americano²⁵⁷ e na nova tendência mundial.

²⁵² MONTEIRO, Jeronymo. Estação espacial... op. cit. p. 122.

²⁵³ MONTEIRO, Jeronymo. *Fuga para...* op. cit. p. 108.

²⁵⁴ CUNHA, Fausto. Viagem sentimental de um jovem marciano ao planeta Terra. *As noites marcianas*. op. cit. p. 46.

²⁵⁵ Planeta militarmente dominado pelos terrenos é acometido por crenças no nascimento próximo de um salvador que perturbam a ordem. Um subordinado lembra ao coronel-comandante o potencial explosivo de tal crença, que este insiste em ignorar. Deixando ordens expressas ao subordinado de reprimir qualquer manifestação dessa natureza, o coronel parte de volta à Terra em sua nave, quando uma pane lança-a de volta à atmosfera, queimando na reentrada. Na superfície os supersticiosos interpretam o acidente como um sinal indicativo do nascimento de seu salvador. MALHEIROS, Álvaro. Natal G – 3 – 327. In: _____. et. al. *Histórias do...* op. cit. p. 15.

²⁵⁶ MONTEIRO, Jeronymo. *Os visitantes...* op. cit. p. 127.

²⁵⁷ Bons exemplos são: O EXTERMINADOR DO FUTURO (*The terminator*). James Cameron. EUA: Globo Vídeo, 1984. 1 videocassete. (105min): leg., color.; VHS/NTSC.; O EXTERMINADOR DO FUTURO 2: O JULGAMENTO FINAL (*Terminator 2: judgment day*). James Cameron. EUA: LK-TELL/Colúmbia, 1991. 1 videocassete. (136min): leg., color.; VHS/NTSC.; FUGA DO SÉCULO 23 (*Logan's run*). Michael Anderson. EUA: MGM, 1976. 1 videocassete. (119min): leg., color.; VHS/NTSC.; e ALPHAVILLE (*Alphaville*). Jean Luc Godard. FRA: Mundial Filmes, 1965. 1 videocassete. (100min): leg., color.; VHS/NTSC.

A imagem da máquina voltando-se contra a humanidade, depois de ter sido criada para resolver um problema provocado pelos próprios homens também não é incomum.²⁵⁸ Pereirão é um pacato cidadão que devido à radiação atômica cresce desmedidamente até tornar-se um gigante a ameaçar a humanidade. O problema advindo do mundo tecnológico tem como solução *“uma mulher ar-ti-fi-ci-al! [...] Um robô, um gigantesco robô, capaz de dominar Pereirão, de vencê-lo, de matá-lo”*.²⁵⁹ Na sátira, Pereirão morre com fulminante ataque cardíaco, sem a intervenção da mulher robô, que se torna um problema subsequente e mais ameaçador do que Pereirão. O receio da administração irresponsável tanto da ciência e da tecnologia, como das máquinas, é um destaque importante nas histórias de ficção científica. A autocrítica humana que destaca a destruição e o mal causados pela humanidade, vê no objetivo dos robôs em alcançar a forma humana, um defeito, um desvio de conduta condenável da máquina consciente. *“AIL-1422-HE ostentava hábitos arcáicos, propositada afetação para procurar assemelhar-se aos Deuses [os homens], diziam. Assim, exibia um apêndice cefálico – luxo inútil – e toda sorte de acessórios e instrumentos auxiliares eram visíveis sob as inúmeras camadas protetoras antioxido transparentes de que era coberto”*.²⁶⁰

O temor inspirado por um poder, cujo controle não é confiável reacende a visão idílica de um paraíso destituído de máquinas e livre da presença da ciência, de indústrias, de grandes cidades e tudo o que represente a civilização moderna. O retorno à tranquilidade do mundo primitivo é nada confortável. Os homens temerosos da civilização tecnológica *“tinham que viver de modo simples, liberto daquelas mansões fantásticas, reinos de botões e comutadores, dominado e governado pela nucleônica”*.²⁶¹

A fuga rumo à paz primitiva é acompanhada pela condenação e denúncias da enganosa perfeição atribuída às máquinas. O relativismo retoma seu espaço e insere sua semente de dúvidas. Se há limites para o alcance e para o conhecimento dos homens, não os haverá para as máquinas e robôs, mesmo que estes sejam melhores e mais capacitados que os homens? O mistério oculto nas brumas do inalcançável mostra-se vigoroso: *“Têcnicamente nossas máquinas são quase perfeitas. O que me preocupa são os pequenos contratemplos... as coisas absurdas e inesperadas que fizeram malograr as outras*

²⁵⁸ Sobre a hipótese das máquinas assenhorearem-se da Terra, ver: MOURÃO, Ronaldo R. de Freitas. *Explicando os extraterrestres*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1988.

²⁵⁹ SASSI, Guido Wilmar. A costela de... op. cit. p. 31.

²⁶⁰ Numa Terra desertificada e habitada exclusivamente por robôs, o maior sonho destes é o reencontro com o seu criador – o homem – onde uma existência fácil e prazerosa os aguarda. Na hierarquizada sociedade dos robôs, o canibalismo de peças é a única forma de manter a sobrevivência. Para fugir disso, um grupo prepara uma viagem a Marte, onde se imagina estarem vivendo no Paraíso os seus criadores. Ao chegarem a Marte, efetivamente encontram os homens, porém, eles os recebem desativando-os por considerarem-nos modelos ultrapassados. MENEZES, Levy. Terra prometida. *O terceiro...* op. cit. p. 91.

²⁶¹ SCAVONE, Rubens Teixeira. O menino... op. cit. p. 105.

experiências".²⁶² Maiores se tornam as dúvidas sobre o poderio das máquinas conforme se observam falhas, não no distante inexplicável, mas na proximidade do conhecido: "O motor atômico, maravilha da técnica e perfeição, traia-o. Falhava, recusava-se a continuar a luta. Aron sabia que já não estava longe de casa. Forçava mais e mais. Falava com a máquina".²⁶³ Mas ela não lhe respondeu, deixou-o em apuros, sozinho, largado à própria sorte, tal como um automóvel sem combustível no acostamento da rodovia deserta.

Entrementes, o mito é poderoso e a máquina figurará ainda como o mais competente serviçal, o ideal de companhia tecnológica e a expectativa da ciência em conhecer e dominar a natureza, mesmo que se trate da imprevisível meteorologia: "O criado mecânico estendeu-lhe o chapéu e a capa dizendo: 'Boa tarde, Dr. Lot. Vai chover'".²⁶⁴

2.5. Mito dos Discos Voadores

Do momento em que, pelas ciências, o homem passou a interrogar seu ambiente e a si mesmo, até meados do século XX, praticamente todos os exemplos da pluralidade de tipos da geografia terrestre foram palmilhadas e vasculhadas; o mundo celular e atômico investigados; as galáxias, as estrelas e os planetas vizinhos aproximados; o nosso satélite e a nossa órbita visitados; as águas pluviais e marítimas – até uns cem metros – exploradas. Excluindo as profundezas das florestas, das geleiras, das fendas, cavernas e rincões distantes e dos oceanos, lagos e rios, não há possivelmente no planeta maiores mistérios que possam a vir conturbar o panorama das explicações científicas até então alcançadas. Nessa empreitada, muitos medos e lendas foram eliminados ao constatar que não existiam nas florestas tropicais, nos topos de frias montanhas, no fundo das águas, nos pólos e em geral nas terras distantes os monstros, civilizações perdidas e lugares amaldiçoados, dentre uma gama de mitos e lendas, que povoaram o imaginário do mundo ocidental durante séculos.

Todavia, o mundo moderno e seus novos mitos demonstram que, muito longe de terem sido eliminados, esses medos e lendas foram antes afastados e sofreram mutações. Em primeiro lugar, eles foram exteriorizados para além do conhecimento da ciência, para longe de sua realidade nua e iluminada, onde não mais podiam se esconder e florescer.

²⁶² Preocupado com os inexplicáveis fracassos que acometeram as últimas missões ao espaço, o responsável pela última é acalmado pelo piloto do foguete que a comandará. Estando tecnicamente tudo ajustado, é iniciada a contagem de lançamento. Ao atingir o número dois, gritos do foguete revelam que os tripulantes ficaram cegos, porém a contagem não é interrompida e o lançamento é efetuado, condenando os astronautas a um vôo sem volta. MARTELLO, Nilson. Dois. *Mil sombras...* op. cit. p. 55.

²⁶³ MONTEIRO, Jeronymo. *Fuga para...* op. cit. p. 93.

²⁶⁴ MONTEIRO, Jeronymo. *Estação espacial...* op. cit. p. 107.

Hoje abrigam-se no espaço de incerteza e desconhecimento, nos lugares não devassados pela curiosidade humana. Seja no mundo submarino abissal, no espaço em planetas distantes ou nos vizinhos, em outras dimensões, no microcosmo ou no tempo não presente. Os monstros mitológicos, oriundos de demônios e maldições, transmudaram-se nos monstros produzidos pela ciência, através de interferências químicas e radioativas, estabelecendo-se nos meandros dos mistérios de experiências fracassadas e do que está além do conhecimento empírico.

Este último aspecto, o do desconhecido fora de alcance, constitui refúgio para o refluxo de temores lendários causado pelo avanço dos saberes científicos. Concomitantemente o ambiente de mistério também sofre alterações. A visão mítico-mágico-religiosa com a qual o mistério era observado passa a ser dividida e até suplantada pela lente científica que projeta novas características à sua natureza. Sob certos aspectos, o misterioso é enquadrado na gama de possibilidades e especulações científicas, que caracteriza uma relativa “regra do jogo” para todas as formas de imaginações sobre o desconhecido. Não obstante, todos os monstros, civilizações perdidas e locais amaldiçoados, encontram sobrevida mesmo neste mundo de mistérios enquadrado pela ciência, porém não disciplinado. O mistério é um rebelde incorrigível e nele tudo é possível, mesmo que a ciência projete sua visão de mundo sobre o que há de desconhecido no universo, pois, ela não consegue sufocar toda carga mítico-mágico-religiosa que por tanto tempo existiu e existe ao considerar-se o mundo misterioso.

Além do monstro mitológico mudado em monstro de laboratório, encontramos uma das mais expressivas, quiçá a mais expressiva, conversão de lendas e mitos antigos para similares modernos. Trata-se do aparecimento do *mito dos discos voadores*, que encarna uma imagem de criaturas sobre humanas vistas por um viés compreensível pela ótica científica. Semideuses poderosos, montados em animais alados a cuspir fogo, provocando uma série de eventos comparados aos fenômenos naturais como terremotos, tempestades, vulcões etc., deram lugar a seres inteligentes mortais, porém detendo avançadíssima civilização tecnológica de onde, cientificamente, extraem seus poderes prodigiosos que lhes conferem uma quase invencibilidade e imortalidade.

Os adeptos do fenômeno datam de 1947 o início da “*era moderna do disco voador*”.²⁶⁵ 1947 foi o ano em que teriam sido observados pelo aviador norte-americano Kenneth Arnold vários objetos em forma de disco, denominados por ele de pires ou pratos

²⁶⁵ Considera-se que houve uma era antiga dos discos voadores, cuja passagem pela Terra tem alegadas provas em evidências materiais e registros antigos, existentes em monumentos, lendas e textos feitas por culturas do passado. Ver, DÄNIKEN, Erich von. Eram os deuses astronautas?: enigmas indecifrados do passado. São Paulo: Melhoramentos, 1971.; e DURRANT, Henry. O livro negro dos discos voadores. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

voadores. Desse ano em diante os relatos de observação só aumentaram, estimulando e sendo estimulados pelas produções “B” de filmes norte-americanos repletos de um enredo onde criaturas alienígenas e naves em formato de disco eram abundantes.

O disco voador é uma imagem somente identificável após a conquista dos ares, primeiramente com os balões e dirigíveis e, posteriormente, com os aviões e foguetes bélicos, o que possibilitou uma linguagem que entendesse e explicasse o domínio dos ares. A idéia do poder mágico-religioso foi adaptada ou adicionada à do poder científico, e a da criatura superior ao homem por deter esses poderes naturais, pela criatura superior mais inteligente e dotada de maior ciência e tecnologia que a do homem. Portanto, a conquista dos ares com o avião é suplantada pela conquista dos ares com o disco voador. Mudam os meios, mas o temor mitológico de uma esfera de semideuses mais poderosos que o homem persiste, e entre esses suseranos, pululam variedades de humores, da benevolência santa à extrema crueldade.

Dos sentimentos de tripulantes de discos voadores, o período na literatura de ficção científica em que imperou a crueldade de hordas de monstros invasores, foi a dos anos 1920 até os anos 50 – a década de ouro do cinema norte-americano de ficção científica desse estilo. Foi um momento de exaltação e confiança no progresso científico revelado na capacidade humana em repelir e destruir perversas criaturas mais avançadas e monstruosas, com a moderna tecnologia à disposição. No entanto, a Segunda Guerra mundial, a bomba atômica e a Guerra Fria minaram a confiança, levando ao pessimismo sobre o futuro e a sobrevivência da humanidade. A devastação e o impacto desses eventos exortaram os autores de ficção científica a uma reflexão sobre quem eram de fato os monstros. Na nova tendência mundial aumentaram as imaginações sobre complexidades das civilizações alienígenas, atribuindo características um pouco mais plurais do que a mera perversidade conquistadora, acarretando uma mudança no humor dos alienígenas para algo mais positivo.

É nessa fase que também entram os autores brasileiros, em geral pessimistas com a humanidade, preocupados com a sua sobrevivência num momento de ameaça pelo holocausto nuclear, projetando em criaturas superiores, isto é, de maior tecnologia e ética, a esperança de paz e bom senso da espécie humana. Muito embora essa linha de imaginação seja predominante, não estão ausentes os alienígenas maléficos ou então, um tratamento indefinível restringindo-se ao imponderável do mistério dos discos voadores, estimulando a imaginação de quem lê sobre a natureza e as intenções dos alienígenas.

Os autores estão cientes de quão espinhoso é o fenômeno nos círculos científicos. O assunto é um tanto delicado, comprometedor e algo subversivo, mas extremamente estimulante:

O homenzinho [o cientista] segurou com delicadeza o braço do aviador e esticou-se todo, buscando altura para indagar em voz baixa, no ouvido do comandante: – O senhor acredita na existência de discos–voadores? Houve, apenas, uma troca de olhares. Eduardo nada disse, pois já temia a indagação. Nada respondeu e tomou a direção da cabina de comando.²⁶⁶

O diálogo é sobre um tema controverso, mas de domínio exclusivo, posto que se passa entre um representante da ciência e um representante tecnológico, o piloto, e quase muda devido ao choque entre os conhecimentos da ciência e uma “aberração” inexplicável. Mais adiante o perclitante e relutante interesse da ciência em dedicar alguma atenção aos avistamentos de discos voadores, salvo raríssimas iniciativas isoladas²⁶⁷, é assim destacado: “*Vê pois o senhor que me dedico a vários ramos de pesquisas e, portanto, desde o início, precisamente desde 1948, não poderia deixar de considerar o fenômeno ‘disco’ como uma das coisas mais sérias de nossa época*”.²⁶⁸ A referência a 1948 como ano de início de pesquisas do cientista não é gratuita, estando diretamente relacionada ao avistamento de Kenneth Arnold e a vários eventos cercados de uma aura de mistérios, propícia ao estímulo generalizado da imaginação popular como o famoso “Caso Roswell”,²⁶⁹ ocorrido no mesmo ano de 1947.

O “acontecimento” no deserto norte-americano, tido como abafado pelo governo local, contribuiu para popularizar no mundo inteiro as teorias conspiratórias em que os governos procuram esconder o fato da existência de outras civilizações extraterrenas da população em geral, ao mesmo tempo em que, secretamente, desenvolvem pesquisas e até entabulam contato diplomático direto com embaixadores extraterrenos. É muito provável que grande parte dos autores da nova tendência mundial fossem estimulados pelo mistério dos

²⁶⁶ SCAVONE, Rubens Teixeira. O homem que... op. cit. p. 24.

²⁶⁷ O astrofísico e cientista da computação francês Jacques Vallée realizou um estudo aprofundado do assunto. (VALLÉE, Jacques. Confrontos: a pesquisa e o alerta de um cientista sobre contatos alienígenas. São Paulo: Best seller, 1990.) Além desse, há um relatório emitido pelo Instituto de Estudos Cósmicos da Academia de Ciências da então União Soviética que pesquisou o fenômeno. A obra publicada por decisão do Departamento de Física Geral e Astronomia do Presidium da A.C. da URSS, foi traduzida para o português sob responsabilidade de Centro para Pesquisas de Discos Voadores. (GUINDILIS, L. M.; MENKOV, D. A.; PETROVSKAIA, I. G. Observações de fenômenos atmosféricos anômalos na URSS: análise estatística. Academia de Ciências da URSS. Publicação IKI-AN-URSS-1979.)

²⁶⁸ SCAVONE, Rubens Teixeira. O homem que... op. cit. p. 31.

²⁶⁹ O Caso Roswell foi um suposto acidente aéreo envolvendo um OVNI, que teria caído no deserto do sudeste do Novo México, próximo à localidade de Roswell em 1947. Segundo se sabe, uma operação envolvendo o exército norte-americano resgatou alienígenas ainda vivos, de pequena constituição física, e os destroços da nave (um disco), ocultando vestígios do acontecido. O despreparo e a demora na operação teria permitido que testemunhas civis e mesmo militares observassem o local do acidente e os tripulantes e relatassem o que viram, sendo, pouco tempo após, desmentidos e ridicularizados pela imprensa e pelas autoridades governamentais. No entanto, o que se falou foi o suficiente para gerar uma série de relatos que redundaram em livros, revistas e até num filme narrando os detalhes do que “realmente” teria ocorrido.

discos voadores. Portanto, o *mito do disco voador* passou a conter duas facetas que opunha a população em geral, testemunhas de aparições inexplicáveis, de um lado e os governos unidos a cientistas e institutos científicos especializados, em contato a estudos francos e não censurados do fenômeno, de outro.

Na ficção científica esses dois lados opostos se conjugam para construir uma nova realidade em que tudo isso se explique, como “precisa ser”, de um modo lógico e científico: “Quando um dos técnicos do Ministério da Defesa lhes chamara a atenção para a coincidência do aparecimento dos sinais como dos discos voadores, passara-se a levar a coisa mais a sério”.²⁷⁰ O sinal de comunicação apenas acessível a instituições científicas específicas, como as de radiocomunicação conjugou-se com a boataria de avistamentos leigos, o que permitiu aceitar o fenômeno diante de várias evidências.

Todavia, considerando-se as mistificações em torno do assunto e a completa falta de informações detalhadas – que, evidentemente, um mito não pode conter – o fenômeno disco voador é, principalmente, digerido como um grande mistério assustador pela sua natureza desconhecida. Todas as características básicas evidenciam-se: o formato de disco elipsóide achatado, mais espesso no centro, movimentos superiores aos possíveis às aeronaves terrenas e as luzes, coloridas e fulgurantes, piscando enlouquecidamente:

O objeto voador – indiscutivelmente um disco – expandia forte luminosidade de várias cores, com um ponto central vermelho na parte superior. Deslocou-se em rápido movimento circular sobre [a ilha de] Trindade, como se procedesse a um reconhecimento. Depois, retornou, aproximando-se do lugar, onde se encontravam os quatro assombrados espectadores, estabilizando-se a cerca de quinhentos metros de altura, como se estivesse seguro à abóboda celeste por um fio invisível.²⁷¹

As luzes são forte fator de identificação de um fenômeno notadamente noturno, bem ao gosto do que se espera misterioso, é o seu próprio elemento. As luzes que vem da escuridão, produzidas pelo artefato desconhecido, não revelam a origem dos discos voadores, antes ofuscam-na, acentuando a dúvida e estimulando a curiosidade e o medo. “A luz era de azul opalescente e não só se infiltrava pelo interior da aeronave como também iluminava intensamente sua estrutura externa, como se o quadrimotor estivesse sendo atingido pelo foco de possantes refletores. A tripulação, perplexa, procurava encontrar a causa externa do fenômeno, tentando dominar o assombro”.²⁷²

A curiosidade é capaz de superar o medo diante do desconhecido suprindo um impulso de travar contato e conhecer os habitantes de terras distantes. Imaginar os

²⁷⁰ MONTEIRO, Jeronymo. Missão de... op. cit. p. 93.

²⁷¹ A referência à ilha de Trindade possivelmente se deve a um avistamento divulgado na imprensa da época, fotografado por jornalistas embarcados em um navio da marinha brasileira durante um exercício militar nos arredores da ilha no ano de 1960. SCAVONE, Rubens Teixeira. *O homem que...* op. cit. p. 78.

²⁷² Id. p. 21.

moradores desses lugares é um exercício que vem da antiguidade e abrange locais ignorados nos distantes continentes, a Lua e até o Sol. A imaginação esbarrou nos descobrimentos das grandes navegações do século XV e XVI, na exploração dos continentes e, no século XX, na chegada à Lua. A partir daí, os habitantes estranhos e desconhecidos de outras terras tiveram que passar a viver em locais mais distantes, mais ou menos cientificamente determinados, como por exemplo: Marte, Vênus, os satélites de Júpiter, outros planetas de distantes estrelas e mesmo outras galáxias, bem como outras dimensões e temporalidades.

As buscas por outras civilizações mostraram-se infrutíferas, até o momento, pelos meios disponíveis na ciência²⁷³, mas não por meios cientificamente imaginados, como seu instrumento de contato máximo, o disco voador. É uma forma científica de busca pelo contato, mas de uma ciência incompreensível para a ciência humana, ainda que fazendo parte da mesma “linhagem” lógica. O fato de uma ciência incompreensível implica uma tecnologia e uma ciência superiores em relação à terrena, o que inverte a forma de contato observada nos descobrimentos iniciados no século XV, do ponto de vista ocidental, em que o elemento europeu era tecnologicamente superior às civilizações sul-americanas, africanas, asiáticas e polinésias. No contato com as civilizações extraterrenas, os humanos estão sujeitos aos humores dos visitantes, no entanto, a curiosidade não diminui e eles buscam a comunicação: *“Desta vez eles atenderam. Era apenas um sinal lá longe mas, de repente, aquela luz cresceu e se aproximou tanto do farol que eu pensei que a coisa se espatifaria contra a torre. Cheguei a deslizar para o poço. Era o pânico. Tão grande aquela visão que, de ambas as janelas, se avistava”*.²⁷⁴

A relação medo e curiosidade fica evidente nesta passagem:

De repente, uma luz fantasmagórica: o disco voador pousado ali adiante! Menos de cem passos de distância. O medo! O pavor! A vontade louca de sair correndo! As pernas hesitando entre abandonar-se

²⁷³ O melhor meio para a tentativa de comunicação concebido pela ciência, presentemente, é o radiotelescópio. Através dele os projetos META (Megachannel ExtraTerrestrial Assay); SETI (Search for Extraterrestrial Intelligence); Phoenix (nome dado ao ressuscitamento do projeto SETI); Ozma, e as pesquisas feitas pelos russos, resultaram em poucos sinais com chances de se tratar de um comunicado alienígena. Especialmente um do projeto SETI ocorrido em agosto de 1977, não confirmado por outros centros rastreadores e receptores de sinais. A busca torna-se mais difícil devido ao restrito interesse em investir nesses projetos. Ver: SAGAN, Carl. Pálido ponto azul. op. cit.; QUINETE, Rowilson. O homem que escuta estrelas: entrevista a Frank Drake. In: Superinteressante. Edição especial: Vida fora da Terra. São Paulo, mai. 1997, p. 14-19. e SÁ, Vanessa de. Os caçadores de ET's. In: Superinteressante. op. cit. p. 08-13.

²⁷⁴ As boas expectativas de um contato alienígena esvaem-se quando, o aparentemente frágil alienígena revela o plano de invasão da Terra, devido ao mau uso que o homem faz dela e às constantes guerras fratricidas. O alienígena esclarece que seu povo não age por ação bélica, mas insuflando e estimulando a autodestruição humana. O plano, segundo ele, foi revelado dois mil anos atrás quando “um tal de Jesus” pregou a paz e a tolerância mas, que, para sorte deles, o sujeito não tinha sido ouvido. QUEIROZ, Dinah Silveira de. Êles herdarão a terra. Comba Malina. op. cit. p. 160.

ao pânico de uma corrida desenfreada, e os passos calmos da curiosidade que o levariam ainda mais para perto do objeto misterioso.²⁷⁵

A curiosidade ante o disco voador está intimamente ligada à admiração frente a uma ciência e tecnologia avançadas, por partir de quem respeita resultados desse tipo. Nesse sentido, como ocorre com o *mito da instituição científica*, a dimensão física representa a qualidade da técnica empregada no aparelho: “O Disco, que já agora estava a uns duzentos metros de altura e se imobilizava no ar, como um balão cativo. Era imenso – maior do que tudo quanto Hugues poderia imaginar”.²⁷⁶ O grande tamanho, isto é, a alta tecnologia do disco voador igualmente significa perfeição de realização. Uma perfeição alcançada por uma concretização material da ciência: a máquina. O disco voador também é uma máquina e, portanto também integra este mito:

Durante todo o tempo em que o estranho **aparelho** se manteve assim, imóvel no ar, na mesma altura, o engenheiro permaneceu também parado, olhando. [...] O pouso se realizou de forma inverossímil – tão suavemente como se fôsse um ovo delicadamente depositado por alguém sobre a mesa. Sem ruído, sem balanço, sem choque. Uma coisa imensa daquelas! Cem metros de diâmetro por vinte de altura no centro!²⁷⁷

Enquanto apenas aparelho de transporte voando pelos céus da Terra e pousando aqui e ali a esmo, o disco voador é antes de tudo a máquina oriunda dos conhecimentos de alguma ciência misteriosa. O *mito do disco voador* trata prioritariamente dos tripulantes, da civilização que vem no bojo dessa portentosa máquina e, secundariamente, nas realizações que acompanham os tripulantes, como suas tecnologias, suas intenções, sua ética e filosofias etc.

Com essa preocupação a ficção científica traçou inúmeros quadros sobre como são morfológica e eticamente os nossos visitantes, com especial destaque para sua intencionalidade. O fato do surgimento da ficção científica brasileira, como grupo de autores, a partir do movimento da nova tendência mundial, acentuou uma abordagem característica do movimento, qual seja, um tratamento mais apurado, detalhado e enriquecido, distanciando-se do maniqueísmo dos anos anteriores em favor de uma visão pluralista e diversificada dos povos e alienígenas visitantes. Os relatos de pilotos da Segunda Guerra Mundial sobre “bolas de fogo”, que testemunhavam, sem interferir, as batalhas aéreas do conflito, podem ter inspirado os temas que considerassem a possibilidade de que os discos voadores transportavam pesquisadores de outro planeta estudando o bárbaro

²⁷⁵ MARTELLO, Nilson. *Espírito iluminado*. op. cit. p. 104.

²⁷⁶ MONTEIRO, Jeronymo. *Os visitantes...* op. cit. p. 10.

²⁷⁷ *Ibid.* p. 11. Grifo meu.

comportamento dos habitantes desse planeta. Consideram que os alienígenas, “vêm sobrevoando a Terra há muitos e muitos anos, há séculos talvez, estudando as suas condições atmosféricas, de gravidade, de calor, de luz, e outras, bem como as condições em que vivemos. Só depois de terem adquirido conhecimentos suficientes a êsse respeito é que se aparelharam para pousar”.²⁷⁸

Ocasionalmente uns poucos autores invertem a posição de visitantes e visitados, de certo modo restabelecendo o padrão conhecido nos exemplos de contato entre europeus “civilizados” e os outros “primitivos”. No entanto, o caráter exploratório e predatório é substituído por uma visão compreensiva de respeito à cultura “inferior” que objetiva apenas a pesquisa científica. Um contato entre culturas estranhas e muito diferentes, como a que existiu no século XV, pode incorrer em prejuízo para a mais despreparada. A humanidade ética e sábia, do futuro distante – talvez demasiado distante – atenta para esse problema, toma todos os cuidados necessários nos seus estudos, ainda que acidentalmente um lépido contato, como um avistamento similar aos que se julga existirem por aqui, entre os discos voadores e testemunhas humanas, não ocorra: “Continuamos à espreita, e embora tenhamos conhecimento de que alguns dos nossos veículos de observação foram entrevistados, jamais pisamos novamente o solo do planêta nem atuamos sobre êle ou seus habitantes”.²⁷⁹

Num viés oposto, a nova tendência mundial também retrata extraterrestres malévolos com intenções conquistadoras, contudo o caráter detalhista e mais atento a pormenores sociais, filosóficos e culturais, sobrepõe-se à pura invasão armada, soldadesca e violenta. Invasões indiretas, subliminares e de uma violência não física, mas psicológica, hipnótica e mesmo genética são mais características do novo momento da ficção científica e, portanto da ficção científica brasileira, como aqui é descrito sobre invasores que fecundam mulheres terrenas assimilando geneticamente a nossa espécie:

É só os jornais começarem a noticiar a presença de discos voadores, logo depois aparece muita môça de barriga... Já reparou? Pois repare, daqui por diante. E tem elementos dêles nos jornais, nas cadeias de televisão, censurando as notícias, distorcendo-as, fazendo o povo acreditar que disco voador é boato, é balela. Essa é a tática, entendeu? Também tem elementos dêles entre as autoridades.²⁸⁰

²⁷⁸ Ibid. p. 92.

²⁷⁹ Missão de exploração à Marte envia macacos como tripulantes para testar as condições de viagem até o planeta. Lá chegando são recepcionados efusivamente pelos pequeninos marcianos. Os chimpanzés assustados, muito maiores e mais fortes, trucidam os anfitriões para espanto e horror desses. Frontalmente ofendidos e considerando os primatas da Terra como um perigo iminente, os marcianos decidem estudar os macacos e planejar o melhor meio de exterminar a inamistosa espécie e todos seus parentes primatas. MENEZES, Levy. Pax circense. *O terceiro...* op. cit. p. 71.

²⁸⁰ Homem preso num manicômio consegue falar com um jornalista para denunciar a silenciosa invasão extraterrena em andamento. Revelando ter trabalhado num cartório, ele alega ter descoberto que a maioria das crianças sem pai, de mães solteiras, na verdade são filhos dos alienígenas que estão ocupando postos importantes em toda a sociedade para, futuramente, dominar a Terra. O repórter pede licença para resolver um assunto rápido. O sujeito confere a identidade do jornalista e, horrorizado, reconhece o nome como sendo um

Nos casos de invasão é comum considerá-la um castigo a um ou vários aspectos que o autor considera condenável na humanidade. A entrada de outras preocupações na nova tendência mundial, como a existente com a destruição do meio ambiente, permitiu o surgimento de histórias singulares e mesmo cômicas sobre objetos voadores: “*Olhando para cima, viu o mais estranho objeto volante que poderia existir: uma árvore! Sim, uma árvore, com raízes, fôlhas, galhos e tronco, projetando-se contra a lua*”.²⁸¹ Devido à radiação atômica as árvores adquiriram certas capacidades, entre as quais voar, que lhes permitiram vingarem-se por séculos de violência humana.

A questão da origem ocupa outra grande parcela do *mito do disco voador*, pois mesmo sabendo que deve partir de um local não investigado pela ciência, um lugar de mistério onde toda a natureza e caráter do alienígena são criados pela imaginação, é uma preocupação que perpassa a mente de quase todos os autores que se submeteram à tarefa de criar uma civilização alienígena. Assim sendo, nossos autores centram-se em três blocos de soluções possíveis para o problema. O menos comum é atribuir a origem do disco voador aos próprios terrenos, hipótese que de início é frustrante: “*Então, êsses famosos discos voadores eram produto da própria Terra! Sentiu-se lograda, indignou-se*”.²⁸² Talvez essa origem pouco imaginativa explique o seu reduzido uso. Entretanto, nessa classificação enquadram-se enredos como o citado anteriormente, sobre árvores mutantes, que vêm a ser uma origem indireta do homem, posto que acidental: as radiações atômicas. As narrativas de pilotos da Segunda Guerra Mundial contribuem para explicar a origem terrena direta. Na ocasião tanto pilotos do Eixo como dos Aliados descreviam os avistamentos e atribuía-se mutuamente a origem das “bolas de fogo”, não obstante serem inofensivas. Mais tarde ao fim da guerra, as trocas de acusação sobre esse tema, bem como sobre todos os incidentes da Guerra Fria, restringiram-se a União Soviética e Estados Unidos. Tal hipótese encontrou um restrito eco como aqui vemos: “– *Marciano, eu? Que idéia! Sou paulista, de Jaú. – Mas, então... os discos voadores... são russos?*”.²⁸³

O segundo bloco de explicações para a origem do disco voador é abundantemente utilizado por quase todos os autores e refere-se à origem totalmente imaginada de uma

dos filhos sem pai, dos filhos do vento. SASSI, Guido Wilmar. Os filhos do vento. Testemunha do... op. cit. p. 57. A assimilação, ou invasão subliminar, foi o tema de um famoso e influente livro do gênero na década de 1950: FINNEY, Jack. Os invasores de corpos. São Paulo: Nova cultural, 1987. O livro rendeu um filme homônimo com várias refilmagens. A primeira foi: VAMPIROS DE ALMAS (Invasion of the body snatchers). Don Siegel. EUA: Republic Pictures, 1956. 1 videocassete. (80min): leg., color.: VHS/NTSC..

²⁸¹ Inesperadamente as árvores de todo o mundo desaparecem. Devido à mutações causadas por radiação, elas desenraizaram-se e voando reuniram-se para a grande vingança contra os homens. A destruição leva o homem à condição de vida noturna e esquiva. Após o acerto de contas, as árvores voltam à terra e passados séculos sofrem nova mutação e retornam à condição anterior, esperando o dia em que, se reerguendo novamente, o homem propicie as condições necessárias para uma nova vingança. SASSI, Guido Wilmar. Apenas uma questão de tempo. Testemunha do... op. cit. p. 67.

²⁸² MONTEIRO, Jeronymo. Missão de... op. cit. p. 99.

²⁸³ Ibid. p. 100.

civilização exterior oriunda de planetas distantes, dimensões paralelas, temporalidades outras. Por se tratar de uma origem de total dependência e gosto do autor, as características de sua civilização por ele desenvolvidas, seu humor, tecnologias e filosofias, relacionam-se diretamente com uma visão antitética ou idealista sobre a própria humanidade e, pelo fato de inserir discussões mais amplas, será detalhada e separadamente analisada no capítulo seguinte.

Por fim o terceiro bloco ancora-se em tradições e lendas antigas revivendo no mundo moderno uma imagem pertencente a períodos anteriores. No entanto, para origens nesse passado lendário, a ciência atual e a razão permitem uma visão “real” do que foi mal interpretado por culturas que não tinham capacidade de compreender o mundo moderno. Desse modo, toda a mitologia de seres fantásticos e semideuses detentores de poderes da natureza que se criou no passado, ressurgem sob a ótica da tecnologia e da ciência, sendo perfeita e logicamente explicáveis à luz dos nossos conhecimentos presentes. Para a ficção científica brasileira, as lendas sobre cidades e civilizações subterrâneas são muito importantes, pois a partir dessas surgem as explicações que atribuem o desenvolvimento tecnológico e científico, fundamentais para construir discos voadores, à paz e ao isolamento do mundo inferior. Toda a sorte de histórias míticas dessas civilizações são tomadas como verdadeiras, das *“lendas das sete cidades de Agarta, do continente perdido de Lemúria, dos mundos inferiores das lendas do alto Tibet e das tradições milenares dos toltecas e astecas sobre a origem desconhecida daquele quase deus que foi o líder Quetzalcoatl, sábio de pele branca que se opunha a atos de sangue e violência”*.²⁸⁴

O temor de um choque contra os europeus e outros povos que em variados momentos possuíam uma política expansionista e belicista, fez com que muitos povos abandonassem seus sítios de habitação indo se abrigar, viver e se desenvolver em paz, nas profundezas da Terra. O aparecimento dos discos voadores, nesses casos, é uma iniciativa de reaproximação devido, em primeiro lugar, a um relativo avanço humano técnico e, em menor escala, espiritual que necessita ser encorajado e apoiado, e também a uma política de advertência diante do crescente perigo que é a civilização humana bárbara cada vez mais tecnicamente avançada.

Numa inversão de origens, há a idéia de alguma civilização passando pela Terra e influenciando as culturas locais que aqui se desenvolviam. É o que explica a mitologia grega e a incipiente mitologia da selva amazônica “perturbadas” por uma passagem destas:

Da última vez em que lá estivemos, ficamos uns tempos na Grécia, depois num continente ainda desabitado, às margens de um rio muito grande, o Ah-Mansson.

²⁸⁴ SCAVONE, Rubens T. *O homem que...*, op. cit. p. 113.

- O Amazonas?
- Esse é o nome da nossa raça.
- É o nome do nosso rio...
- Sinal da nossa passagem.²⁸⁵

Entrementes, a famosa lenda de Atlântida e os ciclos de recomeço de importantes e avançadíssimas civilizações terrenas também fazem parte dessas origens. Para alguns autores, o cataclismo que destruiu o continente da Atlântida eliminou apenas o espaço por eles habitados, mas não a civilização que da Terra partiu para buscar um novo lar:

Começou, então, o grande êxodo pelo espaço cósmico, e a longa viagem de exploração, de galáxia em galáxia, durou séculos. Afinal os atlantes encontraram, em outro sistema estelar, um planeta semelhante ao que haviam abandonado, e onde poderiam viver fora das astronaves. Lá fundaram a Nova Atlântida e reconstruíram a civilização perdida.²⁸⁶

Mal sabem os terráqueos que de seu longínquo planeta os atlantes observam as condições da Terra, pois desejam para cá voltar. A regularização atmosférica e o pequeno desenvolvimento de uma espécie outrora insignificante são os fatos que lhes chamam a atenção para a preparação do retorno. Assim, a suposição pessimista de que a humanidade não consiga sobreviver a si mesma, considera que *“depois [da humanidade], se iniciaria outra civilização, outro ciclo histórico, com elementos nascidos no coração da América do Sul, de um núcleo de Atlantes”*.²⁸⁷

Todavia, não é sempre que a humanidade está inconsciente dessa sucessão de civilizações e da efemeridade de cada uma delas. Na imaginação, um artefato espacial como *“‘Dante’ foi construído por um ser igual a nós. Como certos pássaros, como certos peixes, que retornam ao lugar de nascimento, o homem está voltando ao planeta de onde saiu. Sempre acreditei que o homem era a origem do homem. E que nossa civilização não foi a primeira, ou a única, a surgir na Terra em tantos milhões de anos”*.²⁸⁸

E talvez não seja a última...

²⁸⁵ Frade é raptado por alienígenas para servir de esposo para a bela rainha Hipólita. Apesar de sua beleza o frade recusa unir-se a ela alegando que há outra mulher a quem é fiel: Maria, mãe de Jesus. A rainha insiste durante meses sem conseguir resultados. Finalmente, humilhada, ela desiste e, como troféu do triunfo do frade, ele recebe o cinturão da rainha, seu símbolo de poder. O frade é devolvido à sua congregação com a memória apagada e com um presente para o altar da santa. SASSI, Guido Wilmar. O cinturão de Hipólita. *Testemunha do...* op. cit. p. 39.

²⁸⁶ Enviado atlante vem à Terra para estudar as condições do retorno de seu povo ao planeta de origem, após a fuga para o espaço realizada para escapar à catástrofe que aqui se abateu. Chegado em pleno carnaval carioca, o atlante é confundido com um folião devidamente fantasiado. Portando dinheiro para aqui facilmente se adaptar, logo é envolvido por duas mulheres e um malandro que querem se divertir com a fortuna do visitante. Seguindo a ordem de se misturar e coletar informações, o atlante embarca na diversão. Bebidas, entorpecentes e uma noite de orgia, contudo, levam sua missão ao fracasso. SASSI, Guido Wilmar. Missão T-935. *Testemunha do...* op. cit. p. 84.

²⁸⁷ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 101.

²⁸⁸ CUNHA, Fausto. *Viagem às...* op. cit. p. 159.

* * *

Os mitos acima descritos são constituintes da ficção científica, muito embora sejam maiores do que ela mesma, posto que representam uma realidade social e uma situação filosófica profundamente influenciada pela existência da ciência, sobretudo por sua presença concreta e próxima às pessoas, que se notabiliza pelos produtos tecnológicos dela derivados e por suas explicações a respeito do funcionamento do mundo. Entretanto, existe um outro mito que está intimamente ligado à idéia de progresso científico e profundamente enraizado na ficção científica, de onde se pode depreender que seja um mito oriundo do gênero. Trata-se do *mito da profecia científica*, isto é, da pretensa capacidade ou intenção de predizer como será o desenvolvimento da ciência e ainda, o desenvolvimento do homem afetado pelo da ciência. Essa intencionalidade teve início quando se compreendeu, em fins do século XIX, que a nascente ficção científica além de ser um romance científico, era um romance de *antecipação*, uma literatura previdente ou profética em relação à ciência.

A partir de então a pretensão de adivinhar quais seriam os possíveis caminhos que a ciência tomaria nos meses, anos, décadas, séculos seguintes tornou-se uma marca característica da ficção científica. Aliás, as profecias tentavam alcançar tanto mais o futuro, quanto maior era o ritmo do progresso científico, de modo que a esfera de especulação aumentou na mesma medida do crescimento dos horizontes científicos e das geometricamente maiores possibilidades que os novos horizontes ensejaram, afinal, cada nova resposta da ciência gera inúmeras outras perguntas.

O progresso científico e a perspectiva de novos progressos criaram ambiente para preocupações e interesses sobre como esses seriam. Na medida em que essa pretensão conjugou-se com o fazer-se da ficção científica, fica evidente que tanto a ficção científica como a antecipação ou a profecia científica são originadas na conjuntura dos acelerados progressos científicos e, portanto, são praticamente indissociáveis no âmbito das especulações sobre a ciência, independente da intencionalidade de fazê-las. De fato, seria difícil encontrar um autor de ficção científica que não tenha imaginado algo e tentado profetizar, em algum momento e medida, o futuro segundo suas crenças.

O *mito da profecia científica* está nas criações imaginárias que pretendem apresentar uma forma de visão sobre o progresso científico. Por vezes a imaginação exagera alguma característica deliberadamente no intuito de destacar uma problemática importante para o autor. Evidentemente, todas as histórias referem-se a questões contemporâneas aos autores, porém existem conotações diversas. Por um lado, pode-se usar um exagero especulativo para destacar um problema e, por outro, pode-se partir do problema para

imaginar os possíveis ou prováveis progressos relacionados ao problema objeto. Nessa última situação a intenção maior é a de efetivamente profetizar, de tentar prever e antecipar o futuro, é um exercício divertido e temerário tanto do que se acredita possível ocorrer, quanto do que se deseja que ocorra – nos casos de sonho – ou que se quer evitar que ocorra – nos casos de pesadelo. De qualquer modo, o escritor que se lança na aventura da ficção científica, aceita em alguma medida representar o papel ilusório e implícito de profeta do mundo moderno. Afinal, o gênero é uma literatura que se originou a partir da realidade do progresso científico. Sua existência se deve à tarefa de imaginar a evolução da ciência e da tecnologia. E aqui a evolução não é a do sentido de mudança para melhor – ainda que para muitas pessoas e autores, possa assim parecer – mas a do processo de mudança e adaptação que tanto pode encontrar o caminho da sobrevivência, como se deparar com o beco da extinção.

Muito se fala em acertos e erros das profecias da ficção científica, essa é uma das forças do mito, mas é esquecido que, a despeito de existir em muitos casos a vontade e a disposição para “arriscar um palpite” e, de fato, ocorrerem os acertos, a ficção científica antes de tudo, é o retrato dos pensamentos de uma época e de um autor. Há muito de sonhos e muito de temores. Há utopias e distopias. Os dois grupos são objetos do próximo capítulo, um exercício do *mito da profecia científica*.

CAPÍTULO III
PROFECIAS E ANTECIPAÇÕES:
IMAGENS DA FICÇÃO CIENTÍFICA – FRAGMENTOS DE UTOPIA E DISTOPIA

O mito da profecia pode ser entendido como o mais importante e atributo da ficção científica, visto que encerra a força que o anima e o justifica. A sua racionalidade está, particularmente, na idéia de progresso científico e, a qualquer progresso a este relacionado. A sucessão de aquisições intelectuais e tecnológicas é o motivo que interessa ao gênero. Desse modo, todas as imagens criadas e apropriadas pela ficção científica, como máquinas, cientistas, teorias etc., podem constituir mitos particulares que, sozinhos ou em conjunção com outros, como os citados anteriormente, compõem o mito da profecia ou da antecipação científica. Tentar visualizar, antever, projetar, planejar ou especular sobre o futuro do homem junto à ciência, é uma tarefa ou brincadeira atribuída, de modo geral, à ficção científica. É essa sua alma, sua essência, sua razão de existir. A relação com o futuro é algo de suma importância, compondo número predominante dos temas, porém, não é única. As relações do homem com a ciência também são analisadas como situação presente, que não necessitam do porvir para se realizarem. Dependem de uma conjuntura ou atitude muito próximas, hipotéticas não por pertencerem necessariamente ao futuro, mas porque, dentre as possibilidades do presente, o que a história imaginada aborda como possibilidade, não foi a que se concretizou e é uma realidade presente. Trata-se de algo como imaginar na história uma decisão diferente da factual, propiciando uma realidade alternativa. Um presente tão imaginário quanto o futuro pode ser.

Como já foi dito, se houve ou não objetivos de “acertar” dos autores, as possibilidades e potencialidades de realização futura da humanidade, é o menos importante. Com efeito, esses escritores aventuraram-se num ambiente literário que implica, não um literal dom profético – não obstante afirmações constantes nesse sentido como, por exemplo, nos casos de Júlio Verne e Arthur C. Clarke²⁸⁹ – mas a crença generalizada dessa capacidade como atributo específico ou característico da ficção científica. Há aqueles que crêem e estimulam a crença no mito da profecia. “*O homem vai se aperfeiçoando no seu juízo geral sobre o mundo; aprendendo a prever, êle acabará por profetizar com segurança*”.²⁹⁰ Entretanto, isso é mais um componente revelador da mentalidade permeada de progresso que possibilitou a existência da expressão imaginária desta: a ficção científica.

²⁸⁹ A Júlio Verne foi atribuído antecipar o metrô, o automóvel, a televisão, a música eletrônica, entre outras coisas. Ver: VERNE, Júlio. *Paris no século XX*. São Paulo: Ática, 1995. Já Arthur Clarke realizou sua maior antecipação ao descrever um sistema de satélites de comunicação alguns anos antes desses existirem.

²⁹⁰ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 22.

Esse mito tem reconhecimento amplo e é observado mesmo quando exterior ao universo fictício do gênero. A utilização dos códigos da ficção científica, notadamente, os referentes ao emprego hipotético de algum atributo da ciência e da tecnologia bastam para a correlação com a propriedade profética. Isso se torna mais forte quando a concretização posterior de um esforço científico-tecnológico coincide com a imagem anterior do fato, ainda que possuam diferenças importantes entre si e apenas guardem uma ligeira semelhança. Verne e Clarke tiveram sensibilidade para observar as implicações e as potencialidades do que já existia, não tiraram suas imagens de uma estranheza irreconhecível. Os dados já existiam, e foram reunidos por mentes argutas. Todavia, essa sensibilidade foi confundida com uma qualidade visionária, quase mística, e instituída como um mito de exercício constante. São recorrentes notícias impressas e televisivas a anunciar que esta ou aquela invenção tecnológica, descoberta científica ou alguma outra realização são coisas de ficção científica, bem como em afirmar que a realidade concretizou um ou vários aspectos do que antes pertencia à esfera da imaginação.

Na maioria das vezes o que se afirma profetizado são itens isolados, essencialmente *brinquedos* tecnológicos como o comunicador do capitão Kirk, uma “profecia” do telefone celular. Ocasionalmente um autor se dedica a imaginar toda uma realidade social, filosófica, religiosa e econômica, além da preocupação em atentar-se às mudanças técnico-científicas. Especular sobre detalhes isolados pode se mostrar mais fácil do que “profetizar” a história do planeta nos próximos cem anos e acertar. Isso não acontece na ficção científica. O que pode ocorrer, nesses casos, é uma coincidência de um ou outro aspecto, não do todo. A imaginação é vasta, mas há o limite da realidade vivida, sobre a qual a imaginação busca seus elementos de criação. Os acertos ocorrem porque nenhuma das projeções e profecias, por mais extravagantes e ousadas que sejam para os padrões e valores culturais de uma época, distanciam-se muito do ambiente político, social, econômico e religioso em que foram geradas. Se assim o fosse, não haveria condições de inteligibilidade para o consumo dessas histórias, pois teriam sido criadas a partir de um ambiente totalmente diferente do vivido, por si só um ambiente inimaginável. Essas imagens criadas, portanto, são fontes preciosas para entendermos não o futuro como será, mas a própria época em que foram produzidas. Em contato com as imagens de um sonho ideal, ou de uma apatia estática, calcada numa visão da realidade, e das imagens do mais puro pessimismo destrutivo, podemos identificar os modos de pensar e imaginar, as esperanças e os medos da época em que se originaram.

Observando os fragmentos de idealismo, conformismo e descontentamento – descontentamento que igualmente abriga medos de se perder algo da atual civilização que pode ser pouco apreciado por alguns, mas também pode ser desproporcionalmente valioso

para outros –, identificamos sentimentos conflitantes que, muitas vezes ambíguos, andam lado a lado, no que tange à ciência. O que atrai na ficção científica, tanto a leitores como a autores, é ao menos uma mínima, porém suficiente preocupação com a ciência para motivar o encontro com essa literatura. O grande fator que é a mudança veloz, originário no século XIX e dominante no século XX – e ao que parece também o será no XXI – acarretou uma instabilidade notória e emblemática da vida moderna, que afeta particularmente os sentidos e sentimentos dos indivíduos. A insegurança diante da necessidade historicamente criada de uma constante substituição de tudo, objetos, valores e pessoas, sendo essa uma necessidade mercadológica, mas também incorporada às relações afetivas, políticas e religiosas, lança a mesma sombra de instabilidade nas visões e imaginações no concernente à ciência.

As mudanças produzidas pelas realizações tecnológicas da ciência tanto podem encantar como atemorizar. São sentimentos que variam conforme distâncias; a contemplação de uma nova fábrica pode ser estimulante, quando ocorre ao longe, visto fugazmente de uma estrada, ou constituir um inferno de ruídos e odores para o morador vizinho obrigado a ter com ela uma longa e torturante convivência diária. Pode variar de acordo com o uso; equipamentos eletrodomésticos: computadores, vídeos, fornos de microondas propiciam conforto àqueles que destes podem cercar-se e constituir mero sonho de consumo para outros. Também pode variar ante os fins a que são destinadas as criações científicas; entre a altruística pura busca de conhecimento que justifica a exploração espacial e o perverso ideal de segurança que está por trás dos discursos armamentistas de inúmeros países.

Ante uma lógica de vida que prega a constante substituição das coisas e mudanças intermináveis, há que se considerar os efeitos de instabilidade que tal situação inspira no espírito humano, sobretudo frente à ciência e à tecnologia, importantes ícones da força motriz que impulsiona essa lógica de vida, a própria vida moderna. As variedades de experiências junto às mudanças ensejadas pela era tecnológica foram responsáveis por reações e sentimentos díspares e conflitantes no que diz respeito ao encontro entre o homem e o mundo repleto de atos e efeitos da ciência. Na ficção científica alguns seres humanos – afeitos às letras – encontraram um veículo de expressão para tais sentimentos na ficção científica. Outros humanos encontraram eventualmente outras formas de se expressar. Ainda outros não encontraram nenhuma e se isolaram. Como saber? Tratamos daqueles que especificamente no Brasil buscaram na ficção científica um veículo para comunicar suas sensações, sentimentos e idéias a esse respeito.

De conformidade com sua época, ou poderíamos dizer, seu século mutante, os autores de ficção científica, em toda parte como aqui no Brasil, comunicam suas impressões individuais sobre algumas mudanças que julgam, por vários motivos, importantes. Todas as mudanças levantadas por seu juízo, relacionam-se de algum modo com a ciência e a tecnologia e sobre isso eles querem comunicar algo, do contrário não escreveriam. No ato de escrever muito se pode comunicar com a disposição das imagens que as palavras criam, bem como utilizando discursos diretos enunciados por personagens. Transmitir idéias por intermédio de uma boa disposição de imagens, mais do que utilizando o discurso direto, exige sofisticação e argúcia de quem escreve em qualquer ramo da literatura tal como na ficção científica.

Dessa sofisticação a ficção científica brasileira do período compreendido entre 1950 e 1970 é relativamente pobre. Sobressaem-se Dinah Silveira de Queiroz e André Carneiro, seguidos por Fausto Cunha e Guido Wilmar Sassi. Os restantes autores utilizam com regularidade o recurso do discurso direto, no qual em muitos casos há como que um político no palanque a falar por intermédio do personagem, no intuito de comunicar essas sensações e sentimentos ao leitor. Não é, porém, este um privilégio brasileiro. Nos Estados Unidos da mesma época, pululam escritos mais empobrecidos dos realizados por aqui, especialmente por haver inúmeros autores exclusivos da ficção científica que exageravam em seus clichês e lugares comuns.

Contudo, isso não nos impede de entrar em contato com os sentimentos dos autores em relação à ciência. Mesmo em se tratando de imagens, há suficientes para que possamos captar fragmentos do que imaginavam eles sobre as mudanças que ocorriam em sua época e que poderiam suceder dali para o futuro. Nas imagens encontramos visões que vão do otimismo ao extremo pessimismo e, como já foi dito, é recorrente que visões antagônicas de bem e mal sobre a ciência ocorram num mesmo autor, o que demonstra a confusão de sentimentos em relação à ciência no âmbito de instabilidade sócio-cultural moderna em que se desenvolve. Ainda assim, em meio a essa efervescência de sensações ambíguas é possível, captando os fragmentos de imagens, trabalhar com grupos semelhantes que nos permitam construir quadros gerais de imagens com o objetivo de interpretar o imaginário da época a respeito da ciência.

O ato de imaginar transformações da realidade com vistas a criar-se uma nova e melhor, talvez, perfeita realidade, é próprio do pensamento utópico; bem como a imaginação de uma transformação que tenda para a deterioração e a imperfeição é característico do pensamento distópico. Assim, pensar em termos de utopia e distopia pode auxiliar no trabalho das imagens, de modo a esboçar a existência ou inexistência de uma utopia ou

distopia científica. Dentre os autores brasileiros, não há nenhum conhecido por mim que se dedicasse a imaginar amplamente mudanças ideais de toda uma sociedade em vários aspectos, suscetível de ser apreendida como um projeto mínimo de uma utopia baseada na ciência. Há sim imaginações sobre aspectos isolados que pudessem redundar em uma melhoria significativa, embora não ideal, da sociedade e da humanidade. Por outro lado, em seus vários livros, principalmente *Três meses no século 81* (1947), Jeronymo Monteiro esboçou uma sociedade distópica ou a-utópica imaginando um quadro completo da degeneração da humanidade causada por várias novidades da ciência. Entre os outros autores, a visão distópica é, tal como a utópica, apresentada em fragmentos contribuintes de uma substancial piora nas condições de existência humana e da humanidade. No entanto, mesmo quando se fala na completa destruição final da Terra ou da humanidade, não se trata de uma inter-relação de causas, mas poucos e geralmente únicos grandes motivos que levam à perdição do homem.

Em razão da forma pulverizada que se encontram as imagens das mudanças vistas como benéficas, portanto otimistas, de um lado, e imagens apáticas e de mudanças maléficas, portanto pessimistas²⁹¹, de outro, é que não se pode falar em propostas de modelos utópicos ou distópicos, mas antes em *fragmentos* de utopias e distopias. O que não impede a observação, como lembra Francisco Paz, das diversas falas e imagens individuais, “*permitindo-lhes presença nos jogos das representações sociais*”,²⁹² e a busca de uma possível imagem coletiva, como se fora uma colcha de retalhos que, não obstante ser uma interpretação de quem as vê e manipula, pode propiciar uma imagem mais abrangente de uma utopia e de uma distopia da ciência, que, juntos, esses autores involuntariamente produziram.

Todavia, essas imagens utópicas e distópicas não são fragmentárias apenas porque sejam pontuais e frutos de vários autores, mas por pertencerem ao momento de crise das utopias modernas e de uma nova visão possível sobre utopias. Não se quer aqui realizar uma discussão aprofundada sobre utopias, mas apenas situar as imagens utópicas e distópicas existentes nos textos de ficção científica analisados dentro das discussões sobre utopias e distopias. Para tanto serão utilizados dois estudos que permitem entender uma nova visão da utopia e seus limites.

Helena Mueller em *Flores aos rebeldes que falharam* dedica um capítulo a essa discussão. Ela principia por afirmar que a utopia é um pensamento rebelde objetivando a solução de problemas sociais através de uma ruptura com a realidade, que pretende

²⁹¹ A apatia em face à realidade é um modo de apresentar uma visão pessimista, razão pela qual está ao lado das mudanças maléficas.

²⁹² PAZ, Francisco M. Pensar a utopia da ciência na crise das utopias contemporâneas. In: Humanas. Curitiba, Editora da UFPR, 1994, n. 3, p. 167-182. p. 180.

esquecer suas mazelas. Sua especificidade é “a crítica à sociedade do presente através de uma sociedade alternativa que é, por sua vez, deslocada para o não-lugar [...] assim como para o não-tempo [...] nem presente, nem passado, nem futuro”.²⁹³ Segundo Mueller esta é a estrutura das utopias desde o século XVI com Thomas Morus até o século XVIII. Essa primeira compreensão de utopia tem como característica ser um modelo ideal não localizável no espaço e no tempo, não sendo possível alcançá-lo seja deslocando-se fisicamente ou esperando-o no presente e no futuro, de modo que, naquele momento as utopias contentavam-se em realizar-se no âmbito de seus próprios discursos.

A partir de fins do século XVIII, o ideal de ruptura com a realidade se une à idéia de revolução social tornando os objetivos utópicos factíveis através da ação iniciada no presente pretendendo realizar-se no futuro. A utopia recupera a história e:

o futuro torna-se o tempo da utopia. Esta permanece o não-lugar, mas o tempo é reintroduzido, não explicitamente no discurso utópico, mas no imaginário que ele representa. Este futuro, porém, não é um futuro qualquer, um futuro que possa se colocar indefinidamente. Para os utopistas o futuro se confunde com o presente: é essa sociedade que deverá ser transformada e, portanto, o futuro começa agora, hoje.²⁹⁴

A nova concepção de utopia continua querendo romper com a realidade, mas agora é um rompimento que se destina, não a esquecer, mas a mudar. Mueller afirma que Marx e Engels pretendiam ser diferentes a sociedade socialista que eles propunham e a sociedade dos utópicos, pois inseriram sua análise no desenvolvimento histórico. “A diferença para com os utópicos está em que, para Marx e Engels a sociedade deverá preparar-se para as mudanças através de seu processo histórico, dentro das leis por eles estabelecidas: os utópicos querem a sociedade nova lá”.²⁹⁵ Contudo, Mueller imediatamente demonstra que há uma descrição utópica nessa argumentação feita por Engels, pois fala de como será (ou deveria ser?) o desenvolvimento histórico que desembocaria na sociedade socialista, uma outra sociedade, “pois se trata de uma sociedade realmente nova esta a que Engels começa a descrever”,²⁹⁶ que, no entanto, permanece distante. A nova sociedade está separada das mazelas da realidade pela barreira do processo e desenvolvimento histórico.

A solução para a utopia inalcançável do período anterior ao século XVIII e para a utopia em construção na história, mas ainda distante em uma duração não conhecida da própria história, é a nova concepção de utopia denominada “novo espírito utópico” – expressão criada por Miguel Abensour. Com o novo espírito utópico, a utopia “deixa de procurar demonstrar a eficácia de um modelo ou de uma solução para a questão social.

²⁹³ MUELLER, Helena Isabel. op. cit. p. 8.

²⁹⁴ Ibid. p. 29.

²⁹⁵ Ibid. p. 38.

²⁹⁶ Ibid. p. 37.

Passa, mais que nunca, a ter a função de colocar em ação o desejo, de fazer desejar".²⁹⁷ O referencial da utopia deixa de ser a busca da felicidade para centrar-se na busca do prazer. Como processo histórico sua realização tem início no presente, contudo, não necessita cumprir etapas históricas para ser iniciada, porém "*levantando mais radicalmente a ruptura como ponto de partida [desfazendo] as amarras que, [...] a história, pode e tende a representar*".²⁹⁸ No novo espírito utópico não existem etapas históricas a serem vencidas, pois esse desfaz a idéia de uma utopia modelo, uma utopia projeto ideal de perfeição para aceitar uma utopia, por assim dizer, não acabada ou não fechada, que privilegie as realizações do prazer e não que determine o que seja felicidade num projeto estanque. Desse modo a busca pelo prazer não exige condições a serem cumpridas para se concretizarem. Na nova proposta, "*os horizontes tornam-se ilimitados, definidos somente pelo desejo e configurados pelo imaginário [...] sabendo o que quer sem jamais, no entanto, ser exclusivista*".²⁹⁹

O filósofo letão Isaiah Berlin, por outro viés não crê na possibilidade de realização de qualquer utopia, ao mesmo tempo considerando que as utopias nascem fadadas à impossibilidade de realização. Berlin parte da noção de que as utopias são guias de conduta e projetos de perfeição que determinam como deve ser e agir o homem para viver num estado constante e sublime de felicidade. Em sua argumentação esse caráter absoluto de cada utopia, estabelecendo fórmulas únicas de satisfação do homem, falha ao considerar os anseios e valores humanos homogêneos. Desse modo ele entende que as utopias impõem um padrão de felicidade a que todos os seres humanos, com todas as suas diferenças, devem se submeter para a realização utópica e o estabelecimento do estado de graça e perfeição desses projetos.

O grande conflito que se instaura para Berlin é o fato de que haja valores díspares e em muitos casos conflitantes, tanto entre indivíduos como entre civilizações, seja no espaço ou no tempo. "*Os valores podem se entrecostar – é por isso que as civilizações são incompatíveis entre si. Os valores podem ser incompatíveis entre diferentes culturas, entre grupos pertencentes à mesma cultura ou entre você e eu*".³⁰⁰ Essa incompatibilidade decorrente da diversidade de valores no seio da humanidade acarreta uma pluralidade de pensamentos e imagens do que seja um estado de perfeição da existência humana. Ainda assim, algum estado de perfeição é objeto de desejo de inúmeros indivíduos e grupos, um desejo que aspira uma transformação e se orienta em ações nessa única direção. Helena Mueller entende que:

²⁹⁷ Ibid. p. 40.

²⁹⁸ Ibid. p. 41.

²⁹⁹ Ibid. p. 46 e 47.

³⁰⁰ BERLIN, Isaiah. op. cit. p. 21-22.

seguir uma única direção, no entanto, não quer dizer segui-la da mesma maneira. Esta unicidade não existe na utopia, desde que a consideremos como um todo, como uma pulsão, e não enquanto cada narrativa utópica isolada. Um mesmo momento histórico pode gerar diversas narrativas que têm o mesmo desejo que as informa, sem no entanto apresentarem as mesmas soluções para sua realização.³⁰¹

Todavia, a existência de uma variedade de projetos utópicos não elimina o fato de que cada projeto pretende-se ser o perfeito e, portanto, verdadeiro.³⁰² De onde se conclui que cada projeto está pronto e almeja satisfazer unicamente a todos os indivíduos através do mesmo sistema. *“A principal característica da maioria das utopias (ou talvez de todas) é o fato de serem estáticas. Nada se altera nelas, pois alcançaram a perfeição: não há nenhuma necessidade de novidade ou mudança; ninguém pode desejar alterar uma condição em que todos os desejos humanos naturais são realizados”*.³⁰³ A satisfação plena de todos os seres humanos nas utopias pressupõe:

que os homens têm uma certa natureza fixa e inalterável, certos objetivos universais, comuns, imutáveis. Uma vez alcançados esses objetivos, a natureza humana está plenamente realizada. A própria idéia de satisfação universal pressupõe que os seres humanos, enquanto tais, buscam os mesmos objetivos essenciais, idênticos para todos, em todos os tempos, em todas as partes. Pois, a menos que isso seja verdade, a utopia não pode ser utopia, pois a sociedade perfeita não satisfaria de forma perfeita a todos.³⁰⁴

Na medida em que os valores variam temporal, espacial e culturalmente entre civilizações e indivíduos, Berlin não crê possível que uma utopia consiga realizar a satisfação plena dos indivíduos, pois não é capaz de planejar cada aspecto de satisfação que contemple a cada ser humano. *“A idéia de uma sociedade única, perfeita e compreendendo toda a humanidade deve ser contraditória em si mesma, pois [...] se há tantos tipos de perfeição quanto são os tipos de cultura, cada uma com sua constelação ideal de virtudes, então a própria noção da possibilidade de uma única sociedade perfeita é logicamente incoerente”*.³⁰⁵

Sendo uma busca inatingível, a luta pelo estabelecimento de uma utopia pode ser antes uma justificativa para cometimentos de barbáries e violências extremas. *“Se realmente acreditamos que tal solução [a utopia] é possível, então com certeza nenhum preço será alto demais para obtê-la: tornar a humanidade justa, feliz, criativa e harmoniosa para sempre – que preço será alto demais para isso?”*.³⁰⁶ Nesse contexto as utopias podem tornar-se

³⁰¹ MUELLER, Helena. op. cit. p. 10.

³⁰² Ibid. p. 38.

³⁰³ BERLIN, Isaiah. op. cit. p. 29.

³⁰⁴ Id.

³⁰⁵ Ibid. p. 45.

³⁰⁶ Ibid. p. 24.

elemento figurativo, camuflando um impulso autoritário de um grupo que se julga depositário de uma missão libertadora, porém de uma liberdade que siga e obedeça as suas determinações. No momento em que o ideal utópico pôde ser considerado um modelo planejado da natureza humana, surgiram protestos.

[...] e as antiutopias – de Aldous Huxley, Orwell ou Zamyatin [...] que pintam um quadro horripilante de uma sociedade sem atritos em que as diferenças entre os seres humanos são, tanto quanto possível, eliminadas, ou pelo menos reduzidas, e o padrão multicolorido dos vários temperamentos, inclinações e ideais humanos [...] é brutalmente reduzido à uniformidade, aprisionado em uma camisa-de-força social e política que fere e estrofia, terminando por esmagar os homens em nome de uma teoria monística, do sonho de uma ordem perfeita e estática.³⁰⁷

As antiutopias surgem como uma forma de denunciar e atacar a planificação e homogeneização dos homens, bem como as ameaças a sua existência e liberdade. Entretanto, menos do que denunciar tais perigos que subsistem na interpretação das utopias, as distopias combatem as que são entendidas como o resultado de realizações políticas, sociais e científico-tecnológicas. Desse modo, se por um lado há valor nas utopias, como considera Berlin, pois são importantes formas de expandir “*os horizontes imaginativos das potencialidades humanas*”,³⁰⁸ por outro, as antiutopias atuam como alerta constante às ameaças que sofre a diversidade do espírito humano.

Como mostra Helena Mueller, o pensamento utópico entrou em crise ante a perspectiva de serem projetos irrealizáveis ou distantes e dependentes do desenvolvimento histórico³⁰⁹, sendo a incompatibilidade entre valores civilizacionais e individuais – apontados por Isaiah Berlin – importante causa disso. Entretanto, o desejo de uma transformação para um estado de vida melhor não deixou de existir. O novo espírito utópico sinaliza com a perspectiva de uma utopia que não esteja pronta em projeto, mas construa-se no processo de sua implantação e, por isso mesmo, permita que não haja planificações da natureza humana, que não ocorram obstruções à liberdade individual, posto que permita “horizontes ilimitados” de realização. É uma perspectiva aproximada com a de Berlin que, embora não acredite na consumação das utopias, tem esperança que uma solução mais próxima esteja em “civilizar” os embates entre valores e opiniões divergentes, tornando sua mediação a menos violenta possível.

O entendimento dos limites dos projetos utópicos e a necessidade de tê-los inacabados e abertos a novas contribuições, bem como o papel relevante e, poder-se-ia

³⁰⁷ Ibid. p. 48-49.

³⁰⁸ Ibid. p. 24.

³⁰⁹ Desenvolvimento que o historiador sabe ser incerto, uma vez que na história nada está determinado como a muitos possa parecer face à perspectiva que as pessoas do presente tem das do passado. Antes o processo histórico está repleto de forças antagônicas em disputa pela realização de seus desejos e conseqüentemente pela construção de um presente específico, porém um presente não evidente e necessário por si só.

afirmar, preventivo das antiutopias é importante para a compreensão das possibilidades contidas nas imagens otimistas e pessimistas presentes nos enredos de ficção científica, nacional ou estrangeira. Ao opinar sobre o que consideram positivo ou negativo na ciência, voluntária ou involuntariamente os autores traçam em conjunto um projeto de utopia baseado na ciência. Um projeto aberto, pois cada um expõe e comunica o que pensa ser adequado e contribuinte para a melhoria do estado geral dos indivíduos e das sociedades. Quando escrevem antiutopias alertam para o que consideram representar um risco à humanidade ou ao indivíduo.

Na ficção científica o elemento relevante é a ciência. A partir dela surgem imagens que são juízos de algum tipo sobre ciência e tecnologia. Não são necessariamente projetos políticos, mas expressões de sensações e sentimentos. No entanto, comunicam e querem ser ouvidos. Como foi visto no primeiro capítulo, a ficção científica tem relações com a sátira. As utopias, em muitos casos, são “*ficções deliberadamente satíricas, criadas com a intenção de se criticar o mundo real e lamentar a ação dos que controlam os regimes existentes ou a falta de ação dos que passivamente a eles se submetem*”.³¹⁰ Portanto, a ficção científica tem algo em comum com as utopias, sobretudo quando se pensa qual o papel que a ciência pode desempenhar na realização utópica – ou na realização distópica –, em especial uma utopia não dirigida e tão pouco acabada, mas aberta à colaboração de quantos quiserem, escrevendo ou não ficção científica. Estes colaboram, mesmo sem saber, nas imagens e idéias sobre ciência e tecnologia que produziram e produzem, afinal nem a utopia e a antiutopia estão plenamente realizadas.

As imagens da ficção científica brasileira revelam-se particulares e generalizantes, mostram detalhes do feito científico e conjeturas amplas. Muitas vezes de um entusiasmo enganador, que obliteram desconfiças. Reafirmando, são ambíguas e muito fragmentárias. Uma visão de distopia e, essencialmente, de utopia é uma construção efêmera que existe neste trabalho e não encontra respaldo na visão particular dos autores aqui reunidos. Tais visões são crenças e descrenças individuais, perspectivas independentes de sonhos e receios próprios que, não obstante, são colhidos e raciocinados a partir de um imaginário coletivo, ao qual estão inseridos. As imagens que se seguirão, portanto, são pedaços trabalhados e particularizados de um todo imagético heterogêneo disponível, de diferentes modos, a todos os indivíduos. Ao ser reunida tal diversidade de visões que apontam para um mesmo foco, de molde a construir uma visão abrangente da ficção científica brasileira dos anos 1950 a 1970 sobre ciência, está-se sujeitando tais visões àquele que realiza essa reunião:

³¹⁰ BERLIN, Isaiah. op. cit. p. 29.

Ao trabalhar com construções imaginárias de um determinado período, portanto, resta a possibilidade de recuperá-las como fragmentos, sem a pretensão de poder com os mesmos constituir uma unidade mas, simplesmente, um entendimento particular e limitado de uma realidade que não aconteceu de forma determinada, precisa, cuja trama pode ser reconstituída por um olhar atento.³¹¹

As imagens baseiam-se nos mitos produzidos pelo discurso científico e por outros discursos que se apóiam de algum modo neste primeiro. Há uma preocupação essencialmente com o futuro e, não obstante referirem-se ao seu presente, as imagens, em alguma medida, estão construindo a compreensão de um determinado futuro, estão instrumentalizando as percepções humanas para possíveis e prováveis transformações variadas do futuro, no colo da lógica das mudanças que o progresso científico trouxe. Trata-se, portanto, de um projeto que anseia a obtenção de um objetivo e a esquivar de outros. Em essência, a realização de algo comporta a exclusão dos seus contrários, daquilo que pode impedir a confirmação do esperado. Obviamente esses desejos são tão ou mais numerosos como a quantidade de escritores a pretendê-los. Todavia, por se manifestarem em um meio comum – a ficção científica – apresentam aspectos concordantes, as mais das vezes, recorrentes. Esta confusão entre as imagens criadas na ficção científica com uma espécie de projeto do certo e do errado no porvir feito pelos autores é encetada e reafirmada por eles próprios constantemente. “*Creio firmemente que tudo o que podemos imaginar, poderemos realizar! Não acredito que o cérebro humano possa conceber coisas sôbre-humanas*”.³¹²

Ao mesmo tempo existe uma solidariedade de grupo que tenta preservar a noção de algo como a clarividência, ou melhor, a sensibilidade arguta para as circunstâncias presentes e seu desenrolar para o futuro, pertencente aos autores de ficção científica. Não se trata realmente de acreditar no que se escreve, mas de crer na capacidade de ponderar o possível, ainda que improvável, mesmo que se trate de uma invasão marciana à Terra. “*Houve um louco, meio clarividente, que tentou fazer uma revelação da nossa guerra com vocês. Louco e estúpido – êsse maldito Wells!*”.³¹³ Acima de tudo o substrato da ficção científica é a relação desta com a possibilidade oferecida pela noção do progresso técnico humano em expor o maravilhoso à nossa contemplação e, acima de tudo, adivinhar esse maravilhoso, tornando a ação de perscrutar a imaginação objeto também de maravilhamento. “*O senhor que viveu a era espacial desde o começo deve ter orgulho do*

³¹¹ COSTA, Vidal A de Azevedo. *Visões ascendentes*: fragmentos de um olhar curitibano ao mais leve que o ar. Curitiba: Aos quatro ventos, 1998. p. 103.

³¹² MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* p. 15.

³¹³ Em referência à *Guerra dos mundos* que conta da invasão marciana à Terra, frustrada pela contaminação dos marcianos pelos microorganismos terrenos. QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Êles herdarão...* op. cit. p. 171.

caminho percorrido em tão pouco tempo. Se não me engano, era até um entusiasta fervoroso de ficção científica".³¹⁴ Nesse sentido, as imagens da ficção científica são características da nova relação moderna com o futuro, em que este tem sua importância aumentada pela perspectiva de ser vivido proximamente e, portanto, alvo das considerações presentes de como será. A velocidade do progresso técnico acelerou a vivência do futuro e aumentou o interesse em vê-lo projetado segundo os desejos individuais e coletivos. A ficção científica é um dos espaços onde esses desejos podem se manifestar tanto individualmente, como coletivamente, na medida em que apresentam aspectos comuns. E suas imagens demonstram existir muitos desses aspectos comuns.

Dessa forma, à pergunta própria da ficção científica: o que a ciência e a técnica reservarão ao futuro? Muitas respostas são possíveis; tantas quanto a imaginação permitir. Todavia, cada momento histórico retrata aspectos importantes que lhes são presentes, de certa forma norteando a criatividade de molde a reunir as imagens sobre determinados problemas ou objetivos comuns. É fartamente conhecido que a Guerra Fria estimulou apreciável parcela de mentes, no Brasil e em todo o planeta, a explorar temas ligados à autodestruição nuclear, aos efeitos da radioatividade sobre o homem e o meio ambiente, sobretudo relacionando-as às mutações degenerativas, além dos temas que tratam do pós-guerra atômica descrevendo a devastação esperada e as dificuldades de sobrevivência em ambiente tão hostil.

Junto ao perigo radioativo, a constatação de outros meios de agressão ao meio ambiente aparece como forte imagem em consonância com a mudança, já em escala planetária, do entendimento na relação homem-natureza e dos incipientes movimentos ecologistas. O crescimento da importância da medicina e suas promessas de cura estão presentes em outro conjunto importante e muito recorrente de imagens da ficção científica – não apenas no Brasil – utilizado por quase todos os autores com relativa recorrência.

Contudo, entre a variedade de imagens que se produz em cada época de acordo com as prioridades de preocupações, há um conjunto delas constantemente presente que, quase obrigatoriamente, tornam todas as outras possíveis e, como já foi dito no capítulo anterior, é a essência da ficção científica. Trata-se das imagens que se faz sobre máquinas e suas potencialidades de realização. Pode-se afirmar com segurança que praticamente tudo o que se imagina em ficção científica é ou depende de idéias sobre máquinas. Nesse

³¹⁴ Jovem comemora o progresso que representa a primeira expedição humana a Vênus. Um biólogo pouco entusiasmado lamenta o que pode acontecer de mal às pobres formas de vida que poderiam existir no planeta, concluindo que um dia, no encontro das espécies, o homem poderá deparar-se com uma que tenha o mesmo desrespeito humano à vida, porém ser mais poderoso do que ele. Em Vênus os astronautas defrontam-se com homens venusianos gigantes que os tratam como alimento para plantas e que planejam buscar na Terra, um "estoque" maior de adubo para o cultivo de flores em Vênus. MENEZES, Levy. *Floralis*. In: *O terceiro...* op. cit. p. 62.

aspecto, importa pouco de que época da ficção científica se fale, seja nos seus primórdios ou a que inicia o século XXI, assim como de onde ela é proveniente, no Brasil e em qualquer outra parte, a máquina aparece não como o personagem central, mas como o necessário coadjuvante, ou ainda, o ambiente que viabiliza e estrutura imagens sobre outros interesses da realidade, que um autor de ficção científica julgue relevante para ser explorado pelo ponto de vista científico-tecnológico. Por essa razão, principiarei com as imagens sobre máquinas.

1. MÁQUINAS E MÁQUINAS, MÁQUINAS PARA TUDO

Um dado apriorístico ao considerarmos as criações de imagens sobre máquinas é a compreensão intrínseca à idéia da máquina, de que ela potencializa uma capacidade humana incrementando resultados que, de outro modo seriam inferiores. Nesse sentido conclui-se que através de máquinas o homem pode realizar todas suas ações com intensidade correspondente ao apuro técnico desta. Portanto, todos os atos humanos que tragam benefícios ou malefícios, ou ambos resultados concomitantes, por intermédio da máquina adquirem ressonância maior. Disso depreende-se que as imagens sobre máquinas são acompanhadas de julgamentos correspondentes aos resultados mais significativos descritos por cada autor.

Engendrar uma máquina imaginária segue em muitos casos a lógica do correlato real, ou seja, máquinas são desenhadas e construídas através de cálculos e estudos, seja por intermédio da experiência prática, seja por intermédio de preceitos teóricos e científicos – nos casos de maior sofisticação – sem os quais não poderiam ser sequer imaginadas. Desse modo, para máquinas mais fantásticas, às vezes é necessário um apoio do *mito da teoria* para a criação de um fenômeno ou força “natural” teorizável que possibilite meios adequados para o funcionamento da máquina imaginada. “Desde o começo, desde a primeira hora, tivemos a certeza de que estávamos perante uma coisa fabulosa, acontecimento científico de proporções incalculáveis”.³¹⁵ O que poderia resultar, ocasionalmente, em máquinas de proporções igualmente incalculáveis. R. T. Scavone, no caso, refere-se ao encontro com um disco voador, por si só uma máquina fantástica, o que já nos faz pensar no impacto que teriam no transporte aeronáutico. Por outro lado: “Têm sido estudados fenômenos absolutamente extraordinários, incompreensíveis, mas nem por isso menos reais do que a força do vapor ou da eletricidade...”.³¹⁶ Essa afirmação de Jeronymo Monteiro, escrita em 1947, não menciona a força do átomo, recém descoberta, talvez considerando-a no âmbito dos ‘fenômenos extraordinários’ que guardam muitas promessas com relação às máquinas que poderiam construir, à semelhança do que se realizou com o vapor e a eletricidade, a começar pela bomba.

Entretanto, à criação de uma máquina, não precede necessariamente uma conceitualização teórica que a justifique. Pelo contrário, na ficção científica brasileira esse é um artifício pouco usual. A imagem da máquina, suas capacidades e efeitos são inseridos no texto creditando ao pressuposto do progresso científico sua concretização material.

³¹⁵ SCAVONE, Rubens Teixeira. O diálogo... op. cit. p. 47.

³¹⁶ MONTEIRO, Jeronymo. Três meses... op. cit. p. 16.

O emprego dado ao maquinário no Brasil não difere essencialmente dos descritos em outras partes do mundo. Considerando bons, maus e ambos os resultados, as máquinas são mostradas modificando, seja particularidades da vida cotidiana, seja atividades que envolvam e atinjam a coletividade e ainda em questões mais específicas, aumentando enormemente o poder do homem. Nesses casos, a ficção científica nacional difere em termos quantitativos, pois havendo número menor de textos, há menos variedade de empregos do maquinário exemplificados entre essas três características maiores.

No que tange às máquinas da vida cotidiana, há uma tendência observada entre os autores, em considerá-las positivamente, ocorrendo muito mais casos em que elas beneficiam o homem, do que o prejudicam. Em geral, as máquinas agilizam e livram o indivíduo de tarefas braçais, cansativas e que, sendo simples, demandem tempo que o homem do futuro tecnologizado não possui para desperdiçar com atividades enfadonhas, típicas de um passado primitivo. Nesse aspecto, atividades domésticas são prioritariamente mecanizadas e automatizadas visando ao conforto. O ato de banhar-se, por exemplo:

Despi-me e entrei no quarto de banho. Assim que pisei no estrado, senti-me atingido, por todos os lados, por uma chuva fina e compacta, muito enérgica. A água jorrava cantando por todos aqueles milhares de tubozinhos do teto e da parede – uma água deliciosa, à temperatura ambiente. [Para secar-me] subi ao estrado. Virei o registro e, imediatamente, de cada um dos tubozinhos soprou um fino vendaval de ar quente. Em três tempos estava perfeitamente enxuto.

As facilidades, no entanto, não se restringem ao banho. Lavar roupas fica igualmente fácil:

Êsse é o esterilizador. [...] Em poucos minutos a roupa está lavada, esterilizada, passada e dobrada, pronta para vestir. Um elevador automático traz as peças para cima quando se aperta êste botão.³¹⁷

³¹⁷ Ibid. p. 91 e 94.

Caso não sejam aparelhos específicos para uma determinada função, doméstica ou outra qualquer, há sempre a figura do robô “faz tudo”, um servo ou escravo mecânico, que não trazem consigo os problemas de consciência que podem vir acometer o senhor em relação ao empregado humano. Tal máquina, muito versátil: *“é mesmo a sùmula de tōda a ciência de nossos dias. [...] Executa tōdas as tarefas, não só domésticas mas também matemáticas, pois seu cérebro contém, além das computadoras comuns, as válvulas sensoriais do tipo integral que, como [se] sabe, possibilitam um raciocínio quase humano...”*.³¹⁸ Junto às qualidades de prodigiosa máquina, Scavone, adiciona uma explicação tecnicada do que a viabiliza concretamente. É evidente. Quem não conhece as válvulas sensoriais do tipo integrado?

Atividades servis não apenas domésticas são retratadas como superáveis na esfera de trabalho humano. A idéia associada é a de que para o futuro, ciência e tecnologia poderiam livrar o homem de tarefas essencialmente braçais, permitindo-lhe dedicar-se a funções mais elevadas, o que significa, atividades cerebrais, que requeiram o emprego da inteligência. É o que sugere a descrição de uma conversa entre dois cientistas sobre um lançamento espacial, no restaurante do “astroporto”. Enquanto debatem trabalho, aspectos técnicos do lançamento, um sistema automático servil prepara seus almoços. *“Nesse momento a mesinha rolante – elegante caixa de aço brunido equilibrada sōbre um pé que vinha deslizando pela ranhura do piso de vidro – chegou ao lado da mesa dêles e parou. Matilde levantou a tampa e foi tirando a toalha de papel, os pratos de papel já servidos com as iguarias escolhidas”*.³¹⁹ A diferença entre tal restaurante e um contemporâneo, é a ausência de pessoas servindo os fregueses, evitando o desperdício de inteligência em atividades que a exigem pouco, numa demonstração da capacidade da ciência em equacionar o potencial raciocinativo da espécie em proveito dela mesma, pois com mais cabeças, maiores são as potencialidades do progresso científico.

A idéia de aperfeiçoar as condições de desenvolvimento humano e de seu conhecimento parece associar o dispêndio de tempo com atividades braçais e a ineficiência de métodos de ensino e aprendizagem. Além de livrar o homem da brutalidade do trabalho corporal, as máquinas poderiam propiciar meios de potencializar a apreensão de conhecimentos, mesmo que se trate de entretenimento e não de estudo. *“Monaural Microtone’, falou o velho – Vendi milhões desses aparelhos. Fui eu que convenci milhões de pessoas de que o homem evoluído, o homem moderno, não pode perder tempo ouvindo a mesma coisa com os dois ouvidos. Cada ouvido era autônomo. Podiam ouvir música e*

³¹⁸ SCAVONE, Rubens Teixeira. O menino... op. cit. p. 110.

³¹⁹ MONTEIRO, Jeronymo. Estação espacial... op. cit. p. 109.

instruir-se ao mesmo tempo".³²⁰ Por outro modo, novas tecnologias são imaginadas extinguindo tradicionais meios de informação, não sem uma ponta de sutil lástima. "*Depois que foram aperfeiçoados os nossos aparelhos de transmissão e recepção à distância, os livros, os jornais, e todos os antiquados meios de divulgação e cultura se tornaram inúteis*".³²¹ A expectativa do choque entre a inovação e o tradicional revela-se na descrição de um item jornalístico híbrido, um tanto profético: "*jornais luminosos [com] visores portáteis*".³²² Não obstante alguns lamentos e sínteses entre o novo e o velho, a imaginação aponta para aperfeiçoamentos como o de imagens tridimensionais que possibilitem a ilusão da presença real, tanto para a comunicação como para o entretenimento. "*Eu estava ouvindo uma exposição do jornalista nova-iorquino sobre **Imagem Concreta**. Em Nova Iorque e em Moscou já havia presenciado várias experiências de Cinema e Televisão no novo processo*".³²³

Ainda no entretenimento, mas considerando não uma máquina imaginada, porém imaginável à observação do resultado de sua ação, de seu produto, é a descrição de um acampamento longe de cidades, na zona rural, num estábulo, que poderia ser um piquenique no parque. "*Tirando dos bolsos uns comprimidos de carvão concentrado, acendeu-os sobre o cimento. [...] A maioria preferiu cerveja, alguns poucos opinaram pelo vinho. O capataz, depois de colocar pequenas pílulas dentro dos copos, encheu-os com água gelada*".³²⁴ A idéia de pílulas de alimentos e bebidas concentradas é uma constante na ficção científica mundial e induz à noção de um mundo de máquinas, afinal, que outro modo para fazer tais pílulas, se não com máquinas especializadas? Novamente temos a facilidade ante um trabalho braçal: cozinhar. O princípio de confortar a existência humana libertando-a de tarefas físicas cansativas permanece objetivo a ser alcançado pelas máquinas.

Outra atividade física do homem a ser liberada é o andar, sobretudo se isso representa ganho de tempo para ser gasto em outras atividades. As pessoas "*calçavam uma espécie de sandálias tecidas de fibra metálica [...] apoiada em pequenas esferas de aço que rolavam pelo pavimento de vidro. [...] Não davam passadas. Antes, pareciam deslizar*".³²⁵ Contudo, nesse caso, não há uma conotação positiva do incremento mecânico, o autor usa a descrição para ilustrar a decadência, inclusive física, a que pode chegar a humanidade, perdendo o próprio movimento independente de autolocomoção. Ainda assim,

³²⁰ CUNHA, Fausto. O anzol... op. cit. p. 112-13.

³²¹ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 132.

³²² OLINTO, Antônio. O desafio. op.cit. p. 59.

³²³ QUEIROZ, Dinah Silveira de. A universidade. op.cit. p. 79. Grifo meu.

³²⁴ Num futuro distante, após várias guerras atômicas mundiais, um casal de pobres procura um local para pouso durante a noite, num estábulo. A mulher grávida entra em trabalho de parto. Alguns pastores seguindo a órbita de uma estação espacial, encontram o casal e o bebê recém nascido, todos sentindo uma possibilidade de esperança para a humanidade. SASSI, Guido Wilmar. A estrêla. *Testemunha do...* op. cit. p. 09.

³²⁵ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 53-54.

é significativo o empenho em demonstrar a possibilidade de, com a mecanização, diminuir o tempo gasto no transporte cotidiano. Nesse sentido, mais do que rodas nos pés, a imagem significativamente mais importante em termos de menos tempo gasto é o vôo individual. “*Súbitamente, viram o espetáculo espantoso do vôo dos Homens do Espaço. Vários deles desdobraram as asas metálicas que lhes rodeavam o corpo e saltaram. Aos seus pés hélices começaram a girar vertiginosamente e eles se elevaram suavemente no ar, planando com graça, espalhando-se por sobre a clareira e a mata*”.³²⁶ O prodígio é explicado por intermédio de hélices e asas, porém nem sempre há necessidade de tantas justificativas, bastam, por exemplo, “*cintos-voadores para propulsão*”.³²⁷ Ou então, “*fui para a plataforma da janela e voei até o espaço-pôrto, sem maiores inconvenientes. Sei que nem todos os moradores desta cidade gostam de ter uma plataforma aérea em suas janelas, a fim de evitar visitas importunas. Mas quase todo mundo as aprova, nas entradas de serviço, para facilitar a entrega das compras ou alguma visita furtiva*”.³²⁸ Na imagem o vôo autônomo é tido como rotineiro, há acessórios como a *plataforma aérea* que permitem conforto e praticidade, tornando a vida mais fácil.

Nessas imagens é possível perceber uma idéia compartilhada de que as máquinas podem, livrando o homem de trabalhos braçais “pouco nobres”, e implementando seu desenvolvimento intelectual e cultural, oferecer um excedente de tempo livre para ser empregado em algo, em princípio, considerado mais interessante e rico para o indivíduo. Não é leviano afirmar que esse é o sonho de quase a totalidade das pessoas sobre o globo terrestre, obter tempo para fazer o que se gosta. O que permanece inexplorado e sobre o qual quase todos os textos se calam é justamente a finalidade idealizada de livrar o homem de tais cargas sobre seu exíguo tempo. Com o trabalho produtivo de manutenção relegado às máquinas, o homem poderia se dedicar ao trabalho criativo ou ainda ao puro ócio, em uma vida de prazeres ofertados sempre por máquinas.

No entanto, os autores falam muito pouco a esse respeito. Parecem se esquecer do potencial por eles imaginado e descrevem uma realidade semelhante à que conhecem e válida presentemente. Homens e mulheres trabalhando como se não houvesse nenhuma mudança significativa no uso de máquinas em grande escala, em variadas atividades, à

³²⁶ MONTEIRO, Jeronymo. *Os visitantes...* op. cit. p. 68.

³²⁷ Expedição de exploração chega a um distante planeta. Três astronautas que descem para estudá-lo são surpreendidos por uma forma de vida semelhante ao vegetal e aprisionados. Partindo do princípio da fotossíntese os astronautas utilizam luz para distrair a espécie e com a ajuda da nave na órbita do planeta conseguem escapar. CUNHA, Fausto. *Mobile*. In: *As noites...* op. cit. p. 163.

³²⁸ Piloto fazendo reconhecimento de um planeta novo, onde habitam gigantescos insetos, é capturado e, entre os insetos, ele reconhece, aprisionada, a alma de seu colega que descobriu o planeta. De modo astuto ele consegue evadir-se e resgatar a alma do amigo a quem, quando retorna à Terra e o encontra, a devolve. BENEDETTI, Lúcia. *Correio sideral*. In: TÔRRES, João Camilo de Oliveira et. al. *Antologia brasileira...* op. cit. p. 148.

exceção do fato que os substituem com ganhos de rentabilidade e aumentam o desemprego em âmbito planetário.³²⁹ As máquinas, na atual lógica econômica, não vêm libertar o homem de trabalhos degradantes e insalubres, mas entram no mercado como competidores, disputando empregos com pessoas e, evidentemente, vencendo-as. Nas imagens de ficção científica, embora a sociedade descrita tenha muitas semelhanças, alguns trabalhos “menos nobres” são assumidos por máquinas e o homem pode ter mais tempo para outros interesses ou, mais precisamente, outros trabalhos.

De toda forma, o trabalho, qualquer que seja, é alvo passível de ser substituído por máquinas, o que leva à conclusão de que ou todos os indivíduos ou uma elite privilegiada terão a liberdade total em relação ao trabalho efetivada. O ganho de tempo extra, nessa situação, perde o sentido de ser. Para quê obtê-lo? Sem propósitos, o tempo ganho pode chegar a parecer ofensivo à moral do trabalho e lança questões sobre a possível e total entrega da função física do trabalho, e mesmo da criativa, às máquinas, como no caso do robô poeta. “*Tendo aprendido tantas palavras, além das leis que regem o ritmo, a cadência, nada mais natural que T-55 pudesse utiliza-las no fazer poesia*”.³³⁰

Em tais condições a vida de puro ócio e sem propósitos parece ser a conclusão esperada de uma crescente mecanização da vida humana, em princípio libertadora mas, para alguns desconfiados, progressivamente empobrecedora no que tange ao espírito empreendedor e curioso da humanidade. A conclusão, provavelmente, deve-se à noção de que o conflito e a luta contra algo são o motor do progresso humano e, sucumbida esta impulsão, degeneraríamos em uma fútil existência como a dos *Eloim* de Wells.³³¹ A substituição por máquinas tornaria inúteis, progressivamente, mesmo as tarefas decisórias e de liderança, permitindo ao homem desfazer-se da incômoda responsabilidade sobre seus atos, levando-o a uma existência infantil e prazerosa, na qual estaria embutida a necessidade e o conforto da total submissão às deliberações das máquinas, robôs e computadores.

Premedita-se a chegada de uma sociedade perfeita, de certo modo aristocrática, já estando nesta interpretação um juízo de valor burguês. Libertos do esforço físico, mental e de juízo, a humanidade sujeitar-se-ia às melhores decisões tomadas por máquinas. Em uma

³²⁹ Sobre o papel da máquina no desemprego mundial ver: FORRESTER, Viviane. O horror econômico. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

³³⁰ OLINTO, Antônio. O desafio. op. cit. p. 57.

³³¹ No livro “A Máquina do Tempo”, Wells narra a história de um homem descontente com a violência de sua época que constrói uma máquina para visitar o futuro na expectativa de que este fosse melhor. Por volta do ano 800.000 ele encontra uma sociedade dividida em dois estamentos: na superfície, vivendo de prazeres e de ócio os jovens e belos *Eloim*; já no subterrâneo trabalhando para o deleite dos *Eloim* e, não obstante, alimentando-se deles, os grotescos e deformados *Morlocks*. A história é uma caricatura ou denúncia dos extremos entre a vida fútil da nobreza inglesa e a dura realidade dos operários. Nesse caso a oposição se assemelha, exceto pela substituição dos *Morlocks* por máquinas.

das imagens observa-se o desfecho de tal situação diante de um problema de superpopulação, dificuldade já preocupante para os anos 1960. A forma da decisão, um jogo de guerra nuclear, revela o nível de ironia e absurdo não apenas do modo de decidir, mas do árbitro. *“la começar o grande jogo. O Grande Computador seria o árbitro final e irrecorrível. Os planos de ataque e contra-ataques seriam submetidos um a um, estudados, analisados e a devastação teórica calculada matematicamente pelo grande cérebro”*.³³² Renunciado o poder de decisão em favor das máquinas, caberia ao humano indolente e enfasiado resignar-se ao seu destino e aceitar o plano de controle populacional sugerido por aquele a que foi delegado o difícil trabalho de decidir. Tão resignados como os *Eloim* aceitando ser o alimento dos *Morlocks*, aqueles que – como as máquinas para essa humanidade – proviam sua existência material.

Entretanto, esses são extremos raros em um conjunto de imagens, cuja visão é razoavelmente positiva, no sentido de oferecer mais conforto e liberar o poder criativo do homem. Isso se torna mais significativo, quando as máquinas ganham dimensões mais elevadas, superando a esfera do mundo cotidiano, sendo destinadas a tarefas que se sobrepõem ao indivíduo, podendo transformar uma coletividade. Nesses casos, as máquinas são associadas ou agigantadas no intuito de realizar grandes projetos e tarefas, em geral, que venham engrandecer a espécie. Por outro lado, existem situações em que a grande dimensão representa um perigo maior para o próprio homem. Observamos isso numa imagem que, além da ambigüidade que carrega, profetizou há quarenta anos o que se realiza presentemente na órbita terrestre: a construção de uma estação espacial permanente, coincidindo inclusive no nome: Alfa. O foguete *“levando as peças pré-fabricadas que seriam ligadas no espaço, para dar nascimento, assim, à Estação Espacial Alfa, o primeiro satélite da Terra – primeiro de uma série que o homem sonhava colocar em torno do planeta para dar corpo a seus sonhos de aventura, de conhecimento e, talvez, de domínio”*.³³³ As qualidades apreciáveis do empreendimento antecedem, como um sonho, a ressalva de ameaça que pesa sobre as forças que estão sendo liberadas.

Outras imagens, que perfazem ligeira maioria, atribuem às máquinas um grande impulso ao conhecimento do homem. Atributo amplamente considerado positivo e desejável. *“la começar o apurado serviço de instalação definitiva da ótica do soberbo aparelho [um telescópio lunar]. Que horizontes se abririam então à pesquisa, até os confins do universo, pelas superfícies dos planetas próximos nos quais se pisaria dentro de poucos anos, talvez*

³³² JUNGSMANN, Ruy. A idade... op. cit. p. 122.

³³³ Há um titubeio por parte do consórcio de nações participantes em confirmar o nome Alfa à Estação Espacial Internacional (ISS – International Space Station), embora até o presente momento essa seja sua denominação. MONTEIRO, Jeronymo. Estação espacial... op. cit. p. 111.

– e que benefícios para a Terra, diretamente”.³³⁴ É digno de nota lembrar o festejado – e inicialmente não tão bem sucedido – telescópio espacial Hubble, considerado um marco divisório para a pesquisa astronômica internacional e símbolo do que a técnica pode oferecer à pesquisa pura.

Como as máquinas cotidianas, as que compõem grandes projetos também são imaginadas com o objetivo de oferecer conforto e comodidade, o que significa o ganho de tempo extra, com o qual não se sabe o que fazer. Em grande quantidade de casos, o acréscimo de velocidade é o ícone desse progresso que pretende facilitar a vida:

Aquêles imensos veículos (os mais lerdos) que vinham a uns 200 quilômetros horários, detinham-se quase de repente. Uma porta se abria no flanco do monstro, descendo para a calçada e formava rampa sobre a grade de metal. Iniciava-se, imediatamente, um movimento espantoso de gente, como se alguém tivesse mexido num formigueiro. Multidões subiam e desciam a rampa. Súbitamente, tudo cessava. A porta erguia-se e o monstro abalava, desaparecendo em seguida, lá adiante na avenida sem fim.³³⁵

Em uma dimensão maior, interplanetária, a idéia de um serviço de rotina de ligação entre colônias planetárias, sugere velocidade e apurada técnica para conceber uma máquina que cumpra esses requisitos. “*Virgil [uma nave] voltou a acelerar e partiu em direção a Marte, sem se deter na Lua. Os vôos a Marte já eram uma rotina*”.³³⁶

Numa abrangência maior da transformação possível, imaginou-se uma cidade ideal. “*Vila magnífica de casas cômodas, aeroporto, aviões particulares, autos e todo o conforto proporcionado pelo fabuloso progresso científico*”.³³⁷ Além do conforto sugerido com adjetivos, mas não descritos, está implícita uma vida de opulência para possibilitar a utilização de aviões particulares. No entanto, não é bem resolvido se essas condições estão ao alcance de todos ou tratam-se de privilégios de classe, embora a supressão de uma referência a possíveis modificações na estrutura social permita concluir que a relação de opressões prossiga inalterada, ainda que vagos desejos de igualdade e liberdade aflorem. A *Ficcionista* é um exemplo disso, uma máquina revolucionária capaz de criar histórias de ficção e exibi-las no novo método de *imagem concreta* – já mencionado anteriormente – de modo a cativar e prender a atenção das pessoas. Porém, ainda que seja voltada para

³³⁴ Consórcio internacional constrói um observatório astronômico na Lua. O observatório manipulado por cientistas de vários países e administrado por militares tem como primeira missão acompanhar um teste nuclear na superfície da Terra. Revoltados com o destino do engenho que sonhavam servir apenas para o conhecimento humano, os cientistas recusam-se a obedecer aos chefes militares. Ameaçados de terem cortados os suprimentos e sofrerem uma invasão, os cientistas respondem que resistirão até a morte e destruirão o laboratório para que não possa ser usado para fins militares. A mensagem irradiada para todo o globo sensibiliza a opinião pública que pressiona os militares a cessarem os testes e adiantarem os acordos de paz e desarmamento. MENEZES, Levy. Projeto “Ólho Lunar”. In: *O terceiro...* op. cit. p. 42.

³³⁵ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 61.

³³⁶ CUNHA, Fausto. *Viagem às...* op. cit. p. 146.

³³⁷ MONTEIRO, Jeronymo. *Fuga para...* op. cit. p. 12.

divertir, é uma máquina que se considera instrumento de domínio de uma pessoa evidentemente um cientista louco.

Jonas André Camp [...] se referiu, embelezado e espigado pelo operador sabujo da Imagem Concreta, que seria possível construir, utilizando-se os Raios Camp, uma emissora como Centro da Ficção, e de onde, segundo Camp, viria para o ser humano, *um êxtase jamais atingido por qualquer espécie de Arte*. [...] A sua penetração seria instilada como um vício. Era questão de experimentar umas duas ou três vezes, e o sujeito se tornava escravo da *Ficcionista*.³³⁸

Esse é um outro modo com que a máquina figura concedendo benefícios a uma minoria. Desta vez não oferecendo conforto e facilidades, mas constituindo-se em instrumento de domínio e manipulação, de uma forma mais extremada ao que é atribuído, e intensamente debatido, a respeito do papel da televisão. Há nisso uma referência subentendida, pois tal como é dito pelos críticos da televisão, a *Ficcionista* é manifestamente estimuladora de progressivo desinteresse dos indivíduos pela leitura e, portanto, responsável pelo empobrecimento cultural das pessoas, em mais um exemplo receoso de que a máquina possa vir a substituir, inclusive, as funções criativas dos homens, tornados no caso seres descerebrados e sem capacidade de julgamento, prostrados e à mercê das máquinas.

Tanto a *vila confortável* como a *Ficcionista* são imagens de como as máquinas podem perpetuar e ampliar algum tipo de exclusão humana. Notadamente em favor dos indivíduos que detenham o controle das máquinas excludentes. A divisão de privilégios é explícita na descrição do isolamento de colonos terráqueos em relação aos nativos do planeta Núbia, um ambiente hostil pelo excessivo calor. Na crise de uma tempestade solar, que elevava violentamente a temperatura do planeta, os colonos fecham-se em sua colônia refrigerada por intermédio de um:

grande banho vidrado. E êle veio, escorrendo manso. [...] Alguns colonos observavam aquela capa protetora, que descia vagarosamente, esfumada nos bordos, e bem se cristalizava ao juntar-se ao solo, inteiriçando-se progressivamente. [Percebendo o frescor da colônia os ameaçados nativos descritos como] horrendas caricaturas humanas distorcidas [...] se aproximavam mais e mais, e em breve três ou quatro, tendo batido com a cabeça no vidro, caíram para trás exangues, como vespas esfalfadas, enquanto os outros paravam, aceitando, arfantes, que havia uma linha divisória impossível de ser transposta. Mas esfregavam a cara no vidro e lambiam a fresquidão em ânsia desesperada.³³⁹

O que não fariam os norte-americanos para possuir um *banho vidrado* desses na fronteira mexicana?

O impacto social da mecanização do mundo é uma preocupação importante e controversa. Sobre tal tema existe menos acordo acerca da amplitude e do alcance das

³³⁸ QUEIROZ, Dinah Silveira de. *A Ficcionista*. op. cit. p. 124 e 136.

³³⁹ QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Os possessos...* op. cit. p. 39 e 44.

imagináveis transformações futuras ante os indivíduos, do que a ocorrência de grandes mudanças no modo de vida. Esta parece a grande certeza entre os autores. Profundas transformações já haviam ocorrido até o momento em que escreviam e, nas concepções deles, muitas mais haveriam de ocorrer com intensidade crescente à medida que se avançasse no futuro. O aperfeiçoamento de capacidades já conhecidas, no sentido de aumentar o poder humano em exercer uma ação modeladora sobre o meio ambiente e sobre si mesmo, está entre as principais imagens criadas. Frente à impossibilidade de imaginar aquilo que nunca se viu, o progresso tecnológico figura antes de tudo como crescente contundência com o que o homem pode agir sobre o meio. Nesse sentido é que se descrevem materiais mais poderosos como um “*metal [que] seria mais resistente do que o aço, ou tão macio como a seda*”.³⁴⁰ Ou “*o novo material – o eterno tinton – [...] indestrutível, criado pela ciência e pela técnica do homem evoluído*”.³⁴¹ E os novos “*materiais vão desde os mais leves e transparentes até os terrivelmente resistentes, [como os das] paredes dêste aparelho. Resistem a impactos de qualquer natureza, e vencem as condições das barreiras sônicas e térmicas*”.³⁴²

Junto a materiais muito especiais e versáteis são descritos novos aparelhos destinados a subverter as leis físicas, como a da ótica através de um “*invisibilizador*”³⁴³ ou da gravidade por intermédio de um “*cinto de desgravitação*”.³⁴⁴ Por sinal, a ausência de gravidade no espaço constitui um grande problema, não apenas para astronautas e cientistas, mas também para escritores de ficção científica dedicados a vencê-la para, possivelmente, pouparem-se o trabalho de descrever os problemas da ausência de gravidade. “*Estamos provando a cabina estratoscópica, especialmente projetada para ter sua própria gravitação*”.³⁴⁵ Além das leis físicas, ocorrem aparelhos para dominar a natureza, controlando, por exemplo, o sistema nervoso “*com o jato paralisador*”.³⁴⁶

³⁴⁰ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 78.

³⁴¹ Cientista retraído e isolado aspira conhecer o distante mundo de Júpiter, posto que Marte e Vênus já são devidamente conhecidos. No entanto, ele se apaixona por uma mulher e fica indeciso sobre o que fazer. Aguardando o resultado das duas primeiras expedições ao planeta e o estabelecimento de rotas regulares ele economiza para a viagem. A notícia de que as duas missões revelaram todos os segredos de Júpiter o leva a convidar sua amada para uma conversa em que anuncia o interesse em visitar Saturno. SCAVONE, Rubens Teixeira. *Passagem para Júpiter. Diálogo dos...* op. cit. p. 117.

³⁴² SCAVONE, Rubens Teixeira. *O homem...* op. cit. p. 88-89.

³⁴³ CUNHA, Fausto. *Viagem sentimental...* op. cit. p. 46.

³⁴⁴ Id.

³⁴⁵ A primeira incursão de um artefato tripulado ao espaço é cercado de ansiedades, preocupações e receios. Não obstante, os controladores, técnicos e tripulantes afirmam a segurança da viagem e antecipadamente comemoram o sucesso da empreitada. Durante a missão tudo corre bem quando, próximo de seu encerramento, uma espécie de ferrugem vermelha, aparentemente inteligente, ataca o casco da nave. Pelo progresso que faz na corrosão do casco, o rompimento ocorrerá com os astronautas no espaço. Estes, um homem e uma mulher, diante do inevitável declaram um mútuo amor final, com o qual aproveitam suas duas últimas horas. MARTELLO, Nilson. *A praga rubra. Mil sombras ...* op. cit. p. 24.

³⁴⁶ SASSI, Guido Wilmar. *O cinturão...* op. cit. p. 35.

A compreensão da capacidade crescente das máquinas alterarem o destino da humanidade revela-se nos seus potenciais de realização, como no caso de profusa aparelhagem doméstica e cotidiana, bem como na extensão das transformações por elas suscitadas. Disso participam também grandes máquinas ou grandes conjuntos de máquinas, das quais, nos primórdios dos anos 1960, frente aos projetos de vôo orbital e exploração espacial, as estações espaciais representam um grande passo rumo à conquista definitiva do espaço. Todavia, as exíguas cápsulas tripuladas por animais ou cosmonautas isolados estimulavam mas não supriam o desejo de uma rápida e efetiva conquista espacial. Essa se dava, antes, nos arroubos de imaginação sendo a conquista tão mais concreta conforme fosse a amplitude do projeto empreendido. Isso é o que explicam as imagens de gigantescas estruturas gravitando a Terra como trampolim da exploração espacial e marco do progresso tecnológico humano:

Êsse laboratório cósmico, verdadeira cidade onde o homem poderá viver como se estivesse na Terra, possuirá até gravitação própria, o que será obtido por um sistema giratório de revolução em tórno de seu próprio eixo. Seu aspecto será de um imenso anel com um eixo central, com mais de duzentos metros de raio. Dentro tudo se passará como numa cidade, estabelecendo-se um cosmoporto para baldeação e reabastecimento dos foguetes em trânsito para a Lua.³⁴⁷

Todavia, essa transformação símbolo da mecanização futura não se processa apenas no espaço exterior e no cotidiano dos indivíduos. A Terra é igualmente modificada e, se a ficção científica brasileira não a converte totalmente em máquina, como o planeta *Trantor* de Isaac Asimov,³⁴⁸ descreve profundas alterações em sua geografia e clima, tendo sempre em vista um pretenso benefício que apenas através de fabulosas máquinas o homem alcançaria:

Em sua superfície tudo [...] se havia transformado pela ação incansável do homem. [...] Os desertos, com auxílio de fantásticos espelhos parabólicos mantidos em órbita, receberam torrentes diluvianas de massas gasosas perfuradas sobre suas superfícies, transformando-se em terras férteis. Nas regiões árticas criaram-se ilhas tropicais engastadas na barreira de gelo, por meio dos mesmos espelhos, e a luz solar, concentrada nos planos prismáticos desses fabulosos engenhos, era enviada para o ponto que se desejasse, destruindo geleiras, apressando as colheitas, amadurecendo o trigo, secando os paludes, retardando o inverno ou dilatando a primavera, produzindo fôlhas outonais ou antecipando a puberdade, segundo as determinações do Grande Conselho. Tudo mudara de aspecto. Muitos rios se desviaram dos seus cursos, as neves eternas irrigavam cidades, os oceanos abriam-se em milagres provocados e deixavam explorar suas entranhas, os continentes dilatavam-se e contraíam-se.³⁴⁹

³⁴⁷ SCAVONE, Rubens Teixeira. Degrau para... op. cit. p. 78.

³⁴⁸ Na trilogia da Fundação, Isaac Asimov conta o desenrolar da história de um império galáctico, cuja capital é Trantor, um planeta-cidade totalmente recoberto de metal. Ver: ASIMOV, Isaac. Fundação. São Paulo; Hemus, 1976.

³⁴⁹ SCAVONE, Rubens Teixeira. Passagem para... op. cit. p. 116.

À extensão das transformações descritas, corresponde imagem que se tem do significado da máquina para o homem e para o futuro. Mas há ainda outras imagens que ilustram a importância adquirida por esse produto da tecnologia.

2. MUNDOS RELUZENTES, POLIDOS E SILENCIOSOS

A avaliação que se fez através da noção de progresso, da presença da máquina no dia-a-dia contemporâneo dos anos 1950-1970, é de uma participação cada vez mais ativa e enraizada do maquinário na vida das pessoas, situação essa cogitada como significativamente acentuada no futuro. Não podemos negar que as imagens não se realizaram com o passar dos anos excetuando a forma e a intensidade com as quais foram imaginadas. A automação imiscuiu-se nas mais diversas atividades humanas. Todavia, a imaginação da época vislumbrava – e foi a visão universal de toda a ficção científica literária e cinematográfica – um mundo tomado não somente pela máquina, mas amplamente pela metalização a ela associada, que a quase tudo era passível compor. Desde o homem tornado máquina, o robô, passando pelo homem híbrido, o ciborgue, até os mínimos detalhes sensíveis, mesmo próximos do inconcebível como o “*silêncio metálico*”.³⁵⁰ A metalização do mundo foi tida como uma tendência “natural” do avanço da presença da máquina na vida humana e biológica tivesse a conotação que fosse.

A cristalização do mundo máquina, entre tudo e todos, é comparável à depuração do metal. Seu grau de pureza, em geral, ressalta na propriedade brilhante e na capacidade de refletir, com intensidade, a luz que sobre ele incide. Do mesmo modo, o incremento mecânico e metálico sobre diversos aspectos da vida comum, são representados nas imagens da ficção científica através de uma profusa quantidade de brilhos e reflexos, oriundos de um invólucro metálico ordinariamente considerados parte do novo mundo impregnado de máquinas. “*O metal, branco e leve, [possuía] um brilho ligeiramente azulado*”.³⁵¹ Novos materiais metálicos, derivados ou a ele associados, reúnem-se para compor o novo mundo. O material ideal, com propriedades lumínicas serve a fins variados e seu emprego generalizado transfere sua pureza e qualidades físicas para a construção visual de um futuro que é identificado com sua natureza. Desse modo, a durabilidade, resistência, maleabilidade e brilho, reflexivo ou emanado, do novo material concretizam “fisicamente” as características do futuro metalizado. “*A construção, bloco de cristal, duralumínio e tinton, brilhava ao luar fôsko, como se emitisse emanações próprias*”.³⁵² O progresso é marcado pela melhoria do que já é presentemente conhecido, o alumínio tornado *duralumínio*, bem como com a criação do totalmente novo, o *tinton*, coincidentemente ou não, um nome semelhante ao titânio. Máquinas e objetos construídos com metais cada vez mais puros, qualitativamente melhores, portanto passíveis de construir

³⁵⁰ MARTELLO, Nilson. A praga... op. cit. p. 22.

³⁵¹ SCAVONE, Rubens Teixeira. *O homem...* op. cit. p. 46.

³⁵² SCAVONE, Rubens Teixeira. *O menino...* op. cit. p. 104.

máquinas e produtos mais sofisticados, revelam-se por seu brilho e seu reflexo nas mais variadas cores, porém prioritária e significativamente, através do prateado, a cor símbolo do metal produtivo, isto é, do metal de finalidade prática como o alumínio, o ferro, o aço, o titânio:

Vi [...] riscos prateados que se estendiam vertiginosamente, cruzando-se nos dois sentidos. Veículos prateados, de formas rigorosamente aerodinâmicas passavam também, mais próximos, e em velocidade tão grande que, apesar de toda a atenção, eu não conseguia conta-los. Apenas se percebiam. Eram enormes, e me pareceram massas fantásticas atiradas loucamente por algum canhão de nova modalidade.³⁵³

O prateado encarna imagetivamente o progresso tecnológico visualizado na passagem do cinza ferroso ao prata espelhado. Assim, a presença do metal brilhoso, notadamente o prateado, funciona como um comunicado ao leitor, avisando-o de que ele está visitando o mundo do maravilhoso tecnológico, que se exhibe por intermédio dessa luminosidade e clareza, a maior evidência de progresso, sobretudo por representar sofisticação e apuro tecnológico. Por outro lado, a metalização do futuro, ao simbolizar o progresso humano, acentua-o ainda mais, por constituir, além dos espaços tradicionalmente atribuídos ao metal, tais como edifícios, transportes, máquinas grandes e pequenas e estruturas sólidas em geral, objetos de domínio ancestral de outros materiais como os utilizados em vestimentas. É recorrente a descrição de roupas e tecidos metálicos, utilizados como ícones que demonstram um sentido de progresso tecnológico, privilegiado pelo metal. O impacto pretende ser maior se, além de metálica, a roupagem for brilhante. “*Vestes cintilantes, brilhando sob o aguaceiro, reluzindo sob a luz irreal dos relâmpagos*”.³⁵⁴ Mas, eminentemente, prateada. “*O jovem usava um macacão simples, quase prateado*”.³⁵⁵ A simplicidade na função de vestir não esconde a sofisticação tecnológica que se pretende existir quando se produz uma roupa de metal, pelo contrário, cores prateadas e muito brilho destacam sua presença, afirmam sua condição de produto tecnológico avançado, um artigo valorizado pela era tecnológica, portanto sinal de distinção e admiração.

As vestes não significam tão somente um passo tecnológico, admirável, ao acrescentar, por exemplo, a extrema flexibilidade ao metal. A idéia é a de que o metal pode substituir com vantagens outros materiais em questões de estética e conforto. “*Estavam os visitantes, conferencistas, algumas jovens do planeta, em trajes de recepção, corpetes*

³⁵³ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 60.

³⁵⁴ Após dois anos no espaço desvendando os mistérios de Marte e dos mundos interplanetários, uma pane arremessa a nave de exploração nas inóspitas e desconhecidas selvas da Guiné. Sem saber exatamente onde estão, os astronautas procuram explorar o ambiente. Surpreendidos e indefesos são levados a uma emboscada onde são mortos e devorados por aborígenes antropofágicos. SCAVONE, Rubens Teixeira. O fim da aventura. In: *Magazine de ficção científica*. Porto Alegre, dez 1970, n. 9, p. 115.

³⁵⁵ OLINTO, Antônio. O desafio... op. cit. p. 60.

justos e curtos e saias compridas de tecido irradiante, abertas de cada lado, deixando ver, ao se movimentarem, as pernas também envolvidas pela mesma suavidade de luz, que as fazia belas em suas formas".³⁵⁶ Podem ser sinal de distinção social, ou mesmo, exibição de riqueza partilhada por todos, portanto, trivial e comum. "[*Vestiam uma*] *túnica de tecido rebrilhante e prês a cintura com um grosso cordão de ouro. Calçavam uma espécie de sandálias tecidas de fibra metálica*".³⁵⁷ O que, de certo modo, não se altera é a conotação de uma característica superioridade em relação ao presente. A capacidade tecnológica futura, às vezes, é vista de forma tão incrementada que suas realizações assemelham-se a produtos do sobrenatural, quase um apelo fantasmagórico. "*O traje era branco, de uma algidez metálica, refletindo também os raios do luar, como se fôsse recoberto por uma camada de tinta fosforescente*".³⁵⁸

Em algumas ocasiões, a pureza do metal que o prateado inspira é ampliado em direção a um mundo de intensa luz onde ele transcende suas propriedades conhecidas, fundindo-se a outras pertencentes a diversos materiais e vice-versa. Ocorre com frequência a fusão de características metálicas com as do vidro ou do cristal, notadamente à transparência. Cria-se algo como um metal vidrado ou um vidro metálico e, mesmo pela dificuldade em descrever semelhante material, uma substância de natureza plástica, na falta de comparação melhor. "*Atravessamos uma porta altíssima, que rasgava a entrada de imenso salão com luz artificial distribuída de tal modo que as paredes pareciam de cristal. Efetivamente, o revestimento utilizado, de uma substância plástica lisa, colaborava para isso*".³⁵⁹ Ocorre, igualmente, o subentendido de que é possível incluir propriedades úteis a materiais que reconhecidamente não as possuem. É o caso de uma ductilidade e resistência – encontrados no metal e mesmo na pedra – que evidentemente o vidro não possui. Todavia, reconhece-se que para a tecnologia futura é possível incluir tais caracteres, para construir e descrever a existência rotineira de uma "*parede de vidro*".³⁶⁰ A abundante iluminação das imagens sugere uma glorificação de uma era do porvir, em oposição à condenação de outras como, por exemplo, a condenação feita pelos renascentistas no século XVIII a respeito da Idade Média, denominada, Idade das Trevas. Nesse sentido, quanto maior a luminosidade, clareza e transparência, maior consideração haverá em relação ao desenvolvimento técnico-científico alcançado. Com esse intuito, tudo é passível de ser melhorado e, novamente, as vestimentas são objeto de visualização de um tal

³⁵⁶ FETEIRA, Raul. *Sete moradas...* op. cit. p. 98.

³⁵⁷ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 47 e 53.

³⁵⁸ SCAVONE, Rubens Teixeira. *O homem...* op. cit. p. 82.

³⁵⁹ FETEIRA, Raul. *Sete moradas...* op. cit. p. 80.

³⁶⁰ OLINTO, Antônio. *O desafio.* op. cit. p. 54.

progresso. “O vulto coberto com o traje transparente guardou o manuscrito. Voltou ao veículo prateado, cuja porta cerrou-se atrás dele.”³⁶¹

A disposição para enxergar nesse mundo fulgurante e luminoso a realização de uma transformação impar em toda a humanidade, com vistas a inaugurar ou recuperar uma era de ouro, de qualquer forma muito distante até o advento da ciência e da tecnologia avançadas, é próxima da visão existente do papel do cientista no mundo moderno. A concepção de desenvolvimento científico no sentido do maravilhoso confunde-se com a idéia de que os cientistas de um modo amplo são humanos esforçados e generosos, intensamente preocupados e insones com os destinos de toda a humanidade, personificando a busca científica do maravilhoso. Essa imagem sofreu abalos nos anos 1950 e 60, embora tenha permanecido forte no imaginário partilhado por muitos no Brasil e no exterior. Maldades feitas com produtos da tecnologia não são consideradas responsabilidade dos cientistas. Tradicionalmente os culpados pelo mau uso dos feitos científicos são governos, políticos, industriais e, principalmente, militares. Os cientistas freqüentemente estão isentos. “Nós éramos cientistas e trabalhávamos como o conhecimento puro. O emprêgo, o uso maléfico daquelas descobertas e aperfeiçoamentos... Com isto nós nada tivemos a ver!”³⁶² Mesmo porque, “seria intolerável que um cientista, em seu juízo perfeito, tomasse essa atitude. Nós devemos estar, e realmente estamos, acima das lamentáveis intrigas políticas que nossos governos armam para servir a seus interesses nem sempre confessáveis”.³⁶³

A atitude passiva, descrita acima, de cientistas que testemunharam mas nada poderiam fazer ante o roubo e mau uso de suas idéias e trabalhos, chega a ser substituída por uma outra mais combativa e engajada na causa política da ciência pura e desvinculada. “Nós, cientistas e técnicos de tôdas as nações que colaboraram na instalação do Primeiro Telescópio Lunar, recusamo-nos a participar de qualquer modo em qualquer projeto com finalidades bélicas terrestres ou espaciais”.³⁶⁴ A consideração elogiosa de um grupo de agentes da ciência bem intencionados contribuiu para uma visão de auspicioso progresso, com resultados no geral positivos das conquistas da ciência e tecnologia, sob sua tutela. Os produtos tecnológicos não são vistos como intrinsecamente maus, muito pelo contrário, a

³⁶¹ CARNEIRO, André. O começo... op. cit. p. 29.

³⁶² Filho de um cientista responsável por foguetes nucleares, um mutante rastejante muito inteligente resultado da guerra nuclear, deduz que o projeto encabeçado pelo pai é um foguete de fuga para salvar, caso seja necessário, seu irmão e irmã saudáveis, mais o casal de irmãos de um conhecido do pai. Aos poucos ele revela ao pai que sabe do projeto que este tanto tenta esconder, envergonhado em admitir que não quer que seu filho mutante viva. No entanto, ao contrário do que supunha o pai, o filho mutante não quer um lugar no foguete de fuga, mas apenas um nome pelo qual possa ser chamado pelo pai, irmãos e conhecidos. MARTELLO, Nilson. Foguete “Mãe”. *Mil sombras...* op. cit. p. 189-90.

³⁶³ MONTEIRO, Jeronymo. Estação espacial... op. cit. p. 131.

³⁶⁴ MENEZES, Levy. Projeto “ôlho... op. cit. p. 48.

visão compartilhada é tendente a considerá-los positivos e desejáveis, reduzindo a relação de responsáveis pelo seu uso abusivo. Embora admita que há os cientistas empenhados em combater pelo uso racional do poderio científico, o astrônomo Carl Sagan revela que “*aproximadamente metade dos cientistas na Terra dedica parte de seu tempo de trabalho para fins militares*”.³⁶⁵ Da mesma forma, nem todo produto tecnológico é benéfico para o homem e o meio natural. O uso de algo que se planeja bom, ocasionalmente redundando em efeitos danosos. Essa é uma faceta tortuosamente observada pela ficção científica nacional, pois relaciona em momentos diferentes as implicações ambíguas da presença tecnológica, de maneira que é dissociada a ambivalência bom/mal, de um objeto ou uma máquina, em favor de apenas um desses aspectos. O automóvel é um bom exemplo da contradição entre aquisição e dano que a ciência pode ofertar ao homem. O benefício esperado é o do transporte confortável e eficaz, mas que, colateralmente, lança poluentes na atmosfera, no solo e freqüentemente mata em acidentes. Do modo como são descritos, os aspectos negativos dos produtos científicos são antes conseqüências do mau uso de agentes pouco preocupados com seus semelhantes, como observado em relação aos cientistas, do que um risco ao se criar um grande poder capaz, inclusive, de ferir sem pretendê-lo.

No âmbito do mundo iluminado e transparente construído pela ciência da ficção científica seu simbolismo aponta para um grau quase celeste de existência, notoriamente superior ao encontrado na contemporaneidade, pelo que compreende a iluminação como esclarecimento e progresso tanto técnico como ético. Todavia, a transparência que se vislumbra nas imagens descritas, permite interpretações que não ostentam toda esta liberalidade subentendida, como vemos nesta passagem: “*O material de que era feito o Disco Voador era tão transparente como cristal, mas só de dentro para fora. Ele via tudo, diante de si. [...] No entanto, de fora para dentro, como verificara, nada se enxergava*”.³⁶⁶ Os alienígenas do disco voador são descritos como seres centrados, éticos e avessos à violência. Seus meios tecnológicos e as características luminescentes o constatarem e evidenciam materialmente. A transparência do material da nave que permite à luz trespassar-lhe, demonstra o grau elevado da civilização visitante. O produto tecnológico não é mau empregado por indivíduos inescrupulosos, no entanto, este guarda uma perversidade intrínseca, poder-se-ia dizer, porém, inocente. Somente um dos lados da parede da nave possui transparência e, portanto, apenas um lado estaria inteiramente exposto ao exame, enquanto o outro, opaco, permanece convenientemente oculto, em posição vantajosa e dominante. Aparentemente esse parece ser um aspecto pouco relevante, afinal, os *lonas* são criaturas afáveis, mas pensando em uma “inocente” câmera de vídeo, em quem é

³⁶⁵ SAGAN, Carl. *O mundo...* op.cit. p. 26.

³⁶⁶ MONTEIRO, Jeronymo. *Os visitantes...* op. cit. p. 15-16.

exposto à filmagem e naquele que filma, é possível reconhecer um instrumento tecnológico passível de ser empregado no controle e na dominação de outros indivíduos, pois como no caso da parede de transparência unilateral, a câmera de vídeo guarda a mesma relação desigual de um lado aberto e plenamente freqüentável e outro profusamente iluminado, contudo, inescrutável.

Considerações como essa não figuram nas imagens da ficção científica brasileira dessa época e que estão presentes e melhor exploradas em outros países. A possibilidade de que cientistas e seus produtos tecnológicos possam, inadvertida e indiretamente, causar algum malefício não é considerada. O mal ou contratempo – para evitar maniqueísmos – quando os há, ocorrem em decorrência de indivíduos mal intencionados, às vezes cientistas, que premeditada e intencionalmente malversaram as capacidades técnico-científicas com objetivos escusos. De outra forma e, em princípio quase idealmente, cientistas e seus produtos estão envolvidos na melhoria de condições de vida do homem e, nesse sentido, muito há para ser aproveitado e sonhado na busca de uma vida melhor.

Sobre outros aspectos, a depuração do metal que se apresenta nas imagens revestindo o novo mundo, além de significarem maior presença da máquina, exemplificam a compreensão do progresso qualitativo das máquinas imaginadas em relação àquelas que lhes servem de inspiração ou modelo por comporem o mundo presente dos autores. A oposição da visão imaginada em relação à visão do real pode mediar a distinção que a noção de progresso pede sobre as máquinas futuras. Desse modo, às tubulações, fios, reentrâncias e irregularidades de uma fábrica contemporânea, por exemplo, é oposta uma imagem de superfícies lisas e polidas de um determinado maquinário, cumprindo um papel de assinalar, pela diferença da imagem das novas máquinas, uma distância de desenvolvimento técnico-científico entre o presente e o futuro. Do mesmo modo que a luminosidade inspirada no prata espelhado do metal, a lisura e polidez deste e de outros materiais vão significar, hipoteticamente, um novo mundo sem obstáculos, ausente de imperfeições tal como a luz e a transparência livram o novo de sombras onde possam se esconder defeitos e fantasmas indesejáveis.

As duas características fundem-se para retratar o que se espera do novo. “*O sol poente pintava reflexos cegantes nas fuselagens polidas dos Foguetes*”.³⁶⁷ A clássica figura prateada e lisa do foguete cilíndrico e amendoado de filmes e livros de ficção científica, contrasta com o real foguete branco e cilíndrico, porém repleto de ranhuras, pequenas reentrâncias e desníveis crescentes da ogiva para a boca de fogo. O foguete da realidade não se ajusta perfeitamente à imagem idealizada, um pedaço representante do que se

³⁶⁷ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 225.

espera ser todo o resto do mundo novo do futuro. A característica de lisura não se retém a objetos e máquinas isolados, mas está presente em tudo. É parte do conforto e versatilidade que se espera da máquina e do mundo metalizado. “*Era delicioso aquêle suave deslizar pelo chão liso e brilhante*”.³⁶⁸ Sem aclives, declives ou qualquer outro obstáculo, apenas o deslize plano, simples e eficiente. Nesse ponto, a retidão, os horizontes amplos, a planície aberta artificialmente, totalmente avessa à natural irregularidade do meio ambiente, denotam a intervenção humana e científica. Representam a organização técnica alcançada, as possibilidades da realização humana e, eventualmente, a lisura de caráter e ética, concomitante à lisura métrica. “*O cosmoporto era uma imensa planície asfaltada, com renques de tôrres e plataformas*”.³⁶⁹ Quando, por imperativos técnicos, há necessidades de perturbação da planura, como excrescentes torres e plataformas, elas são ordenadas e postas em fila, geometricamente.

A visão de lisura e polidez, sendo dominante, não é universal. Descrever características opostas como sinônimos de desenvolvimento tecnológico mais elevado, não é a única estratégia dos autores para imaginar tal desenvolvimento. Há a opção de potencializar o que já é conhecido, intensificando ações ou aumentando as dimensões. Um cenário futuro pode ser descrito como uma “*floresta de tubos, cones, estruturas, lâminas, que rebrilhavam sob a luz álgida dos refletores*”.³⁷⁰ O incremento tecnológico fica por conta da comparação com uma floresta, o que pode levar o leitor a imaginar uma extensão amazônica de irregularidades metálicas. Ausenta-se a polidez mas permanece o brilho e a luminosidade.

Por fim, uma última característica marcante que compõe as imagens do progresso futuro refere-se aos ruídos que dele repercute. O desenvolvimento tecnológico do mundo moderno criou uma escala de ruídos, oriundos das mais diversas máquinas, de uma amplitude jamais conhecida. O funcionamento de máquinas produz o atrito de suas engrenagens e componentes; à diversificação daquelas acompanhou diversidade de barulhos. Uma crescente agressão a que os indivíduos a ela expostos foram e são obrigados a se acostumar, com o prejuízo de sua saúde. Era de se supor que a participação cada vez mais ativa das máquinas na vida da humanidade e a metalização do mundo comprometessem a sonoridade do novo mundo. O substituto mecânico do homem

³⁶⁸ Ibid. p. 59.

³⁶⁹ Astronauta que deveria fazer uma viagem intergaláctica perde-se em um “canal de vácuo” ficando preso no tempo. Sem saber, ele tem seu retorno orientado por pessoas nascidas milhares de anos após ele. A sua situação havia se tornado uma ciência específica e ele um herói da exploração espacial. Fora do seu tempo, num futuro totalmente estranho para ele, o astronauta depara-se com a desconfortável sensação de ser um estrangeiro, mas também com a curiosidade de se adaptar. CUNHA, Fausto. *Regresso. As noites...* op. cit. p. 100.

³⁷⁰ SCAVONE, Rubens Teixeira. *Degrau para...* op. cit. p. 74.

apresenta-se – logicamente – com todo o seu ser metalizado. “*Ele não prestou atenção à voz metálica, nem olhou a impassível fisionomia de alumínio*”.³⁷¹ E não é apenas no robô que o som torna-se metalizado, uma voz humana rouquenha, à luz da tecnologia, pode ganhar novos modos de descrição. “*A voz saiu-lhe dura e metálica, hesitante e embargada*”.³⁷²

Todavia, os ruídos do cotidiano moderno são agressivos, insalubres. A descrição de um mundo tecnologicamente mais avançado – e melhor – engloba sanar desconfortável problema. Características maravilhosas de desenvolvidas tecnologias incluem a redução do barulho ensurdecedor das máquinas. “*O motor emitia apenas um ligeiro silvo monótono*”.³⁷³ Podendo ser melhorado, indo além do silvo monótono. “[*As*] *espaçonaves [...] saíam e voltavam, silenciosas como pássaros*”.³⁷⁴ Há como avançar mais. “[*O objeto*] *liso e arredondado, com uma fímbria de luz que marcava o seu contórno. [...] Podia ser um helicóptero de novo formato, mas não fazia ruído nenhum*”.³⁷⁵ Ou, “[*o disco*] *sem ruído levantou vôo repentinamente, centenas de quilômetros por segundo*”.³⁷⁶

É curioso que haja muitas descrições enfatizando o silêncio no vôo e decolagem de aeronaves – humanas ou extraterrestres, não importa aqui – na ficção científica, o que talvez se explique pelo trovejar ensurdecedor das aeronaves a jato, tremendamente mais impactantes tecnologicamente nessa época do que atualmente, ainda que as seqüelas aos ouvidos sejam as mesmas; juntamente com o barulho tonitruante de uma decolagem de um foguete espacial. Assim sendo, como emblemas do progresso tecnológico, o vôo a jato e o orbital constituem objetivos próximos a serem superados nas descrições da ficção científica. As imagens sugerem um distanciamento tecnológico através da diferenciação com o que é conhecido, de um lado superando velocidades, de outro reduzindo os ruídos. “*Deslocando-se em velocidade fabulosa, [...] mais ou menos três mil quilômetros horários. [...] Os misteriosos aparelhos [...] metálicos [...] refletiam a luz solar como se fôssem espelhos. [...] Evoluindo em velocidade incalculável, sem emitir um único som [alcançavam] velocidade tremenda e maneabilidade inconcebível*”.³⁷⁷

Silenciar a estridente cacofonia do desenvolvimento técnico das máquinas é algo desejado, porém não sempre esperado, sendo uma surpresa sua concretização. “*Apesar do infernal ruído que deviam fazer aqueles milhares de veículos em disparada – eu nada ouvia,*

³⁷¹ MONTEIRO, Jeronymo. Estação espacial... op. cit. p. 107.

³⁷² SASSI, Guido Wilmar. Missão T... op. cit. p. 91.

³⁷³ MONTEIRO, Jeronymo. Estação espacial... op. cit. p. 107.

³⁷⁴ FETEIRA, Raul. Sete moradas... op. cit. p. 61.

³⁷⁵ CARNEIRO, André. A organização... op. cit. p. 36.

³⁷⁶ CARNEIRO, André. O começo... op. cit. p. 29.

³⁷⁷ SCAVONE, Rubens Teixeira. O homem... op. cit. p. 27-28 e 91.

a não ser um surdo zumbido compôsto de três ou quatro notas discordantes".³⁷⁸ De outra parte, a alternativa à descrição de alteridade técnica para apresentar o progresso futuro ao incremento de características conhecidas é igualmente válida para os sons tecnológicos. Nesse aspecto, o desenvolvimento técnico-científico é acompanhado de ruídos ainda maiores. *"Majestosamente o engenho começou a se elevar do solo poroso, deixando atrás de si uma esteira de oxigênio chamejante. Com um trovão medonho, o ronco dos foguetes aumentando mais e mais, a astronave subiu verticalmente, aumentando aos poucos a velocidade*".³⁷⁹

O incremento de caracteres particulares da tecnologia contemporânea aos anos 1950, 60 e 70 como estratégia de elaboração da imagem da tecnologia desenvolvida para o futuro, tais como o excesso de ruídos e a forma irregular permeada de excrescências metálicas, representa uma parcela consideravelmente reduzida nas descrições da ficção científica brasileira. Abundam o uso da alteridade tecnológica com vistas a demonstrar o contraste entre a tecnologia e ciência presentes e as futuras. É valiosa a considerável comunhão de imagens entre tantos autores que apontam para a obtenção, por meio da ciência e da tecnologia, de um mundo futuro harmônico e – em grande medida e com muita esperança – justo. A máquina e o metal representam os meios pelos quais esse novo mundo pode associar a ordenação e geometria científica à ordem moral e ética. A luminosidade da razão científica, o esclarecimento que acompanha a idéias de luzes, permeável em todos os aspectos da existência, sobretudo por uma pretensa transparência de tudo; a polidez e lisura das formas, a ausência de obstáculos atestam o ideal de perfeição obtido com a técnica científica e, enfim, a suavidade dos sons, notadamente daqueles agressivos oriundos das máquinas mais barulhentas. Essas características, destoantes das reconhecidas na era tecnológica, pelas diferenças, apontam para o progresso científico no sentido da construção de uma vida suave, desprovida de contratempos, posto que implementando agilidade e velocidade, luminosa e harmônica.

Se os meios para este progresso estão no uso crescente de máquinas e na metalização do mundo, a energia que as fará avançar deve corresponder às expectativas depositadas. Assim sendo, o investimento imaginativo recai sobre uma fonte diferente da usual, numa proporção semelhante à das características do progresso tecnológico, para acentuar a distância entre o presente e o futuro. A fonte energética para implementar esse avanço difere da elétrica e da mecânica, porém não é imaginária, embora suas potencialidades e usos o sejam. A ficção científica recebeu, temerosa e desconfiada, mas

³⁷⁸ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 62.

³⁷⁹ MALHEIROS, Álvaro. Natal G... op. cit. p. 17.

de braços abertos, a força atômica para impulsionar seus devaneios científicos e tecnológicos.

3. ÁTOMOS EM POLVOROSA: A BOMBA, RADIOATIVIDADE E OS SUBTERRÂNEOS

Ao fim da Segunda Grande Guerra, após os bombardeios nucleares sobre cidades japonesas e, nos anos seguintes, com os testes de aperfeiçoamento das bombas de urânio, plutônio e o desenvolvimento da bomba de hidrogênio, o mundo foi assombrado com a capacidade destrutiva que o homem havia alcançado. A década de 1950 e o início dos anos 1960 testemunharam o momento mais delicado na queda de braço atômico entre EUA e URSS, suscitando profundos medos de uma conflagração apocalíptica entre átomos ianques e soviéticos.³⁸⁰ Além da mais notória e temível máquina atômica, as bombas A e H, tornou-se conhecido o emprego do átomo para movimentar outras máquinas tão prodigiosas, mas menos assustadoras do que os petardos nucleares. Nessa época a energia do átomo foi o principal tema da ficção científica em todo o mundo, possivelmente colaborando no desenvolvimento e na popularização do gênero em vários países, inclusive o Brasil.

O espectro da guerra atômica assombrou as expectativas com relação ao mundo harmonioso, que se imaginou possível construir sob os auspícios da tecnologia comandada pelos cientistas. Ao mesmo tempo comprometeu seriamente a aura benevolente que era atribuída ao cientista na construção de um mundo melhor e no desenvolvimento do conhecimento humano. A álgida, polida e silenciosa cobertura técnica pretendida ideal, foi rodeada por nebulosidade taciturna. Em parte os autores dividem-se aqui. Há os que imaginam as potencialidades e benefícios que, bem administrados, ciência e tecnologia poderiam votar à humanidade, tal como foi anteriormente visto. De outro lado, há os que temendo o pior, cônscios do que se poderia perder, descrevem cenários assombrosos de intensa devastação e volta à barbárie, como se lançassem uma advertência aos incautos. E evidentemente, há os que fazem ambas as coisas mesclando um pouco do que poderia ser com a advertência ao que se pode perder. Sobre o fatídico, é virtualmente unânime que o problema não está nos novos meios tecnológicos de destruição, mas essencialmente no impulso humano para a guerra. Sob esse enfoque predominam as imagens da atitude humana de guerrear determinando o mau uso, e uso destrutivo, dos meios tecnológicos. “*A guerra, agora, é um negócio organizado. Destrói-se, mata-se, de maneira científica. Há máquinas e engenhos que [...] matam o ‘inimigo’ mais depressa, destroem mais completamente*”.³⁸¹

³⁸⁰ HOBBSAWM, Eric. op. cit. p. 226-27.

³⁸¹ Homem encontra num depósito um estranho copo que, na escuridão torna-se azul. Junto à esposa e um amigo, eles descobrem que a luminosidade traz imagens do tempo recuperadas pelo copo. O copo revela guerras do passado e também guerras do futuro, com detalhes de destruições nucleares e seus efeitos radioativos. Conscientes que se trata de uma visão do futuro, os três ficam horrorizados. Durante a noite, como

Os alertas de que se revestem algumas histórias, descrevem mesmo a ocorrência de advertências que foram ignoradas pela associação da ciência às intenções destrutivas. “As vozes que se levantaram, prudentes e avisadas, não foram ouvidas. O homem experimentara o fruto da árvore da ciência e do mal. Nada mais poderia detê-lo. E conseguira transformar a Terra num devastado planeta proibido, girando abandonado no espaço imenso, envolto num manto de radioatividade”.³⁸² O rastro de destruição podendo ser generalizado como com o dizer *planeta devastado*, em alguns casos chega a descrições mais pormenorizadas, com vistas a apresentar o alcance detalhado da devastação:

O aço, o concreto não haviam resistido às desintegrações atômicas e ainda se podia ver o deserto poluído de radiações da foz do Hudson e do East River, espalhando-se por um ráio de muitas centenas de milhas. Esse deserto provocado também existia junto ao lago Michigan e na bacia do Potomac, sendo também enormes as clareiras produzidas no estuário do Sena, na planície romana, na bacia de Moscova, acumulando-se detritos atômicos pelas margens do Neva.³⁸³

Por outro lado, no intuito de dramatizar a ameaça, tem-se o uso do incremento do efeito e alcance tecnológico para ampliar imaginariamente seu progresso, usado para demonstrar maiores e mais impressionantes capacidades destrutivas a que se poderia chegar. “Ambos os partidos estavam praticamente destruídos: a Terra era apenas uma brasa, mais vermelha do que Marte, órfã do seu satélite. Das colônias de Marte, Vênus e Mercúrio nada restava. Explosões nucleares haviam despedaçado os gloriosos anéis de Saturno; Júpiter dividira-se em milhares de luas. Lutava-se ainda apenas na noite eterna das luas de Plutão”.³⁸⁴ Ou ainda, afirma-se uma quantidade maior da freqüência da prática da guerra, numa sucessão crescente do potencial destrutivo da tecnologia mal empregada. Numa descrição de 1963 situada no ano de 2064 é afirmado: “Foi aquela, de fato, a Guerra Mundial, não passando as demais, a de 1914, a de 1939, a de 1974, a de 2000, a de 2012 e a de 2035, de simples arremedos”.³⁸⁵ A freqüência imaginada de guerras considera que se trata de uma tendência cíclica do homem para lutas, de modo que o motivo guerra é recuperado na imagem de novos e potentes armamentos, além das bombas atômicas com

se pudesse evitar o porvir, o amigo põe fogo no barracão pretendendo destruir a ameaça revelada pelo copo. MONTEIRO, Jeronymo. O copo de cristal. *Tangentes da...* op. cit. p. 83.

³⁸² Sobrevivente da destruição nuclear da Terra, habitando em Marte, conta pela enésima vez aos netos que jamais conheceram o planeta do avô, o que significou o ato tresloucado do homem. Afirmando que foi um castigo pela arrogância e o desafio que constituiu a busca humana pelo progresso material, ele lamenta a perda do que considera o paraíso. Os netos rebatem dizendo que não sabem do que ele fala e listam as delícias e belezas de Marte, seu verdadeiro e único lar. GARCIA, Clóvis. O paraíso perdido. In: MALHEIROS, Álvaro et. al. *Histórias do...* op. cit. p. 72.

³⁸³ SCAVONE, Rubens Teixeira. *Passagem para...* op. cit. p. 116. O risco da guerra nuclear e a destruição do planeta por uma arma definitiva, mais poderosa do que a bomba de hidrogênio são o tema abordado com muito humor em: DR. FANTÁSTICO ou COMO APRENDI A PARAR DE TEMER E AMAR A BOMBA (Dr. Strangelove or how i learned stop worrying and love the bomb). Stanley Kubrick. EUA: Columbia, 1964. 1 videocassete. (93min): leg., p&b.; VHS/NTSC.

³⁸⁴ JUNGSMANN, Ruy. *A idade...* op. cit. p. 126.

³⁸⁵ SASSI, Guido Wilmar. *A estrêla.* op. cit. p. 16

grande e fantástico potencial destrutivo. Nesse sentido, a figura da arma de mão apresenta-se mais comum, possivelmente porque, nas origens da ficção científica havia as histórias de mocinho e bandido ambientadas num cenário tecnológico que incluíam armas desintegradoras e a laser. “*Sob a descarga das pistolas de choque, os seres monstruosos praticamente se desfaziam*”.³⁸⁶ Particularmente nesse quesito, a energia atômica é substituída por energias alternativas com uma capacidade localizada mas absurda de destruição. “*Todos traziam a tira-colo seus tubos projetores de raios Vonde – engenhos terríveis capazes de destruir e calcinar tudo aquilo que atingiam*”.³⁸⁷

A partir do impacto causado pelas duas detonações nucleares concludentes da Segunda Guerra Mundial,³⁸⁸ a guerra, e a violência como um todo, assumiram uma proporção tal que passaram com maior recorrência a serem atribuídas a uma característica inerente à natureza humana ou a uma falha de caráter da espécie. Isso é tão forte que em muitas imagens o homem – uma espécie arraigada à violência – constitui-se numa ameaça para outras, sobretudo por ter alcançado as condições técnicas para empreender uma devastação de âmbito planetário, bem como a capacidade de abandonar seu planeta e expor outros a essa ameaça. Sob tal ótica, uma missão a Marte pode ser interpretada por hipotéticos marcianos como séria ameaça, numa antevisão cósmica da chegada dos europeus na América. “*Assim, concluímos, trata-se realmente de elementos avançados de uma horda planetária, que, infelizmente, tendo pelos estranhos caminhos da evolução tomado posse de meios tecnológicos potentes, pretende utilizá-los na conquista e na pilhagem de outros mundos, a começar pelo nosso*”.³⁸⁹

Diferentemente, o domínio do átomo tem na radioatividade um outro sério problema para o homem, muito importante para a ficção científica. A contaminação mortal e os efeitos mutantes da radiação propiciaram imagens correntemente terríveis sobre esses aspectos da utilização da energia atômica. A imagem imediata é a do nefasto manto mortal que cobre tudo o que seja exposto à radiação. Após uma guerra atômica, os sobreviventes se veriam cercados de pessoas, objetos e terras contaminados, marcados com o grifo da morte. O homem “*olhou ao longe as casitas pobres e tóscas, os campos arados, e mais ao longe o*

³⁸⁶ Expedição chega a um estranho planeta e seus integrantes saem da nave para explorar o ambiente. Entram em profundas cavernas onde são atacados por seres esbranquiçados informes. Com suas potentes armas eles afastam o perigo, mas, subitamente, uma espécie de ácido ataca seus escafandros e todos são mortos. Em realidade o planeta era uma pessoa; a expedição, vírus; as cavernas, veias; os seres brancos, anticorpos; e o ácido, a vacina. GARCIA, Clóvis. O estranho mundo. In: TÓRRES, João Camilo de Oliverira et. al. *Antologia brasileira...* op. cit. p. 44.

³⁸⁷ MONTEIRO, Jeronymo. *Fuga para...* op. cit. p. 09.

³⁸⁸ O choque psicológico foi maior não tanto pelo número de vítimas, posto que bombardeios convencionais mataram muito mais pessoas, mas pela rapidez com que ocorreu. Ver: KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

³⁸⁹ MENEZES, Levy. Pax circense. op. cit. p. 75.

ameaçador deserto radioativo".³⁹⁰ Caso não seja suficientemente mortal, a radiação provoca variados efeitos que podem ser tanto descrições de informações técnicas de especialistas em radioatividade, como puro produto da imaginação do autor e, principalmente nesta última situação, pois as conseqüências da radioatividade até hoje não são totalmente conhecidas. Há casos de males somáticos, doenças físicas induzidas. "*Um cientista alemão acertou: hipertrofia da tiróide e da hipófise, motivadas pela radioatividade*".³⁹¹ Possíveis casos de alucinações psíquicas. "*Houve também outra sorte de loucura coletiva: as mensagens telepáticas, em vigília, as imagens no sonho. Estaríamos sendo enlouquecidos pela poeira atômica?*".³⁹²

Por um outro viés ocorrem conseqüências totalmente inesperadas, alterando a estrutura do corpo ou da mente, como que atribuindo super poderes, aquém das capacidades humanas ordinárias. "*E lá do meio dos campos radioativos, onde vida nenhuma era possível, o vento trouxe a figura de uma mulher de andrajos, cabelos brancos e longos esvoaçando em mil serpentes. Dizem que não pode ser morta. A radioatividade deu-lhe poderes...*".³⁹³ Essa sorte de conseqüências radioativas contribuiu intensamente como tema de um ramo específico da ficção científica desenvolvida com intensidade nos Estados Unidos e no Japão, quais sejam, a dos super-heróis. Pessoas comuns que, depois de expostas a algum tipo de radiação, adquiriram o poder de voar, ler mentes, obter força física descomunal, entre outros. É o caso nos EUA do *Incrível Hulk*, exposto a altas doses de radioatividade num tratamento médico; do *Homem Aranha*, picado por uma aranha radioativa; e mesmo alguns aspectos das histórias do *Superman* que, apesar de não ser um herói da era atômica – surgiu nos anos 1930 – teve na inclusão da *criptonita* um efeito da influência radioativa. No Japão há o *Spectreman* que combate monstros oriundos da contaminação da poluição e o anti-herói *Godzilla*, um lagarto gigante criado com a contaminação por radiação atômica.

A mutação é o efeito da exposição à radiação mais contundente explorado na ficção científica. No Brasil não vingou a possibilidade de criação de heróis por efeito da mutação. O

³⁹⁰ Após a devastação nuclear, um caminhão com alguns militares e um auto-falante percorrem as cidades e vilas de sobreviventes para convocar os cidadãos para a última batalha contra o comunismo. O militar pede o apoio de um padre, mas este anuncia que soube pelo telégrafo que, ao redor do mundo, todas as pessoas estavam abandonando as armas, se recusando a lutar e que eles deveriam fazer o mesmo. A ameaça de prisão por traição contra o padre enfurece os lavradores e cidadãos do local que expulsam os soldados, repudiando os atos dos governos e dos militares que levaram à guerra. MARTELLO, Nilson. *O carroção. Mil sombras...* op. cit. p. 177.

³⁹¹ SASSI, Guido Wilmar. *A costela...* op. cit. p. 24.

³⁹² QUEIROZ, Dinah Silveira de. *A universidade...* op. cit. p. 63.

³⁹³ Numa pequena vila, a notícia da chegada da "Louca" provoca um rebuliço levando as pessoas a se esconderem em suas casas. A figura da mulher procurando sua filha, morta no bombardeio atômico, apavora as mães e cria histórias de maldição sobre a infeliz mulher. Alguns a supondo imortal temem se aproximar e ninguém deixa sua casa enquanto a mulher não se vai e se deixa de ouvir seu chamado sobrenatural. MARTELLO, Nilson. *A louca. Mil sombras...* op. cit. p. 172.

enfoque predominante é o da mutação degenerativa que deforma e animaliza, ou melhor, brutaliza a forma humana e a moral ou caráter “civilizado” do *Homo sapiens*, assim como do meio ambiente planetário em que vive. Ante esse aspecto perverso da ação humana sobre a tecnologia, cujas conseqüências podem levar a semelhanças com figuras demoníacas ou a símbolos do mal como os répteis, a figura do cientista é incluída entre aquelas a que se atribuem responsabilidades pelos atos tresloucados de manipulação do átomo. A compreensão de que tais efeitos daninhos somente são possíveis através das mãos de cientistas, não aceita o recurso do mau uso à sua revelia, posto que não há uma justificativa de bom uso para as bombas atômicas. “*A forma hesitou e deixou-se ficar onde estava, meio agachada, lembrando um réptil. [Disse:] somos aquilo que outros fizeram, outros como o senhor, Sr. De Franco: cientista, especialista em foguetes intercontinentais. Que hoje, após a destruição de meio mundo, se recolheu arrependido a seus laboratórios particulares*”.³⁹⁴

Após a devastação direta, restam os efeitos indiretos disseminados por toda parte, não claramente identificados, mas sobre os quais recai o peso da desconfiança, quase a certeza do efeito radioativo. “*Há muito tempo não observava nada além de pássaros voando muito alto, alguns insetos e uma espécie de lagartinhos que andam quase em pé, curiosamente (mutantes?) e habitam as rochas próximas à Casa*”.³⁹⁵ Por outra parte, o maior temor são, indubitavelmente, as conseqüências das mutações sobre os seres humanos. Não obstante a destruição direta de cidades, fábricas, escolas, enfim, das condições técnicas que permitem a vida da moderna civilização, a radioatividade comprometeria a capacidade dos sobreviventes de recomeçar a partir de um ponto que não seria o de partida. A brusca mudança de condições material e genética condenaria a humanidade a um estado de cultura primitiva e mesmo anterior, incapazes de manipular eventuais resquícios da cultura atomística, apertando um botão e manobrando uma máquina.

Gente estranha... vestida de farrapos... mulheres seminuas... Mas... parecem deformados! Olhem... uns homens, ali... Cabeças enormes! Uma mulher com quatro seios, não, seis! Que horror, Céus! Lá... aquele homem... Tem quatro braços! É um grupo horrível! Eles andam a procura de qualquer coisa entre os escombros. [...] Trazem... um animal... é um cachorro! Correm todos para cima dêle... estão estraçalhando o cachorro! Estão... comendo!.³⁹⁶

³⁹⁴ MARTELLO, Nilson. Foguete “Mãe”. op. cit. p. 181 e 189.

³⁹⁵ Sobrevivente de guerra nuclear, imune à peste subsequente que arrasou os poucos sobreviventes, descobre um abrigo subterrâneo vazio. Investigando o local ele descobre um canhão com o qual realiza disparos para se divertir. Passa a viver no abrigo sem saber que um dispositivo de autodestruição fora acionado. Enquanto passa o tempo, a contagem retrocede, retrocede... MENEZES, Levy. O último artilheiro. O terceiro... op. cit. p. 30. O tema do sobrevivente solitário imune a algum tipo de doença ou radiação mortal é explorado em: A ÚLTIMA ESPERANÇA DA TERRA (The Omega men). Boris Sagal. EUA: Warner, 1971. 1 videocassete. (95min): dub., color.; VHS/NTSC.

³⁹⁶ MONTEIRO, Jeronymo. O copo... op. cit. p. 85.

O choque de semelhante imagem era tanto maior conforme era mais real a possibilidade de acontecer, sobretudo porque nos anos 1950-60 isso era tido como quase certo. No que diz respeito às bombas A e H, tinha-se pela energia nuclear um sincero desprezo e temor. Como obra humana deveria ser condenada, porém tendo-se a considerar o pendor da espécie para o conflito, a crítica deveria ser feita de fora. Nesse sentido, a figura do alienígena calha para representar a parte que por direito de progresso técnico pode censurar a técnica humana, nesse caso inferior. “*Combustores nucleares, [um] sistema de propulsão que só a estupidez incurável de alguns marcianos havia feito acreditar que podia servir para alguma coisa*”.³⁹⁷ A civilização irmã de Marte, passando por um desenvolvimento semelhante ao terrestre, depara-se com a descoberta do uso do átomo, mas, com mais sabedoria e esnobando uma minoria estúpida, descarta essa energia em favor de alguma outra, não mencionada, porém sensivelmente mais vantajosa e desprovida de perigos. A minoria estúpida de lá é, sarcasticamente, a maioria “inteligente” da Terra. Em outra abordagem – cínica é bem verdade – existe um alienígena que não apenas é invulnerável à força atômica, como se diverte ao seu contato. “*Certa vez bombardearam-me com objetos atômicos, que me deram uma grande sensação de bem-estar*”.³⁹⁸ A subversão das conseqüências, sabidas nocivas, do contato entre radiação e organismo vivo, expõe a compreensão ou desejo de que possa existir na pluralidade das formas vivas do universo, uma que não se comporte como a humana e, que desse modo, possa consolar a nossa virtual extinção ao não deixar na solidão e sem testemunhas a imensidão do Cosmos.

Imagens totalmente opostas são criadas quando à imagem da detonação nuclear é considerada a do potencial energético do átomo, rivalizando com poder inverso seus efeitos negativos:

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a ideologia da energia nuclear disseminou-se por todo o mundo, levada por um intenso desejo de criar algo pacífico e útil a partir das ruínas de Hiroshima e de Nagasáki. Cientistas e políticos e líderes industriais eram igualmente enfeitiçados pela visão de que aquela nova e poderosa força da natureza, que matara e mutilara na guerra, poderia agora, na paz, fazer com que desertos florescessem. A energia nuclear era tão estranha e poderosa que parecia mágica.³⁹⁹

Desse modo, sendo domada e acondicionada de forma segura, foi vista como a força pela qual um novo mundo poderia ser construído. “*Se vamos começar [a construir uma nova cidade], é melhor começar pelo melhor e mais moderno. Começaremos por uma Usina de*

³⁹⁷ CUNHA, Fausto. *Viajem sentimental...* op. cit. p. 40-1.

³⁹⁸ Alienígena vem à Terra para estudar os humanos. Seu método consiste em absorver as mentes dos corpos que ocupa, o que os leva à morte. À medida que aprende, no entanto, descobre que ao matar está “ofendendo” os humanos. Para evitar isso, ele passa a ocupar as mentes sem absorvê-las integralmente, tornando-se um hospedeiro ocasional até que consiga produzir um invólucro próprio para viver entre os homens. CUNHA, Fausto. *Chamavam-me de Monstro. As noites...* op. cit. p. 25.

³⁹⁹ DYSON, Freeman. op. cit. p. 31-2.

Energia Atômica, que será o coração da cidade".⁴⁰⁰ As características do novo futurístico são possibilitadas pelo átomo. A aceleração da vida intrínseca a esse progresso depende dessa força. "*Energia atômica. Descarga tubular. Praticamente, não há limites para a velocidade. Por isso é que podemos sair da Terra e alcançar outros planetas...*".⁴⁰¹ A concretização do mundo luz e fulgurante também depende dessa energia. "*Apenas uma origem nuclear, ou coisa desse gênero, conseguiria difundir, assim, uma luminosidade tão estranha quanto desconhecida*".⁴⁰² O mesmo ocorrendo com o mundo metálico construído, por exemplo, para implementar a conquista do espaço. "*A estação espacial [era] um pequeno mundo que receberia energia e vida do cérebro e coração que seria o foguete com sua pilha atômica capaz de atender a tôdas as necessidades do satélite por centenas de anos*".⁴⁰³ De modo geral o benefício da era atômica está no condicionamento e domesticação de sua força para impulsionar variados aspectos da vida futura "*incluindo os pequenos portáteis espaciais e os brinquedos atômicos das crianças*".⁴⁰⁴ Com vistas nisso, não é esquecido o perigo bélico, contudo, de forma otimista, aponta-se para o que é possível construir de bom para o homem, esperando que sabiamente ouçam as advertências existentes em muitos espaços, entre eles a ficção científica, e esqueçam as desconfianças e ódios para se preocuparem com o novo. "*E a energia atômica que causou tantos desastres? Hoje está aprisionada em pequenas cápsulas de selenite. Veículos terrestres, aviões, foguetes, astronaves... inúmeros meios de transporte, usam essas cápsulas com tanta segurança como se usavam, em tempos idos, os pedais de uma bicicleta*".⁴⁰⁵

A crença mundial nos dois extremos, o inferno e o éden atômicos, Freeman Dyson atribui à aparência mágica da nova força, mas sobretudo por ser o que ele chama de "*uma tecnologia impulsionada ideologicamente [que] não se permite que fracasse. Foi por isso que a energia nuclear levou a problemas. A ideologia dizia que a energia nuclear precisaria vencer. Os promotores da energia nuclear acreditavam, por uma questão de fé, que seria segura, limpa, barata e uma dádiva para a humanidade*".⁴⁰⁶ Sendo essa uma forte justificativa para a continuidade das pesquisas nucleares, notadamente, as com fins bélicos.

Todavia, abrir novas perspectivas para o progresso científico, ao mesmo tempo em que pairava a maior ameaça à existência da humanidade, possibilitou o surgimento de uma visão ímpar, em que a própria tecnologia superdesenvolvida poderia remediar, de alguma

⁴⁰⁰ MONTEIRO, Jeronymo. *Os visitantes...* op. cit. p. 08

⁴⁰¹ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 153.

⁴⁰² FETEIRA, Raul. *Somos parte...* op. cit. p. 25.

⁴⁰³ MONTEIRO, Jeronymo. *Estação espacial...* op. cit. p. 112.

⁴⁰⁴ JUNGSMANN, Ruy. *A idade...* op. cit. p. 125.

⁴⁰⁵ MONTEIRO, Jeronymo. *Fuga para...* op. cit. p. 44.

⁴⁰⁶ DYSON, Freeman. op. cit. p. 32.

forma, a destruição hipotética da humanidade. O nascimento dessas imagens deve-se à opção real de sobrevivência em caso de uma guerra nuclear, o abrigo antinuclear. A vida subterrânea se impôs como necessidade em face de um ambiente hostil, produzido por detonações nucleares e mantido pela duradoura contaminação radioativa. “*Antes [do menino] entrar na Toca, mal a mãe acabara de sair com o carro, vira um clarão imenso. Seus olhos tinham doído, ardido muito. Assustado, entrara rapidamente e fechara a porta*”.⁴⁰⁷ O caso da devastação atômica e da contaminação radioativa é um extremo que, nessa época, parecia muito mais do que provável⁴⁰⁸. Sobreviver ao holocausto nuclear e às suas conseqüências gerou inúmeras descrições de possibilidades de uma existência “*vermífica*” opressiva. Não sem razão, uma vez que se depositou na ciência todo um sonho de desenvolvimento tecnológico, com tendências preponderantemente libertadoras para o ser humano. Não obstante, a vida subterrânea é a alternativa para possíveis colonizações da Lua e de Marte, por exemplo, em que essa experiência não é, a priori, um arremedo de lamento a uma vida abundante na superfície. Estudos e avaliações para missões de colonização tentam reproduzir o mais possível condições aceitáveis de existência como os fracassados experimentos da Biosfera 1 e 2.⁴⁰⁹

Contudo, a necessária vida subterrânea em um planeta originalmente hostil ao ser humano obtém ares de conquista gloriosa quando consegue tomar um espaço extra de permanência humana. Trata-se de uma vitória do espírito humano e uma vitória tecnológica sobre um meio ambiente severamente adverso. Não é o caso da vida subterrânea provocada pela transformação de um ambiente natal acolhedor em um outro totalmente inadequado e nada saudável. Aqui se opera uma perda de espaço, um fracasso tanto do espírito humano como tecnológico, salvo considerando-se o povo de Ghrh, feliz em receber uma radiação, como foi visto anteriormente. De outra forma, a tecnologia pode salvar as vidas dos sobreviventes e mantê-las por longo tempo, mas jamais superará o efeito negativo produzido pela hecatombe sobre o planeta. A imagem é de uma vida purgativa. “*Prédios e*

⁴⁰⁷ Menino é levado pelos pais para um abrigo nuclear com instruções escritas de não abri-lo se não for para eles. Além disso, ele é orientado para eventualmente ligar o rádio e ouvir notícias. Antes de entrar ele vê um clarão que o cega. Os pais vão embora e um grande período se passa. O menino perde a noção do tempo e quase enlouquece, mas não esquece as orientações. Um dia ele capta mensagens da Lua endereçadas aos sobreviventes da guerra atômica. Ele responde e é avisado que virão buscá-lo. O grupo de resgate se depara com um alegre e infantil velhinho feliz por encontrar pessoas. GALVÃO, Walmes Nogueira. A toca. In: BOVA, Ben et. al. *Antologia de ficção científica n. 1*. Porto Alegre: Revista do Globo, 1972. p. 261.

⁴⁰⁸ HOBBSAWM, Eric. op. cit. p. 230-231.

⁴⁰⁹ Nos Estados Unidos, no deserto do Arizona, foi construída, há oito anos, uma estufa de grandes proporções para abrigar vida vegetal e oito pessoas completamente isoladas do meio externo, de modo a simular a situação de uma suposta colônia extra-planetária em local hostil para testar a capacidade de manter um ambiente equilibrado e capaz de sustentar uma equipe humana por dois anos com recursos próprios, reutilizando o ar, a água, plantando alimentos e desenvolvendo pesquisas. Os Projetos Biosfera 1 e 2 apresentaram inúmeros problemas, tanto técnicos no equilíbrio ecológico interno, como de compatibilidade psicológica entre os seus moradores.

idades se aprofundavam pela terra, como se demandassem o inferno. Contudo o inferno – a desolação, o deserto, a tristeza – estava lá em cima, na superfície".⁴¹⁰ Nada mais se poderia esperar da superfície que não fosse mortal. Impunha-se uma separação drástica e uma renúncia definitiva à anterior vida da superfície. *"E a cidade, onde estava? Não existia mais. Agora, onde antigamente se abriam as avenidas e se alteavam os edifícios, onde outrora passavam os veículos e as gentes, só permaneciam as placas de chumbo, com a pintura especial, protegendo a cidade subterrânea contra as emanações radioativas"*.⁴¹¹

A imposição da nova vida, o divórcio com a existência à luz do Sol não determina a mesma separação com a vida atômica. A ironia da história é que após a destruição com armas nucleares, a sobrevivência dependeria da mesma tecnologia destrutiva. A superfície torna-se um sonho distante, relegado ao campo das profecias religiosas, quando um dia, após cessar a ira divina, poderão os homens voltar à terra prometida, de modo que uma passagem para o exterior deva ser mantida para um dia ser usada:

Da Casa, apenas o último pavimento aflora à superfície. Os outros são subterrâneos, providos do máximo desejável e necessário para a subsistência de um grupo enorme. Fui descobrindo aos poucos as câmaras com alimentos, a adega (relicário!). As alcovas e banheiros requintados, as eficientes cozinhas e bem profundo, dentro da rocha escavada, o pequeno e silencioso reator no interior do qual os átomos escravos se agitam fornecendo energia a toda a instalação, regularmente, fielmente, indiferentes à revolta final dos seus irmãos livres aqui fora...⁴¹²

Mas, como nada é tão ruim que não possa piorar, imagina-se que a humanidade tentaria voltar a viver na superfície e, exposta ao perigo do esquecimento, poderia cometer os mesmos erros. E isso mais de uma vez. *"A humanidade, após a III Grande Guerra Nuclear, desistira de viver à luz do sol, infiltrando-se que nem formigas, terra adentro, em túneis e galerias. As cidades de agora, numa comparação apropriada, não passavam de gigantescos formigueiros"*.⁴¹³ Em tal hipótese, a tecnologia deveria prover a humanidade sobrevivente com o conforto e a reprodução artificial de ambientes originais para aplacar a dor de saber destruído o berço da humanidade. Todo o possível para se aproximar do que foi perdido, por pouco que seja, a tecnologia poderia ou deveria fazer, diminuindo as saudades e o sentimento de perda:

Visitaram os parques subterrâneos e redescobriram a relva e o regato; nas seções de botânica reencontraram o verde e a água. Não mais a água domesticada, prisioneira dos canos, libertada nas celas por meio de torneiras, mas a água livre e mansa, murmurando nas pedras do ribeiro. Não

⁴¹⁰ SASSI, Guido Wilmar. Testemunha do... op. cit. p. 129.

⁴¹¹ Ibid. p. 126.

⁴¹² MENEZES, Levy. O último... op. cit. p. 28-9. A vida subterrânea ligada estreitamente a um cordão umbilical com a superfície perdida, é o tema do filme de George Lucas: THX 1138. George Lucas. EUA: Warner, 1971. 1 videocassete. (86 min): leg., color.; VHS/NTSC.

⁴¹³ SASSI, Guido Wilmar. Testemunha do... op. cit. p. 126.

importava que a atmosfera fôsse artificial, a brisa produzida por ventiladores e o calor do sol um releito da eletricidade.⁴¹⁴

Com algum esforço, trabalho e a passagem do tempo seria possível conviver com a ausência do antigo lar a céu aberto e mesmo construir o maravilhoso e descobrir belezas e cores no subterrâneo. “Descortinavam-se miragens de ruas, ruelas, becos, construções fantásticas na rocha tumultuada e colorida”.⁴¹⁵ Seria possível, talvez, acostumar-se com a vida subterrânea a ponto do estranhamento de alguns pela idéia da vida na superfície. Isso é descrito no ponto de vista de uma mudança da Terra para Marte. Fugindo da hecatombe nuclear, um homem nascido na Terra lamenta saudosista a destruição de seu planeta. Todavia, seu neto, genuíno marciano rebate: “Mas, avô, Marte é tão belo, a vida aqui é tão boa! [...] O trabalho na usina de alimentos, as excursões fora do vale, a paisagem vermelha e amarela, os jogos nas areias macias do planalto, o frio sêco nos longos invernos. Éste é o nosso planêta, aqui nascemos e vivemos. Esta é a nossa casa. Não pode haver nada de melhor”.⁴¹⁶ A tecnologia permitiu ao homem estabelecer-se em variados climas e ambientes os mais adversos. Presentemente planeja viver em condições mais difíceis. Por intermédio da tecnologia poderia aprender a viver longe e na ausência do seu ambiente de origem, embora num caso traumático como o holocausto nuclear isso seja consideravelmente mais difícil.

Mas não é impossível.

Observando atentamente, verifica-se uma cada vez mais premente necessidade de internação no subsolo não derivada de uma guerra nuclear. A busca por espaços e de economia de tempo tem exigido dos engenheiros e planejadores urbanos maior criatividade nos usos do subsolo. Não é o caso de abrigos antinucleares, mas o subterrâneo abriga os homens, de certo modo, da hostilidade da superfície. Pensemos na agressividade do trânsito de veículos das grandes cidades, a disputa de espaço e a solução adotada, em muitos casos, de enterrar parte desse tráfego seja por meio de metrô ou túneis. De outra parte, não se tratando de uma internação efetiva, mas de uma vida semi-subterrânea, parte construída na superfície e parte no subsolo, há a proliferação de *shopping's center's* e de espaços úteis nos subterrâneos de edifícios por todo o mundo, cuja frequência e importância na vida ordinária das pessoas é crescente. Em todo caso, não se trata exclusivamente de vida subterrânea, mas antes de vida enclausurada. Boa parte dos projetos de colonização

⁴¹⁴ Ibid. p. 129.

⁴¹⁵ QUEIROZ, Dinah Silveira de. O céu... op. cit. p. 51.

⁴¹⁶ GARCIA, Clóvis. O paraíso... op. cit. p. 72.

da Lua e de Marte inclui um meio termo onde participam cúpulas, paredes transparentes e ambientes pressurizados construídos acima da superfície.⁴¹⁷

A importância da climatização, apartando as variantes oscilações meteorológicas, domesticando e organizando os espaços “úteis” e os espaços onde podem vicejar a vida humana, animal e vegetal, tendem a se tornar regra, na Terra e nas futuras colônias espaciais. Essa orientação não está em função direta com as casamatas anti-radioativas da Guerra Fria, ainda que possa existir alguma relação, ao menos no âmbito das imagens da ficção científica. As imagens da vida subterrânea constituem um problema de engenharia que apenas a tecnologia imaginada criou até hoje, sendo mais um aspecto dentre outros em torno das imaginárias engenharias e arquiteturas da ficção científica nacional.⁴¹⁸

⁴¹⁷ Na Suíça, a saturação da superfície do país inviabilizou novas ligações rodoferroviárias, o que levou ao desenvolvimento de um projeto audacioso e caro, chamado SWISSMETRO, para interligar de norte a sul e de leste a oeste as grandes cidades suíças através de linhas magnéticas subterrâneas para trens flutuadores de alta velocidade. No Canadá, extremos climáticos negativos suscitaram o desenvolvimento na região central de Montreal de várias estruturas subterrâneas que perfazem uma verdadeira cidade, oferecendo aos seus cidadãos a possibilidade de manter um ritmo de vida equivalente ao das épocas de temperaturas amenas.

⁴¹⁸ A imagem da vida subterrânea e mesmo da cidade subterrânea existem em todo o mundo e podem ser observadas já em filmes do início do século como: METRÓPOLIS (Metrópolis). Fritz Lang. ALE: Continental Home Video, 1926. 1 videocassete. (136min): mudo. p&b. VHS/NTSC. e THINGS TO COME. William Cameron Menzies. ING: United Artists, 1936. 1 videocassete. (115min): leg. p&b. VHS/NTSC., escrito por H. G. Wells.

4. ENGENHARIA E ARQUITETURA, O FUTURO SOBRE AS RUÍNAS DO PASSADO

Demandar a terra, escavar e enterrar-se são aspectos das imagens da ficção científica que poderiam ser explicadas como uma espécie de fuga. Internar-se em abrigos nucleares ou em futurísticas e sofisticadas colônias extraterrestres podem constituir opção forçada ou espontânea à vida na superfície da Terra, seja motivada pela radioatividade, pela superpopulação ou pela simples curiosidade e sede de conhecimento. A vida subterrânea, mesmo considerada fora da ficção científica, é um imperativo do progresso tecnológico por mais espaço, mais velocidade e mais informação. Entretanto, o ideal de transformação positiva depositado na ciência e na tecnologia, manifesta o desejo de aperfeiçoar a vida na superfície, confortável e sob o Sol. A própria noção da existência iluminada que a ciência poderia oferecer, simbolizando esclarecimento sábio, pede essa confrontação com o significado de pureza e beatitude que a luz do dia possui e que é atribuído à tecnologia rivalizar, equiparando a simbologia deste:

À medida que o crepúsculo avançava, lá em cima, a uns trinta metros de altura 'cordões de luz' iam-se tornando mais brilhantes. E a claridade esverdeada, um tanto melancólica mas agradável, aumentava paulatinamente, conquistando palmo a palmo o terreno desertado pelo sol. E assim, não chegou a haver escuro. Quando o sol se pôs de todo, os 'cordões de luz' brilhavam com intensidade equivalente à do astro-rei. [...] Era uma coisa maravilhosa – o melhor sistema de iluminação pública que já vi.⁴¹⁹

A frequência de uma quantidade maior de imagens nesse sentido é significativo, pondo fora de dúvidas que a existência na superfície é efetivamente considerada mais importante e provável que a subterrânea, embora isso não signifique, como em qualquer outra circunstância analisada, uma vida necessariamente melhor.

As possibilidades de engenharia suscitadas nas imagens de mundos subterrâneos são sensivelmente maiores quando observamos as imagens de mundos na própria superfície. O espaço futuro onde a humanidade poderia viver é fonte rica para exploração da criatividade dos nossos autores. As imagens tematizam problemas isolados de engenharia, mas também se ocupam de formulações arquitetônicas e urbanísticas. A cidade, aliás, é o espaço privilegiado que recebe e orienta o desenvolvimento tecnológico imaginado para o futuro. As benesses cotidianas que facilitam a vida doméstica existem igualmente na vida urbana e têm o mesmo sentido de oferecer conforto e agilidade no dia a dia. Uma vez que grandes cidades oferecem as melhores condições para o encontro tecnológico pluralista, o desenvolvimento imaginado aponta para a formação de centros urbanos muito maiores do que os conhecidos, talvez orientados pela imagem real do considerado mais moderno centro

⁴¹⁹ MONTEIRO, Jeronymo. Três meses... op. cit. p. 78-79.

urbano do mundo: Nova York, bem como por imagens próprias da ficção científica cinematográfica como *Metrópolis* de Fritz Lang. Tanto o real como o fictício toma como pressuposto da cidade moderna uma grande população e edificações monstruosamente grandes. Particularmente nos anos 1960 há um debate na arquitetura sobre o papel futuro de grandes estruturas nas cidades:

1960 pode ser definido como o ano em que começa a soprar o vento da utopia, o momento da conjunção de inspirações múltiplas e contraditórias visando conjuntamente exaltar os componentes mais modernos da sociedade e representar – baluçando entre visões oníricas e hipertecnologizadas – um hipotético mundo futuro. A pesquisa sobre o futurismo, sobre o ano 2000, sobre as megaestruturas urbanas inicia-se naquele período.⁴²⁰

As imagens observadas na ficção científica nacional não se internam nos debates “sobre as novas formas ‘urbatônicas’ ”,⁴²¹ estranhas, em grande parte, mesmo para profissionais da área, mas seus ecos eram percebidos “mediante as manifestações colaterais de costume, como os filmes de ficção científica, os romances, os estudos científicos sobre a vida no ‘Segundo Milênio’ ”.⁴²² Como ecos, essas imagens contribuíram para o imaginário da grande metrópole moderna apinhada de gente e semeada de grandes estruturas. Estão presentes os “arranha-céus polifuncionais ou gigantescas ‘unidades de habitação’ onibrangentes, dotados de todos os serviços indispensáveis ao funcionamento da cidade, na busca, portanto, da concentração, da aglomeração revitalizante”.⁴²³

Curiosamente, nas descrições aqui trabalhadas a multidão é personagem secundário, pouco aparece, sua presença é intuída pelas dimensões das estruturas, estas sim, objetos imagéticos privilegiados pela criatividade e pela noção do progresso tecnológico. Transmitir uma visão do desenvolvimento tecnológico em questões urbanísticas e de engenharia circunscreve-se na estratégia de exagerar as dimensões e qualidades dos projetos futuros. Tudo começa por novos materiais e esses resumem o mundo máquina, metalizado, luminoso e transparente que compõe o novo. “O aposento [...] era todo de vidro, vidro fôsko – piso, teto e paredes”.⁴²⁴ Observa-se a utilização de neologismos, em alguns casos, para acentuar e pôr em destaque os novos materiais imaginados. “Podia [...] distinguir as cintilações das tôres mais altas. E se fôsse de manhã, com os primeiros raios do sol, poderia divisar os reflexos coruscantes das estruturas cônicas de cromônio”.⁴²⁵ As características do metal e do vidro, sua resistência e transparência participam tanto das

⁴²⁰ RAJA, Raffaele. *Arquitetura pós-industrial*. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 29-30.

⁴²¹ Ibid. p. 39.

⁴²² Id.

⁴²³ Ibid. p. 30. A imagem da grande metrópole e seus arranha-céus estratosféricos está presente na cidade marciana de: THE ANGRY RED PLANET. Ib Melchior. EUA: MGM, 1960. 1 videocassete. (83min): son., color. VHS/NTSC.

⁴²⁴ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 39.

⁴²⁵ SCAVONE, Rubens Teixeira. *O menino...* op. cit. p. 104.

edificações como dos espaços amplos e lisos de trânsito e circulação. “A *pavimentação de plástico [...] cobria as ruas e avenidas*”.⁴²⁶ Ou: “o *caminho reto na frente [feito de] pavimentação de plástico eterno*”.⁴²⁷ A durabilidade, atingindo o eterno é outro dom dos novos materiais oferecidos à nova engenharia para a construção do futuro tecnológico, atestado, por exemplo, com o “*eterno tinton*”,⁴²⁸ um metal vítreo do qual já se falou anteriormente.

A partir dos novos materiais que resumem as potencialidades e as qualidades da tecnologia e do mundo permeado de ciência, torna-se possível erigir qualquer estrutura imaginável, posto que não há limites técnicos insuperáveis para a ciência futura. A cidade é o locus de concentração e desenvolvimento humano, que exhibe e se reveste com os novos materiais, concretizando a ordem geométrica exata e matemática da organização científica, em oposição à irregularidade e desordem do mundo natural. Nesse sentido, o progresso – que deve chamar ao maravilhoso – expressa-se através da regularidade urbana, absolutamente controlada. A geometria e as formas regulares que marcam a precisão e a lógica científicas imperam no planejamento das cidades do futuro e a percepção dessa intervenção é apreendida de um ponto de vista também tecnológico. Numa descrição de plano urbanístico, a ordem geométrica observada é captada de um ponto privilegiado, *do alto*, de uma vista aérea, talvez orbital como fotos de satélite ou comparada às complexas estruturas visíveis a partir de um *microscópio*:

Da mesma forma pela qual já se controlava a evolução dos vivos, também se ordenava a transformação das cidades, super-organismos tão reais como células. Vistas do alto, eram grandes pentágonos, octógonos estereoscópicos de contornos bem definidos. Eram como imensos cristais de neve analisados ao microscópio, eriçadas de poliedros translúcidos que apontavam os céus, como se fossem flechas góticas cintilando em brilhos policrômicos. Tais cidades representavam também o produto da evolução. Se Babilônia ou Nínive eram de argamassa, se Atenas e Roma eram de pedra, se Nova York e Chicago eram de aço, e se São Paulo fôra de concreto, as metrópoles eram agora de cristais artificialmente criados, indestrutíveis, vencida assim a barreira do tempo, seu único inimigo. [...] O eterno tinton se transformava em edifícios de trezentos andares, em pontes de quilômetros, em paredes de residências de campo, isoladas e tranquilas.⁴²⁹

É importante que se note a ênfase na altura dos edifícios, *flechas góticas*, guardando as especificidades do mundo iluminado e metálico *cintilando em brilhos policrômicos*, devido à natureza dos materiais, *cristais indestrutíveis*. A sucessão dos materiais que constituíam as cidades do passado, num sentido progressivo de acúmulo tecnológico chega ao topo, possível pelo aperfeiçoamento técnico, desembocando em um mundo perene, um espectro tecnológico do paraíso eterno, onde reina a perfeição capaz de abrigar um número

⁴²⁶ MONTEIRO, Jeronymo. *Fuga para...* op. cit. p. 20.

⁴²⁷ MENEZES, Levy. *Terra prometida*. op. cit. p. 85.

⁴²⁸ SCAVONE, Rubens Teixeira. *Passagem para...* op. cit. p. 117

⁴²⁹ *Ibid.* p. 116-17.

incalculável de viventes nas centenas de andares que se sintoniza com a idéia da aglomeração vertical de humanos. A verticalização das cidades imagéticas pressupõe o triunfo da geometria ao eleger as formas poliédricas para os projetos arquitetônicos. Desse modo, cubos, triângulos, cones, retângulos, círculos e semicírculos de superfícies lisas, polidas e reluzentes são constantes. A visão futura, do moderno, dispensa irregularidades e excessos estéticos em favor da funcionalidade e do objetivismo científico. “*O moderno circunscreve-se à linguagem funcionalista da simplicidade, da pureza, da abstração geométrica*”.⁴³⁰ Em certo sentido, a regularidade matemática canoniza-se como novo senso estético, fundindo o belo ao funcional.

A altura necessária dessas visões, além de ampliarem o espaço possível para ser ocupado por um maior número de pessoas, sinalizam a relação mais próxima existente nessa época (1960), mas a ser concretizado no futuro, entre o Homem e o Universo. A solidez dos blocos que apontam os céus compõe colunas a sustentar o firmamento, não com significados míticos de criação, mas um firmamento permeado de foguetes, estações espaciais e ousados exploradores de seus segredos. As dimensões, as formas monolíticas, o movimento superativo dos moradores dessas cidades e os materiais que as compõem, representam o ápice que o progresso tecnológico pode alcançar. A visão do novo necessita marcar sua capacidade de impressionar. Chegando ao “*edifício novo, subiu ao 74º andar*”.⁴³¹ A altura desses edifícios pertencentes ao novo faz da cidade como que uma “*floresta eriçada de agulhas translúcidas de tinton, que emergiam audaciosas de suas bases monolíticas, plantadas em ruas formigantes de veículos rápidos e silenciosos*”.⁴³² A figura da floresta retrata a extensão da cidade, não seu ordenamento caótico, se se pode falar de um caos calculado ou organizado. Junto a isso as demais características do cientismo e da mecanização do futuro estão presentes. A facilidade de iluminação, as dimensões, a azáfama das imensas multidões imersas no ritmo veloz do progresso e o silêncio próprio do aperfeiçoamento técnico.

Esses caracteres emblemáticos das imagens do futuro urbano associam-se ao desenho monumental das formas que pretendem reproduzir, quiçá, com o metal e o vidro o resplendor e a glória do classicismo greco-românico na imponência das grandes proporções

⁴³⁰ RAJA, Raffaele. op. cit. p. 65.

⁴³¹ Em um Rio de Janeiro superpovoado, onde a violência e as medidas de segurança contra ela são a principal preocupação de seus habitantes, um grupo terrorista tenta assassinar um político importante. Mesmo com o vasto sistema de segurança, o grupo terrorista consegue infiltrar um assassino e realizar seu atentado. FONSECA, Rubem. O quarto selo (fragmento). In: Lúcia McCartney. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. p. 48. Publicado originalmente em 1967. A temática de violência e desinteresse pela vida humana numa sociedade superpovoada foi tema de um filme seis anos após a publicação desta história, baseado na novela de Harry Harrison: NO MUNDO DE 2020. (Soylent green). Richard Fleischer. EUA: MGM, 1973. 1 videocassete. (96 min): leg., color.; VHS/NTSC.

⁴³² SCAVONE, Rubens Teixeira. Passagem para... op. cit. p. 124.

líticas dessa arquitetura. As superestruturas de sólidos geométricos altíssimos são parte disso, complementadas com o gigantismo de acessórios que contrastam o peso pétreo aparente à leveza propiciada pela tecnologia. *“Chegamos, enfim, aos umbrais de uma porta absolutamente monumental, que dava para a rua. Majestosos batentes de metal rebrilhante sustinham as imensas portas de vidro fôsko. Aquilo parecia enorme e pesado, mas cedeu ao primeiro leve impulso do dr. Mil. Notei, então, a ausência de escadas. Suave rampa levava à calçada. E isso me pareceu lógico”*.⁴³³ A monumentalidade não é apenas exterior, maravilhando à distância e do alto, mas revela-se na capacidade de abrigar a grande multidão que a habita. *“O salão me parecia, agora, muito maior, e pude apreciar devidamente as suas dimensões. Certamente caberiam ali, à vontade, 100.000 pessoas. Que maravilhas podia realizar aquele povo! Que medidas imensas eram as que usavam para as suas obras!”*.⁴³⁴ O propósito e a necessidade de abrigar multidões em crescimento dão margem a criações absurdas e satíricas como a das FUVAG's de *“Favela Urbana Vertical de Alto Gabarito. [Capaz de abrigar] vinte milhões de pessoas”*.⁴³⁵

O desafio tecnológico de propiciar grandes espaços e, principalmente, espaços cobertos, incluem o ideal da lisura das superfícies, livres de obstáculos tais como pilastras e colunas de sustentação. O vão livre do Masp em São Paulo é um exemplo sugestivo para as imagens dos autores dessa época na medida em que o museu apresentou-se como grande novidade arquitetônica. Contudo, a cobertura por excelência, também elemento do período clássico, mas que se desenvolveu sobremaneira no Renascimento, e constituiu-se alvo dos projetos megalomaniacos de Hitler – que se propunham a cobrir algo como um Maracanã – foi a cúpula ou a abóbada.⁴³⁶ Uma das imagens famosas da ficção científica, o gigantesco domo vítreo capaz de envolver uma hipotética cidade na Lua ou em Marte, participou enormemente na produção nacional. Com a abóbada os espaços cobertos ou internos ganham a amplitude e a liberdade que a perspectiva do progresso científico propiciariam. *“Por todos os caminhos radiais afluíam maciçamente ao recinto circular de vastas proporções, que se enchia. Reflexos fugazes na altíssima abóbada e nas paredes curvas cristalinas pareciam multiplicar-lhe ao infinito as proporções e o número de participantes”*.⁴³⁷

O horizonte amplo possibilitado pela perspectiva do progresso científico permitiu ao homem pleitear o domínio sobre o próprio firmamento. Reunindo as qualidades maravilhosas dos materiais imaginados, como resistência e transparência, o homem

⁴³³ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 59.

⁴³⁴ Ibid. p. 196.

⁴³⁵ FONSECA, Rubem. op. cit. p. 47.

⁴³⁶ Sobre esses projetos, ver: ARQUITETURA DA DESTRUIÇÃO (Architektur des untergangs). Peter Cohen. SUI: PlayArte, 1994. 1 videocassete. (121min): leg., p&b. VHS/NTSC.

⁴³⁷ MENEZES, Levy. Pax circense. op. cit. p. 69.

permitir-se-ia viver como se fora ao ar livre, porém exercendo rigoroso controle sobre as variáveis atmosféricas e todos os contratemplos naturais que pudessem conturbar a existência humana. Nesse sentido a cúpula ultra-resistente e transparente recriaria um ambiente terreno tolerável, em climas alienígenas explicitamente hostis, capacitando a humanidade a viver em virtualmente qualquer ambiente por separar seu mundo reproduzido no interior da agressividade climática exterior, qual um enclave terráqueo simulando o lar planetário original. “*Os terrestres nunca puderam viver aqui [em Marte] fora das cidades-campânulas*”.⁴³⁸ Nessa dimensão – uma cidade – a cúpula é quase uma calota atmosférica reconstruída em meio à hostilidade, uma fatia, a tampa, do globo. A cúpula é o limiar tecnológico que separa o mundo desenvolvido do subdesenvolvido, é o limite do enclave como já foi observado com o *banho vidrado*,⁴³⁹ mas acima de tudo é um símbolo de sua presença e de sua ação progressiva. “*O Capitalista Sonhador mandara construir uma redoma de vidro do tamanho da cúpula de um grande observatório astronômico. Um imenso edifício anexo, também todo envidraçado, era destinado a servir de museu. [...] Dominava o conjunto um monumento de aço, representando o Sistema Solar pousado sobre uma torre de pedra de 50 metros de altura*”.⁴⁴⁰

A abóbada é igualmente um aspecto da geometria privilegiada pela perspectiva matemática. É uma das formas tecnológicas pelas quais a civilização hiper-mecanizada do futuro se distingue da agressividade e irregularidade natural do bárbaro. “*No centro da vertiginosamente plana e elevada superfície distinguia-se uma saliência hemisférica, uma espécie de domo vítreo*”.⁴⁴¹ A planura vertiginosa é efeito da intervenção humano-tecnológica. Nesse caso trata-se de uma conseqüência nociva, foi realizada pelo holocausto nuclear. Na cúpula que se destaca há um nicho de sobrevivência, lá se encontram os traços da civilização técnica, a cúpula a separa do barbarismo e da selvageria do exterior produzida por ela mesma. Em todo o caso, é um dos sólidos geométricos utilizados para descrever a urbanização do futuro. Se não cobre toda uma cidade pode ser a forma que a permeia nas estruturas e edifícios individuais:

As casas pareciam ser de padrão único, sem exuberâncias de estilo. Percebia-se a inexistência de redes elétricas externas. [...] Cúpulas coloridas, de transparência regulável, constituíam a cobertura de toda espécie de construções, condicionando luz e calor. Em espaçamentos regulares, aberturas levavam a pavimentos subterrâneos e a extensa rede de transportes.⁴⁴²

⁴³⁸ CUNHA, Fausto. Último vôo... op. cit. p. 95.

⁴³⁹ Ver página 153 deste capítulo.

⁴⁴⁰ MONTEIRO, Jeronymo. *Os visitantes...* op. cit. p. 97.

⁴⁴¹ MENEZES, Levy. *Terra prometida*. op. cit. p. 93.

⁴⁴² FETEIRA, Raul. *Sete moradas...* op. cit. p. 22.

Inexistem *exuberâncias de estilo* e estruturas externas caracterizando a lisura e a harmonia, que juntamente com a *transparência regulável* simbolizam o ideal de um mundo puro, livre e honesto possibilitado e exibido pela tecnologia.

Em conjunto e integrado com regularidade a essa harmonia geométrica, existe a imagem da *rede de transportes*. Nas descrições da *urbes* tecnológica essa é uma função de cabal importância, posto que seja o traço provavelmente mais visível e sensível, porventura o mais óbvio, da aceleração no ritmo de vida moderno. As ligações através de vias amplas e elevadas – prenunciando um transporte urbano ágil e aéreo são evidências do futuro que chega. “*Depois de havermos visto tantas cidades em outros planetas, a nossa nos parecia bem moderna, com seus elevados e viadutos em curva*”.⁴⁴³ Todos os materiais imageticamente sintetizados para compor a cidade aperfeiçoada do futuro, também são empregados nas suas vias de transporte. A associação entre urbe e estrada, delimita o espaço conquistado pelo domínio tecnológico humano sobre a indômita natureza. As vias de ligação são descrições que acentuam a agilidade e o grau de desenvolvimento alcançado. Nesse sentido, dimensões, quilometragem, fluxo e velocidade são os adjetivos usados para direcionar o sentido do maravilhoso. É possível que Brasília tenha sido uma referência para estas visões com quadras gigantescas e largas avenidas. A “*ideal ‘megaestrutura’ urbana [...] propõe um modelo novo de vida associada, [...] com base nos gigantescos highways*”.⁴⁴⁴ Largas rodovias, comportando imenso fluxo de veículos, ligando os centros urbanos apinhados de gente. Sintonizados a essa idéia, tanto a arquitetura geométrica funcional, como as grandes vias de rolagem demarcam o avanço do domínio humano sobre o mundo natural:

A praia era a mesma, porém irreconhecível agora. Em toda a restinga de areias brancas, onde antes os barcos de pescadores arribavam, desenvolvia-se ampla estrada ao longo de todo o litoral. Imensas avenidas de traçado ultramoderno serviam aos edifícios de formas diversificadas, com o predomínio de blocos semicirculares. A vasta estrutura arquitetônica da baixada era prolongamento dos morros que se viam ao fundo, agora coalhados de palacetes de largas sacadas e jardins, ocupando posições estéticas e acessos em trevo.⁴⁴⁵

Todas as características básicas da imersão tecnológica evidenciam-se ora em uma, ora em outra imagem. A íntima associação da engenharia de edificações e da engenharia de tráfego, na composição do plano urbanístico, também. Era inédito “*o novíssimo perfil da avenida de edifícios convexos, suas novas côres, os cristais lilazes e superpostos das construções, que se inclinam para a praia, os silenciosos instantâneos coletivos que se*

⁴⁴³ Ibid. p. 54.

⁴⁴⁴ RAJA, Raffaele. op. cit. p. 67.

⁴⁴⁵ FETEIRA, Raul. Sete moradas... op. cit. p. 149.

sucederam aos alegres e rumorosos veículos de outrora”.⁴⁴⁶ Em *silenciosos instantâneos coletivos* há um singular poder de síntese da autora, resumindo a existência da multidão urbana que vive a tranqüilidade sonora e a velocidade da avançada cidade futura. Outras passagens se detêm mais tempo explorando as minúcias da integração frenética, quase instantânea. A obra das estradas tem a imponência e as dimensões que todos os empreendimentos de engenharia futuros imagina-se ter. Os resultados obtidos, também:

A avenida suportava o tráfego dos veículos de alta velocidade [e] como tôdas as avenidas, tinha seiscentos metros de largura, [...] milhares de quilômetros de extensão, tôda pavimentada de vidro plástico. Leito dividido em oito faixas para cada mão de direção a partir do centro arborizado. Os veículos de alta velocidade corriam nas faixas do centro, diminuindo as velocidades de acôrdo com a proximidade das calçadas.⁴⁴⁷

Há três questões pertinentes sobre essa imagem. O detalhe do *centro arborizado* é um ajardinamento que demonstra o controle sobre o mundo natural, regulado, ordenado e destinado à função estética e não em conflito, obstruindo e atrapalhando o progresso humano. Em segundo lugar, note-se que com tais dimensões, a *avenida* de Jeronymo Monteiro seria tão ou mais visível do espaço que a Muralha da China, o que demonstra o grau de intervenção e transformação humana projetada oniricamente, visível do espaço, de um ponto de vista privilegiado e exclusivo da era tecnológica. Por fim, há um efeito colateral perverso, que a visão da benesse do transporte veloz oblitera. Em princípio concebido para aproximar as pessoas dentro das cidades e entre elas, vias largas e de velocidade como a descrita, constituem verdadeiros muros isolantes entre os viventes pedestres. O caso de Brasília, com suas avenidas largas, exemplifica o “*conflito entre forma arquitetônica [com vias largas e os] habitantes, encapsulados nas gigantescas superquadras*”.⁴⁴⁸

O fluxo em disparada demonstrou em diversos exemplos no mundo – dos quais Brasília é mais um – que as vias amplas, de fato, dividem agrupamentos humanos, bairros, cidades, quarteirões. Um problema que a ficção científica nacional não percebe, mas que poderia ser agravado com o ideal de superfícies planas e de ausência de obstáculos, representados por elevados, pistas que não se cruzam, viadutos, pontes e túneis, vias essas desimpedidas e planejadas. Em alguns momentos esses arroubos oníricos transbordam de intervenções tecnológicas e de engenharia niveladora. “*Na Oceania [...] muitas das ilhas foram ligadas por túneis de cristal, submarinos, alguns de muitos quilômetros de extensão. [...] De resto, os continentes estão cortados por avenidas ininterruptas de norte a sul e por ruas também ininterruptas, de leste a oeste. [Arrasamos] o resto de montanhas que ficaram,*

⁴⁴⁶ QUEIROZ, Dinah Silveira de. A universidade... op. cit. p. 96.

⁴⁴⁷ MONTEIRO, Jeronymo. *Fuga para...* op. cit. p. 29.

⁴⁴⁸ RAJA, Raffaele. op. cit. p. 120.

e *nivelamos todos os continentes*".⁴⁴⁹ Monteiro especifica que as avenidas norte-sul são muito maiores e mais amplas do que as ruas leste-oeste. Por maior que seja o desenvolvimento tecnológico, este não é tanto que possa, na fugacidade de uma imaginação, dirimir permanências de concepção de mundo e de seus poderes. Ao menos neste ponto de vista brasileiro, carregado de significados na imagem de uma ligação mais volumosa e prioritária entre norte e sul, do que a periférica comunicação entre leste e oeste.

A preocupação com o transporte vai além da ligação entre cidades e entre núcleos importantes de uma mesma cidade. Já observamos as *sandálias metálicas* rolantes sobre esferas de aço, um futurismo dos patins, provendo o pedestre de um meio mais ágil de locomoção individual.⁴⁵⁰ Com uma multidão de pedestres patinadores a vida nas calçadas seria tão veloz quanto perigosa. Contra essa visão caótica, nada melhor do que a organizada esteira rolante. Essa imagem na qual tranquilos pedestres que não batem pé, mas em pé esperam sua hora de saltar do irreduzível trajeto de calçamento móvel, é recorrente na ficção científica universal. Temos a escala reduzida e totalmente integrada ao cotidiano tecnológico dessa máquina na escada rolante. Contudo, essa facilidade não é mais veloz do que passadas razoavelmente vigorosas, não obstante pouparem as forças. Velocidade, embora importante, não é o traço constantemente predominante do futuro tecnológico. Há que se considerar a harmonia e o conforto a ser obtido. Haja vista os não muito incomuns tropicões nas entradas e saídas das escadas rolantes é de se considerar problemas de equilíbrio, passos em falso e trombadas na multidão usuária dessas formidáveis esteiras deslizantes. Portanto, elas não podem ser velozes, mas necessariamente são confortáveis, singularmente confortáveis. "*No espaçoporto da cidade [...] entramos em verdadeiras artérias rolantes, tapetes de incrível largura, e comprimento a perder de vista, os quais corriam nos dois sentidos, repletos de mesinhas e tamboretas que automaticamente se embutiam ao chegarem no final do trajeto, depois de recebermos um impulso para ficar de pé*".⁴⁵¹ Com um serviço de café robotizado haveria quantidade considerável de cidadãos transeuntes fazendo seu lazer indo e vindo pela metrópole tecnológica.

Dentre todas as imagens relativamente homogêneas sobre as cidades tecnológicas do futuro, há uma isolada que demonstra a capacidade imaginativa para descrever um progresso fabuloso da ciência e da tecnologia. Diante das "*idades nômades, [...] ilhas que flutuam a cinquenta metros do solo*",⁴⁵² não há necessidade de estradas e de vultuosas e

⁴⁴⁹ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 114.

⁴⁵⁰ Ver página 150 deste capítulo.

⁴⁵¹ FETEIRA, Raul. *Sete moradas...* op. cit. p. 24.

⁴⁵² Num futuro longínquo a humanidade atinge uma existência quase espiritual, desenvolve as capacidades mentais e desaprende a falar. Para readquirir a fala alguns alunos são enviados a planetas menos

caras obras de engenharia na superfície e, tão pouco, no subsolo. Não sabemos a velocidade de deslocamento das cidades voadoras. Talvez isso não seja importante, pois sua mobilidade anula vias de integração externas à cidade. De relevante, para a engenharia, restaria a comunicação e o transporte com o espaço. Entretanto, se forem utilizadas cúpulas protetoras, as *idades nômades* poderiam ir até lá vagar pelo Universo. A comunidade humana não necessitaria de meios de transporte entre suas cidades, colônias, planetas; cada cidade seria o próprio transporte e provavelmente, o meio factível de viajar pelo espaço e ocupá-lo, como sugere Carl Sagan em relação aos asteróides como base desse empreendimento. “*Podemos [...] imaginar habitats transparentes, cobertos por cúpulas, nas superfícies dos asteróides, como foi sugerido por Konstantin Tsiolkovsky, ou comunidades estabelecidas no interior dos asteróides, como foi esboçado pelo cientista britânico J. D. Bernal nos anos 20.*”⁴⁵³

Por outro lado, caso não fossem suficientemente velozes, as *idades nômades* necessitariam ao menos de aeronaves rápidas para a comunicação entre uma cidade e outra. Se forem grandes, transportes urbanos rápidos e eficientes. Mesmo nesse caso a imagem precípua do desenvolvimento tecnológico permanece inalterado. Concentração e velocidade urbana acelerando o ritmo de vida ordinário. Rompendo essa noção partilhada pelos autores brasileiros, Jeronymo Monteiro apresenta uma sociedade notoriamente pautada pela ampliação da velocidade, contudo, inversamente às imagens descritas, acarretando uma desconcentração ou mesmo fragmentação da vida urbana. Pela sua lógica, as pessoas concentram-se nas cidades para ganhar tempo postando-se próximas das facilidades que elas oferecem. Na medida em que os transportes e a circulação tornam-se mais ágeis e velozes, ganhando tempo, não há necessidade da aglomeração. Monteiro descreve uma cidade característica da visão futurista de ficção científica, mas contrapõe:

O que eu esperava era encontrar, naquela distância do nosso século, arranha-céus que se perdessem nas nuvens, verdadeiras cidades erguidas sobre o chão; ruas recurvas, coleantes, erguidas a vinte e trinta metros do solo, umas sobre as outras, percorridas por aparelhamentos infernais de ruído e velocidade. E, nas espirais intermináveis, grandes alto-falantes berrando ao mundo sem parar as últimas novidades do minuto passado. [...] Em vez disso, vinha encontrar um mundo silencioso e ordenado, edifícios imponentes, mas de escassa altura, e todos térreos, de um só pavimento e construídos naquele material plástico e transparente à luz, que eu chamava de ‘vidro fôsko’. As ruas, eram amplas, sim, mas apenas em dois planos, e os veículos deslocando-se sem ruído nem ameaça, cada um dentro das suas balizas.⁴⁵⁴

desenvolvidos onde são confundidos com anjos. Pretendendo evitar esse tipo de confusão durante o aprendizado e o auxílio às civilizações menos evoluídas, os humanos são encarnados entre os povos assistidos sendo os “gênios” que contribuirão para o progresso dessas civilizações. SELJAN, Zora. O verbo. In: TÔRRES, João Camilo de Oliveira et. al. *Antologia brasileira...* op. cit. p. 169.

⁴⁵³ SAGAN, Carl. *Pálido ponto azul: uma visão do futuro da humanidade no espaço.* op. cit. p. 389.

⁴⁵⁴ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 70.

Ligadas pelas vastas vias de alta velocidade, as cidades poderiam ser zoneadas com baixa densidade, sem acúmulo de pavimentos, em grandes extensões espaciais. Haveria espaço a ser compartilhado com a natureza controlada, ajardinada. Reunindo o lado positivo do mundo tecnológico, o conforto e a velocidade, à tranquilidade e serenidade da natureza regularizada. *“Todos os edifícios, sendo térreos e muito amplos, tomavam grande espaço, inclusive os jardins que cercavam tôdas as residências”*.⁴⁵⁵ Uma visão semelhante é discutida por Marshall Berman nas torres de cristal de Chernyshevski que, invocando o Palácio de Cristal construído em Londres, no Hyde Park, para a Exposição Internacional de 1851, descreve um *“futuro que consiste exclusivamente em palácios de cristal [...] ‘edifícios imensos [...] a três ou quatro mil metros de distância um do outro, como se fossem peças num tabuleiro de xadrez’ [...] separados por acres de ‘campos e prados, jardins e bosques”*.⁴⁵⁶ A diferença significativa é que as estruturas de Monteiro são horizontais, ao passo que as de Chernyshevski são verticais, um modelo reconhecido pelos *“leitores do século XX [...] como precursor das ‘torres no parque’ da ville radieuse de Le Corbusieur”*.⁴⁵⁷ Em ambos os casos, a cidade imaginada e que em certa medida torna-se real, principalmente no tocante às grandes avenidas, entra em conflito com estas. O espaço social confina-se nas superestruturas ou nas superquadras, espremidas pelas vias de tráfego veloz. Nesse sentido, *“como a cidade e a rodovia não se coadunam, a cidade deve sair, [concebida] como empecilho ao fluxo do tráfego e como depósito de moradias inferiores e bairros decadentes”*.⁴⁵⁸ A estrutura urbana fragmenta-se dividida pelas avenidas, reorganizando-se nas superestruturas ou nas superquadras. J. Monteiro percebe isso em algum grau e descreve o fabuloso mundo de velocidade do futuro como uma civilização decadente, dividida e destituída de amor, em decorrência da supervalorização tecnológica e da utilização do tempo extra voltado para a funcionalidade técnica que ele claramente associa à competição capitalista.

A imaginação sobre a urbanização do futuro e a perspectiva de que mesmo esse “aperfeiçoamento” pode ser fadado ao fracasso, expõe um outro grupo de imagens relacionado com a urbe, a engenharia e a construção do futuro. As ruínas são balizas demarcatórias da transição de um tempo a outro. Na história, sua exposição assinala a passagem do que foi para o que é. Na ficção científica as ruínas demarcam a passagem do que é para o que será. O estado de aceleração da modernidade, do progresso tecnológico aguça essa percepção. A noção do tempo frenético de constantes alterações do século XX,

⁴⁵⁵ Ibid. p. 68.

⁴⁵⁶ BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999. p. 230.

⁴⁵⁷ Ibid. p. 231.

⁴⁵⁸ Ibid. p. 291.

esse estado de modernização compõe “*processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser*”.⁴⁵⁹ Trata-se de um fluxo alucinante perfeitamente descrito na imagem do Anjo da História de Benjamin.

As ruínas imaginadas ou adjetivações que sugerem a sucessão de construções ou de cidades no tempo, reproduzem o sentimento de aceleração no ritmo de vida moderno. No âmbito dessa aceleração, as transformações que forem ocorrer podem se dar no perfil de uma cidade real. A noção de sucessão pode ser transmitida com relativa facilidade. “*Conheci três Copacabanas,*”⁴⁶⁰ cada qual diferente da outra. Mais moderna? Mais bárbara? O que for não será a mesma coisa e o importante é criar o sentido de temporalidade futura. E como será? Seus “*edifícios, em sua grande maioria, estavam arruinados. Não havia luz. Os encanamentos não funcionavam. Frequentemente, os prédios minados se esboroavam*”.⁴⁶¹ De outro modo, as transformações podem ser mais drásticas. Na idéia de sucessão, novas cidades podem ser criadas enquanto outras desaparecem. “*São ruínas, sem dúvida. Ruínas de uma cidade gigantesca... Que cidade será?*”.⁴⁶² Seja um centro urbano dos anos 1960 ou um mais desenvolvido já pertencente à esfera do imaginado tornou-se ruína e outra coisa há para mais além no futuro. Nesses casos, quando o marco de passagem pertence ao passado do futuro, há uma intenção de estabelecer diferenças significativas, contrastantes, de modo a ambientar o futuro comprometido com o progresso tecnológico, separando-o, o mais possível, desse de meados do século XX. Trata-se de um futuro renascido após a destruição ou a superação de uma época diferente, não necessariamente melhor ou pior. “*Era a carcaça de uma Refinaria ou Usina monstruosa; um emaranhado de tubos, serpentinas, esferas, caixas de ferro – tudo encimado por uma torre metálica tão grande que a célebre Torre Eiffel de Paris, no meu tempo, não lhe chegaria à metade. [...] Tinha o aspecto de estar abandonada havia muito tempo*”.⁴⁶³

Para a ficção científica brasileira, a ruína mais do que demarcar a sucessão do tempo representa essa marcação no sentido de uma conclusão, as mais das vezes, trágica da intervenção tecnológica. Quando se imagina um mundo melhor, está presente uma noção de crescimento paulatino, reformista. Não se trata de reerguer-se dos escombros, pois, para ser positivo, o progresso tecnológico deve salvar e aperfeiçoar e não destruir para recomeçar. Portanto, a ruína da era científico-tecnológica é um símbolo da sucessão do tempo, rumo à possibilidade de um fragoroso fracasso, a guerra nuclear. “*As poucas edificações que restavam de pé tinham sido abandonadas e seus habitantes vagavam,*

⁴⁵⁹ Ibid. p. 16.

⁴⁶⁰ QUEIROZ, Dinah Silveira de. A universidade... op. cit. p. 96.

⁴⁶¹ Ibid. p. 61.

⁴⁶² MONTEIRO, Jeronymo. O copo... op. cit. p. 85.

⁴⁶³ MONTEIRO, Jeronymo. Três meses... op. cit. p.176.

enlouquecidos, pelas ruínas, para serem, com freqüência, esmagados pelos restos oscilantes de construções despedaçadas".⁴⁶⁴ As supercidades imponentes imaginadas em outras ocasiões, alternativas ao dilema da inocuidade em "*projetar um amanhã diferente, um ambiente 'novo' e perfeito, quando os homens e [...] a civilização inteira pode[ria] ser exterminada numa fração de segundo*",⁴⁶⁵ vaporizam rapidamente, na imaginação, o sonho da era de felicidade tecnológica. Essas imagens constituem mais uma advertência. "*Os locais onde tinham se erguido, no passado próximo, as cidades imensas, eram vastas ruínas, já cobertas de montes verdejantes*".⁴⁶⁶ A humanidade reduzida à condição bárbara de animalização por ter-se permitido excessiva intrusão de seus recursos tecnológicos, tais como a radioatividade, no equilíbrio do meio ambiente, levando a natureza a revoltar-se como no caso das mutantes formigas carnívoras *Atta* que dizimaram a humanidade. "*Senhores do universo! Ali estavam eles: três criaturas remanescentes de bilhões de seres que, havia ainda poucos anos, cobriam a terra tãda, cheios de vida, de projetos, de esperanças, de sonhos...*".⁴⁶⁷

A amplitude da destruição que a era tecnológica renunciou, levou a imagens que advertiam para tristes feitos que, até pouco tempo, seriam considerados absolutamente impossíveis. Nesse aspecto as ruínas podem marcar não a passagem do tempo, mas a sua conclusão para a espécie que o mede. "*Lá pelos lados do este, lentamente, se elevava a Nova Lua como passariam a chamá-la. [...] Não mais uma lua. Milhares de luas. Fragmentos lunares, atestado indelével, assinatura inapagável da fúria humana*".⁴⁶⁸ As ruínas tornaram-se um modo de descrever o nosso próprio fim, por um narrador impessoal, talvez o próprio tempo. "*Na muralha de montes que cintavam a cidade, por tãda a parte só encontrou devastação e ruínas. [...] No chão, apenas os esqueletos que já se desfaziam, ou, embarafustando-se pela vegetação que dominava a cidade, os répteis; e no céu as aves, os insetos. Nada mais. Ninguém de humano*".⁴⁶⁹ A extinção da espécie dominante, racional e tecnológica, não sendo compreendida pelos répteis, aves e insetos, somente poderia ser conhecida pela imaginação ou por uma eventual visita de vizinhos celestes.

⁴⁶⁴ MONTEIRO, Jeronymo. *Fuga para...* op. cit. p. 68.

⁴⁶⁵ RAJA, Raffaele. op. cit. p. 137.

⁴⁶⁶ MONTEIRO, Jeronymo. *Fuga para...* op. cit. p. 107.

⁴⁶⁷ Ibid. p. 142.

⁴⁶⁸ Sobreviventes do extermínio atômico, escondidos em um abrigo nuclear, aguardam o momento em que poderão sair. As incertezas sobre radioatividade ou a continuidade da guerra, faz com que esperem numa longa angústia. Finalmente, um tresloucado decide por conta própria buscar a superfície, ao que é seguido pelos demais. Ao saírem no meio da noite, a imagem fantasmagórica de milhares de satélites, fragmentos da Lua destruída, revela a dimensão da loucura humana. MARTELLO, Nilson. *Mil sombras da nova lua. Mil sombras...* op. cit. p. 160.

⁴⁶⁹ SASSI, Guido Wilmar. Willy Gerber... op. cit. p. 112.

A maior surpresa que encontramos neste planeta é a absoluta discrepância entre os seus habitantes e as ruínas existentes. Parece não haver dúvida de que êstes seres, mesquinhos, dotados de inteligência primitiva, agressiva, sem estrutura óssea, de dimensões reduzidas, não podem ser nem mesmo os descendentes da raça que construiu aquelas cidades, estradas, pontes, encobertas pelo pó dos tempos e entre cujas ruínas se arrastam.⁴⁷⁰

Entretanto, uma outra das maiores ameaças exploradas pela ficção científica, consiste em nocivos efeitos de enfermidades que podem esboroar uma civilização, como no caso de *A guerra dos mundos* de Wells e *3 meses no século 81* de Monteiro. Como traços do que já foi, as ruínas não precisam ser devastadas por destruições violentas, intencionalmente produzidas. Podem ser ruínas preservadas, retratando o definhamento ou a fuga dos construtores, um desaparecimento misterioso como o da civilização Maia. Nesse caso, as ruínas são carcomidas apenas pela ação do tempo, do vento e das variações meteorológicas. “A praga fêz várias vezes a volta ao árido planeta antes que êste completasse apenas uma em torno do Sol. O silêncio eterno desceu sobre a cultura peculiar que alí florescera e as areias vermelhas invadiram pouco a pouco as suas altivas e suntuosas edificações”.⁴⁷¹ Guardando-as soterradas, bem preservadas, como o Vesúvio fez com Pompéia e Herculano. As ruínas sinalizam a passagem, marcam algo morto, apenas uma lembrança. Essa última imagem, a ruína que testemunha o ocaso de uma civilização em razão de um grave problema de saúde pública, introduz agudamente a dificuldade central para a ciência em manter o homem e sua civilização vivos o maior tempo possível, que caracteriza outro símbolo de desenvolvimento imaginado para o homem, a ação da medicina.

⁴⁷⁰ O aparecimento súbito de aranhas monstruosas e aparentemente inocentes leva o espanto ao redor do mundo. Apesar de não causarem mal observável às pessoas, uma estranha sensação de insegurança e temor aflige a todos. Muito tempo depois uma expedição alienígena esquadrihando o sistema solar, registra a existência de uma vida aracnídea dominante na Terra, lamentando o desaparecimento da espécie que havia deixado as impressionantes ruínas, sinais do espantoso desenvolvimento que haviam alcançado. GARCIA, Clóvis. A invasão. In: *Magazine de ficção científica*. Porto Alegre, jul. 1970, n. 4, p. 116.

⁴⁷¹ Na Terra pré-histórica um nômade distingue-se dos seus semelhantes pela força, coragem e inteligência. Um elemento da avançada civilização de Marte pousa na Terra para fazer estudos e passa a observar Ugulú. O humano percebe a presença do alienígena a quem considera um gigantesco inseto. O marciano, concluindo suas pesquisas, decide capturar Ugulú para levá-lo a Marte. O nativo resiste e, com sua faca de pedra lascada, fere o marciano e rasga seu escafandro. Asfixiado, o astronauta corre para sua nave e volta para Marte onde, tempos depois, uma estranha doença levada pelo marciano ferido dizimou sua civilização. MENEZES, Levy. Ugulú. *O terceiro...* op. cit. p. 110. Esta história é outra recorrência da temática de H. G. Wells em seu já citado livro: *A guerra dos mundos*. A epidemia que vitima os marcianos, no entanto, ocorre em Marte e não na Terra. Um bom exemplo dessa inversão da temática de Wells, em que a doença é levada a Marte por humanos, de modo similar à gripe levada por europeus que vitima os nativos americanos está em: BRADBURY, Ray. *As crônicas marcianas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986. A primeira publicação desta história ocorreu em 1946 e possivelmente foi leitura de muitos dos autores brasileiros que escrevem nos anos 1960.

5. SAUDÁVEL FUTURO DA MEDICINA

O combate às doenças e a obtenção de maior longevidade para as pessoas em contato com as conquistas e as informações científicas foram realizações que dignificaram o papel da medicina e da ciência como um todo. Tomada como uma bandeira do desenvolvimento humano, além de técnico-científico, a medicina alcança na imaginação nacional uma abrangência correspondente à obtida na sociedade brasileira de primórdios do século XX, entre os anos 1920 até por volta de 1940. A medicina apresenta projetos de aprimoramento do elemento humano e da sociedade, que perpassa várias áreas do conhecimento objetivando esse ideal, na medida em que “os médicos pretendiam medicalizar a sociedade em todos os seus aspectos”.⁴⁷² A perspectiva de higienizar a sociedade e torná-la saudável partia “de conceitos caros a[os] médicos, como doença, cura, terapêutica e prevenção. Tudo era passível de ser curado e foi essa noção que norteou seus projetos”.⁴⁷³ A intenção de higienizar indivíduo e sociedade assenta sobre a organização urbana outro leque de projetos reestruturadores, dos quais a medicina participou. “As primeiras décadas do século XX nos falavam de uma nova preocupação com os elementos urbanos, como salubridade, planejamento, delimitação de espaços, progresso, pretendendo apontar novas soluções”.⁴⁷⁴ Tais projetos ecoaram na ficção científica para além da metade do século e, tal como os projetos propugnavam, as imagens sobre medicina demonstram revigorada confiança em sua ação reformadora da existência humana.

Junto às descrições do plano urbanístico representativo do desenvolvimento técnico-científico, a medicina imaginada participa da reelaboração urbana como outro elemento caracterizador do desenvolvimento aguardado no futuro. É com justificativas médicas que J. Monteiro explica sua descrição da urbe desconcentrada, horizontal e permeada por transportes velozes:

Há espaço suficiente sobre a terra para que todos morem em casas confortáveis e higiênicas. [...] Antigamente era preciso concentrar os homens, para ganhar tempo. [...] Mas a distância não [mais] existe. [...] Compreendo que houvesse dois caminhos para o homem: ou amontoar os edifícios residenciais perto das fábricas, para ganhar tempo, embora prejudicando gravemente a saúde – ou construir as residências longe das fábricas, protegendo a saúde, e ganhar tempo por meio de alta velocidade. Mas seria incompreensível a coexistência de grandes edifícios e grande velocidade nos transportes.⁴⁷⁵

⁴⁷² RODRIGUES, Marília Mezzomo. A prevenção da decadência: discurso médico e medicalização da sociedade. Curitiba: Aos quatro ventos, 1997. p. 12.

⁴⁷³ Ibid. p. 14.

⁴⁷⁴ Ibid. p. 10-11.

⁴⁷⁵ MONTEIRO, Jeronymo. Três meses... op. cit. p. 159.

A cidade tecnológica e veloz, organizada geometricamente, recoberta e construída com materiais especiais, luminosa, transparente e lisa, exhibe seu desenvolvimento e ideal de perfeição sendo saudável, disposta de modo a privilegiar a higiene de seus cidadãos, contendo uma medicina que se equipare ao visual ultramoderno de suas estruturas e de seus moradores. Desse modo, o ideal da medicina do início do século XX se coaduna e contribui na formação da imagem de desenvolvimento tecnológico presente na ficção científica. Do mesmo modo que o aparato tecnológico, a medicina *“havia que [...] evitar a decadência física, moral, material. Não bastava sanear lugares e pessoas contaminados por essa decadência. Havia necessidade de prevenção e manutenção do estado de higidez – claro, limpo, transparente, asséptico”*.⁴⁷⁶

Se os atributos da medicina imaginativa não são totalmente fiéis a aos preceitos do discurso médico do início do século XX, também não são impassíveis à sua força argumentativa. O ideal da cura, da assepsia e da pureza física e ética é retratado com frequência transformando a vida do homem, inserindo-o quase completamente na nova vida de pseudoperfeição futura. Não o faz de todo, devido às salvaguardas e prudências do ingênuo esaldado pelas muitas ameaças em que se podem constituir as aquisições tecno-científicas.

A visão de assepsia e higiene começa pelo controle de uma alimentação saudável, portanto, devidamente regulada e funcional – alimentando e nutrindo de forma perfeita – a ser consumida pelo homem futuro. No extremo desse controle *“não existe agricultura. O homem deixou de cultivar a terra desde o momento em que a ciência descobriu o meio de o alimentar mais perfeita e simplesmente. A nossa alimentação é rigorosamente científica, direta e imediatamente assimilável, e não deixa nenhuma espécie de resíduo. [...] É administrada por via hipodérmica”*.⁴⁷⁷ O conhecimento de propriedades nutritivas e as causas de doenças dos alimentos, bem como o domínio da técnica de separá-los eficientemente, é a vantagem que se imagina como o primeiro passo para se manter o indivíduo saudável por longo tempo. *“Num surto evolutivo, adotaram, decididamente, a alimentação sintética, que os libertaria de inúmeros problemas. [...] O novo método alimentar redundou num rareamento das doenças e, portanto, em elevadas médias de longevidade”*.⁴⁷⁸

A assepsia conta igualmente com pequenos e simples aparelhos auxiliares, mantendo os ambientes habitados livres de agentes infecciosos. As propriedades dos aparelhos seguem o padrão característico do funcionamento tecnológico imaginado. Através

⁴⁷⁶ RODRIGUES, Marília Mezzomo. op. cit. p. 34.

⁴⁷⁷ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 129.

⁴⁷⁸ FETEIRA, Raul. *Somos parte...* op. cit. p. 146-47.

da luz. Era o “*vestíbulo banhado em azul fluorescência [...] antigermicida*”.⁴⁷⁹ Assim como por meio do som. “*Aquele zumbido monótono [destruía] bactérias e micróbios com as vibrações ultra-sônicas*”.⁴⁸⁰ Com semelhante tecnologia, próxima de uma intervenção mágica, não fossem os pormenores técnicos e científicos que estabelecem a procedência de máquinas sofisticadíssimas, a medicina é visualizada como capaz da cura total. “*Destruímos para sempre o bacilo do câncer!*”.⁴⁸¹ Remédios, terapias e tratamentos não figuram na descrição, são apenas subentendidos pela afirmação de que a ciência alcançou a cura. De algum modo teve – e espera-se terá – sucesso. O mesmo vale para técnicas cirúrgicas de reparação de ferimentos. Para esse futuro a perda de membros não é (será) um problema dos mais sérios. “*Um ônibus me passara sobre a perna, decepando-a pouco acima do joelho. Ficara como morto por mais de uma hora. Mas, como pareci reagir, recompuseram-me a perna, que, agora, estava perfeita*”.⁴⁸² Considerando a qualidade cirúrgica dessa medicina, um assassino do futuro há de ter cuidado minucioso com a certeza do assassinato de sua vítima. “*O Exterminador curvou-se sobre o corpo caído. Apoiou o cano da arma na base do crânio do GG (Governador Geral) e detonou uma segunda vez. É preciso tomar cuidado, a medicina de hoje está muito adiantada, pensou o Exterminador enquanto pisava nos miolos do GG espalhados pelo chão*”.⁴⁸³

Em outros momentos, há forte convicção de que a medicina obterá vitórias importantes contra os males e doenças que afligem a humanidade, embora falte a certeza de que um triunfo acachapante e definitivo esteja no horizonte das possibilidades. “*Os vírus da lepra e da tuberculose [causaram] doenças de que a Humanidade havia perdido a memória [embora soubesse] que a leucemia não poderia ser dominada*”.⁴⁸⁴ A dúvida a esse respeito existe pela perspectiva de que novas doenças possam irromper de lugares desconhecidos, indevassados. No olhar da ficção científica, as matas inexploradas que ocultam ebolas estão na vastidão do espaço coalhado de errantes microorganismos precipitando-se sobre planetas que cruzam sua trajetória. “*Talvez [fosse] a misteriosa febre do espaço. Talvez a febre incurável produzida pelos raios cósmicos, a única que ainda não fora debelada*”.⁴⁸⁵ Por outro lado, a contaminação por um estranho organismo, talvez não seja uma possibilidade apenas accidental. Num palco interplanetário poderia ser reeditada uma guerra biológica, pela qual moléstias terríveis seriam deliberadamente internadas no planeta opositor para devastar sua civilização. Tal visão está de acordo com os profetas do

⁴⁷⁹ MENEZES, Levy. O último... op. cit. p. 28.

⁴⁸⁰ SCAVONE, Rubens Teixeira. O menino... op. cit. p. 112.

⁴⁸¹ MONTEIRO, Jeronymo. Três meses... op. cit. p. 118.

⁴⁸² Ibid. p. 51.

⁴⁸³ FONSECA, Rubem. op. cit. p. 52.

⁴⁸⁴ QUEIROZ, Dinah Silveira de. Ânima. op. cit. p. 101 e 102.

⁴⁸⁵ SCAVONE, Rubens Teixeira. O menino... op. cit. p. 112.

apocalipse que advertem os ímpetos guerreiros da humanidade e prenunciam a possibilidade do fim da nossa história, tal como observado no tocante à Guerra Fria. “*Traremos de Marte os germes de uma moléstia qualquer. Os terreanos não resistirão uma semana*”.⁴⁸⁶

Não podendo extirpar a totalidade das enfermidades na rotina da humanidade, a tecnologia propiciaria amenizações aos poucos males recalcitrantes. De um modo amplo, a prioridade é o combate à dor. “*Estamos em pleno século XXI, as mulheres não sentem mais dores, num caso dêsse [o parto]*”.⁴⁸⁷ A suavidade sonora, de um futuro silencioso ou harmonicamente musical, produz drogas interessantes com o mesmo fim de aplacar o sofrimento físico. O neologismo compondo o efeito imaginado à droga conhecida exerce o propósito de afirmar um medicamento ou terapia mais desenvolvida. “*A melodia entorpecente começou a soar. [...] Uma linda melodia. [...] Música-morfina – eis o que era aquilo*”.⁴⁸⁸ Não somente das dores do corpo se ocupam as imagens de tratamentos da medicina do futuro tecnológico. Problemas psicológicos pedem formas tranqüilizantes mais abrangentes, ou mesmo versões futurísticas de entorpecentes escapistas, no intuito de amenizar, por exemplo, dificuldades de adaptação numa eventual colônia interplanetária exótica. “*A terceira melhor coisa do planêta era o fixêmio e a dose necessária à completa preservação contra a melancolia e a saudade. [...] Sem fixêmio, a lucidez era um vício tentador; mas com a droga, recuperava-se o prazer de existir*”.⁴⁸⁹

A imagem de doenças limítrofes ao estado de saúde perfeita, bem como o de remédios atenuadores fantásticos, revelam a incerteza quanto ao poder da ciência de concretizar no âmbito da medicina, o superdesenvolvido mundo tecnológico do futuro. São dúvidas decorrentes do relativismo contidas na promessa do domínio completo sobre a natureza. Talvez um desconforto na decisão de “*tecnologizar*” a vida. Os perigos são muitos, sobretudo do mau uso deliberado, embora os benefícios pareçam maiores. Ainda assim, pode haver um limite para os benefícios que comprometa a construção do perfeito. Pode haver, e a imagem médica retrata bem, um impasse e, nesse caso, uma situação equilibrada que não deixa de parecer um fracasso. “*De nada haviam adiantado os grandes avanços da medicina, os enormes progressos da ciência. Se o seu mal não aumentara,*

⁴⁸⁶ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 195. Trata-se de uma inversão na história de *Guerra dos Mundos* de H. G. Wells, na qual marcianos que invadem a Terra morrem vítimas de microorganismos nativos para os quais somos imunes. Monteiro também altera a gratuidade do acaso de uma guerra biológica involuntária, fazendo com que os germes marcianos sejam jogados propositadamente na Terra para eliminar os terráqueos.

⁴⁸⁷ SASSI, Guido Wilmar. A estrêla. op. cit. p. 14.

⁴⁸⁸ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 46.

⁴⁸⁹ QUEIROZ, Dinah Silveira de. Os possessos... op. cit. p. 26 e 28.

também não regredira, estacionário sempre, existindo real e ameaçador".⁴⁹⁰ A idealização de que especificamente a medicina, engajada na manutenção e durabilidade da vida humana, pudesse eternizar nossa existência corpórea, esbarra nestas dúvidas. Haverá um limite? As futuras novas tecnologias, novas ciências, engendrariam tratamentos inócuos? *"É com verdadeira agonia que eu, de quando em quando, entro nas câmaras rejuvenescedoras, pois tenho desconfiança de que o tratamento não adianta"*.⁴⁹¹ A limitação ao progresso científico médico contrasta com, por exemplo, o avanço técnico de novos materiais, comumente descritos como indestrutíveis, ultra-resistentes etc. A expectativa e ao mesmo tempo a fragilidade do progresso médico, presentes em algumas imagens, divergem de outros progressos, mormente os imaginados para máquinas, ainda que consideradas máquinas medicinais. A permeabilidade de algumas descrições à possibilidade do fracasso e da limitação do progresso científico nesse grupo de imagens, permite considerações sobre eventuais erros e acidentes. Este é um dos raros espaços imagéticos que consideram a possibilidade do efeito colateral, do mal não intencionado, cujo risco existe imprevisível para cada inovação técnico-científica:

Extinguimos totalmente tôda a classe de germes e micróbios. Não resta em todo o globo, um único gênero de microorganismos, e, assim, não temos nenhuma classe de moléstias, contagiosa ou não. [Entretanto] descobrimos, tarde de mais, que a perfeita higiene é fatal para o homem. Eliminando tôdas as espécies de micróbios tiramos do corpo humano a capacidade de resistência à luta. E o organismo se torna, cada século, mais fraco.⁴⁹²

As poucas referências sobre o caminho equivocado da transformação operada pelo homem via ciência estão relacionadas seja com a imagem de uma abusiva e irresponsável intervenção no mundo natural, do qual o homem é visto como parte integrante, seja pela imperfeição humana acarretando erros que para serem evitados ou reparados pedem a melhoria daquele que erra. Portanto, o progresso humano será tanto melhor conforme maior for a capacidade de raciocínio, de modo que, para a ciência progredir mais deve intervir na inteligência que a opera. Visando tal aperfeiçoamento, muitas imagens demonstram a ciência interferindo e melhorando as capacidades do órgão pensante do homem. *"O estudo do cérebro humano alcançou perfeição quase absoluta. Sabemos, ponto por ponto, milímetro por milímetro, todos os usos, reações e funções da massa cinzenta, e podemos,*

⁴⁹⁰ SASSI, Guido Wilmar. Testemunha do... op. cit. p. 131.

⁴⁹¹ Mulher do futuro envia uma mensagem ao noivo, viajante do tempo, tecendo comentários sobre a dificuldade deles viverem seu amor em sua época. Fazendo comparações sobre o que sabe do passado, ela acredita que o amor que se vivia no passado, mais brutal e sexuado que o do futuro, deveria ser certamente melhor do que o mediado quase que completamente por máquinas. SASSI, Guido Wilmar. Lamentações da jovem noiva. *Testemunha do...* op. cit. p. 78.

⁴⁹² MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 161.

mediante intervenções hábeis, suprimir, aumentar, ou alterar as funções cerebrais".⁴⁹³ A partir do aperfeiçoamento completo do cérebro poder-se-ia conceber as soluções perfeitas para problemas humanos, buscando construir o mundo perfeito.

A visão do cérebro como centro de decisões, da consciência ou alma, e catalisador de toda função inteligente deu destaque às imagens sobre os meios de controlá-lo e extrair dele capacidades fabulosas. Centro da personalidade, seu transplante permitiria driblar o envelhecimento corpóreo e expandir a longevidade, embora pudesse suscitar situações inusitadas como a fusão ou coabitação de consciências. *"A morte do companheiro vivia em sua cabeça, fresca, com uma exatidão inexorável. Ele havia trocado de cérebro, mas jurava, contra todos os pareceres dos médicos, que 'se lembrava' da morte do mecânico dos robôs*".⁴⁹⁴ Com um maquinário adequado, poderia facilitar a comunicação contornando a barreira da interação verbal. *"As máquinas fotográficas, com suas poderosas e sensíveis lentes de moléculas móveis, podiam fixar pensamentos quando projetadas em ondas de frequência modulada, como o eram as das alucinações*".⁴⁹⁵ Penetrando nos meandros neurais, vasculhar o inconsciente e obter informações, de outro modo, indevassáveis. Uma revolução na psicologia. *"Tôdas as noites, ao regressar ao hospital, gravavam o que ela dizia, ou havendo condições propícias, filmavam sua memória*".⁴⁹⁶ Em contrapartida, tendo-se sempre em vista o uso mal intencionado de novas tecnologias, uma técnica de exploração eficiente do cérebro poderia servir a arbitrariedades de todo tipo. *"O logicador, um aparelho que pesará cada resposta dada, indicando-a como certa, provável, ou mentirosa. [...] Ele sabia muito bem que aquela máquina retirar-lhe-ia tôda a carga cerebral; tôda a experiência de sua vida seria apagada e seu sistema nervoso entraria em pane. Isto significaria a morte ou a invalidez mental*".⁴⁹⁷

As interferências e modificações, tanto nas capacidades cerebrais, como, de modo geral, em outras funções físicas e mentais, visando o aprimoramento humano, em muitos casos concebeu-se a inserção de capacidades presumivelmente benéficas entre as já existentes. Ainda sobre o cérebro, uma capacidade reconhecida na ficção científica de todo o mundo – discutida mais à frente – é a comunicação telepática. Sua aquisição deriva do desenvolvimento médico-cirúrgico. *"A medicina atingira píncaros que levavam o ser humano*

⁴⁹³ Ibid. p. 198.

⁴⁹⁴ QUEIROZ, Dinah Silveira de. Os possessos... op. cit. p. 31.

⁴⁹⁵ CUNHA, Fausto. Viagem sentimental... op. cit. p. 43.

⁴⁹⁶ SASSI, Guido Wilmar. Testemunha do... op. cit. p. 133.

⁴⁹⁷ Piloto alienígena mandado à Terra capturar uma forma de vida superior é interrogado pelos seus superiores e alega que os seres capturados são humanos como eles. A afirmação é tomada como uma afronta ao governo e à religião dos alienígenas. A insistência do piloto em sustentar sua opinião leva os interrogadores a acreditar que o piloto pertence a um grupo revolucionário que crê em vida inteligente em outros planetas. Os interrogadores querem submetê-lo à tortura, mas são interrompidos pela insurreição dos rebeldes. A esperança do piloto é vã. A rebelião é controlada e o piloto sofre uma lavagem cerebral. MARTELLO, Nilson. O analisador. *Mil sombras...* op. cit. p. 121-22.

às fronteiras da imortalidade, [e] a telepatia alcançara limites insuspeitados”.⁴⁹⁸ Na reprodução humana, os bebês de proveta são reconhecidos como uma possibilidade técnica, com a finalidade de controlar o aperfeiçoamento humano desde a concepção. Não deixam de ser uma realização inquietante e alvo de discriminações. “Você... você por acaso nasceu artificialmente... é filho de laboratório?”.⁴⁹⁹ O controle da reprodução e do desenvolvimento do feto insere a preocupação com a melhoria genética da espécie. Leva a medicina da atuação, por assim dizer, externa ao homem, melhorando suas condições de vida, moradia e alimentação, para uma intervenção interna, genética. Tais imagens estão próximas às teorias eugênicas intensas entre o século XIX e meados do século XX. “Se a medicina social propugnava pela higienização dos ambientes e pelas práticas higiênicas disseminadas e fiscalizadas cotidianamente, a eugenia buscava, grosso modo, a ‘higienização da raça’”.⁵⁰⁰

As possibilidades da construção de bebês etnicamente “puros”, criados com caracteres eleitos reeditando no futuro megalomaniacos projetos eugênicos racistas, foram apresentadas pela ficção científica nacional. A profundidade que a tecnologia pode atingir em intervenções semelhantes chega a agredir a sensibilidade do autor. Talvez não tanto pela sugestão eugênica do processo, mas pela idéia de uma espécie de agressão à ordem natural e divina da concepção humana. “Somos produtos das máquinas, das retortas, dos tubos de ensaio, dos laboratórios. Ora se não somos! Estive há dois dias no Banco de Genética. Nosso filho está ‘progredindo’ [e] ‘eclodirá’ dentro de mais dois meses. [...] É homem, e vai ser parecido com você. Recomendei à Dra. Werner o sexo e a semelhança”.⁵⁰¹ A ação dessa faceta da medicina, não a que cura, mas a que pretende aperfeiçoar segundo critérios particulares, recebe um caráter dominante e sombrio. Possivelmente a proximidade com os horrores dos campos de concentração alemães e japoneses, onde homossexuais, deficientes, ciganos, coreanos, chineses e judeus foram expostos a experimentos inescrupulosos e doentios, sinalizaram para o perigo da possibilidade em querer “aperfeiçoar” o homem. A visão irônica de L. Menezes, sobre o tema, destaca o absurdo que experimentos com finalidades bem intencionadas, às vezes escondem:

Lembra-se do escândalo médico – farmacêutico da Thalidomida, faz algum tempo? Pois bem, resolvi pesquisar drogas análogas, a fundo, desde aquela época. Raciocinando que se uma fórmula produz modificações prejudiciais, modificada e controlada podem seus efeitos serem contrários, benéficos,

⁴⁹⁸ SCAVONE, Rubens Teixeira. Passagem para... op. cit. p. 117.

⁴⁹⁹ QUEIROZ, Dinah Silveira de. O céu... op. cit. p. 53

⁵⁰⁰ RODRIGUES, Marília Mezzomo. op. cit. p. 48.

⁵⁰¹ SASSI, Guido Wilmar. Lamentações da... op. cit. p. 78-79.

aproveitáveis. [...] Já imaginou se a humanidade conservasse o apêndice traseiro? Que profunda modificação nos hábitos, na atividade diária, que novos recursos!⁵⁰²

A figura cômica de uma humanidade avançada possuindo um rabo preênsil expõe o lado perigoso da intenção de aprimorar a espécie humana. Que forma de aprimoramento e que meios empregados para obtê-lo, são questões que essas imagens suscitam. Na visão de J. Monteiro de uma sociedade que investiu intensamente na eugenia, “os *aleijados são mortos ao nascer [e] a eutanásia é prática habitual*”.⁵⁰³ As conseqüências são corpos totalmente modificados, atrofiados e decadentes, fadados a definhar e se extinguir:

O [...] ventre [era] uma espécie de placa córnea, um couro endurecido. [Os] pés estavam lá longe, a uma distância em que não costumava vê-los. E que pés! Nem pareciam pés, se desejo me exprimir corretamente. Eram prolongamentos informes, quase sem dedos. [...] As pernas, como as coxas, eram finas, sem musculatura. [Essa humanidade] não tinha dentes! Pior do que isso, em lugares dos dentes superiores vi uma lâmina esbranquiçada, aparentemente de matéria cartilaginosa, que se encaixava na maxila de modo precário. A própria bôca não se abria normalmente. Parecia endurecida, atrofiada e era pequena. [Era uma] raça atrofiada, entre a qual me sentia, agora, incluído, bem contra vontade.⁵⁰⁴

As imagens que descrevem esses erros da intervenção científica, advertem para perigos do uso inadequado e inescrupuloso dos meios tecnológicos, posto que são consideradas verdadeiras afrontas aos princípios éticos da humanidade, mas sobretudo, porque se entende que se trata de violações e agressões exageradas à natureza e, amplamente, uma afronta à criação divina. Por essa razão, em estreita relação com as imagens sobre a intervenção médica, estão presentes imagens sobre as intervenções do homem e da tecnologia no mundo natural, em que surgem preocupações significativas sobre os problemas gerados por sua destruição, influenciadas pela crescente preocupação ecológica preservacionista.

⁵⁰² MENEZES, Levy. O estranho... op. cit. p. 78-79.

⁵⁰³ MONTEIRO, Jeronymo. Três meses... op. cit. p. 163.

⁵⁰⁴ Ibid. p. 39-45.

6. DESEQUILÍBRIO ECOLÓGICO... NATUREZA EM REBELDIA

A presença de imagens sobre o meio natural está estreitamente relacionada e sujeita às ações e conseqüências do progresso técnico-científico imaginado. O mundo natural é exposto ao âmago da oposição entre o espaço organizado, geométrico e controlado da civilização urbana e o caos irregular e imprevisível do meio ambiente selvagem. Esse embate originário de uma concepção alienígena do homem em relação à natureza tem no Ocidente fortes influências do cristianismo. *“A visão tradicional era que o mundo fora criado para o bem do homem e as outras espécies deviam se subordinar a seus desejos e necessidades”*.⁵⁰⁵ Junto ao entendimento religioso da submissão, o mundo natural era pensado em suas relações com o homem na idéia de utilidade de animais e vegetais para o proveito e em benefício deste. Tal entendimento levou à exploração e depredação dos elementos “úteis” pelo aproveitamento pretendido e à pura e simples destruição por sua inutilidade prática. *“No início do período moderno, mesmo os naturalistas viam o mundo de uma perspectiva essencialmente humana e tendiam a classificá-lo menos com base em suas qualidades intrínsecas que na sua relação com o homem”*.⁵⁰⁶ A natureza era concebida como uma esfera exterior à existência humana, que para ser tolerável deveria ser moldada em padrões reconhecidos como civilizados. Portanto, o civilizado formou-se em oposição ao selvagem. A urbe moldada em contraste à natureza virgem. *“As florestas tinham sido sinônimo de rusticidade e perigo. [...] As matas, portanto, eram lar de animais, e não de homens”*.⁵⁰⁷

Na lógica das imagens de elevado progresso tecnológico, que o demonstram acentuando procedimentos técnicos contemporâneos, o combate ao mundo natural rude opera-se em primeiro lugar pelo crescimento das áreas construídas e reguladas das cidades, afastando conseqüentemente a desordem selvagem. Contudo, o triunfo da paisagem urbana, frenética e estéril contrasta com a total ausência de elementos naturais. O plantio de plantas e árvores em jardins tornou-se, nas cidades, uma forma de satisfação e reaproximação organizada com o mundo natural, propiciando um espaço tranquilo onde o indivíduo poderia buscar um refúgio frente ao agito urbano. O jardim exerceu grande *“fascínio para os moradores das cidades,[e] tornou-se lugar apropriado para a reflexão espiritual”*.⁵⁰⁸ Essa é uma segunda forma de combater o mundo natural selvagem, disciplinando-o. O ajardinamento da intervenção tecnológica é a forma de suavizá-la.A

⁵⁰⁵ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 21.

⁵⁰⁶ Ibid. p. 63.

⁵⁰⁷ Ibid. p. 232.

⁵⁰⁸ Ibid. p. 280-82.

presença revigorante da paisagem natural ameniza a dureza metálica do futurismo. É a natureza regularizada, disciplinada pela lógica geométrica do progresso científico. “O conjunto de edifícios que compunham a Academia de Ciências, era realmente deslumbrante. Numa superfície de alguns milhares de hectares quadrados, estendiam-se monumentais edifícios separados por avenidas, ruas, jardins, trechos de terra nua e imensas áreas pavimentadas de vidro”.⁵⁰⁹ A estética geométrica da máquina e seus componentes é complementada com a natureza enclausurada na regularidade almejada para todos os aspectos do mundo.

O desmatamento vertiginoso que acompanhou o desenvolvimento do progresso industrial nos países mais desenvolvidos levou a comparações entre a paisagem natural e a industrial. “O início do período moderno de fato engendrou [uma] sensibilidade cindida, da qual sofremos até hoje. [De um lado] a poluição, [...] o efeito desfigurador das novas edificações, estradas, canais, e do turismo e da indústria. [De outro, visões que] consideravam as fábricas e fornalhas sublimes e inspiradoras”.⁵¹⁰ A agudização das duas paisagens, entre a devastação ambiental acarretada pelo desenvolvimento tecno-industrial e a imagem de progresso positivo modelando e organizando o mundo natural, provocou um conflito de sensibilidades. “Tais sensibilidades refletem o desconforto gerado pelo progresso da civilização humana; e uma relutância a aceitar a realidade urbana e industrial que caracterizava a vida moderna”.⁵¹¹ De forma extremada as imagens da ficção científica retratam o conflito. “Ah, a Lua! Que poesia pode existir nela, mesmo agora, que possui atmosfera e plantas verdes? Já nem sequer a vemos, pois não mais existe diferenciação entre o dia e a noite. Noite já não existe mais, como nos séculos de outrora”.⁵¹² A aflitiva aridez da Lua é contrabalançada com a criação de um jardim selenita, embora os descuidos com a tecnologia tenham destruído a face da Terra inviabilizando a permanência do homem na sua superfície, cerceando-lhe o contato com a natureza original do planeta e mesmo a artificial da Lua.

Entre os extremos, a opção preferível é uma fusão das qualidades urbanas e campestres da *cidade-jardim*. “Os ideais da cidade-jardim e do cinturão verde mostraram-se duradouros; na verdade, como combinar as vantagens sociais e econômicas da cidade com o ambiente físico do campo continua sendo um problema candente do planejamento urbano”.⁵¹³ Pululam nas visões do meio natural a síntese imiscuindo vantagens urbanas e tecnológicas de modo a aplacar os problemas da vida selvagem. O regime climático

⁵⁰⁹ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 156.

⁵¹⁰ THOMAS, Keith. op. cit. p. 339.

⁵¹¹ Ibid. p. 302.

⁵¹² SASSI, Guido Wilmar. *Lamentações da...* op. cit. p. 76.

⁵¹³ THOMAS, Keith. op. cit. p. 301.

imprevisível de florestas, por exemplo, é condicionado e racionalizado com a “*climatização da Amazônia e da África Central*”.⁵¹⁴ Como se ambas as regiões fossem ambientes fechados, regulados por gigantescos aparelhos de ar-condicionado. O respeito pela natureza e a consciência de sua importância, representados pela necessidade de haver parques para recreação e descanso, sofrem interferências de vários tipos, seja para controlar enchentes, doenças ou permitir melhor acesso:

A Amazônia tem para todos nós, qualquer coisa de inviolável e sagrado. Ninguém teve ânimo, até agora, de estabelecer ali grandes usinas ou fábricas de qualquer natureza. [...] As florestas que restam estão sob proteção de uma lei inviolável que nenhum homem traçou. [Todavia] o rio Amazonas, com o correr do tempo, foi retificado, todo o vale foi higienizado, traçamos ruas e avenidas aproveitando picadas e caminhos existentes. É o nosso Parque Universal.⁵¹⁵

As *áreas verdes* são predominantemente entendidas como lugar de descanso e deleite, servindo de refúgio ao frenesi do mundo veloz. Função que é uma forma de reedição por via tecnológica do mundo paradisíaco do Éden bíblico, local privilegiado do lúdico e do prazer. “*Sobrevoaram um imenso campo de esportes, com um lago ao centro, onde homens e mulheres, de tôdas as idades, brincavam e jogavam nus*”.⁵¹⁶ Contudo, o contato com os ajardinamentos da vida natural poderia propiciar uma insatisfação com o ímpeto de organizar a irregularidade da natureza, despertando um senso estético pelo caos verde, devido à saturação com a regularidade urbana. “*Era inevitável que o próximo passo, para muitas pessoas, seria buscarem satisfação emocional muito além do jardim: na própria natureza selvagem*”.⁵¹⁷ O controle sobre a vida natural e as intervenções tecnológicas nesse ambiente deveriam ser abandonadas em favor do desenvolvimento natural original. A preservação do meio ambiente selvagem passou a ser compreendido como necessário para contrabalançar o ritmo de vida moderno, mas principalmente, como uma imposição para a manutenção do equilíbrio ecológico, das condições em que a vida vegetal e animal atual, inclusive a humana, são possíveis. Nichos intocáveis de preservação verde transformam-se em regeneradores de forças da humanidade, que os busca para fugir à agitação do mundo moderno. “*É essa necessidade recorrente que sentem os moradores urbanos de voltar à terra selvagem em busca de regeneração espiritual, que condicionará mais tarde os movimentos de preservação*”.⁵¹⁸ Assim, o ímpeto de domar e organizar o mundo natural precisa ser, num primeiro momento aplacado. “*O Vale Amazônico, que fora a ‘Colônia de Férias’ da humanidade, estava interdito à visita. Ninguém ia passar temporadas nos*

⁵¹⁴ QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Ânima*. op. cit. p. 100.

⁵¹⁵ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 110 e 112.

⁵¹⁶ CUNHA, Fausto. *Regresso*. op. cit. p. 103.

⁵¹⁷ THOMAS, Keith. op. cit. p. 287.

⁵¹⁸ *Ibid.* p. 318.

elegantes bangalôs; ninguém ia pescar nos lagos e rios".⁵¹⁹ Todavia, num segundo momento, tal ímpeto deve ser abolido para compor *"uma nova humanidade, sã e perfeita, porque, aproveitando o que a ciência produzira, e respeitando as leis da natureza, teriam todos os elementos para se transformar na 'Humanidade Ideal'*".⁵²⁰

A consciência da preservação ambiental manifestada por um número crescente de pessoas em todo o planeta, que veio à tona a partir dos anos 1960, *"surgiu depois de crescerem as cidades, pois os homens não ansiaram pelo campo enquanto viveram em termos de familiaridade cotidiana com ele*".⁵²¹ O desejo pelo ambiente selvagem preservado e por uma bucólica vida campestre aumentou em relação direta aos incrementos dos espaços urbanos e suas características, tais como *"a redução de jardins e pomares, o desaparecimento de árvores e flores e a crescente densidade de edifícios em resposta à pressão crescente da população*".⁵²² Frente à ampliação dos problemas urbanos vislumbrado como um fracasso à opção da cidade tecnificada, confortável e harmônica do futuro, as imagens recompõem o ideal da fuga para o campo como alternativa para escapar da frenética vida urbana. *"A espôsa tinha acertado ao imitar os amigos deixando a cidade, agora insuportável, e mudar-se para o campo [em busca de] residência melhor, longe daquele amontoado que está ficando a cidade*".⁵²³

As visões de fuga para o campo não determinam um divórcio com a civilização tecnológica avançada. Do mundo natural o desejo é pelo espaço onde, por exemplo, *"tudo fica bonito com a névoa rasteira a refletir o luar. [...] Parece uma paisagem de sonho. [Os] abetos altos, todos unidos, [o] vale profundo, [o] aroma selvagem, [o] odor da terra..."*.⁵²⁴ Contudo, não se excluem as facilidades tecnológicas. Na casa de campo ideal *"semelhante a uma cúpula atmosférica"* repleta de circuitos de *"células foto-elétricas, [...] botões, [...] comutadores, [...] condicionador [de ar e] luz solar"*⁵²⁵ artificial, a tecnologia é elemento indispensável. Porém, a referência à fuga do mundo tecnológico para a natureza diz a um determinado progresso tecnológico indesejável. O homem do futuro, que se espera possa auferir uma série de confortos através da tecnologia e da ciência, necessita ausentar-se da possibilidade concreta de levar o desenvolvimento técnico a concretizar as imagens terríveis de comprometimento do equilíbrio ecológico que o permite viver. Há imagens da destruição completa do ambiente natural por um mundo máquina habitado por robôs que não querem enferrujar. *"Tel – 84 tinha sido um dos autores do plano de Desvegetalização do Planeta*

⁵¹⁹ MONTEIRO, Jeronymo. *Fuga para...* op. cit. p. 51.

⁵²⁰ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 197.

⁵²¹ THOMAS, Keith. op. cit. p. 298.

⁵²² Id.

⁵²³ SCAVONE, Rubens Teixeira. *O menino...* op. cit. p. 105-8.

⁵²⁴ Ibid. p. 106.

⁵²⁵ Ibid. p. 104-6.

como meio de diminuir a oxidação, tarefa que levava dois séculos para apresentar resultados”.⁵²⁶ Por outro lado, há outras da drástica intervenção organizadora do homem na natureza, que supõe lamentando uma nova face para “o Vale do Amazonas, agora com os rios transformados em simples filêtes, e não mais cercados pelas exuberantes florestas”.⁵²⁷

O pressentimento de perda que a consciência da destruição da época – e a perspectiva de outras maiores concomitantes ao progresso tecnológico – levam a especulações sobre o estado do meio ambiente no futuro. “Perplexo, o mundo se interrogava. Onde estava sua vegetação? A Amazônia se encontrava despojada de sua luxuriosa floresta, e o Canadá já não possuía o seu afamado pinho. Onde as selvas da África? Onde o jângal da Índia?”.⁵²⁸ Junto a essa pergunta perturbadora, há imagens sobre os meios futuros de preservação da natureza, ou ao menos de sua memória. “Onde estão as árvores? Que pergunta! Nos museus do Tempo, em qualquer setor de fitologia”.⁵²⁹ A noção bastante recente, que ganhou relevo a partir dos anos de 1960, de que o homem é parte do equilíbrio ecológico e, como todos os outros sócios, devem sua vida a ele, possibilitou questões como: o progresso tecnológico irresponsável e desmedido que afeta o equilíbrio poderá compensá-lo de algum modo salvando-nos da extinção? Para alguns autores a resposta é negativa. “Uma glória imensa, embora anônima e póstuma, cabia ao homem: êle criara as novas condições de vida sôbre a terra, para ser destruído por seus efeitos”.⁵³⁰ O fim das condições da vida humana não implica o fim de qualquer forma de vida sobre a Terra. Antes que pudéssemos tornar este planeta estéril, estaríamos extintos. Legaríamos condições de vida na Terra alteradas, inaptas para nós, todavia suficientes para espécies mais adaptadas. Havia consciência disso na ficção científica brasileira. “Agora, que o homem desaparecera, milhares de espécies de insetos se desenvolviam assombrosamente no seio protetor das matas. [...] Todos de grande porte, agressivos e famintos, progrediam, lutavam, levando avante a grande aventura da vida. Os animais de grande porte, os mamíferos, porém, haviam desaparecido com o homem”.⁵³¹

O problema ambiental do progresso técnico-científico possui outro aspecto igualmente importante e ameaçador. Com a ciência a expectativa de vida é maior, a mortalidade por doenças é menor e a humanidade cresce cada vez mais. A ampliação exagerada da população de uma espécie é também um desequilíbrio ecológico. Nos anos 1960 surge no seio da preocupação ambiental, a atenção ao problema da superpopulação

⁵²⁶ MENEZES, Levy. Terra prometida. op. cit. p. 88.

⁵²⁷ SASSI, Guido Wilmar. A costela... op. cit. p. 32.

⁵²⁸ SASSI, Guido Wilmar. Apenas uma... op. cit. p. 67.

⁵²⁹ SASSI, Guido Wilmar. Testemunha do... op. cit. p. 128.

⁵³⁰ MONTEIRO, Jeronymo. Fuga para... op. cit. p. 107.

⁵³¹ Id.

humana. Há maior demanda por espaço físico, tanto para alojá-la como para alimentá-la e, na ficção científica, a colonização interplanetária é uma versão da colonização da América. Povoem-se, pois, os planetas. A opção apresenta-se numa inversão ao problema em relação a Marte. “*Se a Terra fôsse apenas aquêle vazio sem fim [e] houvesse condições de vida favoráveis, podiam os marcianos instalar uma colônia. A superpopulação começava a assustar os dirigentes do velho planêta*”.⁵³² Contudo, quando isso não é mais possível e não há espaço excedente para ser ocupado, surge um problema ambiental, posto que a natureza seria desalojada em favor do homem. As descrições atentam, sobretudo, aos aspectos econômicos e políticos da superpopulação. A solução é tão drástica quanto o problema:

O Grande Computador provava que havia apenas uma solução para o problema humano: a redução da população dos planêtas em 9 bilhões de almas. De outra maneira, eclodiria a guerra, com todos os seus flagelos. Mas, se bem que inevitável, a guerra não podia ser aceita pela mente lógica e educada da humanidade. O mundo civilizado não mais tolerava o morticínio indiscriminado. Os computadores haviam dado a solução: a autoeliminação seletiva.⁵³³

Para evitar semelhante desfecho ao problema da superpopulação, que se torna cada vez mais próximo, espera-se que o futuro prodigioso de tecnologia e ciência imaginado sob vários vieses possa também contorná-lo, contribuindo com a harmonia e o conforto idealizado. “*A população [...] está perfeitamente equilibrada. Só nasce um número determinado de crianças por ano, que cobre o número de mortes. [Pois] todos sabemos que é preciso manter dentro de certo limite a população do globo, para que todos possam viver na abundância e na paz*”.⁵³⁴ O controle da natalidade esbarra em critérios dogmáticos religiosos, mas adapta-se à sua necessidade e profetiza o anticoncepcional masculino:

[Eram necessários] códigos de ética e legislação própria para o controle da natalidade. As senhoras recebiam das repartições sanitárias uma tabela-calendário, elaborada para cada caso individual; periodicamente poderia sofrer ligeiras correções que a tornavam infalível mesmo para os mais reduzidos períodos de contenção. Meios artificiais de controle criavam problemas e sofriam restrições, porém eram tolerados os inibidores à produção do hormônio masculino”.⁵³⁵

A questão da superpopulação mundial induz, além do controle populacional, o planejamento efetivo da colonização espacial. A possibilidade de viagens no cosmos aproxima-se do factível por ser uma solução ao problema, ainda que dispendiosa e tecnicamente complicada. No entanto, imaginar visitas ao espaço sideral insere a

⁵³² CUNHA, Fausto. Viagem sentimental... op. cit. p. 41.

⁵³³ JUNGSMANN, Ruy. A idade... op. cit. p. 120.

⁵³⁴ MONTEIRO, Jeronymo. Três meses... op. cit. p. 114-15.

⁵³⁵ FETEIRA, Raul. Sete moradas... op. cit. p. 35-36.

possibilidade do encontro com outras inteligências e especulações sobre a questão de estarmos sós ou não no Universo.

7. CONTATOS IMEDIATOS OU *QUEM SOMOS ELES?*

Habitantes de outros mundos fazem parte da imaginação humana há séculos. O distanciamento em relação a um lugar fisicamente intangível permite especulações sobre seus moradores. Tal possibilidade serviu sobremaneira para propósitos de questionamentos aos próprios semelhantes do sujeito que imagina e a ele mesmo. O obstáculo do espaço inatingível proporciona o ambiente para que seja povoado por uma espécie de espelho ou vitrine de si mesmo. De acordo com o que se pretende observar, ocorrem caricaturas ou exacerbações da qualidade ou do defeito alvo, que são inseridos como característica principal do habitante imaginado de distante lugar. Esse tratamento serve à sátira como em *Viagens de Gulliver* de Swift, bem como a algumas utopias como em *Utopia* de Thomas Morus ou *A República* de Platão. Sátira e utopia fazem parte do raio de ação da ficção científica, como já observado. Habitantes de outros mundos ou extraterrenos conforme o gênero prefere, comportam as funções supracitadas de visões caricaturais ou incisivas que pretendem destacar alguma característica de nós mesmos na imagem de um outro criado. A internacionalização de fatores políticos, ideológicos, econômicos e culturais que marcaram o século XX aumentou concomitantemente a abrangência satírica ou utópica deste nós observado na alteridade alienígena imaginada. Não se trata de uma observância em relação a uma sociedade específica num dado tempo, mas, em grande parte, destaque de uma problemática de alcance global, concernente a toda humanidade, na unidade de uma só espécie, para a totalidade do futuro.

A mundialização das relações entre sociedades nacionais inseriu a preocupação e o debate sobre características, às vezes específicas de uma delas, que, não obstante, ocasionalmente podem ter repercussões ou a perspectiva de efeitos em escala planetária. Armas atômicas, energia nuclear, ecologia e globalização econômica, são exemplos disso. A pauta das conseqüências internacionais ensejou a discussão sobre assuntos concernentes à humanidade e, na ficção científica, o contato com extraterrestres, possibilita que a visão do outro imaginado esteja em relação com toda a espécie humana, não podendo ser tratado como fenômeno local. Num outro horizonte, a viabilização tecnológica da navegação espacial e do contato de rádio com as profundezas do cosmos, oferece ao homem a incipiente possibilidade de um encontro difícil, mas consideravelmente provável com a alteridade não imaginada de uma outra inteligência tecnológica. A tentativa de contato por rádio é um exemplo. Existem atualmente onze sinais candidatos a serem de procedência inteligente extraterrestre. *“Eles só não satisfazem um [dos] critérios para sinal alienígena autêntico. [...] Ser verificável. Nunca [conseguiu-se] encontrar nenhum deles*

novamente”.⁵³⁶ O contato alienígena, ainda que tecnicamente complexo e de difícil execução, tornou-se idiossincrasicamente possível porque, se não podemos nós sermos os agentes do encontro, a noção de progresso e dos feitos tecnológicos permite considerar que outros mais aptos o possam por esses mesmos, tais como marcianos em seus discos voadores.

Assimilada a possibilidade do contato extraterreno, a ficção científica o trata de dois modos principais. Quando há descrições físicas, essas basicamente retratam a maior alteridade imaginável como meio de destacar profundas diferenças entre o humano e o alienígena. Nesses casos, formas diversas ou até a deformidade são modelos da alteridade. Bom exemplo é o uso considerável da figura do cefalópode ou uma outra forma que detenha tentáculos. “Hughes viu três ‘coisas’ que deslizavam [...] informes, como rabanetes avermelhados e reluzentes cujos tentáculos inferiores, prendiam-se ao chão. [...] Sem olhos, sem boca e sem nariz”.⁵³⁷ A ausência de uma forma definida acentua uma idéia de um ser desestruturado totalmente diferente, quase gasoso. “Era como uma névoa azul e esgarçada. Aquilo parou a pequena distância e ele pôde ver prolongamentos que se moviam como tentáculos de um cefalópode”.⁵³⁸ O enojamento e a repulsa são eventualmente buscados para incrementar a visão da diferença. “Algo viscoso, escorregadio, úmido, gélido e mole. [...] Ninguém suportava a visão das horrendas ventosas que lhe recobriam o corpo, e todos corriam, enojados, por causa do líquido visguento que lhe vasava dos membros de polvo”.⁵³⁹ O modelo do monstro viscoso foi utilizado para cobrir um ente essencialmente mau, desumanizado, sobretudo no cinema norte-americano de *science-fiction* dos anos 1950 e 60. Todavia o uso que perpassa a nova tendência mundial, dado pelos autores brasileiros, investe de horror o ente pacífico e benevolente como um meio de contraste combatendo a noção de que o belo e bom estão associados, do mesmo modo em que se opõe à união entre feio e mau.

O primeiro tratamento da presença alienígena está em acentuar a gama de alteridade esperada e visualizada através da diversidade morfológica. Entre extremos, como os cefalópodes, há também pequenas diferenciações que identificam a diversidade, embora comportem a morfologia humanóide. Detalhes como a mão e a cor da pele são importantes.

⁵³⁶ SAGAN, Carl. Pálido ponto... op. cit. p. 419.

⁵³⁷ MONTEIRO, Jeronymo. Os visitantes... op. cit. p. 12 e 15.

⁵³⁸ Homem internado pela família em um manicômio foge do lugar para se vingar. Na noite da fuga entra em contato com alienígenas. Com matemática eles se comunicam e, pouco antes que os extraterrestres mostrem de onde são, enfermeiros no encalço do sujeito os interrompem. Ele é recapturado, mas pede que verifiquem os sinais dos alienígenas. O médico que o internou confirma a existência de inexplicáveis evidências, no entanto prefere ficar calado. SCAVONE, Rubens Teixeira. Número transcendental. O diálogo... op. cit. p. 95.

⁵³⁹ Alienígena pouso na Terra para realizar reparos em sua nave e reabastecê-la. O combustível é algo semelhante a sangue. Para não assustar as pessoas com seu aspecto repulsivo, o alienígena aproxima-se de um jovem cego e carente, a quem dá atenção e carinho em troca do sangue para sua nave. SASSI, Guido Wilmar. Estranha simbiose. Testemunha do... op. cit. p. 45 e 47.

“Fêz sair de uma luva com cinco dedos uma mão com sete e retirou o capuz [...] coçando a pele azulada no lugar de uma orelha inexistente, suas seis pupilas derramando piedade”.⁵⁴⁰ E ainda, “tudo nêle era côm de couro curtido: o rosto, até os cabelos. [...] Sua mão que parecia um galhozinho sêco – seus dedos eram longos, jamais vira dedos iguais! – acenava para nós”.⁵⁴¹ O tamanho igualmente é característico dessa alteridade pretendida e, qualquer dimensão que ultrapasse a humana pode designar o extraterreno. Seja um muito mais alto: “o indivíduo devia ter mais de três metros. [...] Era um ser humano, um ser humano longuíssimo, difícil de ser observado em seus detalhes”.⁵⁴² Ou um muito mais baixo com outras tantas diferenças particulares:

Pequeno humanóide, a dançar e a rir, sacudindo a juba negra. [...] De estatura não teria dois palmos. Os pés nus, de dedos interligados por membranas, os braços curtos semelhantes a nadadeiras, terminados por mãos de quatro dedos, os cabelos que brilhavam num ardor metálico, como pêlo de lontra, confirmavam a sua condição de anfíbio. A pele do corpo era de um grão mais grosso que a dos homens, lisa e côm de marfim. Os olhos enviezados, de côm indefinida, a bôca larga, o nariz curto, pequenas orelhas redondas que a juba quase escondia.⁵⁴³

Entre tantas especificidades, algumas gritantes e outras discretas, há uma que é importante por levar em consideração a capacidade do extraterreno chegar até nós e provocar o contato desejado. São predominantes as imagens do contato realizado pela visita do alienígena, raramente aparecendo o homem como visitante. Pela dificuldade da empresa, subentende-se que houve um progresso e o desenvolvimento de uma tecnologia de outra civilização para viajar no cosmos, donde conclui-se que o visitante pertence a uma cultura mais adiantada que a nossa. Boa ou má, aqui é irrelevante. Fisicamente o adiantamento é revelado, além da observação do produto tecnológico, na morfologia alienígena. Para maiores conhecimentos, um volume cerebral maior, o que conduz a descrições físicas de grandes cabeças ou um corpo de cabeça encimando tentáculos etc. Mesmo alienígenas, cuja descrição os assemelham aos homens, diferenciam-se do critério da cabeça grande. “Seu aspecto era normal, a não ser o tamanho da cabeça, excessivamente larga na frente. [...] Os cabelos, de um branco prateado, [e] a pele era incrivelmente branca, como se nunca tivesse sido tocada pelos raios solares. Além de branca, era de brilho invulgar. Parecia lubrificada por cosmético. Parecia mesmo revestida por esmalte brilhante”.⁵⁴⁴ Repare-se que os caracteres do progresso tecnológico material

⁵⁴⁰ Missão alienígena pacifista promove um ensino dos males do sofrimento da guerra e da violência, por intermédio de um conjunto de máquinas que transferem sensações de dor e tristeza diretamente para as pessoas que entram na tenda da casa dos horrores. Os alienígenas consideram a conscientização lenta, mas seguramente transformadora. MENEZES, Levy. Pavilhão de feira. *O terceiro...* op. cit. p. 124.

⁵⁴¹ QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Êles herdarão...* op. cit. p. 163.

⁵⁴² QUEIROZ, Dinah Silveira de. *A universidade...* op. cit. p. 64.

⁵⁴³ QUEIROZ, Rachel de. *Ma – Hôre.* op. cit. p. 108.

⁵⁴⁴ SCAVONE, Rubens Teixeira. *O homem...* op. cit. p. 82.

como brilho metálico e luminosidade estão presentes inclusive nas descrições físicas dos detentores desse progresso. O desenvolvimento morfológico e fisiológico do cérebro é, muitas vezes, o principal diferencial entre uma civilização mais adiantada e nós, e mesmo entre aquela, nós e uma outra espécie considerada primitiva:

Supomos, apenas, que os jovinos [habitantes de Júpiter] sejam umas criaturas primitivas, achatadas, movendo-se pesadamente sobre a superfície do seu mundo e alimentando-se de vegetais e insetos. [Já os marcianos] são seres estranhos, meio diáfanos, quase transparentes. Aliás, sua anatomia é inteiramente diversa da nossa. Começa que eles não têm caixa craniana, e os seus cérebros são muito desenvolvidos, alguns, monstruosos. Não têm, também, esqueleto, mas apenas uma armadura cartilaginosa. Parece que não são sujeitos às leis da gravidade, e podem deslizar no espaço. São em número espantoso. [...] Já tiveram grandes civilizações e descobriram maravilhas, mas abandonaram tudo para se entregar à vida vegetativa. Hoje, são simples animais contemplativos, que não se preocupam por coisa alguma.⁵⁴⁵

A fusão de grandes cérebros e uma constituição fluida, próxima do espiritual é um outro recurso de descrição do alienígena mais avançado que o homem. A idéia é que o corpo representa um peso, um símbolo de finitude e ocaso que o espírito não tem, portanto, o ser que existe independente de um corpo não apresenta limitações de existência e, tão pouco, de locomoção. Os marcianos de Monteiro alcançaram um estágio de abandono até mesmo da pesquisa tecnológica e científica, tamanho seu desenvolvimento. A simples inexistência de um espaço de contenção do conhecimento, como o cérebro, própria de um ente espiritual, propiciaria o abarcamento de todo ou um imenso saber, inalcançável àqueles que necessitam um corpo e um cérebro. Entretanto, o caráter volátil e ao mesmo tempo permanente de um ente espiritual está associado a uma evolução ou progresso ético, mais do que técnico. Pressupõe a obtenção de algo como o sentido da vida, o entendimento da piada da existência ou algo parecido. “*Ele não tinha nome. Nem família, nem corpo... nada! Mais tarde me contou que era uma fôrça*”.⁵⁴⁶

A abertura para a alteridade de formas das inteligências do universo indo até o imaterial compreende outras manifestações materiais intencional e pretensamente bizarras, incidindo sobre outros reinos da natureza. No vegetal: “*de certa forma, sou um ente vegetal. Ou pelo menos os entes vegetais da Terra são a coisa que, embora vagamente, mais se aproxima do que nós somos em Ghrh*”.⁵⁴⁷ No mineral: “*era a inteligência mineral que apanhava os homens inermes, explicara o avô. Uma inteligência que não era maior nem*

⁵⁴⁵ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 142.

⁵⁴⁶ Mulher narra a um psiquiatra os encontros com um estranho e belíssimo homem que aparece diariamente em sua casa. A história gravada é objeto de uma aula de psicologia em que o professor anuncia que será tema de um exame. Ele conta que a mulher havia se suicidado no mesmo dia da gravação. Uma aluna fica muito impressionada e ao mesmo tempo satisfeita com a certeza que o homem efetivamente existia. MARTELLO, Nilson. “*Ele*”. *Mil sombras...* op. cit. p. 79.

⁵⁴⁷ CUNHA, Fausto. *Chamavam-me...* op. cit. p. 24.

menor que a humana, apenas diferente".⁵⁴⁸ Ocorrendo também uma fusão do orgânico com o inorgânico, ou uma incorporação espiritual da matéria inanimada ou o aperfeiçoamento humano na incorporação em seu ser de vantagens tecnológicas. "O disco não era uma máquina, mas um organismo! [...] Era uma reunião de sêres ultradesenvolvidos que controlavam a matéria dando-lhe a forma, o volume, o sentido desejado!".⁵⁴⁹ A possibilidade da vida em outras manifestações materiais chega à consideração de uma variação da composição atômica como alternativa à estrutura terrena. O "carbono é a matéria-prima divina que se fundiu na criação. E a sílica, quase idêntica ao carbono? Poderá haver homens de sílica em alguma parte do cosmos?".⁵⁵⁰ Autores estrangeiros já haviam feito especulações semelhantes. Como solvente, em oposição à nossa água, o amoníaco⁵⁵¹ e como elemento atmosférico e de respiração, substituindo o oxigênio, o flúor.⁵⁵² Contudo, por mais esdrúxulas que se imaginem as diferenças, toda e qualquer descrição se remete a algo conhecido, por força de comparação. O essencialmente diferente não possui paralelos para ser descrito. Um encontro real, se ocorrer, surpreenderá as mentes mais criativas e superará qualquer imagem de ficção científica, pois como disse Arthur C. Clarke, "a verdade, como sempre, será muito mais estranha".⁵⁵³ É com esse espírito de total estranheza que Jeronymo Monteiro refere-se a uma civilização extraterrena visceralmente diferente. "São uns sêres estranhos, que não temos palavras para descrever, porque não há nada parecido com eles aqui na Terra".⁵⁵⁴

O segundo tratamento que o extraterreno recebe da ficção científica diz respeito à índole de sua civilização. O invólucro morfológico a isso se relaciona seja concordando índole e aparência ou, como é mais comum na nova tendência mundial, contrastando-as de molde a fazer emergir erros de julgamento baseados na aparência. De toda maneira, a discussão em relação ao caráter alienígena é totalmente uma discussão sobre a humanidade e, particularmente, desta em relação à nova situação de progresso científico e tecnológico. Há uma realidade de maior poder e alcance à disposição do homem. O que isso representa para a própria humanidade é o que a figura do alienígena e o contato com essa suposta alteridade se propõem resolver. Há um princípio básico que, na maioria das vezes, estipula os visitantes espaciais como tecnológica e cientificamente superiores, sejam eles alienígenas ou, mais raramente, humanos. Principalmente nos anos 1960, o fenômeno

⁵⁴⁸ CUNHA, Fausto. Mobile. op. cit. p. 143.

⁵⁴⁹ MARTELLO, Nilson. Espírito iluminado. op. cit. p. 104.

⁵⁵⁰ SCAVONE, Rubens Teixeira. Número transcendental. op. cit. p. 102.

⁵⁵¹ BULYCHEV, Kir. Donzela de neve. In: BULYCHEV, K. *Meia vida*. Lisboa: Caminho, 1986. p. 140.

⁵⁵² EFREMOV, Ivan. Cor Serpentina. In: VERNE, Júlio et. Al. *Os melhores contos de FC: de Júlio Verne aos astronautas*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d. p. 359.

⁵⁵³ CLARKE, Arthur C. *2001 odisséia no espaço*. Lisboa: Europa-América, 1993. p. 07.

⁵⁵⁴ MONTEIRO, Jeronymo. Missão de... op. cit. p. 100.

da nova tendência mundial reproduz um sentimento predominantemente pessimista, menos em relação às promessas redentoras da ciência do que com a sua malversação humana. Tal sentimento refere-se ao temor de que o homem tem, de forma inerente e nata, a capacidade ou tendência a estragar as coisas, a conduzir ao fracasso mesmo o admirado potencial positivo da ciência. No contato extraterreno essa percepção predomina e revela-se de diferentes modos.

A combinação mais recorrente tem como visitante e ser superior o alienígena com intenções pacíficas. Nesses casos subentende-se que o progresso técnico-científico está acompanhado do progresso ético, no sentido da harmonia e do equilíbrio existencial. *“Fiquei com a impressão de esses estranhos seres, que, aliás, nunca vi, serem bondosos e inteligentes e dum grande adiantamento científico”*.⁵⁵⁵ O desejo da concomitância do avanço científico e ético é selecionado e idealizado como característica fundamental de uma civilização outra que se quer a nossa. A agudização dessa característica implica um contraponto inverso, a humanidade exibindo uma qualidade negativa e condenada que deve ser derrotada pelo ideal. Nesse cenário o atraso ético está unido ao atraso técnico. Não havendo equalização ética, a técnica é inferior. *“Veja êsse metal. [...] Tal tipo de material não foi ainda produzido pelo engenho humano. Observe, veja! Quando procuro risca-lo com a faca de papel êle afunda-se pela pressão, voltando em seguida ao estado inicial, não ficando marca nenhuma. Observe! É um metal elástico. Só êsse detalhe revela a existência de seres dotados de inteligência superior à nossa”*.⁵⁵⁶ A superioridade tecnológica do alienígena, portanto, pode afastar ou eliminar a ameaça que representa o parco desenvolvimento ético alcançado pelo homem. *“Desceremos dentro de 30 dias. Preparem o espírito. Somos visitantes de paz. Não queremos ser recebidos com hostilidade. Temos meios de neutralizar qualquer violência que se faça contra nós”*.⁵⁵⁷ Porém, não suprime o receio em relação ao mal que o humano pode causar. Afinal, a Terra é um lugar perigoso, eticamente pouco desenvolvido. Uma estadia forçada exigiria cuidados extras, pois, mesmo tecnologicamente inferiores, não somos tecnicamente incapazes de desferir dura agressão, como o caso das armas nucleares exemplifica. *“O acidente não era fatal, mas significava uma relativamente longa estadia em terra, reparos e reabastecimento, além dos perigos naturais imprevisíveis de uma região planetária subdesenvolvida”*.⁵⁵⁸

⁵⁵⁵ FETEIRA, Raul. *Somos parte...* op. cit. p. 146.

⁵⁵⁶ SCAVONE, Rubens Teixeira. *O homem...* op. cit. p. 55.

⁵⁵⁷ MONTEIRO, Jeronymo. *Missão de...* op. cit. p. 96.

⁵⁵⁸ Um acidente obriga alienígena a pousar num porto da Terra para realizar reparos. Exposto à atmosfera ele tonteia e desmaia. Ladrões o roubam, mas em seguida um marinheiro o socorre e lhe dá whisky para o reanimar. Para o alienígena álcool é água e prontamente ele se recupera. O marinheiro o conduz a um bar onde o alienígena esvazia várias garrafas. No bar ocorre uma briga e todos são presos, inclusive os ladrões com os pertences de Ukk. Com seu equipamento de volta o alienígena congela o tempo e foge com o amigo

Em ideal, os avançados e pacíficos extraterrenos descritos devem ser tomados como exemplo para a conduta humana, exigindo-se que contemos nosso ímpeto destrutivo e os respeitemos na sua visita à Terra. “*Recomendava muito que não se usasse de violência nem incompreensão para com os Animais Reluzentes, que eram pacíficos, inteligentes e tinham uma civilização muito superior à dos humanos, embora dirigida em outro sentido*”.⁵⁵⁹ No entanto, a dificuldade e a virtual impossibilidade de se atingir tal objetivo obriga a um ato alienígena de uma incoerência absoluta, ainda que perfeitamente compatível do ponto de vista do comportamento humano, que se pretende criticar. Não podendo converter e respeitar a alteridade, o pacifismo ideal do alienígena coage e impõe. “*Nossa civilização subterrânea desconhece o mal. Constrói e progride em função do bem. Desconhecemos doenças e guerras, ódios e perseguições e, com um sistema político perfeito, criamos o que vocês nomeariam – um Estado Ideal. – Agora, queremos a conquista pacífica da Terra para o bem. Para isso, devemos impor-lhes nossas idéias*”.⁵⁶⁰ É uma atitude autoritária e não pacífica ainda que em flagrante benefício do bem universal. “*Aquêles sêres [apontavam] os erros de nossa civilização. E o futuro negro e ameaçador que nos esperava, se não mudássemos nossos caminhos. Se não aceitássemos um conselho, inicialmente, e mais tarde uma invasão pacífica*”.⁵⁶¹

Uma outra combinação, esta menos indulgente para com o homem, apresenta um visitante exemplo de conduta e ideal a não serem seguidos. Coloca à frente da civilização humana uma caracterização exacerbada de nós mesmos pautada pela intolerância, violência e agressividade incorporadas como comportamento de uma civilização alienígena hostil. Progresso ético não tem a menor importância, visto que este não acompanha o técnico e, portanto, pode haver um grande avanço tecnológico e, conseqüentemente, de suas iniquidades consideradas inerentes. No cinema norte-americano, principalmente dos anos 1950, o extraterreno poderoso e perverso geralmente é derrotado por uma característica positiva do homem: amor, amizade, compaixão, fé, perseverança etc. Na nova tendência mundial e na ficção científica brasileira essas qualificações também estão presentes, mas não são garantias de redenção e correm o risco de sucumbir com o homem ante as perversidades humanas destacadas e incorporadas no alienígena conquistador.

marinheiro, a quem, telepaticamente, mostra seu mundo. Como retribuição, o marinheiro presenteia Ukk com um engradado de cachaça. MENEZES, Levy. Ukk. *O terceiro...* op. cit. p. 16.

⁵⁵⁹ MONTEIRO, Jeronymo. *Os visitantes...* op. cit. p. 60.

⁵⁶⁰ SCAVONE, Rubens Teixeira. *O homem que...* op. cit. p. 87.

⁵⁶¹ MARTELLO, Nilson. Espírito iluminado. op. cit. p. 104. A imposição autoritária e, de certo modo, violenta da paz por parte de uma civilização benevolente é o tema de: O DIA EM QUE A TERRA PAROU (The day the Earth stood still). Robert Wise. EUA: Fox, 1951. 1 videocassete. (92min). leg., p&b.; VHS/NTSC. No entanto, nesta história a imposição da paz é uma medida preventiva de defesa, por parte dos Planetas Unidos, visando impedir que a Terra leve à comunidade espacial, através dos programas espaciais e armas atômicas, sua destrutividade interna que, de outro modo, poderia continuar indefinidamente.

Somos socialmente desiguais, devastamos a natureza e provocamos guerras entre nós e, por conta disso, alienígenas podem dizer: “*vocês não merecem o mundo que têm. [...] Somos ricos de perfeição, mas pobres de moradia. [...] Vivemos em condições artificiais*”⁵⁶² e, portanto, eles têm o direito de reivindicar e tomar o nosso confortável lar maltratado. Se nos matamos, por que não podem outros nos liquidar? Se causamos sofrimentos uns aos outros, por que cercear estranhos de o fazer? “*Se o pegarem, como fizeram comigo, o esvaziarão com seus cruéis aparelhos! E você ficará assim! Como eu! Separado da vida! Mas ainda vivo!*”⁵⁶³

Nesse aspecto são consideradas, no mesmo patamar de iniquidade, as violências contra animais, cobaias científicas, seres menores e desprotegidos. A inversão do ponto de vista do visitante, quando os astronautas são humanos, permite um encontro às avessas, em que o viajante espacial é menos desenvolvido tecnicamente do que os visitados. Num exemplo dessa modalidade de visitas, feita a Vênus, os humanos são pequeninos e frágeis frente a gigantes poderosos do planeta e sofrem as conseqüências dos atos violentos dos venusianos, não obstante ser um comportamento humano aceitável na Terra, quando o ponto de vista é outro e as vítimas, componentes da natureza. “*Dentro da caixinha, os outros espécimes [humanos] estavam prostrados, imóveis. O professor [venusiano] contou-os, cuidadoso. – Restam poucos – comentou. – Não é problema, sei onde há milhões...*”⁵⁶⁴ rebate seu interlocutor. A facilidade da exacerbação da agressividade é um componente do comportamento humano, muitas vezes assimilado como “natural”, que se quer ver eliminado. Para tanto se mostra como tal atitude pode ser inerentemente perniciosa, como a violência desatenta do venusiano e mesmo como desencadeador de uma reação defensiva que pode partir de seres mais poderosos que o homem. A colocação do homem em uma posição frágil vem de molde a destacar a gratuidade da violência e despertar uma visão mais humilde ante a natureza e o cosmos. A ação violenta de macacos enviados a Marte, por exemplo, figura aos marcianos como comportamento de todos antropóides da Terra, o que inclui o homem e, como tal, devem todos ser eliminados por inconvenientes e perigosos. Os chimpanzés “*instalados num laboratório no sub-solo vermelho, eram*

⁵⁶² QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Êles herdarão...* op. cit. p. 171.

⁵⁶³ Vítima de uma experiência alienígena no cérebro, indivíduo percebe estar em um hospital sendo atendido freneticamente por uma junta médica e ouve dizerem que está morrendo, perdendo os sinais. No entanto, está consciente do que ocorre, num estado cataléptico e apenas não consegue se manifestar. Sem entender porque os alienígenas fizeram isso com ele, o homem entra em pânico ao escutar que foi considerado morto, sem estar, com a perspectiva de ser enterrado vivo. MARTELLO, Nilson. *O encontro. Mil sombras...* op. cit. p. 115.

⁵⁶⁴ MENEZES, Levy. *Floralis*. op. cit. p. 66.

analisados noite e dia por uma equipe cuja tarefa principal era o estudo de um método de destruição total dos seus semelhantes no Terceiro Planeta".⁵⁶⁵

Por fim, uma combinação pouco utilizada, nem por isso menos ultrajante para o homem, mostra a relação hipotética da humanidade tecnologicamente superior com outras civilizações menos avançadas. Aqui a distância entre progresso técnico e ético é invertida. A humanidade é tecnicamente superior, mas eticamente deficiente. A ausência de tecnologia do alienígena não implica no subdesenvolvimento ético, muito pelo contrário: "*Como viviam em pequenas tribos e não se interessavam por disputas de território – o mar, fonte das matérias-primas, chegava para todos – não se aplicavam a inventar armas de guerra. [Ma-Hôre] explicava, com se pedisse desculpas que, dadas as facilidades de suas condições de vida, os Zira-Nura tinham caminhado mais no sentido da arte que da técnica*".⁵⁶⁶ O entusiasmo com as possibilidades das realizações científicas, não oblitera a compreensão de que elas permanecerão inalcançáveis enquanto não houver controle e serenidade no seu uso. Essencialmente aqui está a visão de que a ciência é intrinsecamente boa, mas é mal empregada por interesses escusos, notadamente o militar.

O contato extraterreno é um dos limites da ficção científica, considerado, por ficcionistas e cientistas, "*a mais extraordinária aventura da história*".⁵⁶⁷ Transpor as imensas distâncias do universo é uma barreira atualmente impeditiva para a ciência, assim como vencer o limite do tempo e da vida. No entanto, a ficção científica tem poder e autorização para superar essas dificuldades/ impossibilidades teóricas.

⁵⁶⁵ MENEZES, Levy. Pax circense. op. cit. p. 76.

⁵⁶⁶ QUEIROZ, Rachel de. Ma-Hôre. op. cit. p.113.

⁵⁶⁷ MONTEIRO, Jeronymo. Missão de... op. cit. p. 97.

8. NAS FÍMBRIAS DA CIÊNCIA: ESPAÇO E TEMPO, MENTE E ESPÍRITO

A ciência e a tecnologia impressionam com seus resultados. No entanto, por mais que façam, surpreendendo, maravilhando, aterrorizando, ela sempre estará atrás da imaginação. Se o ritmo de progressão de seu avanço aumenta, mais se espera dela e, portanto, mais atrasada frente à imaginação. É uma relação comparável à relatividade de Einstein. Quanto mais se acelera um corpo, mais a massa tende ao infinito. De modo semelhante, o aumento de progresso científico age sobre a imaginação. Existem inumeráveis mistérios ocultos neste planeta, no ar, no mar, na terra, no subsolo. Grande curiosidade pesa sobre o tempo, passado e futuro. É uma questão de honra entender o animal homem, mormente seu segredo mais insondável, o cérebro e sua consciência. Todo ser humano passa por um momento, mínimo que seja, de angústia sobre o além vida. Para cada um desses itens o progresso científico lançou alguma forma de racionalização explicativa; nas Ciências Físicas e Naturais, na História, na Meteorologia, na Fisiologia, na Psicologia etc.

Entretanto, a imaginação posiciona-se além dessas explicações, não se satisfaz com o que a ciência pode oferecer. Há uma espécie de jogo magnético, de atração e repulsão, entre o que é tornado cientificamente familiar e o indevassado potencialmente estimulante; entre a posse e o desejo de conhecimento de tipo científico. Portanto, são importantes os duos Terra e espaço sidéreo: presente e passado-futuro; corpo e cérebro/mente; vida terrena e além vida. Sobre esses temas limítrofes do conhecimento científico, a imaginação tem muito a dizer e a ficção científica brasileira os tratou freqüentemente.

Talvez a mais vigorosa representação da abordagem imaginária dos limites da ciência seja a navegação espacial e a conquista do espaço. Contudo, não se trata de uma factível e circunspecta visita à Lua, mas a consolidação maciça da presença humana no espaço, bem como a possibilidade de alcançar distâncias incomensuráveis, do interplanetário ao intergaláctico. “*Ora a Lua, grande coisa! [...] Porventura já os homens não a conheciam há mais de duas décadas? Seria como impressionar-se com as narrações sobre as antigas caçadas na África*”.⁵⁶⁸ O impressionável não é o abandono da Terra vencendo a gravidade, mas a vitória sobre os abismos de vácuo que separam mundos e possíveis civilizações. A ciência confessa um limite horrível para a imaginação no

⁵⁶⁸ Astronauta perdido na Lua aguarda a chegada do resgate, que imagina estar próximo. Enquanto espera fica pensando nas dificuldades e perigos de outras eras, quando não se podia contar com os recursos de sua época. Seu suprimento de ar se reduz rapidamente e não há sinais do resgate. Pensa em seu filho e nas histórias que poderá lhe contar, as grandes aventuras vividas. No entanto, o ar se esgota e o socorro não chega. SCAVONE, Rubens Teixeira. As cinzentas planícies da Lua. In: TÔRRES, João Camilo de Oliveira et. al. *Antologia brasileira...* op. cit. p. 160.

concernente à navegação espacial. Teoricamente são simplesmente impossíveis longas viagens no tempo de uma existência humana. As distâncias do espaço medem-se em anos-luz e a duração dos percursos em gerações.

Possivelmente pela envergadura da limitação é que a imaginação a esnoba. Por mais que a ciência negue, a ficção científica insiste em afirmar que o progresso científico futuramente resolverá o problema. “*Tratava-se apenas de dar o primeiro salto intergalático, saber se o homem podia abandonar a Via Látea e sobreviver em outras galáxias, agora que 800.000 anos-luz haviam deixado de ser um obstáculo*”.⁵⁶⁹ O desenvolvimento posterior de novas tecnologias de navegação, de impulsão e de energias propícias superaria o desagradável empecilho. E com alguma folga. “*Com os recursos da nave seria possível alcançar uma fração da overdrive, isto é, da velocidade acima da luz no espaço sideral*”.⁵⁷⁰ Aqui neologismos funcionam para estipular o meio sobre o qual se conseguiu obter o sucesso, marcando o tempo vindouro em que isso será possível. A projeção de um futuro ultradesenvolvido contando a precariedade de seu passado, que não obstante, nos é futuro e já bastante desenvolvido, é uma forma de responder em dimensão o problema da intransponibilidade rápida do espaço. “*Imagina [...] como era longe naquele tempo! Num tempo em que ainda dependíamos do hiperespaço!*”.⁵⁷¹ Não deixa de ser irônica a transmutação da frustração ante essa realidade em uma inconcebível facilidade para transpor o vácuo. “*Nossa missão é muito modesta. Tudo o que temos a fazer é sair do sistema solar, dar uma espiada lá fora e voltar*”.⁵⁷² Sobre isso, a complexidade em acertar o rumo de uma simples sonda interplanetária é suficientemente prolixa para evidenciar o quanto a imaginação contraria os fatos reais.

Em contrapartida às exacerbações de velocidades na navegação espacial, a colonização humana do espaço oferece outra vertente em sintonia com a lide do limite científico. As estações orbitais são o meio mais factível e próximo de concretizar tal sonho, contudo, um outro mundo desconhecido oferece espaço suficiente e mais adequado para o encontro de diversos mistérios inexistentes na Terra. Uma civilização inteligente, por exemplo. Mundos próximos, mundos possivelmente habitáveis, poucos e tocados à distância pela ciência oferecem condições ideais para o florescimento da imaginação. A colonização da Lua é algo com o que se impressione, mas Marte... o planeta irmão da Terra?! Há muito mais o que considerar. Marte e os marcianos são o produto de um engano. “*Grande parte da idéia de Marte ser uma morada da vida, bem como a predominância dos*

⁵⁶⁹ CUNHA, Fausto. Regresso. op. cit. p. 94. Grifo nosso.

⁵⁷⁰ CUNHA, Fausto. Viagem às... op. cit. p. 152. Grifo nosso.

⁵⁷¹ CUNHA, Fausto. Mobile. op. cit. p. 142.

⁵⁷² CUNHA, Fausto. Viagem às... op. cit. p. 152.

'marcianos' na ficção popular, deriva dos canais"⁵⁷³ marcianos, observados por astrônomos em todo o mundo em fins do século XIX. Diversas linhas "entrecruzando-se pela superfície marciana [levaram a] conclusões imaginativas sobre um planeta crestado e moribundo, povoado por uma civilização técnica mais antiga e mais sábia que se dedicava à conservação dos recursos hídricos".⁵⁷⁴ Os canais, na verdade gigantescos penhascos e desfiladeiros formados por erosão, foram interpretados como obras de engenharia avançada para irrigação de áreas desertificadas e decadentes do planeta vermelho.

A correção do erro de observação jamais suprimiu as vozes dos crentes da vida marciana. Boa parte delas de cientistas entusiasmados. Para a ficção científica, não há, universalmente, lugar mais freqüentado pela imaginação que se propõe criar um paradoxo científico, social e religioso para o homem do que Marte. Muitos mundos foram inventados, e dentre eles, Marte o foi diversas vezes. É astronomicamente próximo e imaginariamente imenso para confluir sobre ele, as mais ricas fantasias e as realistas interpelações científicas. Isso, é claro, até o momento em que chegarmos lá e passarmos a conhecê-lo melhor. Então, Marte será familiar e haverá outras distâncias e outras intangibilidades onde frutificar a imaginação.

A imagem da conquista do espaço e da permanência do homem por lá, portanto, passa pela colonização de Marte, o encontro de seus mistérios e a perspectiva incorporada na sucessão rumo ao futuro da transformação desse evento em algo comum, simples e evidente no rastro da progressão científico-tecnológica. "A rotineira entrega da mala diplomática em Marte foi seguida da recepção também rotineira com que os marcianos [colonos terráqueos] festejam sempre, todos os pilotos do espaço".⁵⁷⁵ A facilidade da empresa, só não é maior do que a capacidade do homem alterar globalmente as condições planetárias de qualquer mundo, desenvolvendo-os e os tornando humanamente acolhedores. "Meus amigos, Marte não é mais um deserto experimental. É uma filial ultracivilizada da Terra".⁵⁷⁶ Ao alcance humano, os segredos do planeta são revelados e/ou confirmados, por exemplo, no caso da civilização decadente que lá existiria. Os extraterrenos "vinham de Deimos mas sua origem era o devastado planêta Marte".⁵⁷⁷ A idéia de um mundo em extinção fez supor que Marte abrigava uma civilização mais velha, e que, portanto, talvez o homem e a Terra futuramente caminhassem para o mesmo destino. A imaginação da colonização do espaço passando por Marte, faz ir além dessa realização

⁵⁷³ SAGAN, Carl. O mundo... op. cit. p. 60.

⁵⁷⁴ Id.

⁵⁷⁵ MONTEIRO, Jeronymo. Estação espacial... op. cit. p. 149.

⁵⁷⁶ SCAVONE, Rubens Teixeira. Passagem para... op. cit. p. 122.

⁵⁷⁷ QUEIROZ, Dinah Silveira de. A universidade... op. cit. p. 83. Deimos é um dos dois satélites de Marte, sendo o outro Phobos. Sobre Marte e outros planetas do Sistema Solar ver: MOURÃO, Ronaldo R. de Freitas. Explicando o cosmos. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1984.

prodigiosa – atualmente escalada para cerca do ano 2020 – pondo em questão a sucessão desses eventos e a própria finitude da Terra. E depois de Marte? A conclusão é a de que não poderemos parar, sob pena de igualarmos a imagem decadente de Marte. “*Marte. É um planeta que morre? Ou é um planeta que nasce para a verdadeira vida dos planetas, a solidão e o silêncio? A resposta é poesia. Não mais pousarão aqui as nossas aeronaves. Marte será para nós uma advertência de que o homem não pode estacionar no Universo*”.⁵⁷⁸

Situar no futuro indeterminado marcos do desenvolvimento científico como esses das altas velocidades dos futuros veículos espaciais, assim como as visões de rotina de uma concreta colonização das vizinhanças da Terra – Marte principalmente –, estabelece uma intimidade ou um vício de interpretação do futuro, como uma etapa sempre a ser superada e deixada para trás, de constante obsolescência, ante a inexorável caminhada do progresso técnico-científico rumo ao domínio do mundo natural, concedendo ao homem um poder algo divinizado de execução de suas necessidades (re)criadas e seus desejos. Tal perspectiva, como já vimos, aflora em sintonia e é parte essencial da ficção científica. Velocidade, sucessão e transformação, encurtando distâncias e fenômenos, coroando o efêmero, tornam a compreensão da temporalidade relativamente ao seu encurtamento. A antiguidade não foi há tanto tempo e o futuro, como se repete à larga, “é agora”. Compreender o presente como uma realização atemporal, o sendo como um recorrente foi-será, faz parte da sensibilidade moderna um tanto canibal, do novo sem originalidade devorando o velho que, paradoxalmente, não teve tempo de sê-lo, numa sucessão vertiginosa.

Essa sensibilidade sucessória certamente contribuiu para a idéia de travessia do tempo, do presente que vai e vem ao futuro e ao passado. A promiscuidade do presente com o passado e o futuro, e principalmente com este, foi reforçada com a perspectiva de que a ciência e a tecnologia poderiam resolver o problema de isolamento do enclave presente na sucessão temporal. A velocidade moderna permite perceber com mais nitidez, ou construir com mais habilidade e pormenores, o transcorrer do tempo, ao passo que o progresso técnico-científico insere a possibilidade de percorrer esse transcurso, ou seja, de tornar presente qualquer tempo que, em outras sensibilidades de diferentes épocas, não o eram.

As viagens no tempo, como um produto direto da intervenção científica e tecnológica, surgiram a partir de H. G. Wells com *A máquina do tempo* em 1895. A partir de então a travessia do tempo tornou-se imaginariamente um componente da promessa de realização científica e um espaço aberto à exploração. “*Rio de Janeiro, 25 – 1ª Divisão do Período Anual de 3144. Ao Capitão Bruno Marques (Explorador n.º P-105). Em qualquer*

⁵⁷⁸ CUNHA, Fausto. Último vôo... op. cit. p. 103-4.

Lugar no Tempo e no Espaço. Base Cronos VII.⁵⁷⁹ A semelhante dificuldade tanto de transpor o espaço profundo, como atravessar o tempo, propiciou atitude de desdém próxima à ocorrida com a observada na travessia do espaço. Tecnicamente impossível, vencer o tempo ganha na imaginação uma simplicidade inversamente proporcional à sua realidade. Forças naturais desconhecidas e inventadas concentram-se em aparelhos de reduzidas proporções. “O diadema fino [...] era caminho do tempo”.⁵⁸⁰ Bem como de ínfima complexidade operacional. “Estava pronto para a viagem. O pequeno aparelho no bôlso, os ponteiros marcando a época desejada: trinta anos antes, quando conhecera Estela. Só apertar o botão e...”.⁵⁸¹ Somente “um botão” e a transferência temporal se realiza. Com que objetivos?! Conhecer o nosso destino ou exatamente como chegamos ao que somos parece ser o ponto principal. Mas, essas máquinas não existem e as pessoas têm consciência disso. A viagem no tempo é um outro modo de nos afastarmos de nós mesmos para evidenciarmos detalhes específicos, escolhidos com algum critério. Sabendo o desfecho poderíamos alterar a seqüência de fatos que o engendrou. Tanto em relação ao passado como ao futuro. Ambos são tornados presentes, quando é possível a ação transformadora, de modo a modificarem esse mesmo presente – em algum momento.

Para os anos da Guerra Fria, a viagem no tempo é sintomática e plena de utilidade para mostrar e antecipar erros. “É horrível! O que estamos vendo, Miguel, o que estamos vendo são cenas do futuro. É o que espera o homem... Ruínas, volta à barbárie... criaturas deformadas pela radiação atômica... Fome, miséria... Não! Não pode ser”.⁵⁸² Máquinas do tempo notadamente mostram o futuro, à exceção de aventureiros paleontólogos e similares com interesses no passado, com destaque para os momentos de desenvolvimento da ciência. Afinal, a máquina fruto desse empreendimento, originalmente progressivo, desperta muito mais curiosidade sobre o que nada se conhece do que tempos em alguma medida noticiados pela história, não obstante esta possuir exercícios de imaginação como o que se pede, por exemplo, para a ficção científica. Portanto, a viagem no tempo também deve conhecer alguma forma de progresso tanto mais se avança no tempo futuro. “Venho de mais

⁵⁷⁹ SASSI, Guido Wilmar. *Lamentações da...* op. cit. p. 75.

⁵⁸⁰ Na tranqüila existência de um futuro em que a mente pode manipular os sons, as cores e as máquinas, uma mulher enfeita um jardim com luz e melodias para recepcionar o marido de uma viagem sensorial ao passado. No entanto, ela é arrebatada em um êxtase que prenuncia o nascimento de seu décimo filho e se vê obrigada a parar de trabalhar nos preparativos da recepção. SELJAN, Zora. *Maternidade*. In: MALHEIROS, Álvaro et. al. *Histórias do...* op. cit. p. 131.

⁵⁸¹ Cientista infeliz pela morte da mulher e do filho em um acidente de automóvel, debruça-se na pesquisa de uma máquina do tempo, com o intuito de salvar sua família. O sucesso na obtenção do aparelho impede o cientista de perceber que o retorno no tempo faz com que ele se esqueça o que aconteceu e o impossibilite de alterar os fatos, ficando ele preso na seqüência de acontecimentos que vai do acidente à máquina do tempo, volta ao acidente e à máquina do tempo, sucessiva e interminavelmente. SASSI, Guido Wilmar. *Prisioneiro do círculo. Testemunha do...* op. cit. p. 95.

⁵⁸² MONTEIRO, Jeronymo. *O copo...* op. cit. p. 87.

longe do que pensas. De mais tarde do que pensas... No entanto, tua viagem terá sido mais penosa".⁵⁸³

Deslocamentos temporais e espaciais são desenvolvimentos técnico-científicos do homem em relação ao seu meio ambiente. Contudo, a antevisão do progresso científico no que diz respeito aos liames de seu poder de realização está dirigida à evolução, mesmo biológica, do próprio homem. Uma vez que, ao progresso técnico é desejado, mais do que esperado, um correspondente avanço moral e ético, relação semelhante é projetada sobre os aspectos da fisiologia e biologia humana, e mesmo de sua espiritualidade. Algumas imagens entendem uma fusão dessas particularidades na figura de ciborgues. Homens compostos com máquinas e artifícios da tecnologia, aperfeiçoando-o, até mesmo considerando uma substituição pelo robô, uma espécie de homem totalmente metálico e eletrônico. Esta certamente não é uma das visões mais simpáticas e idealizadas da futura humanidade, trata-se antes de uma visão de condenação, derrota ou submissão à máquina e seu desenvolvimento. Uma visão mais tolerável e até desejada é a da evolução humana adaptando-se à realidade das máquinas. Melhorando nossas condições de vida e aprendizado, tenderíamos a nos melhorar biologicamente. O desenvolvimento do cérebro nas imagens de ficção científica é característico. Já foi visto que uma consequência positiva seria o aumento da capacidade de cognição e o crescimento geral do poder da inteligência humana.

Outras vantagens além dos preciosos aumentos da inteligência de forma geral seriam o acréscimo de funções antes inexistentes ou parcamente conhecidas e infimamente dominadas. Os *telepoderes* figuram como grande incremento ao cérebro humano no rastro do desenvolvimento da inteligência. Dentre todas as suas possíveis combinações, a telepatia é a mais explorada. Considerada, equivocadamente, como comunicação por pensamentos, a telepatia apresenta-se como uma verdadeira revolução das comunicações. Trata-se de um engano, pois "*telepatia*' refere-se literalmente a sentir à distância – assim como 'telefone' a escutar à distância e 'televisão' a ver à distância. A palavra não sugere a comunicação de pensamentos, mas de sentimentos, emoções".⁵⁸⁴ Todavia, é empregada, na maioria dos casos, no sentido de conversação pelo pensamento. Em alguns momentos, auxiliados por aparelhagens sofisticadas e de aparente complexidade. "*Estamos vendo e ouvindo Hiox, A-11, diretamente do Campo Vhur, em Marte. Vamos telementalizar para Arcturus IV. [...] Se o senhor se afastar mais um pouco dêsse transmissor borgatrônico, a recepção ficará melhor...*".⁵⁸⁵ Em outros momentos, é uma particularidade do cérebro capaz

⁵⁸³ MENEZES, Levy. L. v. R. op. cit. p. 57.

⁵⁸⁴ SAGAN, Carl. *O mundo...* op. cit. p. 222.

⁵⁸⁵ CUNHA, Fausto. *Último vôo...* op. cit. p. 96 e 99.

de enviar por conta própria as palavras mentalizadas. “*Lhe falaram. Não em palavras; em idéias! Elas se formavam em seu cérebro, mas ele ‘sabia’ que não eram suas. Vinham de fora*”.⁵⁸⁶ Ou troca de imagens “*Acomodávamos a nuca sobre discos dielétricos crivados de pontinhos metálicos, claros e escuros, que facilitavam as imagens telepáticas*”.⁵⁸⁷ O avanço fisiológico do cérebro dispensa aparelhagens de comunicação, agilizando e incrementando as ações, por exemplo, dispensando o tempo em apertar botões. “*Transmitiu pensamentos de comando aos robôs da casa, pedindo o que necessitava*”.⁵⁸⁸

Em raras ocasiões, a telepatia é empregada conforme seu termo literal, num também raro momento em que uma pacífica civilização extraterrestre não exige ou impõe a paz aos homens, mas antes, preocupa-se em ensinar as mazelas da violência e da dor. A transmissão de sensações excruciantes é telepática e o aluno sente-se executado, açoitado e punido através de um artifício mental que engana seu cérebro, pois, em realidade seu corpo está incólume e seguro. “*Horror, tôdas as torpes vivências, tôda a infelicidade da criatura de olhos perversos, ofegante, que o surrava, lhe apareciam resumidas em fulgurantes lampejos de cada vez que era tocado. Éle é o núcleo de angústia, curiosamente isolado sem dor, porém com a percepção da mesma multiplicada ao infinito*”.⁵⁸⁹ Depois de vivenciar a impactante experiência, o indivíduo sai inevitavelmente modificado, o que o torna mais sereno e pacífico não por coerção, mas pelo convencimento das sensações, um resumo avançado do sofrimento transmitido por telepatia.

Em ocasiões particulares a telepatia é agregada a outros *telepoderes* concedendo ao homem um poder incomensurável, muitas vezes associado ao sobrenatural e, portanto, em afastamento em relação à atuação científica. Não obstante, tais capacidades livres da intervenção tecnológica ganham uma ascendência de origem na base técnico-científica. Na medida de sua evolução técnica e biológica, bem como de seus conhecimentos sobre o mundo, o homem tenderia à imaterialidade, num estado semelhante ao que é atribuído a civilizações mais adiantadas do que a humana, como já observado. Nesse caso, entende-se que a evolução humana atingiria o ponto em que a Mente poderia desligar-se de sua âncora material, o cérebro, e viver livremente, uma vez que a Mente conseguiria, então, agir sobre qualquer meio material, dependendo disso de sua decisão consciente e de sua imaginação. “*Hoje criamos tudo pelo poder da imaginação. Conhecemos a natureza da matéria e as técnicas descobertas pelos nossos avós [a nossa civilização tecnológica]. Basta unir o*

⁵⁸⁶ MARTELLO, Nilson. Espírito iluminado. op. cit. p. 104.

⁵⁸⁷ FETEIRA, Raul. *Sete moradas...* op. cit. p. 24.

⁵⁸⁸ SELJAN, Zora. Maternidade. op. cit. p. 133.

⁵⁸⁹ MENEZES, Levy. Pavilhão de... op. cit. p. 122-23.

desejo ao conhecimento para inventarmos as coisas de que necessitamos. [...] Podemos ter tudo apenas materializando a vontade".⁵⁹⁰

O extremo de existência beirando a imaterialidade insere a questão – também limítrofe para a ciência – sobre a vida após a morte. Tal preocupação não deixa de relacionar-se com alguns outros mistérios concernentes à espiritualidade e à religiosidade do ser humano sob interpretação de uma lente científica. O além vida, a espiritualidade e a religiosidade são temas explorados em todo o mundo. Entrementes, recebe no Brasil uma atenção bastante elevada. A importante preocupação depositada no tema deve relacionar-se com o papel de destaque que a religiosidade possui no país. Todavia, longe de tornar a ficção científica brasileira muito diferente da existente no exterior, essa especificidade antes a enriquece e oferece um espaço a mais para explorar a presença da ciência no meio social.

A existência de uma visão de religiosidade perpassada por um filtro de compreensão da ação científica mistura noções de um cristianismo católico com aspectos de espiritismo e umbandismo, sobretudo das crenças reencarnacionistas. A lógica do desenvolvimento científico pressupõe a obtenção de tecnologias que permitam ao mundo material e humano o controle sobre aspectos da esfera espiritual. Subseqüentemente, o progresso tecnológico superaria a materialidade e se realizaria diretamente no mundo transcendental. Haveria uma tecnologia na lide dos fenômenos imateriais, nas ações puramente espirituais. Assim, muito do que se supõe sobrenatural, parapsicológico e transcendente ganha explicações de cunho científico ou tendente a sê-lo. Rompe-se a noção de que este mundo material e outros imateriais estejam separados por uma passagem incompreensível para a ciência atual. A distinção entre a materialidade em que vivemos e o mundo espiritual seria uma questão de etapas de evolução humana ou da inteligência de um modo geral. Do bruto e sólido para o sutil e etéreo. De uma razão fechada e limitada para o conhecimento abrangente e infinito. *“As inteligências do espaço [...] conquanto ainda detenham em si estruturas celulares, possuem características inerentes aos puros espíritos. Por suas condições peculiares, tornaram-se visitantes de galáxias”*.⁵⁹¹

O limite que a matéria impõe impede a perfeita visualização e compreensão dos fenômenos espirituais. Por outro lado, o inverso não é verdadeiro. O mundo transcendente está perfeitamente ciente de nossa presença e, inclusive, interfere no mundo material colaborando para sua evolução e libertação. As figuras mítico-religiosas seriam estas

⁵⁹⁰ SELJAN, Zora. O verbo. op. cit. p. 170. A civilização dos *Crew* atingiu esse patamar ao construir uma máquina gigantesca para os livrar, definitivamente, da dependência da instrumentalidade e interagir a mente diretamente com o mundo físico. No entanto, ao transformar a mente em ação física, os *Crew* liberaram os medos e ódios contidos no inconsciente (Id) e se auto destruíram. Ver: O PLANETA PROIBIDO (Forbidden planet). Fred M. Wilcox. EUA: MGM, 1956. 1 videocassete. (98min) dub., color.; VHS/NTSC.

⁵⁹¹ FETEIRA, Raul. Somos parte... op. cit. p. 118.

manifestações no mundo material incorretamente interpretadas. Não obstante seu maior poder de ação, no entanto, a ajuda que oferecem deve sofrer adaptação para que não seja mal interpretada pelas inteligências materiais. “*Estão neste momento aprendendo a reduzir suas vibrações mentais até ficarem ao nível da vida desse planeta. Não se recordarão, enquanto viverem, de que são de outra Terra, para que não sintam muitas saudades*”.⁵⁹² O contato entre essas esferas de inteligência é difícil e muitas vezes falho devido aos níveis diferenciados de inteligências. “*A experiência fracassou. Estamos espiritualizados demais para explorar planetas de uma galáxia tão atrasada*”.⁵⁹³ A lógica científica adaptada oferece uma explicação racional para os fenômenos ditos milagrosos ou sobrenaturais. Um contato bem ou mal sucedido entre níveis diferenciados de inteligências manifestando-se em ambientes díspares.

Entretanto, a capacidade técnico-científica da humanidade poderia penetrar na espiritualidade e oferecer a interpretação desses ambientes, propiciando meios tecnológicos de interação e uso deles. “*Observando os rituais da Umbanda, viajando para a Índia, conhecendo profundamente a ioga, um jovem físico brasileiro determinara o que poderia vir a ser a mecanização e a descarga, por assim dizer, deste conjunto de forças interiores – todas elas físicas – que compõem aquilo que os crentes chamam de alma*”.⁵⁹⁴ Num primeiro momento, a lógica científica argumenta que os mundos espiritual e material são componentes da realidade física e, depois, afasta o entendimento leigo e religioso dessa realidade “*os crentes chamam de alma*”, reforçando o pertencimento à racionalização científica e não à crença religiosa. O domínio e a técnica de controle sobre o mundo material se estende ao espiritual e daí poder-se-ia retirar vantagens e conquistas ainda maiores. “*Ouvi dizer que estavam tentando lançar no espaço um homem sem máquina [através da] desintegração do corpo humano. [Era] o primeiro passo para a nova conquista da ciência*”.⁵⁹⁵ Liberar a mente do peso que representa o corpo e poder alçar o homem a viagens e deslocamentos materialmente limitados, mas que poderiam se realizar de forma pura ou direta sem a mediação de máquinas e instrumentos. “*A Operação Ânima prosseguirá em nosso país, [no Brasil] no que diz respeito ao projeto e técnica de propulsão dos espíritos*”.⁵⁹⁶ As viagens sem o corpo não se realizariam apenas para distâncias espaciais, mas também temporais. “*Precisaríamos de meia-dúzia de ‘médiuns’ da melhor qualidade. Com eles, nosso espírito poderia ser lançado ao futuro...*”.⁵⁹⁷ Dependendo de que

⁵⁹² SELJAN, Zora. O verbo. op. cit. p. 180.

⁵⁹³ Ibid. p. 175.

⁵⁹⁴ QUEIROZ, Dinah Silveira de. Ânima. op. cit. p. 98.

⁵⁹⁵ ELIACHAR, Leon. A experiência. op. cit. p. 98-99.

⁵⁹⁶ QUEIROZ, Dinah Silveira de. Ânima. op. cit. p. 100.

⁵⁹⁷ MONTEIRO, Jeronymo. Três meses... op. cit. p. 18.

tecnologia se desenvolva, é necessário o conhecimento dos meios que possibilitem criar técnicas de uso corrente, seja uma tecnologia voltada para os meios mecânicos e materiais, seja para os meios mentais e espirituais. *“Muita gente esteve perto de vir [ao futuro]. Com aparelhos ou com pensamentos”*.⁵⁹⁸

O encontro de religião e ciência na ficção científica brasileira ocorre mais no sentido de uma justificção racionalizadora daquela, do que na de um enfrentamento antitético em favor da última. Em geral, os fatos religiosos recebem uma explicação adaptada à realidade científica e não uma contestação aberta que oferece uma outra explicação contrária aos acontecimentos narrados por um ponto de vista místico. O fato sobrenatural torna-se natural quando sua explicação espiritista é substituída por uma outra de cunho científicante. A religião dá lugar à ciência, mas o milagre, por assim dizer, permanece entendido de outra forma. No futuro tecnológico, os rituais religiosos podem desaparecer, mas a crença em alguma divindade talvez persista caso não seja superada. *“– Rezar? Que palavra é essa? – É uma palavra muito antiga, Hiox. Significa dirigir-se a Deus”*.⁵⁹⁹

Eis como o nascimento e a pregação de Jesus evidencia-se sob uma interpretação do ponto de vista da realidade aferida pela ciência ou mesmo uma transposição da antiguidade para o futuro tecnológico. Sobre os fatos de seu nascimento: *“Só porque um casal, vindo convocado pelas ordens do Comitê de Contrôle, não encontrando onde hospedar-se, tem um filho numa gruta... já há fanáticos que inventam tôda uma lenda?”*.⁶⁰⁰ O mistério da estrela de Belém é banal. *“O satélite já havia dado várias voltas à Terra, e, agora, outra vez se achava por cima da estrebaria. – Não fôsse ela [a luz do satélite] e nós não teríamos vindo aqui – comentou o veterinário. – Foi como se ela nos ensinasse o caminho”*.⁶⁰¹ Por vezes o mistério permanece mas o tempo é outro. *“Eu via aquilo que jamais aconteceu no céu! Eu estava contaminado pela neurose da estrêla... [...] Sim. Eu tinha a coisa. E o pior é que aquela estrêla impossível, jamais acontecida, aquêle corpo celeste cuja natureza vinha por certo de minha morbidez, como que dizia algo para mim! [...] É uma curiosa manifestação que tem seu tempo certo: do dia 24 a 25 de dezembro”*.⁶⁰² Já adulto, transmitindo seus ensinamentos, Jesus tinha em mente modificar o homem, para que este futuramente não se matasse, a fim de evitar uma invasão alienígena. *“Houve um só que, muito antes de principiarmos a nossa tática, previu tudo. Chamava-se... como se chamava? [...] Chamava-se Jesus, filho de José: ‘Ami-vos uns aos outros’, gritava Éle perdidamente, mas vocês não o ouviram, não o ouvirão jamais – isso felizmente para nós! E*

⁵⁹⁸ OLINTO, Antônio. O menino... op. cit. p. 36.

⁵⁹⁹ CUNHA, Fausto. Último vôo... op. cit. p. 97.

⁶⁰⁰ MALHEIROS, Álvaro. Natal G... op. cit. p.11.

⁶⁰¹ SASSI, Guido Wilmar. A estrêla. op. cit. p. 17.

⁶⁰² QUEIROZ, Dinah Silveira de. O céu... op. cit. p. 57-58.

nós herdaremos a Terra. Nós a limparemos de seus cadáveres e de sua radioatividade".⁶⁰³ Novamente a ameaça nuclear oferece um tratamento diferente para ser trabalhado. Jesus pregando em função de um tempo muito distante em que o perigo da autodestruição humana ofereceria a oportunidade de uma outra civilização ocupar o nosso espaço. No mesmo tema, outra imagem religiosa é utilizada. A reconstrução do mundo, a recriação da Terra como responsabilidade de uns poucos sobreviventes evoca a própria criação do mundo. "O sr. tem uma filha, Sr. De Franco... Isto perfaz exatamente dois casais [dois] 'Adão e Eva'..."⁶⁰⁴

O espiritualismo e a religiosidade não se ausentam, antes são transformados, ou melhor, adaptados. Isso é mais uma vez observado tendo-se em vista que a nova função de trabalhadores do espaço conceda aos astronautas um santo protetor, a "*Madona dos Astronautas*".⁶⁰⁵ A religiosidade da cultura brasileira é evidente e bastante participativa da nossa produção de ficção científica. Nas imagens e descrições específicas das transformações esperadas pela intervenção científica no mundo social – nossa derradeira análise das imagens da ficção científica brasileira – está presente essa preocupação. Sobretudo porque o sagrado ganha ocasionalmente *status* de pertencimento a uma cultura extraterrena superior e sábia; Jesus pode se tornar uma eminente figura dessa civilização e o cristianismo ser uma ampla experiência deles para transformar e ajudar a humanidade a melhorar. "O cristianismo seria a força espiritual capaz de unir todos os homens, no mais amplo e sadio conceito de fraternidade".⁶⁰⁶

⁶⁰³ QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Êles herdarão...* op. cit. p. 172.

⁶⁰⁴ MARTELLO, Nilson. *Foguete "Mãe"*. op. cit. p. 188.

⁶⁰⁵ SCAVONE, Rubens Teixeira. *O fim...* op. cit. p. 106.

⁶⁰⁶ FETEIRA, Raul. *Sete moradas...* op. cit. p. 88.

9. IMAGENS ABRANGENTES DO FUTURO: O MUNDO E O BRASIL TRANSFORMADOS

As imagens da ficção científica brasileira até aqui examinadas mostram mudanças importantes, desejadas e temidas a serem realizadas no futuro. Contudo, a maior parte delas refere-se a pormenores que, de um modo abrangente, ilustram a sensibilidade acelerada e a constatação da ampliação do poder de interferência do homem sobre o mundo natural e sobre si mesmo, presentes, principalmente, no século XX. A fecundidade de tratamentos circunscritos a problemas específicos, poucos personagens e situações breves das histórias brasileiras revelam, de certo modo, pouca intimidade com o gênero. Há boa vontade dos autores, mas relativamente pouca segurança e habilidade para trabalhar nesse espaço. Ocorrem idéias interessantes, porém elas não são devidamente exploradas ou, mais apropriadamente, não são bem desdobradas em várias possibilidades de implicações paralelas ao ponto central. A maleabilidade pertinente à nova tendência mundial sobra ante os usos existentes das histórias brasileiras.

A riqueza de opções de criatividade para um contato com extraterrestres, por exemplo, não apresenta plenamente aqui a estranheza de tal encontro como o faz o polonês Stanislaw Lem em *Solaris*⁶⁰⁷; ou o caso da vida subterrânea decorrente do holocausto nuclear, recorrente entre nossos autores, não expõe a complexidade das alterações sociais na vida do subsolo como existe em *A cidade dos asfixiados*, do francês Régis Messac;⁶⁰⁸ e a abordagem religiosa não revela a profusa imbricação cultural, social e histórica que possui *Um cântico para Leibowitz* do norte americano Walter M. Miller Jr.⁶⁰⁹ Talvez o caso narrado por Fausto Cunha seja emblemático da ausência de desenvolvimento subsequente de boas idéias. Em nota final ao seu conto *Viagens às fronteiras do infinito*, ele afirma que sua idéia de uma missão terrena encontrando um artefato de origem desconhecida no sistema solar (a nave *Dante*) de 1968 foi desenvolvida em 1973 pelo britânico Arthur C. Clarke com muito mais riqueza em *Encontro com Rama*⁶¹⁰ devido à “óbvia superioridade de Clarke como autor de ficção científica”.⁶¹¹ De fato a história possui riquezas de detalhes, não necessariamente possuindo plausibilidade científica, mas aproveitando intensamente as sugestões de um encontro tão importante como este.

Num julgamento primário poder-se-ia acusar os nossos autores de preguiça ou falta de empenho no tratamento das boas idéias que tiveram. Porém haveria uma dupla injustiça.

⁶⁰⁷ (Solaris) LEM, Stanislaw. *Solaris*. São Paulo: Círculo do livro, 1989.

⁶⁰⁸ (La cité des asphyxiés). MESSAC, Régis. *A cidade dos asfixiados*. São Paulo: Círculo do livro, s/d.

⁶⁰⁹ (A canticle for Leibowitz). MILLER Jr., Walter M. *Um cântico para Leibowitz*. São Paulo: Círculo do livro, 1987.

⁶¹⁰ (Rendezvous whit Rama). CLARKE, Arthur C. *Encontro com Rama*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, s/d.

⁶¹¹ CUNHA, Fausto. *Viagem às...* op. cit. p. 159.

Em primeiro lugar a afirmativa homogeneizaria todas as histórias misturando as boas experiências com as fracas. E em segundo lugar, deve-se lembrar que não havia e não há espaço editorial economicamente viável para sustentar iniciativas duradouras e permanentes na área de ficção científica. Como em qualquer boa literatura, boas histórias originam-se de empenho, insistência e intimidade com o tema explorado. A ausência dessas condições dificultou o aparecimento de boas histórias de ficção científica. Não obstante, elas existem. Devido à maleabilidade oferecida pela nova tendência mundial, ao pendor e à simpatia de alguns autores pelo gênero e, possivelmente, à inserção efetiva do país no mundo dos produtos tecnológicos derivados da ciência que se observou no chamado período do Desenvolvimentismo, entre o fim da Segunda Guerra e a Ditadura Militar.

As poucas histórias que apresentam um desenvolvimento maior das implicações possibilitadas pelo tema abordado têm ampliada a criatividade sobre as relações de variados aspectos com a ciência, conseguindo projetar transformações mais agudas no meio social e humano. Por assim dizer, há eventualmente uma visão que enxerga mais longe as conseqüências da interação com a ciência e a tecnologia do que a maioria das histórias aqui estudadas. O tratamento mais rico de um tema não significa, contudo, uma história mais longa. Jeronymo Monteiro faz uma dessas análises enriquecidas procurando desenvolver vários aspectos sociais, culturais, econômicos e religiosos de uma sociedade futura no seu romance *Três meses no século 81*. Contudo, as suas idéias se repetem em outros romances como *Visitantes do espaço* e contos como os de *Tangentes da realidade* e *Estação espacial Alfa*. O contrário se observa nos contos de Dinah Silveira de Queiroz, histórias curtas, cada qual, no entanto, centradas em um tema diferente com implicações dessemelhantes.

Transformações profundas que vão muito além do que o aumento de conforto e facilidades no atual modo de vida, mais do que a diminuição de distâncias e a agilização de ritmo dos acontecimentos, bem como novas relações de interatividade com a natureza, não são comuns na ficção científica brasileira. Não que essas transformações sejam pequenas, mas vê-se poucas imagens dos efeitos da mutação do mundo material humano agindo em questões filosóficas, sociais, éticas, econômicas e religiosas. Subsiste um otimismo que não se mostra no que é baseado, exceto em grandes generalizações. As coisas serão mais rápidas, eficientes, limpas, higiênicas, harmoniosas, fáceis e isso é bom. Mas por quê? Demonstrem-se motivos de mudanças, mas falta em grande parte exatamente o que irá mudar e como isso influenciará o todo do futuro imaginado. Entretanto, temos algumas descrições que atendem e preenchem, em alguma medida, essas lacunas. A intrusão técnico-científica maciça no mundo social em seus diversos aspectos, possibilitou

polarização de fortes opiniões a respeito. Sua presença irrevogável suscitou temeridades pessimistas e efusivas aprovações otimistas, passando pela mais saudável prudência. Pode-se dizer com alguma segurança que opiniões e visões acerca do tema não eram de especialistas ou de bem informados leigos. Era algo sobre o qual sabiam alguma coisa. Provavelmente a ciência se lhes afigurava numa base essencialmente distante, uma idéia geral a respeito. Isso se conclui das generalizações efetuadas sobre a relação homem-ciência presentes nas imagens. Vejamo-las.

O maior receio de uma transformação humana com a intensificação do emprego da ciência e da tecnologia na vida ordinária, baseia-se na deturpação do que se poderia denominar o *espírito humano*, isto é, todas as qualidades atribuíveis ao homem, mas não exclusivas a ele, sinais de sua distinção e exclusividade. São características de tom sentimental e sociável como o amor, a amizade, o toque fraternal e passional que, mais do que nos distinguir de animais e plantas, nos diferenciam das máquinas. A crescente maquinalidade do mundo social, pela qual inúmeras atividades humanas são substituídas por máquinas, engendrou a dúvida sobre a possibilidade do processo englobar o próprio homem, tornando-o ele mesmo uma máquina como o robô ou um misto de ambos como o ciborgue. O receio está justamente em que o homem adquira as características maquinais como frieza, impessoalidade, funcionalidade, próprias de coisas e objetos em detrimento daqueles considerados os atributos que distinguem sua humanidade, ou seja, uma transformação da ternura para a brutalidade, da sensibilidade humana para a impassibilidade mecânica objetiva. Qualidades humanas como o amor, são vistas sob ameaça pela civilização tecnológica exacerbada. Num exemplo, a humanidade tecnicamente superdesenvolvida, considera a abolição desse sentimento o fator que permitiu instaurar a ordem e a paz no futuro. No entanto, é a opinião de um mundo decadente à beira da extinção. *“Houve amor, antigamente. E foi a moléstia mais perigosa que atingiu o homem! [...] Era o maior fator de discórdia entre os homens, a causa primordial dos conflitos, das lutas, de toda a infelicidade”*.⁶¹²

A ordenação técnico-científica submete o sentimento humano aos seus ditames organizacionais, estipulando uma forma de exercê-lo de acordo com regras de lógica e imaginada objetividade, apresentadas por fim como uma camisa-de-força ou uma restrição à livre expressão que se entende ser necessário à sua plenitude. *“Naquele ano de 2.222, [...] o sentimento que no milênio anterior se denominava amor fôra substituído por uma expressão mais exata, ou seja, a afinidade, não só sexual mas também intelectual – a chave que presidia a todas as uniões, depois dos exames coercitivamente impostos, de acôrdo*

⁶¹² MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 118.

com os *indeclináveis interesses coletivos*".⁶¹³ Por, talvez, ser um meio de afirmação e exercício da liberdade individual, o amor é algo a ser censurado nesse futuro. "*Amor, me ama amor*", disse a mulher, pronunciando *passionalmente A Grande Palavra do CO. [...] (Código de Obscenidades, coleção de palavras de uso rigorosamente interdito.)*".⁶¹⁴ Outra característica apontada como exemplificadora de humanidade é a maternidade. Tal como em outros exemplos, a postura futura apresenta um modo científico de concepção exercido por máquinas que demonstram a intrusão da ciência e da tecnologia no meio natural e humano. À operação pretensamente eficiente é atribuído um revestimento de progresso, de melhoria da função. A atitude recalcitrante de uma jovem mãe conceber na "velha" forma é considerada animalesca, bárbara mesmo. Contudo, a aura heróica que recobre sua decisão revela o receio da plausibilidade da concepção extra-útero, já manifestada pela autora em outro conto, em sua definição *filhos de laboratório*⁶¹⁵, provavelmente referindo-se aos bebês de proveta.

[A jovem mãe] decidiu ter o primeiro filho como as mulheres há séculos não o faziam [ignorando] os conceitos altamente civilizados da mãe moderna, que se utiliza das cubas de porcelana em vez do próprio ventre, como o faziam suas animalescas antepassadas. [...] Bela, os peitos intumescidos, não contente com o escândalo do parto, quis amamentar. Achava lindo dar leite ao bebê, e depois do primeiro filho quis ter outro, também desejando, contra a vontade do pai, cria-lo dentro de si e não na concha de porcelana do Estado.⁶¹⁶

De certo modo, o grau de progresso e de civilização é medido pelo afastamento que o homem pode ter em relação ao mundo selvagem. Abandonando florestas e matas e disciplinando-as em ajardinamentos, assim como eliminando comportamentos animalescos e construindo um outro humano, civilizado. Nesse processo a ciência possui um papel muito importante, pois assiste com condições materiais o ímpeto de realizar a transformação, de camuflar e esconder aquilo que o homem é: um animal. Assim, a luta é transformada em guerra, uniformizada e disciplinada a partir de regras – nem sempre respeitadas – e idealmente abolida; a maternidade animal suprimida no indivíduo, mas conservada por máquinas. Até mesmo o sexo perde sua função natural sendo cogitado de desaparecer ou no mínimo transformar-se de algum modo significativo. "*Como deveriam sentir-se mães, as mulheres daquele tempo, carregando dentro de si os filhos, produtos do contato com o bem-amado! [...] Brutal, o amor daquele tempo... no entanto, como devia ser belo! Não temiam contágios. Não havia 'assepsia'*".⁶¹⁷ Excetuando a guerra – que veremos a seguir – a maternidade e o sexo são símbolos de humanidade que se teme estar ameaçada pela

⁶¹³ SCAVONE, Rubens Teixeira. Passagem para... op. cit. p. 121.

⁶¹⁴ FONSECA, Rubem. op. cit. p. 46.

⁶¹⁵ O conto é QUEIROZ, Dinah Silveira de. A Ficcionista. op. cit.

⁶¹⁶ QUEIROZ, Dinah Silveira de. Os possessos... op. cit. p. 25.

⁶¹⁷ SASSI, Guido Wilmar. Lamentações da... op. cit. p. 80-81.

intrusão da ciência e da tecnologia nas práticas comuns. Essas visões imputam à máquina uma capacidade de transformação de tal ordem que o crescimento de sua presença, principalmente tecnológica, aparenta ser uma ameaça avassaladora para o homem e sua humanidade.

Outro traço distintivo da ameaça que paira sobre o *espírito humano*, está na destruição de interesses que superam os meramente voltados à conservação e subsistência. Se máquinas podem interferir e “aperfeiçoar” a procriação e a alimentação humanas – como já vimos nas imagens de alimentos sintéticos⁶¹⁸ – por se tratarem de funções necessárias à existência, há outros interesses que sob a perspectiva da funcionalidade da máquina são descartáveis. Em tese, a procriação e a alimentação humanas também seriam descartáveis para uma máquina. O que pode impedir essa lógica é o fato de sermos os programadores delas. Todavia, no caso de uma transformação do espírito humano, influenciado pela presença da máquina, adquirir suas características, notadamente a funcionalidade e objetividade, certas áreas de interesse humano poderiam vir a cair em desuso. Em grande medida, a civilização tecnológica de princípios do século XXI já seleciona seus interesses em razão da funcionalidade que detém. As áreas tecnológicas se avolumam em recursos financeiros e humanos em detrimento de outras que não possuam – numa relação direta – funcionalidade frente às atividades técnicas.

Essa tendência, possivelmente detectada em meados do século XX, figura nas preocupações de efeitos considerados negativos no aumento da importância de atividades técnico-científicas. O descarte de funções “supérfluas” atinge uma das principais – entendida como uma das mais humanas – atividades do homem: a imaginação que, por exemplo, se manifesta na criação de ficções. A imagem do acaso da própria literatura. “*No atual avanço da Ciência, há tantas maravilhas para serem alcançadas pelo conhecimento humano, que não concebo mais a perda de tempo com a Ficção. É no próprio progresso científico que a Humanidade encontra o seu êxtase. Os ficcionistas serão destruídos, pròximamente, [...] num tempo de seguras aquisições científicas*”.⁶¹⁹ A crescente delegação de funções às máquinas é vista, portanto, numa sucessão inexorável e temerária de renúncia ao ato de viver em favor das máquinas, indo ao próprio fim do ato de leitura. “*Hoje ninguém mais lê*”.⁶²⁰ Nas visões de crescente facilidade na execução das atividades humanas imagina-se o prolongamento do processo a um futuro distante em que o homem circunscrever-se-á à existência vegetativa, definindo e transformando-se em um espectro

⁶¹⁸ Ver o item 5 deste capítulo: *Saudável futuro da Medicina*.

⁶¹⁹ QUEIROZ, Dinah Silveira de. *A Ficcionalista*. op. cit. p. 127.

⁶²⁰ FONSECA, Rubem. op. cit. p. 43.

decadente, com “*aquela aparência fidalga e frágil que caracterizara os seres do seu tempo [o futuro hiper tecnológico]*”.⁶²¹

A opção ao fim paulatino, lento e possivelmente doloroso, contudo, pode não perfazer uma solução exatamente agradável, caso seja-se pessimista. O fim pode ser brusco, de chofre e igualmente doloroso. A bomba o garante. A Guerra Fria funcionou como um vórtice para a ficção científica, que tanto serviu como concentrado ponto temático de impulsão da expansão do gênero no mundo, como aglutinador egoísta de temas, ou seja, propugnou para a sua divulgação ao mesmo tempo em que monopolizou o foco de histórias. Torna-se evidente a dominância de imagens sobre os efeitos da Guerra Fria, da ameaça de guerra atômica e do desencadeamento desta para toda a humanidade ao redor do planeta. A presença de alertas e descrições de horrores de uma hipotética conflagração nuclear advertindo-nos para evitá-la, resulta do receio efetivo de que tal conflito se tornasse real.

Dentre os maus usos que o ser humano – leia-se militares e políticos e quase nunca os próprios cientistas – poderiam fazer da ciência, a energia do átomo, e desta a bomba atômica, foi a mais enfatizada. É provável que a insistência no tema, não somente no Brasil, confesse um sentimento maior do que apenas o receio. A falibilidade da ciência em modificar o entusiasmo beligerante do homem o justifica, ainda mais após a calamidade da Segunda Guerra Mundial. A hipótese da inevitabilidade da guerra atômica foi considerada pelos autores. Alguns, no melhor estilo de: *a guerra para por fim a todas as guerras*, tentaram extrair da fatalidade, aparentemente iminente, uma consequência positiva. Um novo começo.

Paradoxalmente, é das mãos da ciência e dos cientistas que, em alguns casos, vê-se surgir a esperança. Cientistas tripulantes de uma estação espacial, por exemplo, após testemunharem a autodestruição da humanidade e daqueles – políticos e militares – que a causaram seriam as pessoas de onde “*deveria resultar a manutenção de uma reserva humana sensata e capaz, que voltaria à Terra um dia e recomeçaria tudo em bases melhores*”.⁶²² Essa ciência e a parcela dos cientistas que ameaçavam destruir e imaginativamente destruíram o mundo, porque foram mal conduzidos ou mal empregados por indivíduos incoseqüentes, poderiam refazer tudo melhor se fossem eles a comandar o processo. Visões menos partidárias, ou menos condescendentes com os cientistas, atribuem ao hipotético conflito nuclear o poder de transformar a mentalidade do homem, suprimindo de vez a necessidade de disciplinar a luta animalésca em guerras organizadas pelo simples motivo de que através do violento choque nuclear a luta e a guerra de qualquer tipo seriam expurgadas dos atributos humanos. “*Ninguém mais no mundo vai lutar! Apenas*

⁶²¹ MONTEIRO, Jeronymo. *Fuga para...* op. cit. p. 116.

⁶²² MONTEIRO, Jeronymo. *Estação espacial...* op. cit. p. 139.

os governos estão interessados nas guerras. E sem soldados não haverá mais lutas. Nem invasões. O mundo está quase totalmente destruído; a população vive apenas nos campos não contaminados pelas bombas. E daí não sairá”.⁶²³ E como é característico da ficção científica, o olho no futuro tudo pode enxergar. O presente de guerras e ameaças terríveis tornar-se-ia um lamentável, e a ser esquecido, passado. “A mentalidade louca de trezentos anos atrás, não mais existe. [...] O momento não deve ser de lembranças do passado. Devemos olhar êste futuro promissor que se nos depara”.⁶²⁴

Evidentemente, por maiores que sejam os temores, as mais recônditas esperanças emergem. Longe de ser dominado e destruído pelos atos tecnológicos da ciência, a transformação predominante do homem é descrita como evolução concomitante ao progresso científico. “O nível moral da humanidade erguera-se a incrível culminância, progredindo, afinal, ‘pari-passu’ com as espantosas conquistas da ciência”.⁶²⁵ O sonho reúne a permanência do homem humanizado e moralmente digno de possuir o progresso que desenvolve. A ciência transformadora do mundo lhe possibilitando o controle das forças naturais, numa relação harmônica, e a tecnologia não o influenciando com suas características inumanas, mas permanecendo fiel e submissa ofertando o conforto jamais imaginado e em tempo algum desfavorável:

[O] século CXXII [era] um século em que a ordem, a organização, o domínio das forças naturais, haviam criado ambiente de perfeita segurança e de extraordinário conforto; um século em que o homem chegara a perfeição de não precisar dispender nenhum esforço muscular para cumprir qualquer de suas múltiplas e complicadas tarefas; um século em que a energia super-controlada rodeara cada ser humano de centenas de servos obedientes, infalíveis e incansáveis.⁶²⁶

As transformações sociais e econômicas que essas inovações suscitam são objeto de análise em umas poucas imagens. Aspirações de maior liberdade e igualdade entre os homens surgem como conseqüências do aprimoramento técnico, principalmente das máquinas que substituem o trabalho humano ou o facilitam. A priorização de interesses coletivos, em favor do desenvolvimento humano pleno e da abolição da futilidade, em algumas ocasiões, descreve a imagem de uma realidade demasiadamente otimista. “Willy Gerber foi o último play-boy do século, ou melhor, do mundo. [E] os colunistas sociais, também em processo de desaparecimento, ocupavam-se com a vida de Willy”.⁶²⁷ Em todo o caso, imagina-se uma tendência ao fim de exclusividades sociais e diferenciações

⁶²³ MARTELLO, Nilson. O carroção. op. cit. p. 177.

⁶²⁴ MARTELLO, Nilson. A “Igreja... op. cit. p. 191-2.

⁶²⁵ MONTEIRO, Jeronymo. Fuga para... op. cit. p. 22.

⁶²⁶ Ibid. p. 97.

⁶²⁷ SASSI, Guido Wilmar. Willy Gerber... op. cit. p. 101.

econômicas muito grandes. Transparece uma forma de “*socialismo científico*”, mas neste caso é científico porque possibilitado pelas aquisições da ciência e da tecnologia:

Todos os transportes eram gratuitos, bem como todos os serviços de interesse coletivo. E fiquei deslumbrado. Que prodigiosa organização administrativa devia ser essa que fornecia ao povo tais serviços, sem retribuição! [Posto que afirmavam:] não permitimos excesso de população [e] não há perigo que fique ninguém ocioso, nem desempregado. Por outro lado, como não há ricos nem pobres, não é preciso haver a instituição chamada antigamente de ‘Justiça’... [...] Não há dinheiro. [...] Todos têm o que precisam. [...] As casas não são propriedade de ninguém, são construídas pelo Departamento de Residências, e o seu número é fixo e imutável.⁶²⁸

A obtenção da igualdade e da paz é devida a transformações nas condições materiais, mas principalmente na ética humana. Há uma visão de que a ciência poderia cooperar enormemente no processo de conscientização dos benefícios de uma ética desenvolvida em conjunto com a tecnologia. Nesse sentido, não é apenas em relação às mazelas da desigualdade social e das guerras que observar-se-ia a transformação. De modo amplo a insatisfação diante de frustrações pessoais e coletivas, assim como a inveja e o egoísmo desapareceriam perante inúmeras formas de realização que a ciência e as máquinas poderiam oferecer. De modo que para o futuro, “*o suicídio e o assassinato já não existiam*”.⁶²⁹ Ou então, se não fosse acontecimento totalmente evitável, “*era algo absolutamente fora de tudo quanto podia esperar. Jamais ouvira falar que um homem matara outro. Não tinha noção do crime. [Mas] obedecera a um impulso – eis tudo. E agora, havia um homem morto aos seus pés*”.⁶³⁰

Talvez seja demasiado imaginar a completa extinção da violência, física ou psicológica. Pode ser que para a ciência, enfim, seja algo fora de seu alcance. Ao menos através de uma forma pacífica e não coercitivamente – já esta outra violência. Talvez crimes, corrupção, guerras sejam práticas impossíveis de eliminar. Caso não sejam, certamente não é uma tarefa fácil suprimi-las, ou melhor, substituí-las. Todavia, a ficção científica imagina modos de fazê-lo e, ainda que de forma impositiva por uma outra civilização, a paz mundial, por exemplo, já seria uma grande transformação para o homem. “*Foi uma gigantesca festa universal. Pela primeira vez, os dois bilhões de habitantes do globo estavam reunidos numa só finalidade: comemorar o fim positivo e insofismável da guerra, com todo o imenso cortejo de benefícios que tal fim iria trazer às instituições pacíficas de toda ordem*”.⁶³¹ Tratar-se-ia de uma mutação no modo de relacionamento entre as pessoas, entre as nacionalidades, entre as espécies de toda ordem na Terra e, hipoteticamente, entre as espécies fora dela quando se considera que no futuro violência e

⁶²⁸ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 67 e 164.

⁶²⁹ SASSI, Guido Wilmar. *Testemunha do...* op. cit. p. 138.

⁶³⁰ MONTEIRO, Jeronymo. *Fuga para...* op. cit. p. 90.

⁶³¹ MONTEIRO, Jeronymo. *Missão de...* op. cit. p. 108.

agressão contra elas “era vedado pela Lei do Espaço e pelo Código da Ciência Intergalática”.⁶³²

Junto às transformações imaginadas no futuro para toda a humanidade, existem considerações equivalentes concernentes ao futuro do Brasil. Não são todas imbuídas de um sentimento exatamente positivo em relação a esse futuro. “*Naquela época, eu era das poucas pessoas que habitavam Copacabana. As deploráveis conseqüências da trágica enchente que fizera unir o mar à Lagoa Rodrigo de Freitas, e que, praticamente, arrasara com Ipanema e Leblon, ainda não haviam sido superadas*”.⁶³³ Além de desastres creditados à natureza, há imagens de uma corrupção total do homem e da sociedade do futuro mais próximas de uma antecipação. Ainda no Rio de Janeiro, “*num carro com vidros à prova de bala, Pan percorreu os dois grandes guetos da Zona Sul, as FUVAG’s de Copacabana e Ipanema. Os caminhões da Limpeza Pública recolhiam os cadáveres para leva-los aos fornos crematórios subterrâneos da praça XV de Novembro e do largo da Carioca*”.⁶³⁴ Contudo, são mais abundantes as imagens que fogem da realidade presente e projetam um porvir resplandecente e repleto de glórias para o país. Evidentemente, o sucesso imaginado possui as condições tecnológicas e científicas exigidas para um bom acompanhamento dos progressos imaginados para o restante da humanidade. Em sintonia com o momento brasileiro dos anos 1960, boa parte do desenvolvimento imaginado para o Brasil ocorre em *direção à e em decorrência* da boa utilização do interior do país. O futuro esplendoroso está nas riquezas e no potencial das imensas extensões de terras em Goiás, no Mato Grosso e na Amazônia:

Mundo Novo vai surgir das terras de Goiás; é ali que está o futuro. [...] Acreditava no Futuro, acreditava no Brasil, acreditava sobretudo naquelas imensas e ricas regiões do Brasil Central, onde surgiria o Mundo Novo. Planejava erguer, em suas terras, uma Cidade-Modelo onde todos fôssem felizes, vivessem na fartura e com amor. Uma cidade que se estendesse por quilômetros de ruas largas e ajardinadas, com casas térreas, sem arranha-céus, sem fumaça, sem explosões, sem ruídos. Uma Cidade Elétrica, ou, talvez, mesmo, como andava pensando recentemente, uma Cidade Atômica. [...] Sentinela avançada de uma civilização perfeita do Porvir.⁶³⁵

A Amazônia por sua vez, parte pela extensão, parte pela abundância da natureza, é considerada o espaço adequado, tomado de riqueza e de recursos a partir dos quais se pode imaginar as condições para a florescência de uma nova e admirável organização da vida do homem. A natureza mais do que elemento a ser dominado, serve para lembrar ao homem que ele também é sua parte constituinte e, por conseguinte, compreendendo esta

⁶³² CUNHA, Fausto. Mobile. op. cit. p. 166.

⁶³³ QUEIROZ, Dinah Silveira de. A universidade... op. cit. p. 61.

⁶³⁴ FONSECA, Rubem. op. cit. p. 48.

⁶³⁵ MONTEIRO, Jeronymo. Os visitantes... op. cit. p. 08 e 17.

aproximação, não o deixando esquecer sua humanidade. *“De amanhã em diante estará fundada, no Vale Amazônico, a República do Amor, da Liberdade, da Natureza”*.⁶³⁶

A volta ao interior brasileiro é compreendida como a ação de busca de energias para desencadear um grande progresso no futuro. Às dimensões e à riqueza do solo e da natureza nacional adere-se o potencial humano brasileiro – considerado na idéia da *cordialidade* e da inteligência latentes. Essas características aguardam as condições para aflorarem e apresentarem resultados que poderiam revelar diversas visões de desenvolvimento. *“Entre essas, surgiu-me a de o Brasil ser um país de exuberante futuro, dado que, como poucos, possui extraordinários expoentes de bondade e de inteligência, atributos para o postulado da governança dos povos, independentemente dos inesgotáveis recursos do seu solo riquíssimo”*.⁶³⁷ Valorizar o potencial humano, considerando-o chave para o progresso futuro, também reveste-se do sentimento de resgate de uma dívida social e cultural do Brasil para com o negro, bem como do mundo com a África. A reparação, se não é dado fazer-se no presente, ao menos realiza-se no futuro, de certo modo como revanche:

‘Será um negro o primeiro conquistador do Cosmos!’, haviam noticiado alguns jornais. Em seu país, o Brasil, ele nem sequer podia ser considerado como negro e, mesmo que o fôsse, isso nunca significaria grande coisa. Mas os negros dominavam o mundo, amparados por uma África poderosa, cada vez mais ciosos desse domínio, cobrando com juros dívidas imemoriais. Imperavam pela inteligência e pela juventude mental, e sentiam-se ainda muito próximos dos tempos em que essa inteligência era negada para não quererem vangloriar-se dela.⁶³⁸

A expectativa de uma real transformação das condições existentes no Brasil, no sentido do desenvolvimento econômico e social, tecnológico e científico, esbarra na realidade da ausência de um interesse oficial em fomentá-lo. No tocante à ciência, mesmo as imagens do futuro ressaltam a inoperância do investimento governamental em várias áreas. Como querer máquinas inteligentes, robôs aperfeiçoados, por exemplo, frente ao *“desinteresse do Governo brasileiro pela Cibernética[?]”*.⁶³⁹ A criatividade existente para driblar, até certo ponto, esses inconvenientes dá-se também na imaginação. Iniciativas individuais procurando alternativas ou atalhos para um mesmo fim, como viagens espaciais, tentam equiparar diferenças havidas entre outros países e o Brasil. *“Ainda não tendo alcançado o poderio interplanetário dos Estados Unidos e da União Soviética, nem mesmo seguindo de longe o esforço da França ou da China, o Brasil [...] tentava decifrar o mistério*

⁶³⁶ MONTEIRO, Jeronymo. *Três meses...* op. cit. p. 208 e 210.

⁶³⁷ FETEIRA, Raul. *Somos parte...* op. cit. p. 120.

⁶³⁸ CUNHA, Fausto. *Regresso*. op. cit. p. 96.

⁶³⁹ QUEIROZ, Dinah Silveira de. *O Carioca*. op. cit. p. 186.

de Vênus, o Planêta Branco. [...] Não sendo ainda uma potência do Cosmos [...] pretendia oferecer a única via de comunicação para o mundo impenetrável de Vênus”.⁶⁴⁰

Mas a despeito das dificuldades, o otimismo é generoso e o Brasil, em alguns casos, apresenta-se na vanguarda do progresso técnico-científico, como ainda no caso dos robôs. “O Carioca, como o nome que lhe dei, é bem nosso. Tem de ser reconhecido, oficialmente, como invento brasileiro”.⁶⁴¹ O robô curiosamente é uma constante dos inventos brasileiros imaginados, e juntamente com ele, novas cidades na Terra e fora dela simbolizam o poderio tecnológico alcançado pelo Brasil no futuro imaginoso. Talvez porque o robô seja entendido como o ápice do desenvolvimento da máquina, assim como a cidade – a da ficção científica – é o termo da constituição do espaço humano civilizado. Portanto, um robô que faz poemas, denominado *Transitório* – em razão de sua curta existência –, ao participar de uma competição literária, representa o Brasil simbolizado em uma hipotética cidade que o identifica. “O *Transitório* [competia] em nome de Nova Brasília”.⁶⁴² A cidade tomada isoladamente e de forma genérica, sem descrições de características distintivas de desenvolvimento de qualquer ordem, pode ser indiretamente vista como grande conquista tecnológica pelo local onde foi construída. O que se espera de uma cidade em Marte? Mais do que uma imagem é uma idéia de progresso tecnológico, que pode ser identificada e traduzida como pertencente a alguma nacionalidade, no caso a brasileira, com uma simples denominação, dando, por conseqüência uma imagem indistinta mas bem direcionada do desenvolvimento desejado para o Brasil. “*Brasin, nome que recorda um dos países que dominaram a Terra... quando ela se dividia em países*”.⁶⁴³

A parte final da frase anterior, *quando ela se dividia em países*, prefigura um futuro, em cujo presente há a memória do domínio pretérito do Brasil, após o que uma nova realidade da Terra unificada se instaurou, tendo a predominância de um país perdido o sentido de ser face à transformação do planeta numa comunidade da humanidade. O primeiro passo na direção dessa realização é a integração das pessoas em todo o globo através da comunicação. Assim sendo, a televisão é de fundamental importância e aqui a imagem é profética. “*A transmissão do desafio, com todos os meios do momento, colocaria os poetas dentro da casa de cada habitante da Terra e de outros planetas*”.⁶⁴⁴ De forma semelhante, poder-se-ia dizer, como ocorre com as Olimpíadas e a Copa do Mundo de

⁶⁴⁰ QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Ânima*. op. cit. p. 97. A despeito das semelhanças físicas com a Terra, Vênus possui uma temperatura média de mais de 400º Celsius em sua superfície, bem como alta pressão em razão de gigantesco efeito estufa, remontando a 90 atmosferas terrestres, o que constitui barreira tecnológica para a consecução de engenhos resistentes a tais temperaturas e pressão. Ver: MOURÃO, Ronaldo R. de Freitas. *Explicando o cosmos*. op. cit.

⁶⁴¹ QUEIROZ, Dinah Silveira de. *O Carioca*. op. cit. p. 188.

⁶⁴² OLINTO, Antônio. *O desafio*. op. cit. p. 58-59.

⁶⁴³ CUNHA, Fausto. *Último vôo...* op. cit. p. 100.

⁶⁴⁴ OLINTO, Antônio. *O desafio*. op. cit. p. 59.

Futebol. Depois, tal como sucedeu posteriormente, nos encontros de astronautas de diversas nacionalidades na estação espacial soviético-russa Mir e nos vôos dos ônibus espaciais norte-americanos, seguia-se a cooperação internacional. “*A equipe era completa, o que havia de melhor e de mais treinado no planêta para aquela missão conjunta de todos os Estados*”.⁶⁴⁵ Assim como o desenvolvimento de projetos no espaço em conjunto. “*O primeiro telescópio na lua tinha forçosamente de ser cosmopolita: o projeto era internacional, e quase todos os países participantes e contribuintes, fizeram questão de colocar pelo menos um homem na turma*”.⁶⁴⁶ Há semelhanças que não podem ser ignoradas com a presente construção da Estação Espacial Internacional, que demonstra a sensibilidade desses autores que testemunharam a reação de parcelas da população mundial à divisão do mundo.

Nas visões da unificação global, o espaço é o meio que suscita a necessidade de cooperação, redundando conseqüentemente na pacificação da Terra. Em boa parte das imagens, a ONU é a instituição que orienta e dirige o processo, como é possível observar na hipotética “*Expedição ONU ao planêta Marte*”.⁶⁴⁷ No entanto, além de organizar missões de cooperação espacial, a entidade é vista constituindo-se na autoridade gerente de todo o planeta, inclusive com símbolos “nacionais”. “*Sùbitamente, uma intensa comoção agitou a massa, explodiu o Hino da Humanidade por centenas de amplificadores. [...] O Secretário Geral da ONU [...] falou do ambicioso projeto espacial [e] da recém conquistada paz internacional absoluta*”.⁶⁴⁸ Embora ocorram outras constituições governamentais transnacionais como um “*Govêrno Mundial*”.⁶⁴⁹ A centralização global é amplamente entendida como uma benesse para todos no planeta. Não se consideram possíveis privilégios na nova ordem decorrentes do exercício de um poder anterior maior de algumas nações. O fenômeno da globalização é algo que passa longe das considerações desses autores, evidentemente nas condições em que a vivenciamos, embora o conceito da mundialização tenha sido constantemente idealizado. A dificuldade de unir e não suprimir é desconhecida. A planificação cultural, sob uma única língua, por exemplo, não encontra implicações perversas. Tudo o que se considera tem caráter positivo. “*Todos são cidadãos do mundo. Somos todos, Terreanos. Falamos uma só língua e nos regemos todos pela mesma lei*”.⁶⁵⁰ Como é de praxe na ficção científica, a ampliação dos mais diversos horizontes engloba igualmente a unificação planetária, mas no ponto de vista interplanetário,

⁶⁴⁵ SCAVONE, Rubens Teixeira. O fim... op. cit. p. 106.

⁶⁴⁶ MENEZES, Levy. Projeto “Ólho... op. cit. p. 37.

⁶⁴⁷ QUEIROZ, Dinah Silveira de. A universidade... op. cit. p. 62.

⁶⁴⁸ MENEZES, Levy. Pax circense. op. cit. p. 68.

⁶⁴⁹ MONTEIRO, Jeronymo. Fuga para... op. cit. p. 13.

⁶⁵⁰ MONTEIRO, Jeronymo. Três meses... op. cit. p. 109.

com outras culturas e civilizações extraterrestres. O processo é notadamente lento e previsivelmente uma realização do futuro. A “*Terra, [...] não se havia integrado ainda na Comunidade Galáctica*”,⁶⁵¹ devido às dificuldades de intolerância e incompreensão entre os homens. Nas imagens, a unidade é um processo que implica pacificação e harmonia da situação política, econômica e social da toda a Terra. Em razão disso, a unificação planetária e a visão ampliada – intergaláctica – do mesmo processo é uma perspectiva futura a ser construída e que, de certo modo atabalhado, principia-se, sobretudo, em consequência das conquistas científicas e tecnológicas modernas, como o rádio, a televisão, o trem, o avião. “*A Terra tem sido, sempre, uma nota discordante no Universo. [Mas poderá], em breve, fazer parte da Confederação Sideral*”.⁶⁵²

⁶⁵¹ FETEIRA, Raul. *Sete moradas...* op. cit. p. 23.

⁶⁵² MONTEIRO, Jeronymo. *Missão de...* op. cit. p. 109-10.

CONCLUSÃO

Neste mundo contraditório e mau em que vivemos existem raras oportunidades de se encontrar o maravilhoso frente a frente – e eis, pois, o meio: usemos o cérebro para suprir as deficiências da realidade. Hoje, mais do que nunca, o homem precisa de histórias encantadas.

Jeronymo Monteiro

Observando retrospectivamente a imaginação de ficção científica aqui analisada, pode-se vislumbrar os limites que a circunscreveram e, equivocadamente, considerá-la bastante óbvia, como se suas visualizações de futuro não tivessem um suficiente desprendimento imaginativo da realidade de sua época, afastamento esse entendido como uma suposta exigência característica do gênero. Há fundamento no argumento, embora seja um tanto injusto da parte de quem vê de fora, de uma distância segura e privilegiada que oferece um conhecimento da conjuntura da época e seus resultados.

Os sonhos possíveis da ficção científica alteram-se conforme os eventos que envolvem o momento de sua produção. Não se pode esperar que a mais absurda estranheza imaginada no passado seja reconhecível fora de seu momento. Ou que o maravilhoso de outrora possa embasbacar igualmente como o fez a seu tempo. Não se pode transportar incólume o encantamento de impressões idas para outra época, onde um observador com olhos despreparados procura entendê-las. O foco para onde se dirige o olhar do imaginador pousa sobre as preocupações e interesses mais prementes de sua contemporaneidade. O que despertou a atenção de Augusto Emílio Zaluar no século XIX, a dos novos autores dos anos 1980 e 90 ou dos autores observados nesta pesquisa possui mais diferenças entre si do que poder-se-ia supor existir entre autores de diversos países de uma mesma época.

Muito se falou sobre a autenticidade ou homogeneidade da ficção científica nacional em relação à do exterior, notadamente a anglo-americana. De um modo geral, as imagens presentes nos textos brasileiros não diferem essencialmente das de outras nacionalidades. Pode-se falar em matizes locais, com relevância para um ou outro aspecto, mas a coincidência de temáticas abordadas inscreve o produto brasileiro no amplo quadro internacional da ficção científica. Portanto, o argumento de que a nuance do gênero nacional não agrade o gosto do público brasileiro não se justifica para explicar o seu pouco sucesso.

Como há semelhanças e mesmo equivalências da ficção científica brasileira com a estrangeira, é necessário dar atenção a uma outra explicação para o baixo desenvolvimento do produto nacional. Há uma argumentação que responsabiliza a inexistência ou pouca relevância da ciência nacional para substanciar os temas a serem desenvolvidos na literatura. Em princípio, a justificativa é incorreta, pois a imaginação livre não é nacionalista, dependente exclusivamente do que é pensado no Brasil. A comunicação global e instantânea subverte qualquer fronteira nacional, dispondo à mente criativa um arsenal elevado de descobertas e invenções de origens diversas para serem trabalhadas e transformadas em ficção científica.

Contudo, não se pode ignorar que um ambiente cultural que valorize a pesquisa e a educação científica esteja direcionando ou educando a percepção e a sensibilidade individual para uma idéia de progresso técnico-científico. Mesmo a importação de conhecimento desenvolvido em outros lugares, sob a forma de aprimoramento tecnológico que se torne visível e presente na vida das pessoas, contribui para a transformação de percepções e sensibilidades com vistas ao progresso material. A ficção científica deriva sua temática das aquisições científicas, não se pode negar impunemente que aprimoramentos tecnológicos estimulem o encantamento com seus produtos. Houve o tempo da imaginação mítico-mágico-religiosa, cujos acontecimentos descritos dependiam de esferas supra-humanas. A ficção científica é a imaginação do humanamente realizável. Para se desenvolver ela depende do testemunho de realizações é possíveis.

O Brasil possui centros avançados de ciência e tecnologia como o INPE, a AEB (Agência Espacial Brasileira) e a Embraer. Mas o que fez a AEB nos últimos anos – dois lançamentos abortados – perto da NASA e da Agência Espacial Russa trinta anos atrás, ou mesmo a ESA e a NASDA?⁶⁵³ Os países cujas literaturas de ficção científica são fortes, continuam a sê-lo e todos possuem satélites e sondas espaciais ativas lançadas por eles. O Brasil possui seus três satélites, é verdade, mas lançados por norte-americanos e chineses. As nossas ferrovias apodrecem enquanto na Europa há duas décadas existem trens de alta velocidade, na Suíça estuda-se implantar um metrô de altíssima velocidade a sessenta metros de profundidade e o Japão testa trens flutuantes supersônicos.

Há cinqüenta anos atrás o Brasil viveu um período de relativa euforia, impelido por promessas de modernização. Fábricas de veículos, florestas derrubadas, estradas pavimentadas, uma cidade nova, moderna, futurista e mesmo um incipiente projeto espacial incentivado no período militar impeliram essas promessas. Hoje, fábrica de automóveis não é mais novidade, não causa o mesmo encantamento de outrora. Assim como

⁶⁵³ ESA é a Agência Espacial Européia e NASDA a Agência Espacial Japonesa.

eletrodomésticos para todos os fins, presentemente, são banalidades que ocasionalmente ocupam espaço e são difíceis de lavar. Televisores de 500 polegadas, tela plana com três vezes mais resolução são aprimoramentos impressionantes de um aparelho que, há cerca de cinquenta anos, aparecia pela primeira no Brasil causando um impacto e um encantamento muito maior.

O momento de variadas novidades tecnológicas e promessas de progresso teve inegavelmente papel no estímulo ao desenvolvimento da ficção científica brasileira, inclusive sugerindo temas a serem trabalhados, como por exemplo, o desenvolvimento do interior brasileiro com a construção de uma “*cidade do futuro*”. Quanto influenciou é uma questão que não me propus responder. Outros fatores, como uma conjuntura internacional favorável da ficção científica e mesmo, o trabalho individual e de pequenos grupos auxiliando seu desenvolvimento, foram certamente fundamentais. Não se pode perder de vista, também, que as conquistas técnico-científicas, ações e situações de outros países marcaram o gênero no Brasil. Como já disse, a imaginação livre não é nacionalista, ela vaga extra-territorialmente absorvendo os elementos que imprimem um sentido de encantamento em sua mente.

Entretanto, o problema do fraco desenvolvimento do gênero no Brasil permanece oculto. Ou nem tanto. O fato do cinema de ficção científica possuir um público elevado demonstra que não há desinteresse pelo gênero. Se fizesse filmes de ficção científica, o Brasil talvez tivesse um grande público. Trata-se, portanto, da ausência de uma cultura literária. O argumento já se tornou lugar comum: “*O brasileiro lê pouco*”. Todavia, mesmo entre os que lêem, predomina um consumo quase hegemônico da literatura anglo-saxônica. O “seu” Gumerindo, no CLFC, manifestou sua convicção de que se trata de um problema de publicidade. Se a literatura nacional de ficção científica fosse conhecida seria lida na estreita faixa de brasileiros que lêem. Talvez como, há quarenta anos, a tenham lido? Não se pode esquecer que, apesar dos dados oficiais apontarem para uma redução da taxa de analfabetismo, o nível educacional das escolas brasileiras decaiu muito, o que pode explicar o baixo percentual do público leitor e da qualidade da leitura, em geral, e específica da ficção científica.

Em torno da dúvida em saber porque a ficção científica no Brasil é marginal, embora seja semelhante em sua temática, é importante considerar a visão de Marshall Berman sobre o *modernismo do subdesenvolvimento*. Em países pobres e/ou atrasados, a modernidade os alcança como ilhas contrastantes com o atraso em seu redor. Em vários aspectos trata-se de imposição de uma elite sobre seu povo e país. Nesse caso eles não são modernizados, mas recebem uma roupagem falsa, uma cenografia, e o

desenvolvimento “assume um caráter fantástico, porque é forçado a se nutrir não da realidade social, mas de fantasias, miragens e sonhos”.⁶⁵⁴ As testemunhas subdesenvolvidas da modernidade, seduzidas mas decepcionadas pela realidade de seu país, convivem com o espectro da “destinação ao fracasso”. Logo, o encantamento propiciado por Brasília se esvai na ironia com que se associa à “cidade do futuro”, aos seus moradores ocasionais pouco respeitados; não causa surpresa que os dois primeiros lançamentos da AEB tenham fracassado em chamas, embora todos os lançamentos inaugurais de qualquer programa espacial do mundo tenham falhado.

Assim, é possível entender a pouca fé depositada na ficção científica nacional. “Existirá uma ficção científica brasileira?” Como todo o resto estaria fadada ao fracasso, não seria séria, posto que todo o desenvolvimento que imagina e ela mesma não têm bases reais para se sustentarem. A modernidade brasileira sendo uma fantasmagoria, pois não envolve modernizar seu povo, dignificá-lo e possibilitar, eventualmente, que escolha gostar da literatura de ficção científica aqui produzida, por estar encantado com as realizações da ciência e da tecnologia vividas em seu país. Antes nos encantamos com a modernidade de países desenvolvidos e com sua ficção científica.

O que transparece em quase todas as imagens analisadas é a expectativa de que o modernismo descrito possa se concretizar no Brasil. Por esse prisma, as imagens aglutinadas num todo abrangente nos falam de uma utopia, o sonho imaginado de um país repleto de modernismos auto-sustentáveis calcados em efetivo progresso estendido a todos. Como utopia o Brasil é forte e digno, partilhando no concerto das nações, de equidade entre os grandes e justos, num mundo pacífico e automatizado. Porém, há nessa utopia a recorrência do sentimento da testemunha frustrada ante uma modernização escamoteada e incompleta. A decepção convertida em fracasso dá mostras de persistir mesmo na imaginação e adverte da necessidade em se modificar. Na utopia do Brasil há a semente da distopia, a imagem de um país que não acontece, um país do futuro onde o futuro imaginado jamais é o seu tempo de transformação. Há ironia, as imagens falam de seu tempo, falam das promessas enunciadas e alertam para as possíveis mentiras.

Incertezas circundam as imagens de um Brasil vanguardista e moderno, maculando-as. Todavia, emana delas a fé de que a transformação ocorra algum dia e que, não sendo real, não a oblitera. Abandonado, ao povo brasileiro sempre restou o apoio da fé. Fé esta que, se quisermos falar em um matiz brasileiro para a ficção científica, destaca-se como diferencial em relação a qualquer manifestação correspondente, notadamente, na literatura anglo-saxônica. A transposição da religiosidade para a ficção científica, no Brasil,

⁶⁵⁴ BERMAN, Marshall. op. cit. p. 224.

circunscreve-se a revesti-la de um esmalte de cientificidade, pois a fé continua igual à do mais humilde e desamparado brasileiro do mundo real. O componente religioso figura, significativamente, como o elemento capaz de salvaguardar a humanidade do ser humano, da potencial frieza existente na transformação conduzida pela ciência e tecnologia.

A fé e o amor, em conjunto, operam uma ação de conservação salvadora frente às mudanças técnico-científicas e são apontadas como componentes necessários no novo mundo que se anuncia tanto para o Brasil como para o mundo. São as referências a serem consultadas e mantidas na mediação do homem com seu instrumento de transformação. É um sentimento comum entre os autores o de chamar a Humanidade à responsabilidade de suas ações, tendo em vista sua humanidade calcada na fé e no amor. O chamado traz uma concepção de que ciência e tecnologia são forças neutras de uma transformação inovadora. O bem e o mal não existem nessa ferramenta. O bem e o mal estão na ação humana.

Entretanto, como observa Paul Virilio no tocante à tecnologia, ela não é neutra. Virilio entende que em toda tecnologia há uma correspondente violência intrínseca, pois “*cada tecnologia produz, provoca, programa um acidente específico.*”⁶⁵⁵ Na medida em que diversas tecnologias direcionam-se para a implementação de maiores velocidades, são inventadas catástrofes equivalentes. Vale dizer que a amplitude de uma tecnologia, seu alcance possível, é o âmbito de seu acidente, de sua violência. Para Virilio, “*o lado negativo da tecnologia e da velocidade foi censurado,*”⁶⁵⁶ de modo que o otimismo presente em boa parte das imagens aqui analisadas compartilha da noção de que, em geral, quando não é mal empregada pelo homem, a tecnologia é benéfica, relacionada ao ideal de progresso positivo. Portanto, pensar a tecnologia exclui o pensar sua violência, descuidando o fato de que há perigos relevantes no desenvolvimento tecnológico, e privilegiando os aspectos que se julguem benéficos.

Tecnologia e velocidade são assimilados como valores a serem cultivados. Isso a tal ponto que o ato de desenvolvê-las sobrepõe-se ao porque fazê-lo. Muitas vezes, a imaginação de ficção científica percorre esse caminho, um tanto cego, de objetivo incerto. Por outro lado, há interesse em se discutir e imaginar sobre a questão. Quando um indivíduo escreve ficção científica, implicitamente está tentando responder o que ele mesmo gostaria de ouvir respondido: “*Porque será que os homens querem chegar lá?*”⁶⁵⁷ A corrida alucinada por desenvolver a ciência e a tecnologia, em grande medida, visa desvendar desesperadamente o desconhecido. Há muito que as histórias de viagens ao desconhecido seduzem o homem. Da *Odisséia* a Marco Pólo, os relatos de viajantes sempre contagiaram

⁶⁵⁵ VIRILIO, Paul; LOTRINGER, Sylvere. *Guerra pura: a militarização do cotidiano*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.40.

⁶⁵⁶ Id.

⁶⁵⁷ SCAVONE, Rubens Teixeira. *Degrau para...* p. 117.

a mente humana. A era tecnológica baseou a exploração ao misterioso nos poderes científicos, o que consumiu, ao revelá-lo, grande parte do encantamento mágico existente nesses lugares, como a África e a Ásia. No momento em que se desvendavam os continentes distantes, Jules Verne explorava os confins da Terra e adiantava-se indo às profundezas do mar e às proximidades celestes, a Lua, cuja visita pelas missões Apollo, num primeiro momento, extasiou o mundo. Mas que teve sua imagem desgastada e desencantada pela revelação. O descaso cercou as últimas missões, mesmo com a inclusão de imagens nítidas e coloridas, um jipe lunar e passeios mais longos.⁶⁵⁸

Como nos lembra Sagan, o nômade entedia-se rapidamente à vista do mesmo horizonte. Para além da colina, portanto. Para além da Lua, de Marte, de Europa, de Titã, de Plutão, de Alfa do Centauro, de Vega, de Andrômeda!!!⁶⁵⁹ Adiante, para além do tempo, em 3500, 8100. Ou no passado. Mais adiante, 1789, 73 a.C. ou 135 milhões de anos atrás. Por que não para além da vida e à procura de Deus? Mover-se para acobertar a insatisfação de perseguir no exterior o que é de seu íntimo, ou então, mover-se para empreender a realização do autoconhecimento. O que o nômade quer? O que procura? Enquanto não descobrir, imaginar será o mais longe que poderá ir. E isso já é bastante.

⁶⁵⁸ A Apollo 13 foi uma exceção devido a um acidente em pleno espaço que pôs em risco a vida de seus astronautas. O drama dos tripulantes, tornou-se uma espécie de telenovela, acompanhada diariamente pelos telespectadores, nos EUA e no mundo.

⁶⁵⁹ Europa e Titã são satélites respectivos de Júpiter e Saturno; Alfa do Centauro e Vega, são estrelas próximas à Terra e Andrômeda é uma galáxia grande, vizinha da nossa Via Láctea.

TIPOLOGIA DE FONTES

Contos

- BENEDETTI, Lúcia. Correio sideral. In: TÔRRES, João Camilo de Oliveira et al. Antologia brasileira de ficção científica. Rio de Janeiro: GRD, 1961.
- CARNEIRO, André. O começo do fim. In: TÔRRES, João Camilo de Oliveira et al. Antologia brasileira de ficção científica. Rio de Janeiro: GRD, 1961.
- _____. A organização do Dr. Labuzze. In: MALHEIROS, Álvaro et al. Histórias do acontecerá. Rio de Janeiro: GRD, 1961.
- CUNHA, Fausto. O anzol e os peixes. In: _____. As noites marcianas. São Paulo: Elos, 1969.
- _____. Cai uma folha em setembro. In: _____. As noites marcianas. São Paulo: Elos, 1969.
- _____. Chamavam-me de Monstro. In: _____. As noites marcianas. São Paulo: Elos, 1969.
- _____. O comandante passeia pelo tombadilho. In: _____. As noites marcianas. São Paulo: Elos, 1969.
- _____. Mobile. In: _____. As noites marcianas. São Paulo: Elos, 1969.
- _____. Regresso. In: _____. As noites marcianas. São Paulo: Elos, 1969.
- _____. 61 Cygni. In: _____. As noites marcianas. São Paulo: Elos, 1969.
- _____. Último vôo para Marte. In: TÔRRES, João Camilo de Oliveira et al. Antologia brasileira de ficção científica. Rio de Janeiro: GRD, 1961.
- _____. Viagem às fronteiras do infinito (reportagem fantástica). In: _____. (org.). Antologia cósmica: primeiros contatos com seres extraterrestres. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- _____. Viagem sentimental de um jovem marciano ao planeta Terra. In: _____. As noites marcianas. São Paulo: Elos, 1969.
- ELIACHAR, Leon. A experiência. In: MALHEIROS, Álvaro et al. Histórias do acontecerá. Rio de Janeiro: GRD, 1961.
- GALVÃO, Walmes Nogueira. A toca. In: BOVA, Ben. Antologia de ficção científica. Porto Alegre: Revista do Globo, 1972.
- GARCIA, Clóvis. O estranho mundo. In: TÔRRES, João Camilo de Oliveira et al. Antologia brasileira de ficção científica. Rio de Janeiro: GRD, 1961.
- _____. A invasão. In: Magazine de Ficção Científica. Porto Alegre, Livraria do Globo, jul. 1970, n. 4.
- _____. O paraíso perdido. In: MALHEIROS, Álvaro et al. Histórias do acontecerá. Rio de Janeiro: GRD, 1961.
- JUNGMANN, Ruy. A idade da razão. In: MALHEIROS, Álvaro et al. Histórias do acontecerá. Rio de Janeiro: GRD, 1961.
- MALHEIROS, Álvaro. Natal. In: MALHEIROS, Álvaro et al. Histórias do acontecerá. Rio de Janeiro: GRD, 1961.
- MARTELLO, Nilson. O analisador. In: _____. Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- _____. Ardentia. In: _____. Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- _____. O carroção. In: _____. Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.

- ____. Cinco horas. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. “Dois”. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. “Ela”. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. “Ele”. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. Elevador automático. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. O encontro. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. A espera. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. Espírito iluminado. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. Foguete “mãe”. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. “Ford 29”. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. A flor dos céus. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. A “Igreja eterna”. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. A louca. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. Metamorfoses. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. Mil sombras da nova Lua. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. Mundo de Adam. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. A noite dos homens. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. “Nosso refúgio...”. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. “Para a vitória”. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. A partida. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. A praga rubra. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. O ruído. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. Serviço perfeito. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- ____. A volta. In: ____ . Mil sombras da nova Lua. São Paulo: Edart, 1963.
- MENEZES, Levy. O estranho sumiço do Dr. Lebenthal. In: ____ . O 3º planeta. Rio de Janeiro: GRD, 1965.
- ____. Floralis. In: ____ . O 3º planeta. Rio de Janeiro: GRD, 1965.
- ____. L. v. R. In: ____ . O 3º planeta. Rio de Janeiro: GRD, 1965.
- ____. Pavilhão de feira. In: ____ . O 3º planeta. Rio de Janeiro: GRD, 1965.
- ____. Pax circense. In: ____ . O 3º planeta. Rio de Janeiro: GRD, 1965.
- ____. Projeto “Olho Lunar”. In: ____ . O 3º planeta. Rio de Janeiro: GRD, 1965.
- ____. O rapto de Marilda. In: ____ . O 3º planeta. Rio de Janeiro: GRD, 1965.
- ____. Terra prometida. In: ____ . O 3º planeta. Rio de Janeiro: GRD, 1965.
- ____. Ugulú. In: ____ . O 3º planeta. Rio de Janeiro: GRD, 1965.
- ____. Ukk. In: ____ . O 3º planeta. Rio de Janeiro: GRD, 1965.
- ____. O último artilheiro. In: ____ . O 3º planeta. Rio de Janeiro: GRD, 1965.
- MONTEIRO, Jeronymo. O copo de cristal. In: ____ . Tangentes da realidade. São Paulo: 4 artes, 1969.
- ____. Estação espacial Alfa. In: TÔRRES, João Camilo de Oliveira et al. Antologia brasileira de ficção científica. Rio de Janeiro: GRD, 1961.
- ____. Missão de paz. In: ____ . Tangentes da realidade. São Paulo: 4 artes, 1969.
- OLINTO, Antônio. O desafio. In: MALHEIROS, Álvaro et al. Histórias do acontecerá. Rio de Janeiro: GRD, 1961.
- ____. O menino e a máquina. In: TÔRRES, João Camilo de Oliveira et al. Antologia brasileira de ficção científica. Rio de Janeiro: GRD, 1961.
- QUEIROZ, Dinah Silveira de. Ânima. In: ____ . Comba Malina. Rio de Janeiro: Laudes, 1969.

- ____. O carioca. In: ____ . Eles herdarão a Terra. Rio de Janeiro: GRD, 1960.
- ____. O céu anterior. In: ____ . Comba Malina. Rio de Janeiro: Laudes, 1969.
- ____. Comba Malina. In: ____ . Comba Malina. Rio de Janeiro: Laudes, 1969.
- ____. Eles herdarão a Terra. In: ____ . Eles herdarão a Terra. Rio de Janeiro: GRD, 1960.
- ____. A ficcionista. In: TÔRRES, João Camilo de Oliveira et al. Antologia brasileira de ficção científica. Rio de Janeiro: GRD, 1961.
- ____. Ma-Hôre. In: MALHEIROS, Álvaro et al. Histórias do acontecerá. Rio de Janeiro: GRD, 1961.
- ____. Os possessos de Núbia. In: ____ . Comba Malina. Rio de Janeiro: Laudes, 1969.
- ____. A universidade marciana. In: ____ . Comba Malina. Rio de Janeiro: Laudes, 1969.

SASSI, Guido Wilmar. O cinturão de Hipólita. In: ____ . Testemunha do tempo. Rio de Janeiro: GRD, 1963.

- ____. A costela de Adão. In: ____ . Testemunha do tempo. Rio de Janeiro: GRD, 1963.
- ____. Estranha simbiose. In: ____ . Testemunha do tempo. Rio de Janeiro: GRD, 1963.
- ____. A estrela. In: ____ . Testemunha do tempo. Rio de Janeiro: GRD, 1963.
- ____. Os filhos do vento. In: ____ . Testemunha do tempo. Rio de Janeiro: GRD, 1963.
- ____. O fim da aventura. In: Magazine de Ficção Científica. Porto Alegre, Livraria do Globo, dez. 1970, n. 9.
- ____. Lamentações da jovem noiva. In: ____ . Testemunha do tempo. Rio de Janeiro: GRD, 1963.
- ____. Missão T-935. In: ____ . Testemunha do tempo. Rio de Janeiro: GRD, 1963.
- ____. Prisioneiro do círculo. In: ____ . Testemunha do tempo. Rio de Janeiro: GRD, 1963.
- ____. Testemunha do tempo. In: ____ . Testemunha do tempo. Rio de Janeiro: GRD, 1963.
- ____. A viagem. In: ____ . Testemunha do tempo. Rio de Janeiro: GRD, 1963.
- ____. Willy Gerber, o missionário. In: ____ . Testemunha do tempo. Rio de Janeiro: GRD, 1963.

SCAVONE, Rubens Teixeira. As cinzentas planícies da Lua. In: TÔRRES, João Camilo de Oliveira et al. Antologia brasileira de ficção científica. Rio de Janeiro: GRD, 1961.

- ____. O diálogo dos mundos. In: ____ . O diálogo dos mundos. Rio de Janeiro: GRD, 1961.
- ____. Flores para um terrestre. In: ____ . O diálogo dos mundos. Rio de Janeiro: GRD, 1961.
- ____. O menino e o robô. In: ____ . O diálogo dos mundos. Rio de Janeiro: GRD, 1961.
- ____. Número transcendental. In: ____ . O diálogo dos mundos. Rio de Janeiro: GRD, 1961.
- ____. Passagem para Júpiter. In: ____ . O diálogo dos mundos. Rio de Janeiro: GRD, 1961.

SELJAN, Zora. Maternidade. In: MALHEIROS, Álvaro et al. Histórias do acontecerá. Rio de Janeiro: GRD, 1961.

- ____. O verbo. In: TÔRRES, João Camilo de Oliveira et al. Antologia brasileira de ficção científica. Rio de Janeiro: GRD, 1961.

Romances

CUNHA, Fausto. O lobo do espaço. Rio de Janeiro: Cátedra, 1977.

FETEIRA, Raul. Sete moradas na rota sideral. Rio de Janeiro: Record, 1975.

- ____. Somos parte nas estrelas. Rio de Janeiro: Record, 1972.

MONTEIRO, Jeronymo. Fuga para parte alguma. São Paulo: GRD, 1961.

____. Os visitantes do espaço. São Paulo: Edart, 1963.

____. 3 meses no século 81. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1947.

SCAVONE, Rubens Teixeira. Degrau para as estrelas. São Paulo: Martins editora, 1960.

____. O homem que viu o disco voador. São Paulo: Clube do livro, 1966.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

- ABENSOUR, Miguel. O novo espírito utópico. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- ASIMOV, Isaac. Fundação. São Paulo; Hemus, 1976.
- _____. O homem bicentenário. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- BARCELOS, Eduardo Dorneles. Telegramas para Marte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BARTHES, Roland. Mitologias. São Paulo: Difel, 1980.
- BAUMER, Franklin L. O Pensamento europeu moderno. Vol. II. Séculos XIX e XX. Lisboa: Edições 70, s/d.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, vol.1.)_
- BERLIN, Isaiah. Limites da utopia: capítulos da história das idéias. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- BERMAN, Marshall. Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1998.
- BRADBURY, Ray. As crônicas marcianas. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.
- BULYCHEV, Kir. Meia vida. Lisboa: Editorial Caminho, 1986.
- CASSIRER, Ernest. Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- CASTORIADIS, Cornelius. A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- CLARKE, Arthur C. 2001 uma odisséia no espaço. Portugal: Europa-América, s/d.
- _____. Encontro com Rama. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.
- CORBOZ, André et. al. A ciência e o imaginário. Brasília: Editora da UnB, 1994.
- COSTA, Vidal A. de Azevedo. Ecoss de guerra: fragmentos de uma temporalidade moderna? [2002?]. Tese de doutoramento em andamento.
- _____. Visões ascendentes: fragmentos do olhar curitibano ao mais leve que o ar. Curitiba: Aos quatro ventos, 1998.

- DÄNIKEN, Erich von. Eram os deuses astronautas?: enigmas indecifrados do passado. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- DURRANT, Henry. O livro negro dos discos voadores. Rio de Janeiro: Difel, 1977.
- DYSON, Freeman. Mundos imaginados. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- EFRÉMOV, Ivan. A nebulosa de Andrômeda. Lisboa: Editorial Caminho, 1986.
- FINNEY, Jack. Os invasores de corpos. São Paulo: Nova cultural, 1987.
- FORRESTER, Viviane. O horror econômico. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- GLEICK, James. Caos: a criação de uma nova ciência. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- GLEISER, Marcelo. A dança do universo: dos mitos de criação ao Big-Bang. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- GUINDILIS, L. M.; MENKOV, D. A.; PETROVSKAIA, I. G. Observações de fenômenos atmosféricos anômalos na URSS: análise estatística. Academia de Ciências da URSS. Publicação IKI-AN-URSS-1979.
- HARDMAN, Francisco Foot. Trem fantasma: a modernidade na selva. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- HAWKING, Stephen W. Uma breve história do tempo: do Big Bang aos Buracos Negros. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- HENRY, John. A revolução científica: e as origens da ciência moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- HOBBSAWM, Eric J. Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- HORGAN, John. O fim da ciência: uma discussão sobre os limites do conhecimento científico. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- KEEGAN, John. Uma história da guerra. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- KUNDERA, Milan. A insustentável leveza do ser. Rio de Janeiro: Record, s/d.
- LAGO, Antônio e PÁDUA, José Augusto. O que é ecologia. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- LEM, Stanislaw. Solaris. São Paulo: Círculo do livro, 1989.
- MESSAC, Régis. A cidade dos asfixiados. São Paulo: Círculo do livro, s/d.
- MILLER JR., Walter M. Um cântico para Leibowitz. São Paulo: Círculo do livro, 1987.
- MOURÃO, Ronaldo R. de Freitas. Explicando o cosmos. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1984.
- _____. Explicando os extraterrestres. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1988.

- MUELLER, Helena Isabel. Flores aos rebeldes que falharam: Giovanni Rossi e a utopia anarquista. Curitiba: Aos quatro ventos, 1999.
- PINKER, Steven. Como a mente funciona. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- RAJA, Raffaele. Arquitetura pós-industrial. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- RAMOS, Fernão e MIRANDA, Luiz Felipe. (org.). Enciclopédia do cinema brasileiro. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- RODRIGUES, Marília Mezzomo. A prevenção da decadência: discurso médico e medicalização da sociedade. Curitiba: Aos quatro ventos, 1998.
- SOARES, Angélica. Gêneros literários. São Paulo: Ática, 2000.
- SAGAN, Carl. Cosmos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- _____. O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- _____. Pálido ponto azul: uma visão do futuro da humanidade no espaço. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SHELLEY, Mary. Frankenstein. São Paulo: Círculo do livro, s/d.
- THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800). São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- VALLÉE, Jacques. Confrontos: a pesquisa e o alerta de um cientista sobre contatos alienígenas. São Paulo: Best seller, 1990.
- VERNE, Júlio et. al. Os melhores contos de FC: de Júlio Verne aos astronautas. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.
- _____. Paris no século XX. São Paulo: Ática, 1995.
- VIERNE, Simone et. al. A ciência e o imaginário. Brasília: Editora da UnB, 1994.
- VIRÍLIO, Paul; LOTRINGER, Sylvere. Guerra pura: a militarização do cotidiano. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- WELLS, H. G. A guerra dos mundos. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1953.
- _____. A ilha do doutor Moreau. Portugal: Europa-América, s/d.

Livros específicos

- ALLEN, L. David. No mundo da ficção científica. São Paulo: Summus, 1974.
- ASIMOV, Isaac. No mundo da ficção científica. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.
- BRITO, Mário da Silva. In: Vários autores. Maravilhas da ficção científica. São Paulo: Cultrix, 1961.
- CARNEIRO, André. Introdução ao estudo da "science-fiction". São Paulo: Conselho Estadual da Cultura, 1967.
- DEL PICCHIA, Menotti. A república 3000. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1981.
- FIKER, Raul. Ficção científica: ficção, ciência ou uma épica da época? Porto Alegre: L&PM, 1985.
- LESSA, Orígenes. A desintegração da morte. São Paulo: Moderna, 1981.
- LOBATO, Monteiro. A onda verde e O presidente negro. São Paulo: Brasiliense, 1951.
- SCAVONE, Rubens Teixeira. Ensaio norte americanos. São Paulo: Edart, 1963.
- SCHOEREDER, Gilberto. Ficção científica. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- SODRÉ, Muniz. A ficção do tempo: análise da narrativa de science fiction. Petrópolis: Vozes, 1973.
- TAVARES, Bráulio. O que é ficção científica. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- VERÍSSIMO, Érico. Viagem à aurora do mundo. Porto Alegre: Editora do Globo, 1962.
- ZALUAR, Augusto Emílio. O doutor Benignus. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

Artigos

- ANGELO, Cláudio. Uma nova Pré-História. In: Folha de São Paulo. São Paulo, 4 mai. 2001, Caderno Mais, p.24-25.
- CASTEL-BRANCO, R. F. A. A "ficção científica" na literatura, no cinema, na rádio e na televisão e a sua projecção em Portugal e no Brasil. In: Boletim da Sociedade de Estudos de Moçambique. Lourenço Marques, jul./dez. 1967, vol. 38, ns. 15-153. p. 309-337.
- CAUSO, Roberto de Sousa. A aventura da ficção científica no Brasil. In: Ciência hoje. Rio de Janeiro, out. 1998, v.24. n.143.

- PAZ, Francisco Moraes. Pensar a utopia da ciência na crise das utopias contemporâneas. In: Humanas. Curitiba, Editora da UFPR, 1994, n.3, p. 167-182.
- QUINETE, Rowilson. O homem que escuta estrelas: entrevista a Frank Drake. In: Superinteressante. Edição especial: Vida fora da Terra. São Paulo, mai. 1997, p. 14-19.
- SÁ, Vanessa de. Os caçadores de ET's. In: Superinteressante. Edição especial: Vida fora da Terra. São Paulo, mai. 1997, p. 08-13.
- SUBIRATS, Eduardo. Quando o princípio de realidade é ficção científica. In: Folha de S. Paulo. São Paulo, 12 mai. 1985, Caderno Folhetim.
- WOLF, Tom. O império do marxismo rococó. In: Folha de S. Paulo. São Paulo, 16 jul. 2000, Caderno Mais.

Vídeos

- ALPHAVILLE (Alphaville). Jean Luc Godard. FRA: Mundial Filmes, 1965. 1 videocassete. (100min): leg., color.; VHS/NTSC.
- ANGRY RED PLANET, THE. Ib Melchior. EUA: MGM, 1960. 1 videocassete. (83min): son., color.; VHS/NTSC.
- ARQUITETURA DA DESTRUIÇÃO (Architektur des untergangs). Peter Cohen. SUI: PlayArte, 1994. 1 videocassete. (121min): leg., p&b; VHS/NTSC.
- DIA EM QUE A TERRA PAROU, O (The day the Earth stood still). Robert Wise. EUA: Fox, 1951. 1 videocassete. (92min). leg., p&b; VHS/NTSC.
- 2001: UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO (2001: a space odyssey). Stanley Kubrick. ING: MGM, 1968. 1 videocassete. (141 min): leg., color.; VHS/NTSC.
- DR. FANTÁSTICO ou COMO APRENDI A PARAR DE TEMER E AMAR A BOMBA (Dr. Strangelove or how i learned stop worrying and love the bomb). Stanley Kubrick. EUA: Columbia, 1964. 1 videocassete. (93min): leg., p&b; VHS/NTSC.
- EXTERMINADOR DO FUTURO, O (*The terminator*). James Cameron. EUA: Globo Vídeo, 1984. 1 videocassete. (105min): leg., color.; VHS/NTSC.
- EXTERMINADOR DO FUTURO 2: O JULGAMENTO FINAL, O (Terminator 2: judgment day). James Cameron. EUA: LK-TELL/Colúmbia, 1991. 1 videocassete. (136min): leg., color.; VHS/NTSC.
- FUGA DO SÉCULO 23 (Logan's run). Michael Anderson. EUA: MGM, 1976. 1 videocassete. (119min): leg., color.; VHS PAL-M.

- GUERRA NAS ESTRELAS (Star wars). George Lucas. EUA: Fox, 1977. 1 videocassete. (121min): leg., color.; VHS/NTSC.
- METRÓPOLIS (Metrópolis). Fritz Lang. ALE: Continental Home Video, 1926. 1 videocassete. (136min): mudo, p&b; VHS/NTSC.
- NO MUNDO DE 2020. (Soylent green). Richard Fleischer. EUA: MGM, 1973. 1 videocassete. (96 min): leg., color.; VHS/NTSC.
- PLANETA PROIBIDO (Forbidden planet). Fred M. Wilcox. EUA: MGM, 1956. 1 videocassete. (98min) dub., color.; VHS/NTSC.
- THINGS TO COME. William Cameron Menzies. ING: United Artists, 1936. 1 videocassete. (115min): leg., p&b; VHS/NTSC.
- THX 1138. George Lucas. EUA: Warner, 1971. 1 videocassete. (86 min): leg., color.; VHS/NTSC.
- ÚLTIMA ESPERANÇA DA TERRA, A (The Omega men). Boris Sagal. EUA: Warner, 197. 1 videocassete. (95min): dub., color.; VHS/NTSC.
- VAMPIROS DE ALMAS (Invasion of the body snatchers). Don Siegel. EUA: Republic Pictures, 1956. 1 videocassete. (80min): leg., color.; VHS/NTSC.